



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**



ADRIANA DA ROSA SANTOS

**LUZ, CÂMERA, INCLUSÃO: RETRATOS DO TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA NAS SÉRIES**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
MAIO
2025**

Adriana da Rosa Santos

**LUZ, CÂMERA, INCLUSÃO: RETRATOS DO TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA
NAS SÉRIES**

Defesa de mestrado apresentada como requisito de nota para obtenção do título de mestre em comunicação pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe- PPGCOM/UFS.

Orientador (a): Prof. Dr^a Raquel Marques Carriço Ferreira

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
MAIO
2025**

AGRADECIMENTOS

Assim como os personagens retratados nesta dissertação, que desenvolveram seus caminhos com o suporte de redes de apoio, reconheço que a minha trajetória no mestrado também foi tecida por muitas mãos generosas, que me acolheram, motivaram e sustentaram em cada etapa. Agradeço à minha família, por ser base e porto seguro em todos os momentos. Aos colegas da turma de 2023 do PPGCOM/UFS, pelo companheirismo, trocas e incentivos. À equipe de docentes do programa pelas contribuições no meu trabalho durante as disciplinas. Agradeço também à ASEUL — Associação dos Estudantes Universitários de Lagarto — registro minha gratidão pelo zelo na locomoção até a universidade.

Por fim, minha gratidão mais profunda é dedicada à minha orientadora, a professora Raquel Carriço, que foi muito mais do que uma guia acadêmica: foi a presença firme e sensível que me ajudou a atravessar dúvidas, inseguranças e desafios. Tenho certeza de que fui uma das orientandas mais complexas que já passaram por suas mãos, e ainda assim, recebi sempre acolhimento. Cresci imensamente durante o mestrado — algo que nem imaginava — e muito desse crescimento se deve ao modo cuidadoso, a generosidade e comprometido com que ela conduziu cada etapa da minha formação.

A todas essas pessoas que fizeram parte da minha rede de apoio, meu profundo e eterno agradecimento.

RESUMO

As séries no Brasil ocupam um espaço promissor no consumo cultural das audiências, moldando percepções e atitudes sobre diversos temas sociais. Com tramas envolventes e personagens cativantes, essas produções conseguem captar a atenção do público, promovendo engajamento. Além de seu valor como entretenimento, as séries que abordam questões de saúde têm o potencial de aumentar a conscientização e desestigmatizar condições médicas. Ao retratar doenças, deficiências, tratamentos e a jornada dos indivíduos que enfrentam dificuldades de saúde, essas narrativas educam o público, incentivando a empatia e a compreensão. Neste contexto, o presente estudo teve como objetivo identificar a representação do autismo em três séries que exploram diferentes fases da vida – adolescência, vida adulta e infância – por meio de protagonistas autistas. As séries selecionadas foram: *Atypical* (2017) apresenta a história de um adolescente autista lidando com os desafios de socialização e independência em uma sociedade ocidental; *Uma advogada extraordinária* (2022) acompanha a trajetória de uma advogada autista enfrentando barreiras sociais e profissionais na cultura asiática; e *Eu sou Aut* (2019) foca na infância de um personagem autista no contexto brasileiro, utilizando a ludicidade como ferramenta narrativa de inclusão. O estudo buscou compreender como essas produções retratam os autistas, considerando aspectos sociais, culturais e individuais. Com o auxílio da análise de conteúdo, identificamos, codificamos e categorizamos comportamentos, interações sociais e contextos em que os personagens operam. A análise visa detectar estereótipos e padrões nas representações do TEA, investigando como são abordados ou desafiados ao longo das narrativas.

Palavras-chaves: representações do autismo; personagens autistas; ficção no streaming; narrativas inclusivas.

ABSTRACT

The series in Brazil occupy a promising space in the cultural consumption of audiences, shaping perceptions and attitudes toward various social issues. With engaging plots and captivating characters, these productions manage to capture public attention and promote engagement. Beyond their entertainment value, series that address health-related topics have the potential to raise awareness and destigmatize medical conditions. By portraying illnesses, disabilities, treatments, and the personal journeys of individuals facing health challenges, such narratives educate viewers, fostering empathy and understanding. In this context, the present study aimed to identify the representation of autism in three series that explore different life stages—adolescence, adulthood, and childhood—through autistic protagonists. *Atypical* (2017) presents the story of an autistic teenager dealing with challenges of socialization and independence within a Western society; *Extraordinary Attorney Woo* (2022) follows the trajectory of an autistic lawyer facing social and professional barriers in an Asian cultural context; and *Eu Sou Autista* (2019) focuses on the childhood of an autistic character in the Brazilian context, using playfulness as a narrative tool for inclusion. The study sought to understand how these productions portray autistic individuals, considering social, cultural, and individual aspects. Through content analysis, we identified, coded, and categorized behaviors, social interactions, and the contexts in which the characters operate. The analysis aims to detect stereotypes and patterns in the representations of ASD, investigating how they are reinforced or challenged throughout the narratives.

Keywords: autism representations; autistic characters; streaming fiction; inclusive narratives.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: <i>Post da série The a word</i>	66
Imagem 2: <i>Post da série Atypical</i>	66
Imagem 3: <i>Post da série Eu sou Aut</i>	66
Imagem 4: <i>Post da série The good doctor</i>	67
Imagem 5: <i>Post da série Tudo vai ficar bem</i>	67
Imagem 6: <i>Post da série Uma advogada extraordinária</i>	67
Imagem 7: <i>Post da série As we see it</i>	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro comparativo de formatos narrativos na teledramaturgia	20
Tabela 2 – Representação do TEA no audiovisual	31
Tabela 3 – Níveis de suporte do TEA	55
Tabela 4 – Característica do autismo de Sam	58
Tabela 5 – Característica do autismo de Aut	60
Tabela 6 – Característica do autismo de Woo	61
Tabela 7– Ficha técnica das séries selecionadas	66
Tabela 8 – Quadro do <i>corpus</i> do estudo	70
Tabela 9 – Códigos associados a interação social de Sam	77
Tabela 10– Contextualização das categorias da interação social de Sam	80
Tabela 11– Códigos associados a comunicação de Sam	88
Tabela 12– Contextualização das categorias de comunicação de Sam	89
Tabela 13– Códigos associados ao comportamento de Sam	94
Tabela 14– Contextualização das categorias do comportamento	96
Tabela 15– Códigos associados a interação social de Aut	107
Tabela 16– Contextualização da interação social de Aut	108
Tabela 17– Códigos associados a comunicação de Aut	112
Tabela 18– Contextualização da comunicação de Aut	113
Tabela 19– Códigos associados ao comportamento de Aut	116
Tabela 20– Contextualização do comportamento de Aut	117
Tabela 21– Códigos associados a interação social de Woo	129
Tabela 22– Contextualização da interação social de Woo	130
Tabela 23– Códigos associados a comunicação de Woo	137
Tabela 24– Contextualização das categorias da comunicação de Woo	138
Tabela 25– Códigos associados ao comportamento de Woo	143
Tabela 26– Contextualização das categorias do comportamento de Woo	145
Tabela 27– Frequência das categorias da interação social dos personagens	161
Tabela 28– Frequência das categorias da comunicação dos personagens	167
Tabela 29– Frequência das categorias do comportamento dos personagens	172
Tabela 30– Estereótipos reforçados nas séries	178
Tabela 31– Estereótipos desafiados nas séries	178

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	<i>American Broadcasting Company</i>
ABA	Análise de Comportamento Aplicada
AMA	Associação de Amigos do Autista
BBC	<i>British Broadcasting Corporation</i>
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CBS	<i>Columbia Broadcasting System</i>
CDC	<i>Centrs for Disease Control and Prevention</i>
CID-11	Classificação Internacional de Doenças
DOAJ	<i>Directory of Open Access Journals</i>
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatística de Trabstorno Mentais
HBO	<i>Home Box Office</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
ITV	<i>Independent Television</i>
NAAR-EUA	<i>National Alliance for Autism Research</i> -Estados Unidos
NBC	<i>National Broadcasting Company</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
<i>Scielo</i>	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
Unesp	Universidade Estadual Paulista

INTRODUÇÃO.....	10
1. Capítulo 1: Séries - Entretenimento a reflexão social.....	14
1.1. Formas narrativas na teledramaturgia: Distinções entre novelas, séries, seriados e minisséries.....	18
1.2. O mercado das séries.....	21
1.3. Impacto cultural das séries	25
2. Capítulo 2: O que sabemos sobre a representação do TEA no audiovisual- Uma revisão de literatura.....	29
2.1 As publicações da representação do TEA no audiovisual	40
2.2. Publicações e estudos	42
3. Capítulo 3: Caminhos da ficção vs realidade: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas produções audiovisuais.....	52
3.1 Quem são os personagens autistas do estudo?.....	58
4. Capítulo 4: Análise individual das séries <i>Atypical</i>, <i>Eu sou Autista</i> e <i>Uma advogada extraordinária</i>.....	63
4.1 A escolha das séries.....	69
4.2 O Autismo de Sam	73
4.3 O Autismo de Autista.....	106
4.4 O Autismo de Woo.....	124
5. Capítulo 5: Análise comparativa dos resultados.....	159
5.1 Estereótipos reforçados e desafiados por cada série.....	178
Considerações finais.....	180
Referências bibliográficas.....	184

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a presença das séries tem se tornado um fenômeno cultural de grande alcance, moldando percepções, comportamentos e debates sociais. No Brasil, observa-se uma crescente valorização não apenas das tradicionais produções norte-americanas, mas também de narrativas oriundas de países como Coreia do Sul, Itália, França, Reino Unido e Espanha, impulsionada pela expansão das plataformas digitais. Essas plataformas revolucionaram a forma de consumo audiovisual, permitindo que produções de diferentes partes do mundo alcançassem uma audiência global e superassem barreiras linguísticas e culturais.

A popularidade das séries internacionais no Brasil é um fenômeno, produções de países, além Estados Unidos, como Coreia do Sul, Alemanha, Japão, Espanha e Reino Unido têm encontrado um público cativo no Brasil, que aprecia a diversidade e a qualidade dessas narrativas. Séries como a série espanhola *La Casa de Papel* (2017), a série alemã *Dark* (2017) e a sul-coreana *Kingdom* (2019) conquistaram uma grande base de fãs no país (Avendaño, 2019; Wakka, 2018). A diversidade cultural das séries promove um intercâmbio cultural único. Os espectadores têm a oportunidade de se conectar com diferentes culturas e realidades, ampliando seus horizontes.

Além de seu valor enquanto entretenimento, as séries assumiram um papel relevante na problematização de temas sociais sensíveis, entre eles, as questões relacionadas à inclusão de pessoas com deficiência. Dentre essas, a representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA)¹ uma condição definida por padrões restrito e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades que mostram uma diversidade de manifestações de acordo com a idade (DSM-5). Sendo um fenômeno crescente, despertando o interesse da mídia, do público e da academia.

Desde os anos 2000, o TEA tornou-se pauta frequente em noticiários, campanhas publicitárias, novelas e, especialmente, em produções seriadas, que têm o potencial de construir ou desconstruir estereótipos e influenciar percepções sociais sobre essa condição de saúde.

Para os estudos em comunicação, as séries que abordam o autismo oferecem um *corpus* valioso para análises de representatividade, construção narrativa e recepção midiática de um

¹ Nesta dissertação, utilizaremos duas terminologias para nos referirmos à condição: "Transtorno do Espectro Autista (TEA)" e "autismo". O termo TEA será empregado prioritariamente por se tratar da nomenclatura técnica e científica mais abrangente, adotada pelos manuais diagnósticos atuais, como o DSM-5. Já a expressão "autismo", de uso mais coloquial e historicamente mais restrito, será aplicada especialmente nas análises individuais dos personagens, considerando o contexto narrativo e a forma como a condição é referida nas produções audiovisuais analisadas.

nicho social atualmente em destaque. Essas obras possibilitam investigar de que maneira a mídia constrói narrativas inclusivas ou, ao contrário, reforça estereótipos, além de analisar o impacto dessas representações junto ao público. A análise das narrativas promove reflexões sobre problemas sociais contemporâneos, estimulando debates sobre inclusão e diversidade, e reafirma o papel do audiovisual como veículo de fomento a discussões públicas e acadêmicas acerca das desigualdades e da pluralidade social.

Como apreciadora de séries, sempre encarei essas produções como uma fonte de conforto e identificação com as histórias. No entanto, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), percebi a oportunidade de aprofundar minha compreensão sobre esse produto cultural, que sempre esteve presente em minha vida, especialmente nas horas de maratona compartilhadas com minha irmã. Essa apreciação pessoal agora se conecta a uma questão social relevante na atualidade: o TEA. Assim, estudar a interseção entre as séries e o TEA permite explorar como um produto amplamente consumido pode ir além do entretenimento, contribuindo para debates sociais e a construção de novas representações.

É nesse contexto que se insere esta dissertação, que propõe analisar como o TEA é representado nas séries *Atypical* (2017, Estados Unidos), *Eu Sou Autista* (2019, Brasil) e *Uma Advogada Extraordinária* (2022, Coreia do Sul). A pesquisa investiga como diferentes culturas retratam personagens autistas, considerando aspectos como fase da vida, gênero, classe social, nível de suporte necessário e formas de interação social. Utilizando a análise de conteúdo como metodologia, o estudo identificou avanços nas representações audiovisuais do espectro autista, mas também alguns desafios que contribuíram para o debate sobre comunicação, inclusão e diversidade.

O desenvolvimento do trabalho está estruturado da seguinte maneira: no Capítulo 1, intitulado "**Séries - entretenimento a reflexão social**", discute a trajetória histórica e a evolução das narrativas seriadas, desde suas raízes no folhetim literário até a configuração contemporânea nas plataformas de streaming. Inicialmente, o capítulo explora como a lógica da serialização impactou diferentes meios de comunicação, como a literatura, o rádio, o cinema e, especialmente, a televisão. Em seguida, analisa o crescimento do mercado de séries, abordando a transformação dos hábitos de consumo audiovisual e a ascensão da cultura do streaming, que proporcionou acesso imediato a conteúdos diversos e favoreceu a popularização de séries de diferentes países. O capítulo também se dedica a refletir sobre o impacto cultural

dessas produções, destacando como as séries assumiram a função de espelhar e problematizar questões sociais, políticas e identitárias contemporâneas.

No Capítulo 2, "**O que sabemos sobre a representação do TEA no audiovisual – Uma revisão de literatura**", realizamos uma revisão abrangente da literatura existente sobre a representação do TEA no audiovisual. Este capítulo identifica o estado atual do conhecimento, as lacunas na pesquisa e as tendências emergentes, destacando a importância de compreender essas representações para avaliar o impacto cultural do audiovisual sobre o TEA. A revisão da literatura fornece uma base teórica e conceitual para a pesquisa, orientando o desenvolvimento de novas investigações e hipóteses.

O Capítulo 3, intitulado "**Caminhos da ficção vs realidade: o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas produções audiovisuais**", estabelece a ponte entre as características do TEA e sua representação na ficção audiovisual. Inicialmente, apresenta um panorama dos aspectos sociais, comportamentais e de saúde associadas ao transtorno, descrevendo os principais desafios enfrentados pelas pessoas autistas na vida cotidiana. Na sequência, discute de forma ampla como o TEA tem sido representado nas produções nacionais e internacionais, demonstrando diferenças culturais e padrões recorrentes nas abordagens ficcionais. O capítulo também introduz os personagens protagonistas das séries selecionadas para o estudo, contextualizando seus perfis sociodemográficos, níveis de suporte necessários e traços do TEA observados nas narrativas.

No Capítulo 4, intitulado "**Análise individual das séries *Atypical*, *Eu sou Aut* e *Uma Advogada Extraordinária***", detalha os procedimentos metodológicos adotados e apresenta a análise sistemática do *corpus* da pesquisa. A partir da técnica da análise de conteúdo, as séries foram examinadas em torno de categorias específicas: tipos de comportamento (como rigidez, hiperfocos e rituais), modos de interação social (habilidades de comunicação verbal e não verbal, capacidade de estabelecer vínculos), estratégias de comunicação utilizadas pelos personagens e os contextos sociais nos quais estão inseridos (família, escola, trabalho e amizade). Utilizando o software *Maxqda* para a codificação dos dados, a análise identifica padrões recorrentes, rupturas narrativas, representações positivas e estereótipos que perpassam as trajetórias dos personagens autistas. Este capítulo constitui o núcleo analítico da dissertação, oferecendo uma visão ampliada das representações do TEA nas três produções selecionadas.

No capítulo 5, "**Análise comparativa dos resultados**", apresenta uma análise comparativa das representações do TEA nas séries. A contextualização estrutura-se a partir dos

três eixos centrais — interação social, comunicação e comportamento fundamentados nas diretrizes diagnósticas do DSM-5. E interpretados a partir de referenciais teóricos como Goffman (1988) (com sua teoria do estigma), Oliver (1990) (com o modelo social da deficiência) e autores do campo da comunicação e dos estudos midiáticos. Tal abordagem possibilita avaliar em que medida essas produções audiovisuais contribuem para a reprodução ou desconstrução de estereótipos recorrentes sobre o TEA.

Por fim, com esse percurso o nosso estudo pretende contribuir para o debate acadêmico sobre a representação do autismo na mídia, oferecendo percepções que possam ser utilizados por pesquisadores, educadores e profissionais da gestão pública de saúde e da mídia para melhorar a qualidade de vida das pessoas autistas e seus amigos e familiares, promovendo uma condição mais inclusiva a essa comunidade.

CAPÍTULO 1: SÉRIES - ENTRETENIMENTO A REFLEXÃO SOCIAL

A forma de contar histórias por meio de episódios, conhecida como narrativa parcelada, acompanha a trajetória da comunicação, assumindo diferentes formatos ao longo do tempo. Sua origem remonta à literatura e, posteriormente, foi incorporada por diversos meios, como os jornais, o rádio, o cinema, a televisão e, mais recentemente, pelas plataformas de streaming (Vitório, 2015). Segundo Nesteriuk (2011, p.24), “o romance de folhetim é considerado o primeiro gênero literário a explorar exclusivamente a lógica da serialidade, tendo surgido na França por volta de 1830”.

A ideia do folhetim foi adotada por empresários da imprensa como forma de impulsionar a venda de jornais, já que as histórias divididas em partes incentivavam os leitores a adquirir as edições seguintes para acompanhar a continuidade da trama (Meyer, 1996).

Os folhetins foram fundamentais para estabelecer o vínculo contínuo entre leitores e personagens, ao dividir as tramas em partes publicadas periodicamente nos jornais (Nesteriuk, 2011). Quanto ao conteúdo, apresentava uma diversidade comparável à de outros gêneros literários, variando de temas mais simples a abordagens mais elaboradas. Contudo, o uso de uma linguagem direta, a escolha de temas populares e, por vezes, controversos para os padrões da época e a própria acessibilidade ao jornal, contribuíram para que muitas de suas narrativas alcançassem um público mais amplo (Nesteriuk, 2011).

Com o surgimento do rádio na década de 1920, o romance de folhetim perdeu parte de sua relevância no meio impresso, mas muitos de seus autores migraram para essa nova mídia sonora. Assim, contribuíram para a criação de narrativas que marcaram a chamada "era de ouro" do rádio. A ficção radiofônica no Brasil e na América Latina, por exemplo, se apresentou em diversos formatos: “peças unitárias conhecidas como "radiatros", esquetes inseridos em outros programas, denominadas "*sketches*", e, especialmente, as radionovelas, que conquistaram grande audiência” (Nesteriuk, 2011, p. 24-25).

Paralelamente ao rádio, o cinema também passou a explorar a narrativa seriada. Conforme destacam Candore e Paiva (2021), os filmes, geralmente com duração entre uma hora e uma hora e meia, eram exibidos em sessões com horários fixos. Para preencher o tempo entre essas sessões, os produtores e exibidores passaram a apresentar histórias curtas antes dos longas-metragens. Antes dos filmes principais, eram exibidos esquetes cômicos e animações com personagens como Chaplin e Mickey Mouse.

Com o sucesso dessas produções, abriu-se espaço para a criação de séries de animação, possibilitando o desenvolvimento de universos e personagens recorrentes que incentivavam o retorno dos espectadores.

Segundo Nesteriuk (2011), além de atrair audiência, esse modelo apresentava vantagens na produção, pois permitia o reaproveitamento de cenários, trilhas e personagens, otimizando recursos. Inicialmente exibidas nos *Nickelodeons* e nas salas de cinema, essas séries animadas ganharam destaque no final da década de 1910. No entanto, sua produção foi gradualmente redirecionada à televisão a partir da década de 1960, tornando-se parte da programação televisiva voltada especialmente para o público infantil.

Com a consolidação da televisão como principal meio de comunicação, a telenovela emergiu como um dos formatos seriados mais populares no Brasil. Segundo Klagsbrunn (1997 *apud* Ferreira, 2015), por conta de suas particularidades e estrutura própria, ela tem a capacidade de refletir o espírito do tempo e incorporá-lo às suas narrativas. Isso significa que, ao ser exibida diariamente, com longa duração, múltiplos enredos e uma ampla diversidade de personagens, ela se torna um formato flexível e dinâmico, com capacidade de retratar temas, comportamentos, valores e problemas que estão em evidência na sociedade naquele momento. Ou seja, ela "captura" o que está acontecendo no mundo real e insere esses elementos em suas histórias. Dessa forma, roteiristas, diretores e atores recorrem a temas contemporâneos como fonte de inspiração para desenvolver suas tramas, utilizando o espaço ficcional da telenovela como uma forma de espelhar e problematizar aspectos relevantes da sociedade, tornando a narrativa mais próxima do público.

Assim como as telenovelas, as séries com narrativa parcelada também conquistaram espaço no Brasil. Diferentemente delas, que costumam ser exibidas diariamente, as séries geralmente seguem uma periodicidade semanal e apresentam episódios mais curtos. Ainda que com menor frequência de exibição, essas produções direcionam também o foco em temas do cotidiano e conseguem envolver o espectador de forma eficaz, promovendo um alto grau de engajamento com os personagens e com o desenvolvimento das tramas. Cantore e Paiva (2021) reforça que essas produções funcionam como um espelho da sociedade: elas apresentam uma interpretação — “fiel” ou adaptada — das pessoas, revelando aspectos profundos da experiência humana, como sentimentos, hábitos, qualidades, falhas, desejos e até mesmo atitudes excêntricas. Em outras palavras, as narrativas seriadas são capazes de traduzir a complexidade do ser humano dia após dia, ou seja, episódio após episódio, e, por isso, muitas das vezes geram identificação e proximidade com o público.

Histórias bem estruturadas que transcendem o mero entretenimento, conectando afetivamente o público aos personagens e às suas jornadas. Esse fascínio pelas narrativas é um traço presente na cultura brasileira, desde os folhetins, radionovelas até os enredos dramatizados das telenovelas e séries. Ao longo das décadas, essas produções encantaram, emocionaram, provocaram reflexão e, por vezes, despertaram indignação em milhões de telespectadores.

Mas qual a motivação leva o espectador a acompanhar um novo episódio de uma série televisiva, por exemplo, seja semanalmente ou de forma contínua nas plataformas de *streaming*? Cantore e Paiva (2021) explicam que essa atitude está diretamente relacionada à forma como os personagens são construídos e percebidos. São essas figuras que mobilizam afetos e despertam emoções, atuando como elementos centrais na experiência narrativa. Em outras palavras, a base da conexão entre a audiência e a obra reside na figura do personagem. Personagens bem elaborados apresentam camadas de complexidade que instigam o público a acompanhá-los, seja por meio da simpatia, da empatia ou mesmo da aversão.

Mesmo com a possibilidade de escolha proporcionada pelas tecnologias contemporâneas — como o controle remoto ou os catálogos sob demanda — o espectador permanece envolvido com a trama na medida em que se identifica ou se contrapõe aos personagens, refletindo: essa pessoa se parece comigo? É um herói que admiro? Está em desvantagem diante do mundo? Representa tudo o que sou contra? Se uma história não provoca nenhuma reação, ela é facilmente esquecida. Seja o medo em um suspense, a adrenalina numa cena de ação, a empatia em um drama ou o riso em uma comédia, é sempre a emoção que cria a conexão entre o público e a narrativa (Cantore; Paiva, 2021).

Com o passar do tempo, a aproximação entre espectador e personagem foi intensificada pelas transformações nas plataformas de mídia. O interesse por narrativas seriadas expandiu-se para novos formatos, especialmente com a popularização dos serviços de *streaming*. Nesse novo cenário, não é mais necessário aguardar uma semana para acompanhar o desfecho dos episódios. O espectador pode assistir a vários episódios consecutivos, o que altera a forma de consumo e o vínculo com os personagens e suas trajetórias.

Desde a virada do século XX para o XXI, o campo da comunicação tem vivenciado profundas transformações impulsionadas pela convergência digital e midiática, processo que integrou diversas linguagens e plataformas em um ecossistema interconectado. Essa convergência, conforme apontam Jenkins (2009), deu origem a uma nova lógica de produção e circulação de conteúdos, marcada por uma maior participação do público e pela transposição de histórias através de múltiplos meios. A televisão, antes centralizada em transmissões

lineares, expandiu-se com a chegada da TV por assinatura e, posteriormente, com o avanço das plataformas de *streaming*, consolidando o que Levy (1999) chama de "inteligência coletiva", ou seja, um ambiente de coparticipação ativa entre produtores e consumidores de conteúdo.

Nesse cenário, consolidaram-se os chamados ambientes multiplataforma e intermídia, nos quais os conteúdos são planejados para circular simultaneamente por diferentes canais – como televisão, redes sociais, aplicativos e plataformas sob demanda – e para combinar linguagens distintas, como texto, som, vídeo e interatividade. De acordo com Scolari (2013), essa lógica intermediária amplia a experiência narrativa, permitindo que o público acesse um universo ficcional a partir de diferentes pontos de entrada, aprofundando sua conexão com a obra.

A partir dos anos 1990, com o surgimento de canais a cabo e, posteriormente, plataformas de *streaming*, as séries televisivas entraram no que muitos chamam de "Era de Ouro da Televisão", quando as séries tiveram ampla difusão na TV norte-americana (Nogueira; Caldas, 2022). Séries como *The Sopranos* (1999), *The West Wing* (1999) e *Breaking Bad* (2008) exemplificam essa fase, caracterizada por narrativas complexas, alta qualidade de produção. Essas séries trouxeram um novo nível de profundidade e desenvolvimento de personagens, atraindo um público mais exigente e sofisticado (Cantore; Paiva, 2022; Noll, 2013).

Com o advento das plataformas de *streaming*, como as norte-americanas *Netflix*, *Amazon Prime*, *Hulu* e no Brasil *Globo play* revolucionou a forma como as séries são produzidas e consumidas. O modelo de "*binge-watching*" (maratona de episódios) tornou-se popular, permitindo aos espectadores assistir a uma temporada inteira de uma série de modo contínuo sem interrupções (Rezende, 2017).

Segundo Alves (2021, p.151) “as pessoas não precisam mais esperar semanalmente para ver os episódios de suas séries prediletas, hoje o acesso é imediato. A dinâmica do consumo dos produtos seriados se modificou com a chegada das plataformas de *streaming*”. Isso influenciou a estrutura narrativa das séries, incentivando enredos mais contínuos e menos episódicos.

Nos últimos anos, a diversidade e a representatividade têm se tornado presente nas séries. Produções como *Orange is the New Black* (2013), *Pose* (2018) e *The good doctor* (2017) destacam a importância de incluir personagens de diferentes etnias, gêneros, orientações sexuais e condições de saúde. Essas séries não apenas refletem a diversidade da sociedade contemporânea, mas também promovem a inclusão e a compreensão de diferentes realidades e experiências (Camirim, 2021).

O modelo tradicional de distribuição deu lugar a estratégias de segmentação e nicho, conforme analisado por Lotz (2017), com plataformas como Netflix, Amazon Prime Video e Disney+ investindo em produções que dialogam com públicos diversos ao redor do mundo, respeitando especificidades culturais e comportamentais.

As séries televisivas, nesse contexto, deixaram de ser apenas produtos de entretenimento para se tornarem uma oportunidade estratégica dentro da economia global. Por sua flexibilidade narrativa e capacidade de gerar identificação emocional, elas ocupam hoje um lugar privilegiado na cultura de consumo midiático (Mittell, 2013). Além disso, passaram a incorporar temas contemporâneos e demandas sociais, tornando-se espaços de interpretação, inclusão e visibilidade para grupos antes marginalizados.

Entre os segmentos contemplados por esse processo, destaca-se o nicho abordado nesta pesquisa: a audiência com TEA, configurando o que se denomina comunicação segmentada. Trata-se de produções voltadas a públicos específicos, com conteúdo e mensagens adaptadas a perfis definidos de audiência (Bueno, 2003). No caso em questão, séries protagonizadas por personagens autistas e que abordam questões relacionadas ao TEA vêm ganhando destaque no cenário internacional, como é o caso de *Atypical* (2017), *The good doctor* (2017) e *Uma Advogada Extraordinária* (2022).

A consolidação das séries está, portanto, diretamente associada à evolução dos meios de comunicação e à busca por novas formas de assistir às narrativas seriadas. Assim como as telenovelas, as séries carregam o potencial de representar a sociedade e suas complexidades cotidianas, num formato mais curto, mas estabelecendo conexões imediatas entre a ficção e o cotidiano dos espectadores.

1.1 FORMAS NARRATIVAS NA TELEDRAMATURGIA: DISTINÇÕES ENTRE NOVELAS, SÉRIES, SERIADOS E MINISSÉRIES

As narrativas parceladas se organizaram em diferentes formatos, entre os quais se destacam as telenovelas, os seriados, as séries e as minisséries. Cada um desses modelos apresenta particularidades quanto à estrutura narrativa, duração, frequência de exibição e complexidade no desenvolvimento dos personagens.

A escolha por estudar as séries, em detrimento de outros formatos narrativos, está diretamente relacionada ao crescimento expressivo do consumo desse tipo de conteúdo no Brasil, especialmente impulsionado pela popularização das plataformas de *streaming*. Dados da Kantar IBOPE Media (2023) indicam que mais de 80% dos brasileiros com acesso à internet

consomem conteúdo por *streaming*, sendo as séries o gênero mais assistido de forma contínua, por meio da prática do *binge-watching*. Esse comportamento revela não apenas uma mudança nos hábitos de consumo audiovisual, mas também a centralidade das séries na vida cotidiana dos espectadores. Além disso, as séries contemporâneas têm se destacado por abordar temáticas sociais com maior frequência, trazendo protagonistas com características específicas que historicamente foram sub-representadas nas mídias tradicionais — como é o caso de personagens autistas. Esse conjunto de fatores torna as séries um objeto privilegiado para investigar, com profundidade e continuidade, as formas de representação do TEA no campo da ficção.

As novelas, ou telenovelas, são narrativas de longa duração, exibidas diariamente, geralmente de segunda a sábado, com capítulos de 40 a 60 minutos. Elas apresentam um arco narrativo fechado, com início, meio e fim definidos, envolvendo múltiplas tramas simultâneas, e costumam tratar de questões sociais, afetivas e familiares. Segundo a pesquisadora Lopes (2014) as telenovelas brasileiras possuem três períodos distintos. O primeiro, denominado fase sentimental, abrange desde o surgimento das telenovelas no Brasil até o ano de 1967. A partir de 1969, tem início a fase realista, que se estende até a década de 1990. Nesse ponto, tem início a fase naturalista, com maior foco em temáticas sociais e pela intensificação do uso de narrativas que buscam maior proximidade com a realidade (Vitório, 2015).

Já as séries são organizadas em episódios agrupados por temporadas, apresentam uma estrutura dependente, ou seja, o enredo central se desenrola ao longo de toda a temporada, exigindo que o espectador assista aos episódios em ordem sequencial para compreender a narrativa (Vitório, 2015) — como é o caso de produções como *Breaking Bad* (2008) e *Revenge* (2011). As séries estadunidenses, segundo Mittell (2015), vêm se destacando por sua complexidade narrativa e pela exploração aprofundada de personagens e tramas.

O termo seriado, embora muitas vezes usado como sinônimo de série no Brasil, refere-se originalmente a programas com episódios autônomos, onde cada capítulo encerra uma história completa (Vitório, 2015). Exemplo disso é *A Grande Família* (2001), cuja estrutura permite que os episódios sejam assistidos de forma independente.

Segundo Conversani e Botoso (2008) as minisséries são produções fechadas, com número reduzido de episódios — geralmente entre quatro e dez — e duração limitada. Focam em tramas densas e concentradas, baseadas em fatos históricos ou adaptações literárias. No Brasil, a TV Globo tem tradição na produção de minisséries, como *Hoje é Dia de Maria* (2005) e *Casa das sete mulheres* (2003).

Para melhor visualizar as diferenças entre os formatos narrativos, o quadro abaixo apresenta uma comparação com base em critérios como estrutura narrativa, tempo de exibição e modo de veiculação:

Tabela 1: Quadro comparativo de formatos narrativos na teledramaturgia.

Formato	Estrutura narrativa	Tempo de exibição	Modo de veiculação	Exemplos
Novela	Arco fechado; múltiplas tramas interligadas.	Diária (seis meses a um ano).	Capítulos diários na TV aberta (em algumas plataformas de <i>streaming</i>).	<i>Avenida Brasil</i> (2012); <i>Pantanal</i> (1990); remake (2022).
Série	Serialized, antológica ou procedural.	Semanal ou sob demanda; várias temporadas.	Episódios em plataformas, tv por assinatura e Tv aberta.	<i>Sob pressão</i> (2017); <i>Arcanjo renegado</i> (2020).
Seriado	Episódios independentes com começo, meio e fim em cada um.	Semanal; temporadas longas.	Episódios isolados, Tv aberta ou <i>streaming</i> .	<i>A grande família</i> (2001); <i>Carga pesada</i> (2003)
Minissérie	Arco fechado e conciso; narrativa compacta.	Limitada (quadro a dez episódio).	Exibição curta; sem continuidade de temporadas.	<i>Hoje é dia de Maria</i> (2005).

Fonte: Baseado nos textos de Conversani; Botoso (2008); Feitosa (2012), Vitório (2015), Pallottini (1998), Cantore; Paiva (2021).

Para este estudo trabalharemos com o conceito de séries definida por Cantore e Paiva (2021) como “histórias que repetem uma mesma estrutura em narrativa em episódios autocontidos, seriados, como na série animada que analisamos *Eu sou Aut*s (2019). “Ou episódios em que a narrativa prossegue e não se encerra numa única exibição, muitas vezes no formato *cliffhamger*” (Candore; Paiva, 2021, p. 21) — uma técnica que encerra o episódio em um momento de tensão extrema, como uma situação de perigo iminente, mantendo o espectador em suspense para o próximo episódio, geralmente com o herói enfrentando desafios para salvar a si mesmo ou a outros personagens. Como as duas séries que analisamos *Atypical* (2017) e *Uma advogada extraordinária* (2022).

A (1) primeira consiste em episódios independentes (seriado), cada um com uma unidade relativa (Comparato, 1995). Embora a trama siga uma unidade total, o telespectador não precisa ter assistido aos episódios anteriores para compreender um episódio isolado, “essa estrutura é destinada a quem desconhece o programa, mas que, de algum modo, está familiarizado com o ritmo e as estratégias dramatúrgicas das séries” (Sydenstricker, 2012, p. 133). Essa estrutura é comum em produções denominadas sitcoms que são comédias de situação ou de costumes como *Alf* (1986), *Um maluco no pedaço* (1990) e *Two and a Half Men* (2003).

A (2) segunda forma o telespectador se torna fiel ao programa e acompanha todos os episódios, pois nem tudo é resolvido ou explicado em uma única exibição. Nesse caso, os eventos estão mais conectados, estruturados em redes de conflitos mais ou menos complexas.

Essa estrutura é mais encontrada em séries dramáticas como *Lost* (2004) *Breaking Bad* (2008) e *Game of Thrones* (2011) (Cantore; Paiva, 2021).

Na série *Uma Advogada Extraordinária* (2022), embora cada episódio apresente um caso jurídico diferente que se resolve dentro do próprio capítulo, a narrativa principal envolvendo os desafios pessoais de Woo se desenvolve nos 16 episódios. Um exemplo disso é a busca da personagem por sua mãe biológica, que se constrói gradualmente. O enredo convida o telespectador a acompanhar episódio após episódio, criando expectativa sobre quando e como esse encontro acontecerá.

Em termos gerais, ao diversificar os temas e estilos narrativos, as séries conseguem atingir públicos distintos, o que contribui para sua crescente popularidade no cenário audiovisual. Com isso, as séries se consolidam como um dos formatos mais eficazes para representar a complexidade da sociedade contemporânea, oferecendo ao espectador uma experiência contínua, envolvente e adaptável aos seus interesses.

1.2 O MERCADO DAS SÉRIES

O mercado de séries tem experimentado um crescimento notável nas últimas duas décadas, impulsionado por avanços tecnológicos, mudanças nos hábitos de consumo de mídia e a globalização da produção e distribuição de conteúdo (Silva, M., 2014; Pinheiro *et al.*, 2016).

Segundo dados da Nielsen² (2023), o mercado global de séries tem sido caracterizado por uma expansão relevante, impulsionada pela popularização dos serviços de *streaming*, como *Netflix*, *Amazon Prime*, *Hulu* e *Disney+*. Essas plataformas não apenas ampliaram o acesso ao conteúdo, mas também incentivaram a produção de séries locais em uma escala sem precedentes.

Cantore e Paiva (2021) relatam que, no início de 2020, a *Netflix* finalmente tornou públicos dados que antes eram mantidos em sigilo. Nos Estados Unidos, mais de 60 milhões de pessoas pagavam um total anual de 9 bilhões de dólares para ter acesso ao serviço.

No entanto, no segundo trimestre de 2019, a plataforma registrou uma perda de 126 mil assinantes no país — a primeira queda em sua trajetória. O crescimento nos EUA havia desacelerado, indicando que a empresa poderia ter atingido seu limite de expansão naquele

² A Nielsen é uma empresa global de medição e análise de dados que fornece uma visão abrangente sobre o comportamento dos consumidores. O propósito principal da Nielsen é ajudar as empresas a entenderem o que os consumidores assistem (audiência de mídia) e compram (hábitos de consumo). Através de suas metodologias de pesquisa e coleta de dados, a Nielsen oferece insights detalhados sobre tendências de consumo, preferências de audiência, eficácia de campanhas publicitárias, entre outros aspectos (Nielsen, 2024)

mercado. A resposta foi buscar novos horizontes. Impedida de atuar na China, a *Netflix* direcionou seu foco para outros países, expandindo sua presença na Europa, no Brasil, no México e na Índia. Apostou em produções locais e em séries com apelo global. Na América Latina, especialmente do México à Argentina, o número de assinantes dobrou desde 2017, alcançando 29 milhões. Apesar do crescimento, a região ainda gera menor retorno financeiro: apenas US\$ 8,21 por assinante ao mês, comparado aos US\$ 12,36 dos clientes na América do Norte (Cantore; Paiva, 2021).

Os autores, ainda explicam que no Brasil, o principal concorrente da *Netflix* não era outro serviço de *streaming*, mas sim a maior emissora de TV aberta do país: a Rede Globo. A empresa percebeu o apego dos brasileiros às telenovelas e entendeu que muitos assinantes mais velhos ainda mantêm o hábito de assistir à tradicional novela das nove. Por outro lado, os espectadores com maior escolaridade mostravam preferência por séries como *House of Cards* (2013) e *The Crown* (2016). Já os jovens, com hábitos de consumo distintos dos pais, pareciam ser o público-alvo ideal a ser conquistado primeiro — estratégia que, posteriormente, poderia envolver toda a família. Foi com esse raciocínio que a *Netflix* adotou uma abordagem semelhante à da HBO com *Game of Thrones* (2011) que se consolidou como fenômeno entre os jovens, com base em uma obra literária popular nesse segmento (Cantore; Paiva, 2021).

Ciente das profundas desigualdades sociais brasileiras e das tensões que elas geram, a *Netflix* investiu em narrativas juvenis que incorporam temas socioculturais, como é o caso de *3%* (2016), *Sintonia* (2019) e *Irmandade* (2019). Embora essas produções não tenham o mesmo apelo de séries mais refinadas como *The Crown* (2016), conquistaram grande audiência por adotarem uma linguagem semelhante à das telenovelas, atraindo o público que antes era fiel à TV aberta.

Na região da Ásia-Pacífico — que engloba países como Coreia do Sul, Japão e Índia — a *Netflix* apresenta sua expansão mais acelerada, com 14 milhões de assinantes, representando 9% da base total de usuários da plataforma (Cantore; Paiva, 2021).

A globalização do conteúdo é uma tendência marcante, com séries de diferentes países ganhando popularidade internacional. Exemplos notáveis incluem produções como *La Casa de Papel* (2017/Espanha), *Dark* (2017/Alemanha) e *Squid Game* (2021/Coreia do Sul), que conquistaram audiências globais e evidenciaram a demanda por narrativas diversificadas e culturalmente específicas.

Historicamente, os Estados Unidos continuam liderando a produção de séries, oferecendo uma vasta gama de gêneros. Los Angeles é considerada o epicentro da indústria do entretenimento, sendo sede de muitas das principais redes de televisão do mundo, como ABC, NBC, CBS e HBO (Esquenazi, 2010).

No ranking de produção de séries, o Reino Unido também se destaca, com uma longa trajetória de produções aclamadas internacionalmente. Canais como BBC, ITV e *Channel 4* são conhecidos por oferecer uma variedade de programas de alta qualidade, incluindo dramas, comédias e séries de época (Nielsen 2023).

Outros países, como Canadá e Austrália, têm investido na indústria de séries. Nos últimos anos, a Coreia do Sul também tem se destacado, tornando-se uma potência na produção de dramas televisivos, tanto para o mercado interno quanto para audiências internacionais. Os dramas sul-coreanos chamados de *K-dramas*, ganharam popularidade global graças à sua alta qualidade de produção e narrativas. De acordo com Andrade, N.T. (2021), essas histórias refletem valores confucionistas, valorizando a família em suas tramas.

Além desses países, nações como França, Alemanha, Japão, Índia e Brasil também têm contribuído de forma emblemática para a produção global de séries, embora em uma escala relativamente menor comparada aos líderes da indústria. Essas contribuições diversificam ainda mais o cenário global de entretenimento televisivo.

Em 2023, o público dos EUA consumiu vídeos no valor de 21 milhões, um incrível aumento de 21% em relação aos 17 milhões transmitidos em 2022 (Nielsen, 2023). Essa tendência reflete uma mudança contínua nos hábitos de visualização de produtos audiovisuais, com o *streaming* agora representando a maior parte do consumo .

Em termos de participação no tempo total de visualização de TV, o *streaming* alcançou 43,4% em dezembro de 2024, um recorde histórico. YouTube liderou entre as plataformas com 11,1% de participação, seguido pela *Netflix* com 8,5% (Reuters, 2025). Produzir conteúdo original para essas plataformas pode ser extremamente caro. A *Netflix*, por exemplo, gastou cerca de US\$ 13 bilhões em conteúdo em 2023. Séries de alto orçamento, como *Stranger Things* (2016), estão entre as mais caras, com custos estimados de milhões de dólares por episódio. Esses investimentos são essenciais para atrair e reter assinantes, oferecendo conteúdo exclusivo e de alta qualidade que justifique o custo da assinatura (Nielsen, 2023).

A *Netflix* continua na liderança dos consumidores, com 33% dos assinantes, *Prime Video* segue com 17% e Hulu com 13%. Essas plataformas se destacam devido às suas vastas

bibliotecas de conteúdo e produções originais, que são altamente valorizadas pelos consumidores (Nielsen, 2023).

Plataformas como *Max (HBO Max)* e *Discovery+* lideram em termos de satisfação do usuário, devido à qualidade e especificidade do conteúdo oferecido. A fusão esperada entre *Max* e *Discovery+* promete criar um novo líder na indústria, combinando forças para oferecer uma experiência de usuário ainda mais robusta.

O mercado de TV e vídeo como um todo está projetado para crescer 2,91% de 2024 a 2029, atingindo um volume de mercado de US\$ 809,40 bilhões até 2029 (Nielsen, 2023).

As tendências atuais no mercado global de séries televisivas também incluem a diversidade e inclusão, com uma demanda crescente por maior representação de diferentes etnias, culturas e gêneros levando à criação de conteúdo mais inclusivo.

A produção internacional tem se intensificado, com empresas de *streaming* investindo em produções locais em diversas regiões do mundo, buscando atrair audiências globais. Além disso, a competição acirrada tem elevado os padrões de produção, resultando em séries com alta qualidade cinematográfica. Experiências interativas e narrativas transmídia estão se tornando mais comuns, proporcionando aos espectadores uma imersão mais profunda nas histórias (Bourdaa, 2011).

No Brasil, o mercado de séries tem crescido substancialmente, especialmente com a entrada de serviços de *streaming* no país. O Brasil tem uma longa tradição em produções televisivas, com as telenovelas dominando a programação durante décadas. No entanto, a produção de séries locais tem se beneficiado de parcerias entre empresas brasileiras e plataformas de *streaming* internacionais (Mungioli; Ikeda; Penner; 2019). Séries como *3%* (2016/Netflix) e *Coisa mais linda* (2019/Netflix) são exemplos de produções brasileiras que ganharam visibilidade internacional. Essas colaborações têm ampliado as oportunidades para produtores locais e aumentado a diversidade do conteúdo disponível.

Além disso, Rede Globo, por exemplo, como a principal produtora de telenovelas do país, tem direcionado seus investimentos nos últimos anos para novas produções seriadas, com o intuito de disponibilizá-las integralmente no serviço de *streaming GloboPlay*. Para promover ainda mais o recurso, a emissora exibe os episódios iniciais na TV aberta, incentivando os espectadores a acompanhar a temporada completa por meio da plataforma online (Mungioli; Ikeda; Penner, 2019).

Segundo estudo realizado pelo site da NBC Universal Brasil na edição de 2022 cujo título é “Eu nas séries”, revelaram que aproximadamente 93% dos brasileiros, equivalente a cerca de 115 milhões de indivíduos, estão atualmente “viciados” em séries, um aumento notável em comparação com a taxa de 51% registrada na primeira edição do estudo em 2018 (NBC Studio Universal Brasil, 2022).

Ainda de acordo com o estudo, atualmente, mais de 400 séries são transmitidas através de diversas plataformas de *streaming* ou canais de televisão. Dentro deste amplo mercado, observa-se a prevalência de 12 diferentes gêneros que alcançam sucesso, variando desde produções de ação até programas direcionados ao público infantil. Entre os telespectadores brasileiros, os três gêneros mais populares são ação (70%), policial/investigativo/criminal (64%) e aventura (59%). Contudo, a preferência não se limita a estes, há também uma apreciação por parte do público brasileiro em relação a séries de ficção científica (56%), comédia (54%) e terror (44%) (NBC Studio Universal Brasil, 2022).

Nesse sentido, o mercado de séries e *streaming* tem caminho juntos apresentado um crescimento expressivo nos últimos anos, refletindo a evolução global desse setor. A *Netflix* se destaca como a plataforma líder no mercado brasileiro, com 27% de participação de mercado, seguida pelo *Prime Video* com 18% e *HBO Max* com 14%. A *Globoplay*, a principal plataforma nacional, também mantém uma presença relevante, com 10% de participação. A *Netflix*, em particular, lidera não só em participação de mercado, mas também em audiência, com uma média de 4,3 pontos ao longo de 2023 (Kantar Ibope, 2023).

O mercado de séries, tanto global quanto no Brasil, está em constante evolução, impulsionado por avanços tecnológicos e mudanças nos hábitos de consumo. A globalização da produção e distribuição de conteúdo está criando um mercado mais diversificado e competitivo, oferecendo aos espectadores uma ampla variedade de narrativas e perspectivas. No Brasil, as parcerias com plataformas de *streaming* internacionais estão ampliando o alcance das produções locais. Este contexto dinâmico apresenta oportunidades e desafios para criadores de conteúdo e profissionais da indústria.

1.3 IMPACTO CULTURAL DAS SÉRIES

As séries fazem parte de uma cultura contemporânea, influenciando modos de pensar, comportamento e até políticas públicas. Nas últimas décadas, elas se tornaram uma janela atrativa para abordar questões sociais, culturais e políticas, muitas vezes levando temas complexos e controversos ao público em geral. A atuação de personagens autistas em séries é

um exemplo disso, não só promove maior visibilidade, mas também inspira discussões sobre inclusão e adaptações necessárias em diferentes esferas da sociedade.

Segundo Bourdaa (2011) algumas séries oferecem múltiplos papéis, e servem como uma fonte de informação e conhecimento especializado, permitindo aos espectadores explorar diferentes temas da realidade, como violência contra a mulher, uso de entorpecentes, preconceitos sociais e causas de utilidade pública.

Ela ressalta também que as séries podem revelar mundos antes desconhecidos, como a encenação de costumes de um outro país ou região, as séries ampliam a compreensão e a perspectiva dos espectadores sobre outros lugares do mundo. É pertinente ressaltar aqui que as séries televisivas são produtos construídos por diversos países, sendo exportadas de uma nação para outra, com uma ampla gama de representação cultural, costumes e sociedades distintas que interagem com um público de idiomas heterogêneos. De pronto, as séries têm a capacidade de oferecer informação, controle emocional e conforto.

Seguindo os dados das pesquisas da NBC Universal Brasil (2022), 66% dos fãs de séries se identificam com os personagens, cerca de 39% relatam que as séries que acompanham auxiliam na reflexão sobre sua própria identidade e estado emocional. O fenômeno conhecido como *domestic cozy*, uma tendência global que reflete a busca pela individualidade e pelo sentimento de conforto.

Ainda sobre o estudo, eles realizaram uma busca pelos principais perfis de consumidores de séries de TV no Brasil, que definiram no primeiro perfil temos o *casual relaxation*, semelhante ao perfil anterior, mas caracterizado por consumidores que têm interesse leve nos conteúdos das séries, sem serem tão aficionados. Esse grupo representa 24% dos consumidores de séries no Brasil

O segundo perfil o *non-stop*, caracterizado por pessoas que gostam de maratona séries, sentem uma conexão próxima com os personagens e se identificam com as histórias. Este grupo representa 21% dos brasileiros que acompanham séries.

No terceiro perfil é denominado *social Indie*, que consiste em indivíduos que apreciam séries menos convencionais, não tão populares, e assistem com uma abordagem mais crítica. Este grupo representa 20% dos consumidores de séries no Brasil.

No último perfil o *fun & escape*, composto por pessoas que não hesitam em escolher uma série para assistir e valorizam aquelas com temas interessantes, especialmente se forem recomendadas por amigos (NBC Studio Universal Brasil, 2022).

Essa popularidade das séries, assim como das telenovelas no Brasil, conquistou um espaço no dia a dia dos brasileiros. É comum ouvirmos expressões de entusiasmo da audiência ao se programar para assistir a uma sequência de episódios de uma série, ou seja, "maratonar", especialmente na geração que se acostumou a utilizar os serviços de *streaming*.

Isso indica que as narrativas apresentadas nas séries são suficientemente atrativas para prender a atenção do público, fazendo com que, em alguns momentos, desejem adotar o estilo de vida e a maneira de ser narrados nelas.

Dessa forma, a representação do autismo nas séries, por exemplo, pode contribuir para mudanças sociais. Ao trazer à tona questões de grupos segmentados e representá-las nas séries podem auxiliar na percepção pública e promover uma sociedade mais inclusiva.

A televisão, como um meio de comunicação acessível, bem como a internet, tem o poder de alcançar milhões de pessoas e influenciar suas atitudes e comportamentos. Ao abordar sobre TEA na mídia é um passo promissor para a aceitação e inclusão das pessoas neurodiversas.

Segundo Milanez (2008) a mídia tem tendência a produzir e reproduzir padrões e valores de determinados grupos. E a influência das séries não se limita apenas ao público comum, mas também se estende a profissionais de saúde, educadores e formuladores de políticas. Ao retratar personagens autistas, as séries podem educar e sensibilizar profissionais sobre as necessidades e potencialidades das pessoas no espectro. Isso pode levar a melhores práticas e políticas mais inclusivas em áreas como educação, saúde e emprego. Por exemplo, a série *The Good Doctor* inspirou discussões em universidades de medicina sobre a inclusão de estudantes autistas e as adaptações necessárias para apoiar seu sucesso acadêmico e profissional.

No artigo intitulado *Assistir The good doctor afeta o conhecimento e as atitudes em relação ao autismo?* de Stern e Barnes (2019, tradução própria) do departamento de psicologia da Universidade de Oklahoma trouxe à tona uma investigação sobre o impacto da mídia sobre o conhecimento e atitudes em relação ao TEA, comparando a exposição a um episódio de uma série de ficção com uma palestra universitária sobre o tema. Descobriu-se que assistir a um episódio de *The Good Doctor* resultou em maior precisão no conhecimento sobre as características associadas ao TEA.

Desde seus primórdios, as séries evoluíram de simples entretenimento para um produto que possibilita uma reflexão social. A tecnologia, a diversificação do conteúdo e a crescente demanda por representatividade moldaram essa trajetória, consolidando as séries como uma

parte essencial da cultura popular. À medida que continuamos a avançar, as séries continuarão a se adaptar e a inovar, mantendo um elo no entretenimento e na transformação social.

Entretanto, ao mesmo tempo em que as produções podem contribuir para a disseminação de informações e para a valorização de determinados grupos sociais, ela também pode reforçar estereótipos e consolidar padrões simplificados ou distorcidos. Isso resulta, muitas vezes, na produção em massa de desinformação e no fortalecimento de estigmas sociais, especialmente em relação a grupos marginalizados.

Para Robin e Almahalha (2022) diante da ampla difusão das produções audiovisuais, torna-se pertinente questionar em que medida essas obras representam de forma fidedigna a realidade vivenciada por pessoas com determinadas condições de saúde e por seus familiares.

Assim, é fundamental uma análise aprofundada do conteúdo integral dessas produções, a fim de compreender se elas se aproximam da realidade ou se, ao contrário, refletem construções simbólicas pertencentes a um imaginário social coletivo. Outra questão relevante diz respeito à forma como essas narrativas retratam, de maneira não estigmatizante ou discriminatória, aspectos da vida cotidiana de pessoas com TEA e de seus familiares — incluindo as atividades de vida diária e instrumental, o lazer, o descanso, o brincar, a educação, o trabalho, a participação social e os vínculos interpessoais. Cabe, ainda, refletir sobre o risco da reprodução de estereótipos por meio dessas representações culturais e os impactos que isso pode gerar no contexto histórico e social contemporâneo (Robin; Almahalha, 2022).

Assim, este estudo teve como objetivo analisar, de forma integral, três produções de série de países distintos Estados Unidos, Coreia do Sul e Brasil que apresentam personagens autistas no papel principal. A seguir, apresentados estudos sobre um panorama geral de pesquisas anteriores sobre as representações do TEA no audiovisual.

CAPÍTULO 2: O QUE SABEMOS SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO TEA NO AUDIOVISUAL – UMA REVISÃO DE LITERATURA

O levantamento do estado da arte em uma determinada área do conhecimento é uma prática que consiste na revisão sistemática e abrangente da literatura existente relacionada ao tema em questão. Seu objetivo é identificar o estágio atual do conhecimento, as lacunas existentes e as tendências emergentes. Esta abordagem oferece uma série de benefícios e razões que justificam sua realização dentro de um trabalho acadêmico. O levantamento do estado da arte proporciona uma compreensão ampla e contextualizada do tema em estudo, permitindo que nossa pesquisa se situe dentro do contexto da área de conhecimento, no caso da representação do TEA no audiovisual.

Ao revisar a literatura existente, podemos identificar lacunas no conhecimento, áreas pouco exploradas ou questões não resolvidas, que representam oportunidades para contribuições originais e inovadoras. Com isso, podemos inclusive evitar a redundância na pesquisa, permitindo que identifiquemos resultados já obtidos, maximizando o impacto das novas contribuições. Adicionalmente, o levantamento do estado da arte fornece orientação para o planejamento e desenvolvimento da pesquisa, ajudando na definição de objetivos claros, questões de pesquisa relevantes e métodos apropriados. Ao conhecer o estado atual do conhecimento, os pesquisadores podem formular hipóteses mais fundamentadas e teorias mais robustas, baseadas em evidências existentes e em lacunas identificadas na literatura.

Por fim, a revisão da literatura permite uma avaliação crítica dos trabalhos anteriores, incluindo seus métodos, resultados e conclusões, estimulando a reflexão sobre abordagens alternativas e possíveis melhorias. O estado da arte serve como base teórica e conceitual para a pesquisa, fornecendo um quadro de referência para a interpretação dos resultados e a discussão de suas implicações. Em suma, perseguimos aqui um referencial para o desenvolvimento das nossas descobertas baseadas no impacto das investigações acadêmicas e científicas já construídas.

Foi com o método da revisão narrativa de literatura³ que buscamos nosso corpus de análise, em quatro plataformas de pesquisa acadêmica. A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), um diretório online de revistas científicas e acadêmicas de acesso aberto, o Periódicos Capes, uma plataforma digital que oferece acesso a diversas bases de dados reunindo periódicos científicos, revistas eletrônicas, artigos, teses e dissertações de relevância para a área da comunicação social, bem como o Google acadêmico e *Scientific Eletronic Library Online- Scielo*.

Por meio dos operadores booleanos “e” e “ou”, os nossos descritores utilizados inicialmente foram "TEA", "Autismo", "Representação", "Audiovisual", o que nos permitiu visualizar 3830 trabalhos apenas no Google acadêmico, sem delimitação de datas, em língua portuguesa. Durante a leitura dos títulos, das palavras chaves e resumos selecionamos apenas cinco abordavam diretamente estudos sobre representação do TEA no audiovisual. Nas plataformas BDTD, DOAJ e *Scielo* não foram encontrados quaisquer trabalhos que correspondessem as combinações propostas. Com a tentativa de alargar nossa base de estudos, realizamos nova busca com novas combinações de descritores chaves; “TEA”, “autismo”, “cinema”, “filme”, “telenovela”, “séries de TV”, “personagens autistas”, em português, inglês, espanhol e francês.

As buscas resultaram em 182.398 trabalhos encontrados na plataforma Google Acadêmico, 425 na BDTD, 247 na plataforma Periódicos Capes e 05 na Scielo. Com a observação das temáticas dos estudos encontrados, selecionamos o total de trinta e um (31) trabalhos a fim do nosso tema de interesse e com o refinamento do nosso entendimento da pertinência dos trabalhos, acabamos selecionando precisamente vinte e três (23) produções

³ A revisão narrativa de literatura é um tipo de revisão bibliográfica que se concentra na análise e na síntese de diversas fontes de literatura, ao contrário de uma revisão sistemática, que segue uma metodologia rigorosa e pré-determinada para identificar, avaliar e sintetizar evidências, a revisão narrativa permite uma abordagem mais flexível e interpretativa. Nesse tipo de revisão, o pesquisador busca compreender e descrever o estado atual do conhecimento sobre o tema em questão, explorando uma ampla gama de fontes. No lugar de quantificar os resultados ou realizar uma análise estatística formal, o foco se fixa na interpretação dos achados, no geral com os seguintes passos: 1. Formulação da pergunta de pesquisa; 2. Identificação e seleção de fontes; 3. Avaliação crítica, em que as fontes selecionadas são avaliadas criticamente quanto às suas características; 4. Síntese dos resultados e 5. Interpretação, em que os resultados são discutidos em relação aos objetivos da revisão, destacando-se padrões, lacunas no conhecimento e implicações para pesquisas relacionadas (Casarin *et al.*, 2020; Moreira, 2004)

acadêmicas, em que dezesseis (16) eram artigos, duas (2) dissertações, dois (2) ensaios e três (3) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A etapa subsequente envolveu a análise e interpretação dos resultados apresentados nos materiais selecionados. As informações que nos pareceu consensual entre os estudos foram transformadas em categorias rotuladas pelas denominações que mais nos pareceram determinar o conteúdo que buscávamos e associados ao conteúdo do DSM 5. As cinco categorias encontradas identificam uma pessoa autista preponderantemente com uma (1) disfuncionalidade psíquico/emocional, uma (2) disfuncionalidade social, uma (3) disfuncionalidade física, uma (4) posse de talentos excepcionais, e por fim, uma (5) funcionalidade social que o permite estar integrado ao convívio social imediato.

Tabela 2: Representação do TEA no audiovisual.

Título	Ano	Plataforma	Objetivo	Método	Resultado
1. Autismo e suas representações cinematográficas. (Artigo/Idioma Português) “Autismo” “filme”	2007	Google Acadêmico	A representação cinematográfica do autismo infantil nos filmes: <i>Meu filho, meu mundo</i> (1979), <i>Testemunha do Silêncio</i> (1994) e <i>Código para o inferno</i> (1998).	Bibliográfica	(1) disfuncionalidade psíquico/emocional (2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física (4) funcionalidade social
2- <i>Temple Grandin</i> e o Autismo: Uma análise do filme. (Artigo/Idioma português) “Autismo” “Filme”	2012	Scielo	A representação do autismo pela experiência de vida de <i>Temple Grandin</i> (2010).	Bibliográfica	(2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física (4) posse de talentos excepcionais (5) funcionalidade Social
3- O autismo na tela (Artigo/Idioma Francês) “Autismo” “filme”	2015	Google Acadêmico	A análise das produções audiovisuais sobre o autismo nos anos 1990 e 2000.	Análise de conteúdo	(2) disfuncionalidade social (4) posse de talentos excepcionais
4- Representações de autistas em recursos midiáticos.	2017	Google Acadêmico	A observação de seis obras midiáticas: dois livros - O	Análise de conteúdo	(1) disfuncionalidade Psíquico/Emocional (2) disfuncionalidade social

(TCC/Idioma Português) “Autismo” “Atypical”			estranho caso do cachorro morto e O artista autista, o seriado <i>Atypical</i> (2017), os filmes: <i>Rain Man</i> (1988), <i>Código para o inferno</i> (1998) e <i>Mary e Max : uma amizade diferente</i> (2009) com o propósito do delimitar possibilidades de superação dos estereótipos.		(4) posse de talentos excepcionais
5- Luz, câmera, estereótipo-Ação! A representação do autismo nas séries de TV. (Artigo/Idioma Português) “TEA” “Representação” “Audiovisual”	2017	Google Acadêmico	A representação social do autismo nas séries de TV <i>Parenthood</i> (2010), <i>Touch</i> (2012), <i>Alphas</i> (2012) e <i>The Bridge</i> (2013).	Semiótica	(2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física (4) posse de talentos excepcionais
6- Um médico com autismo na televisão. Ensinaamentos de <i>The good doctor</i> . (Artigo/Idioma Espanhol) “Autismo” “ <i>The good doctor</i> ”	2018	DOAJ	A representação do primeiro médico autista em uma série de TV.	Análise de Conteúdo	(2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física (4) posse de talentos excepcionais
7- A inclusão do autista no mercado de trabalho através da abordagem apresentada pela série norte-americana <i>The good doctor</i> . (Artigo/ Idioma Português) “TEA” e “ <i>The good doctor</i> ”	2018	Google Acadêmico	A representação das dificuldades do autista para ingressar no mercado de trabalho.	Análise de conteúdo	(2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física (4) posse de Talentos excepcionais (5) funcionalidade social

8-Ensinar pelas séries: <i>Atypical</i> e a problemática do TEA. (Artigo/Idioma Português) “Autismo” “ <i>Atypical</i> ”	2019	DOAJ	As condições de vida e a inclusão escolar de uma pessoa autista.	Análise do discurso	(1) disfuncionalidade psico/emocional. (2) disfuncionalidade social. (5) funcionalidade Social
9- <i>Atypical</i> : Uma análise da série centralizada no Personagem Sam Garder (Artigo/Idioma Português) “Autismo” “ <i>Atypical</i> ”	2019	Google Acadêmico	A representação da inclusão social do personagem autistas da série <i>Atypical</i> (2017).	Análise de conteúdo	(1) disfuncionalidade psico/emocional (5) funcionalidade social
10- O cotidiano de pessoas com TEA de alta funcionalidade: uma análise da série <i>Atypical</i> . (Ensaio/ Idioma Português) “TEA” “ <i>Atypical</i> ”	2020	DOAJ	A análise da inclusão social no dia a dia do personagem autista Sam Garden da série <i>Atypical</i> (2017).	Análise de conteúdo	(3) disfuncionalidade física (5) funcionalidade social
11- A participação do cinema de dinamização de imaginários sobre o TEA. (Dissertação/ Idioma Português) “TEA” “Cinema”	2020	BDTD	Os imaginários interpretados pelo cinema: laços, relações e crenças sobre o TEA nos filmes: <i>Uma missão especial</i> (2004), <i>Uma família especial</i> , <i>Um amigo inesperado</i> (2006), <i>Fly Away</i> (2011), <i>Um elo de amor</i> (2015) e <i>Farol das Orcas</i> (2016).	Análise de conteúdo	(1) disfuncionalidade Psico/Emocional. (2) disfuncionalidade social (4) posse de talentos excepcionais. (5) funcionalidade social.
12- Franqueza, filosofia e educação: Estética da existência e “ <i>Parrhesia</i> ” a partir do seriado <i>The good doctor</i> . (Artigo/Idioma Português)	2020	Google Acadêmico	A análise dos conceitos de estética da existência e “ <i>Parrehesia</i> ” (similar franqueza) na série <i>The Good Doctor</i>	Bibliográfica	(2) disfuncionalidade social

“TEA” “ <i>The good doctor</i> ”.			(2017).		
13- Protagonistas Autistas na cultura ficcional. (Artigo/Idioma Português) “TEA” “cinema”	2020	Google Acadêmico	A identificação das características dos protagonistas autistas em obras ficcionais: <i>Meu amigo faz iii</i> (2023), <i>The Good Doctor</i> (2017) e <i>Atypical</i> (2017).	Bibliográfica	(2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física
14- Autismo e seus (Des) enlases em narrativas da série <i>Atypical</i> reflexões psicanalíticas. (Ensaio/Idioma Português) “Autismo” “ <i>Atypical</i> ”	2020	Google Acadêmico	A análise da constituição do sujeito autista sob a perspectiva da psicanálise.	Bibliográfica	(2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física (5) funcionalidade Social
15- Identidade, representatividade e estereótipo: A representação do TEA no seriado <i>Atypical</i> . (Artigo/Idioma Português) “TEA” “representação” “audiovisual”	2022	Google Acadêmico	A análise teórica para refletir os conceitos de estereótipo de Filho (2005) Identidade e diferença de Woodward e representação do Hall (1980).	Análise de conteúdo	(5) funcionalidade Social
16- Representação social do autismo em jovens mexicanos. (Artigo/Idioma Espanhol) “Autismo” “ <i>Atypical</i> ”	2022	Scielo	A análise da representação do TEA em 20 personagens da ficção: <i>Atypical</i> (2017), <i>Sesame Street</i> (1969), “ <i>The good doctor</i> ” (2017), <i>Parenthood</i> (2010), <i>Mozart and the Whale</i> (2005), <i>Mercury Rising</i> , (1998)	Análise de conteúdo	(2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física. (4) posse de talentos excepcionais.

			<i>The Lighthouse of Orcas</i> (2016), <i>The Big Bang Theory</i> (2007), <i>Young Sheldon</i> (2017), <i>Criminal Minds</i> (2005), <i>The Middle</i> (2009), <i>Dr. House</i> (2004), <i>Bones</i> (2005), <i>I am Sam</i> (2001), <i>Gilbert Grap</i> (1993), <i>The Other Sister</i> (1999) e <i>Forrest Gump</i> (1994).		
17- Neurodiversidade (en) cena: Gênero e sexualidade na série <i>Atypical</i> (Dissertação/ Idioma Português) “TEA” “Atypical”	2022	Google Acadêmico	A análise da constituição da sexualidade em um sujeito neurodiverso na sociedade contemporânea por meio da série <i>Atypical</i> (2017).	Análise fílmica	(2) disfuncionalidade social (5) funcionalidade Social
18- A história e identidade autista através das câmeras: O olhar do cinema atravessando o espectro (1988 a 2018). (Artigo/Idioma português) “TEA” “CINEMA”	2023	Google Acadêmico	A história do TEA por meio das câmeras. Análise das produções audiovisuais: <i>Rain Man</i> (1988), <i>Gilbert Grape</i> : <i>Aprendiz de um sonhador</i> (1993), <i>Forrest Gump- o contador de história</i> (1994), <i>Uma lição de Amor</i> (2002), <i>Loucos de Amor</i> (2005), <i>The Big Bang Theory</i> (2007), <i>Temple Grandin</i> (2010), <i>Tão forte e Tão perto</i> (2012), <i>Farol das Orcas</i> (2016) e <i>Atypical</i> (2017).	Análise de conteúdo	(2) disfuncionalidade social (5) funcionalidade social
19- A jornada pela	2023	Google	A identificação	Análise de	(5) funcionalidade

identidade e autonomia em <i>Atypical</i> e as representações do TEA. (Artigo/Idioma Português “TEA” “representação” “audiovisual”		Acadêmico	da jornada do protagonista Sam, um jovem com (TEA) em busca de sua independência.	conteúdo	Social
20- Representação do autismo no cinema: análise do filme “ <i>Please Stand By</i> ” (TCC/Idioma Português) “TEA” “representação” “audiovisual”	2023	Google Acadêmico	A representação social do autista no filme <i>Please Stand By</i> (2017).	Análise do discurso	(2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física (4) posse de talentos excepcionais (5) funcionalidade social
21- Pessoas com TEA nos discursos fílmicos (Artigo/Idioma Português) “TEA” “cinema”	2023	Google Acadêmico	A representação do autismo no filme <i>Loucos de amor</i> (2005).	Análise de discurso	(4) posse de talentos excepcionais
22-Neurowashing: a construção do autismo midiático através de análises de séries de ficção (TCC/ Idioma português) “TEA” “ <i>The good doctor</i> ”	2023	Google Acadêmico	A representação das séries <i>Atypical</i> (2017), <i>The Good Doctor</i> (2017) e <i>Heartbreak High</i> (2022)	Análise do conteúdo	(1) disfuncionalidade psico/emocional (2) disfuncionalidade social (4) posse de talentos excepcionais
23- O Autismo e as limitações Sociais: representações cinematográficas nos filmes <i>As vantagens de ser Invisível</i> e <i>Meu Filho, Meu Mundo</i> . (Artigo/Idioma Português) “Autismo” “cinema”	2023	Google Acadêmico	A representação do autismo infantil na inclusão social dos personagens do filme <i>As vantagens de ser invisível</i> (2012) e <i>Charlie de Meu filho, meu mundo</i> (1979).	Análise semiótica	(1) disfuncionalidade psico/emocional (2) disfuncionalidade social (3) disfuncionalidade física (5) funcionalidade social

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Com base na análise indutiva observando a aproximação e semelhança das descrições narradas nos trabalhos, bem como nas suas distâncias, consolidamos as seguintes categorias que

foram reduzidas de 34 códigos inicialmente para 5 categorias amplas. Os termos descritos advém da preponderância e consistência da aparição dos conceitos narrados.

1. **Disfuncionalidade psico/emocional** apresentação de comportamentos atípicos ou descontrolados desproporcionais em resposta à ruptura de uma rotina estabelecida. No filme *Rain Man* (1988), por exemplo, o personagem se mostra descontrolado, manifestando ecolalia, choro, gritos, agressividade e atitudes autolesivas quando seu programa de televisão predileto não era assistido. No artigo de Silva, M. e Silva, G. (2019), as autoras descrevem a cena do episódio seis (06) da segunda temporada da série *Atypical* (2017), em que Sam, personagem autista, faz a tentativa de dormir na casa de um amigo. Apesar do grande acolhimento do amigo, o protagonista sentindo-se desconfortável abandona o ambiente, percorrendo ruas das redondezas na madrugada desorientado, repetindo em voz alta as espécies de pinguins da Antártica e produzindo movimentos repetitivos como estratégia de auto apaziguamento. As respostas comportamentais relativas a qualquer gatilho de estresse, produz nos personagens movimentos e comportamentos em descontrole como autolesão, agressividade, gemidos e gritos.
2. **Disfuncionalidade social** apresentação de pouca habilidade no trato relacional, onde a convivência com terceiros é dificultada por baixa capacidade de envolvimento e conexão. A representação desses comportamentos de indiferença a expressões de afeto, é típico. Acedo *et al.* (2022) descreve que o personagem Sheldon Cooper, na série *The Big Bang Theory* (2007), por exemplo, comenta que manifestações de afeto são “bobagens biológicas” não se permitindo ter expressões amorosas explícitas por considerá-las banais. A pouca habilidade de relacionamento social é tipificada pela dificuldade do autista em não reconhecer as emoções alheias como a tristeza, alegria ou medo; assim, a falta de empatia com estes prevalece. Silva, M. e Silva, G. (2019) cita que em *Atypical* (2017), por exemplo, a mãe de Sam produz cartões com desenhos de personagens com emoções distintas, para pedagogicamente ensinar ao seu filho, como identificá-las nos indivíduos com quem convive. Dificuldades de interpretar metáforas, ironias e sarcasmo, regras sociais tácitas dificultam o relacionamento social dos autistas. Na série *Touch* (2012) e *Alpha* (2012), o pesquisador Lacerda (2017) explica que os personagens Jake e Gary não possuem um comportamento social desenvolvido, sendo assim, são vistos como retardados ou

estranhos. Adicionalmente, os autistas por apresentarem características de *Parrahesía* (sinceridade sem filtros), demonstravam dificuldades no seu relacionamento social. A falta de intimidade com normas sociais implícitas de bom convívio, ou de uma linguagem adequada, cria situações desagradáveis e de falta de conexão emocional com as pessoas de convívio. Mota *et al.* (2020) descreve que na série *The good doctor*, Shaun relata abertamente aos seus pacientes em estado grave de saúde, que têm poucos dias de vida sem qualquer preparo emocional. Em suma, a categoria representa a restrição do autista com os relacionamentos sociais.

3. **Disfuncionalidade física** representa comportamentos em que o personagem autista possui hipersensibilidade sensorial, seja ao som, luz e toque. Os personagens apresentam repulsa ao toque, ambientes abertos e aos sons naturais da cidade. As pesquisadoras Rosa, A. e Rosa, L. (2020) descrevem que o personagem Sam da série *Atypical* (2017), por exemplo só trafega na cidade portando seu fone de ouvido para isolar-se sonoramente dos ruídos externos. O protagonista também seleciona cuidadosamente os tecidos das roupas, bem como jamais se permite tocar nos encostos das cadeiras. Sheldon Cooper da série *The Big Bang Theory* (2007) também não se deixa tocar pelos amigos pois imagina compulsivamente que a qualquer momento pode ser contaminado com bactérias ou vírus. O contato físico se mostra sempre desagradável, pondo o personagem em uma situação incômoda. Schmidt (2012) traz a análise do filme *Temple Grandin* (2010), a personagem autista que cria uma máquina de abraço para acalmar sua ansiedade. Baseada em sua experiência em uma fazenda em que observa vacas serem pressionadas por barras para vacinação, a personagem conclui que os animais se acalmavam e não se machucavam. A personagem relata que pressionados, os animais ficavam calmos e passou a experimentar a mesma sensação de proteção com a pressão da máquina de abraço. “Ela controlava a pressão da máquina, ficava ali até 20 minutos, uma vez por semana, e saía relaxada, a pressão acalmava” (Marrone, 2010). O personagem Shaun Murphy, da série *The good doctor* (2017), tem sempre um olhar disperso, concentrado em algo invisível ou distante, a atitude parece como se estivesse em outro mundo. Nos estudos de Rosa, A. e Rosa, L. (2020) é dito que o personagem Nill da obra *Meu Amigo faz iiiiii* (2023) cobre as orelhas com veemência quando ouve barulhos como a sirene da escola ou conversas em voz alta, mostrando-se extremamente desconfortável nessas

situações. Lacerda (2017) relata que Jake Bomm, da série *Touch* (2012), anda e corre com os braços junto ao corpo para evitar abraços.

4. **Posse de talentos excepcionais** representação de talentos como memória visual fotográfica, facilidade em desvendar códigos, desafios matemáticos como contar de forma automática cartas e palitos de fósforos que caem no chão, como acontece com o personagem Raymond, de *Rain Man* (1988) (além de ser capaz de decorar os nomes e números de telefone de uma lista telefônica). A posse de talentos excepcionais estava associada a quase todos os personagens estudados, principalmente os representados nos anos 90 e 2000, sendo uma característica frequente associada ao personagem autista. Em alguns filmes e séries, a inteligência acima da média estava até mesmo associada a super sentidos, desde ler pensamentos ou adivinhar o futuro como nas séries *Alpha* (2012) e *Touch* (2012). O personagem autista de *Touch* (2012), Jake Bolm, é apresentado com habilidades de organizar de forma rápida sequências numéricas que aparecem na sua mente o tempo todo. Bolm faz parte de um grupo, cujo nome é “36 justos”. Eles acessam algarismos que os possibilitam compreender o passado, presente e futuro do universo (Lacerda, 2017). Já em *Alfa* (2012), Gary Bell tem habilidade de captar e ler mentalmente a frequência de TV, rádio e sinais de celulares sem nenhum aparelho físico para essas atividades. Em *Parenthood* (2010) o personagem Max Braverman foi diagnosticado com síndrome de Asperger, com inteligência acima da média. A série *The Bridge* (2013), Sonya Cross é apresentada com síndrome de Savant, com habilidades extraordinárias como decorar o conteúdo de 40 mil livros (Lacerda, 2017). Sheldon Cooper é um PhD especialista em física teórica. Devido a seu QI elevado, conquistou seu doutorado aos 14 anos de idade. O personagem Shaun Murphy se tornou um grande cirurgião devido a sua grande capacidade intelectual. Nestas construções audiovisuais, os pesquisadores observaram certo “exagero das representações de genialidade”, muitas vezes construídas de forma sensacionalista.
5. **Funcionalidade social** representa comportamentos de personagens que demonstram habilidades relacionais sem a necessidade constante de apoio. São personagens que trabalham, estudam e constituem núcleos familiares. A exemplo, trazemos o personagem Shaun da série *The good doctor* (2017), que após provar aos colegas e chefes do hospital resultados profissionais incríveis, conquistou seu espaço no trabalho (Badii; 2018). Nesta categoria, destacamos a representação da evolução dos

personagens que, no início, eram vistos como incapazes de conviver socialmente, mas, no decorrer da trama desenvolvem estratégias de superação. Os estudiosos dessa forma citam o vislumbre de personagens autônomos, enfrentando experiências sociais que os punha à prova. No geral, a categoria engloba que, após o conjunto de ações como acompanhamento terapêutico, tratamento e apoio familiar, os personagens alcançaram a conquista de respeito profissional, fazendo com que o personagem adquira independência financeira, vida social e amorosa, fazendo com que o personagem possa morar sozinho, namorar, cursar uma faculdade, viajar entre outros. São personagens que se mostram autônomos, com evolução gradativa em cada temporada ou final da trama, capazes de assumir suas individualidades, realizando sonhos e projetos.

Os estudos forneceram análises sobre a representação de 54 personagens, que estavam presentes em filmes e séries de TV. Esse total exclui repetições de personagens, visto que o protagonista Sam Gardner, de *Atypical* (2017), foi analisado em seis obras distintas. Os personagens representados estavam na faixa etária entre 9 até 45 anos, quase todos do gênero masculino e quatro do gênero feminino, mas todos pertencentes, aparentemente, à classe social média-alta, o que enviesou claramente os dados obtidos.

2.1 AS PUBLICAÇÕES DA REPRESENTAÇÃO DO TEA NO AUDIOVISUAL

A representação compreendida como um processo cultural desempenha um ponto relevante na formação de identidades individuais e coletivas. Os sistemas simbólicos subjacentes a esse processo oferecem potenciais respostas às indagações fundamentais: Quem sou eu? O que posso me tornar? Quem desejo ser? Os discursos e os sistemas de representação contribuem para a criação de espaços nos quais os indivíduos podem se identificar, posicionar e expressar suas vozes (Hall, 2006). Ela é uma descrição que se manifesta na expressão de conceitos, ideias e emoções sobre o mundo, com o propósito de comunicá-los a outros indivíduos. Essas manifestações são práticas de significação e sistemas simbólicos nos quais os significados, ao serem produzidos, assumem uma posição de sujeitos que pode ser colocado de forma ativa ou receptiva por determinada relação de poder.

As práticas representativas aplicadas por meio de relações de poder percorrem instituições como, por exemplo, a mídia. Ela produz uma “aceleração incomparável do fluxo de informações, da transmissão de formas simbólicas e de conteúdos cognitivos e emocionais” (Guareschi, 2018, p.40), o que proporciona argumentos e discursos que influenciam, em certa instância, sua

audiência; a disseminação de rótulos exibidos por ela contribui para a formulação de representações que são internalizadas pela sociedade como “verdades,” a exemplo, temos “mulher como sexo frágil,” “Os judeus são gananciosos,” “jovens são irresponsáveis,” “todo o autista é superinteligente, não gostam de ser tocados ou apreciam estar isolados.

A imagem do autista que temos na mente, por exemplo, é de pessoas estranhas e incapacitadas, um retrato que pode ser construída a partir de mitos, percepções e estereótipos que ganham força se são disseminados na mídia.

Por outro lado, embora haja o risco de perpetuação de estereótipos, a mídia também pode ser extremamente eficaz na criação de imagens e narrativas positivas. Ao apresentar representações que promovem a identificação, sensibilização e inclusão, a mídia como veículo de utilidade pública pode levar reflexões sobre questões de equidade.

A priorização da representação e a importância da cultura na elaboração dos significados que permeiam todas as interações sociais geram uma preocupação central com o fenômeno da identificação (Nixon, 1997). Este conceito refere-se ao processo pelo qual indivíduos estabelecem laços de identidade e solidariedade uns com os outros (Woodward, 2014). É evidente a persistente relação de poder dos meios de comunicação para gerar e perpetuar valores favoráveis ou desfavoráveis de grupos específicos.

A influência da mídia, ao disseminar concepções equivocadas sobre determinados grupos sociais, pode gerar na consciência coletiva uma concepção distorcida que não corresponde à realidade. Se a narrativa construída em torno do autismo retrata personagens com frequentes habilidades excepcionais, como uma memória prodigiosa, isso pode induzir a uma inferência generalizada na sociedade de que todos os autistas compartilham essa característica.

As mensagens transmitidas pela mídia podem influenciar ideias, desejos e dilemas, moldando nossa cultura de forma coletiva e compartilhada. Isso significa que as histórias, imagens e valores divulgados por ela podem incentivar nossa forma de pensar e agir. Assim, é necessário realizar uma análise crítica e individualizada das produções, levando em conta sua repercussão na construção do imaginário social.

2.2 PUBLICAÇÕES E ESTUDOS

1. Autismo e suas representações cinematográficas: Baldo e Guimarães (2007) analisaram através da bibliografia a sintomatologia e os critérios de diagnósticos do TEA, fazendo um estudo comparativo dos filmes *Meu filho, meu mundo* (1979), *Testemunho do Silêncio* (1994) e *Código para o inferno* (1998) com a teoria dos autores Kanner, Mahler e Tustin (2006) e a contribuição dos critérios do DSM IV⁴. Os resultados e discussões da pesquisa revelaram quatro aspectos: a (1) disfuncionalidade psico/emocional observada no personagem Tim, do filme *Testemunha do Silêncio* (1994), que demonstra agressividade diante de contrariedades, especialmente quando confrontado com alimentos redondos; a (2) disfuncionalidade social e (3) física no personagem Raun, do filme *Meu Filho, Meu Mundo* (1979), caracterizado pela ausência de contato visual e falta de expressões faciais, apresentando posturas e gestos estereotipados. Tanto Tim, em *Testemunha do Silêncio* (1994), quanto Simon, em *Código para o Inferno* (1998), só mantêm contato visual quando estimulados; além disso, os personagens manifestaram atraso ou total ausência de fala. Entretanto, a (4) funcionalidade social aparece no personagem Raun quando começa a fazer terapia e supera as limitações do autismo.

2. Temple Grandin e o autismo: Uma análise do filme: Schmid (2012) apoiou-se nos dados bibliográficos para discutir as cenas do filme *Temple Grandin* (2010), acompanhando a jornada da personagem desde a descoberta do diagnóstico de autismo até as diversas barreiras enfrentadas em sua vida social, familiar, escolar e profissional, bem como sua adaptação a esses desafios. Neste estudo, o pesquisador abordou quatro aspectos principais da representação da personagem autista: a (2) disfuncionalidade social expressa pela dificuldade em fazer amigos e pelos problemas sociais enfrentados na escola e no trabalho devido à interpretação literal das situações e à dificuldade em compreender ironias e metáforas; a (3) disfuncionalidade física expressa por crises de ansiedade e o fato de ter aversão ao toque humano; a (4) posse de talentos excepcionais definida por uma memória prodigiosa ou QI elevado, exibida pelo momento em que a personagem se lembra detalhadamente de uma lista de sapatos que viu em uma loja; por último, o aspecto de (5) funcionalidade social, evidenciada quando a personagem decide se adaptar às normas sociais, adquirindo independência, especialmente ao ingressar na universidade. Vale ressaltar que esse aspecto geralmente é observado na narrativa de personagens que receberam tratamento terapêutico.

⁴ Essa edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais (DSM IV) na época da publicação do artigo era a mais atualizada.

3. O autismo na tela: Chamak (2015) propôs investigar, com o suporte da análise de conteúdo, o processo de representação do autismo em filmes e séries no período compreendido entre 1960 e 2000. Neste, o autor descreve a evolução da representação do TEA no audiovisual com o passar das décadas. Durante os anos 60, os personagens eram narrados como “idiotas” ou “psicóticos,” sendo o autismo tido como sinônimo de deficiência mental. O filme *O Garoto Selvagem* (1969) de François Truffaut, por exemplo, narra a empreitada educacional de Jean-Marc Itard com Victor, o garoto selvagem de Aveyron. Durante os anos 80, uma representação mais “positiva” surgiu nas telas sobre os autistas, representados como seres surpreendentes e superdotados, como no filme *Rain Man* (1988), de Barry Levinson, que popularizou a imagem do autista com habilidades notáveis. O personagem, por exemplo, era capaz de contar instantaneamente uma grande quantidade de objetos ou realizar cálculos mentais complexos. As produções audiovisuais abordadas pelo artigo foram os filmes: *O Garoto selvagem* (1969), *Esse garoto* (1975), *Rain Man* (1988), *O Código mercúrio* (1998), *Sua vida não é um rótulo* (2001), *Mozart and the whale* (2005), *Bolo de neve* (2006), *Ben X* (2007), *Mary e Max* (2009), *Millenium* (2009), *Adam* (2009), *Meu nome é Khan* (2010), *Extremamente alto e incrivelmente perto* (2012). E as séries de TV: um episódio com um personagem autista na série médica *Grey's anatomy* (2005), *Boston legal* (2004) e a série *The Big Bang Theory* (2007). Os personagens desse estudo da representação do autista resultaram em duas categorias: (1) disfuncionalidade social representada pela pouca habilidade de se adaptar à sociedade, como vista no filme *O Garoto selvagem* (1969); e (4) posse de talentos excepcionais, como na trilogia *Millenium* (2009), onde a personagem Lisbeth Salander é uma hacker que invade sistemas e redes de computadores, sendo descrita como tendo síndrome de Asperger. Nas séries, os perfis de “gênios” têm sucesso, como Sheldon Cooper em *The Big Bang Theory* (2007), um físico superdotado, ou o advogado brilhante Jerry Espenson em *Boston Legal* (2004). O filme *Adam* (2009) também retrata um jovem brilhante apaixonado por astronomia com síndrome de Asperger.

4. Representações de autistas em recursos midiáticos: Camargo (2017) analisou personagens autistas em seis obras: os livros *O Estranho caso do cachorro morto* (2011) e o capítulo *O Artista autista* do livro *O Homem que confundiu sua mulher com um chapéu* de Oliver Sacks (1997), o seriado *Atypical* (2017), os filmes *Rain Man* (1988), *Código para o inferno* (1998) e *Mary e Max: Uma amizade diferente* (2009). Com o método da análise de conteúdo, a autora estabeleceu dez categorias descritivas dos personagens, considerando (1) características sociodemográficas dos personagens; (2) interesses pessoais; (3) estrutura familiar; (4) relacionamentos amorosos; (5) explicação sobre o autismo; (6) aspirações para o futuro; (7)

participação em tratamentos; (8) comportamentos; (9) percepções de terceiros; e (10) ano de veiculação da mídia. Os resultados obtidos indicaram três categorias: a (1) disfuncionalidade psico/emocional, exemplificada por comportamentos como os gemidos de Christopher em momentos de ansiedade, a agitação manifestada por Raymond, Sam e Simon quando confrontados com mudanças em suas rotinas, bem como a agressividade observada em Max; a (2) disfuncionalidade social, exemplificada pela situação de isolamento de José, que habitava o porão da residência familiar e mantinha interações verbais limitadas; e a (4) posse de talentos excepcionais, retratando os personagens como "gênios."

5. Luz, câmera, estereótipo - Ação! A representação do autismo nas séries de TV:

Lacerda (2017) concentrou-se na análise semiótica da representação do autismo em quatro séries televisivas: *Parenthood* (2010), *Alphas* (2012), *Touch* (2012) e *The Bridge* (2013). Os resultados encontrados abordam três categorias identificadoras dos personagens: a (2) disfuncionalidade social, como visto em Jake de *Touch* (2012) e Gary de *Alpha* (2012); a (3) disfuncionalidade física, como nos personagens que tinham um contato visual disperso e distante; e a (4) posse de talentos excepcionais, descrita no artigo como uma característica de três personagens: das séries *Alpha* (2012), *Parenthood* (2010) e *Touch* (2012), que detinham a habilidade de decifrar códigos matemáticos complexos e facilidade de memorização de uma vasta quantidade de informações, como livros em uma biblioteca e números numa lista telefônica.

6. Um médico com autismo na televisão: Ensinaamentos em “The good doctor”: Badii e Baños (2018), por meio do método de análise de conteúdo, analisaram o episódio piloto da série *The good doctor* (2017), concentrando-se no protagonista, Shaun Murphy. Eles detalharam a jornada do personagem autista em seu primeiro dia como residente em um hospital de prestígio. A representação resultou em três categorias destacadas no personagem autista: a (2) disfuncionalidade social e (3) física, em que Shaun mostra dificuldades de comunicação e expressão, além de movimentos corporais repetitivos; e a (4) posse de talentos excepcionais, em que o personagem exibe uma memória extraordinária.

7. A inclusão do autista no mercado de trabalho através da abordagem apresentada pela série norte-americana The good doctor: Lima e Negreiros Junior (2018), utilizando um estudo de análise de conteúdo, examinaram a representação do personagem Shaun Murphy no episódio piloto da série. Os resultados demonstraram quatro aspectos a destacar: (2) disfuncionalidade social; (3) disfuncionalidade física; (5) funcionalidade social; e (4) posse de talentos excepcionais.

8. Ensinar pelas séries: “Atypical” e a problemática do TEA: Silva, M. e Silva, G. (2019) exploraram a representação do autismo na série *Atypical* (2017) por meio da análise do discurso. A trajetória do estudo estava direcionada para as cenas do personagem em três ambientes: familiar, escolar e profissional. Ao investigar esses ambientes específicos, eles identificaram três aspectos relacionados ao personagem: (1) disfuncionalidade psico/emocional; (2) disfuncionalidade social; e (5) funcionalidade social.

9. Atypical: Uma análise da série centralizada no personagem Sam Gardner: Lima (2019) abordou, por meio da análise de conteúdo, a investigação da representação do personagem Sam Gardner de *Atypical* (2017) nas primeira e segunda temporadas. O autor desenvolveu seu estudo no recorte de cenas do convívio familiar e amoroso explorados nas duas temporadas. Os resultados apontaram para duas categorias: (1) disfuncionalidade psico/emocional, ilustrada, por exemplo, pela crise de ansiedade do personagem ao dormir na casa do amigo Zahid; e (5) funcionalidade social, em que o autor destaca a capacidade de Sam de desempenhar um convívio social “padrão.”

10. O cotidiano de pessoas com TEA de alta funcionalidade: Uma análise da série “Atypical” : Balduino e Mendes (2020) apresentaram, por meio da análise de conteúdo, o percurso diário do personagem Sam, um autista de alta funcionalidade, nas quatro temporadas. O resultado abrangeu duas categorias: (3) disfuncionalidade física, como a hipersensibilidade às luzes e barulhos; e (5) funcionalidade social, onde os autores enfatizam a evolução do personagem quanto à sua habilidade de adaptação às situações sociais padrão. Isso sugere que o personagem passa por um processo de aprendizado ao longo dos episódios.

11. A participação do cinema na dinamização de imaginários sobre o TEA : Ethur (2020) estudou por meio da análise de conteúdo, seis filmes produzidos entre 2004 e 2017 que enfatizam o TEA na infância: *Farol das Orcas* (2016), *Um Elo de Amor* (2015), *Fly Away* (2011), *Um Amigo inesperado* (2006), *Uma família especial* (2005) e *Uma Missão especial* (2004). A pesquisadora percorreu a construção imaginária do perfil dos personagens autistas na infância. Isso pode ser traduzido na (1) disfuncionalidade psico/emocional dos personagens, sinalizada quando alguns enfrentam crises e demonstram hiper-reatividade; na (2) disfuncionalidade social, percebida nos personagens gêmeos Stephen e Douglas do filme *Uma Missão especial* (2004), que eram representados em condições em que não conseguiam fazer amigos na escola; na (3) disfuncionalidade física, como na retratação do personagem Curtis de *Uma família especial* (2005), que é descrito como tendo alergia a todos os tipos de tecidos; na

(4) posse de talentos excepcionais, como visto no personagem Jacqui de *Uma família especial* (2005); e na (5) funcionalidade social, em que dois personagens do filme *Uma missão especial* (2004) são representados com avanços nas habilidades sociais de interação com os colegas de escola.

12. Franqueza, filosofia e educação: Estética da existência e *parrhesía* a partir do seriado *The good doctor*: Motta e Silva, H. (2020) discutem conceitos teóricos foucaultianos de estética da existência e *parrhesía*, estudando a série *The good doctor* (2017). Eles descrevem a (2) disfuncionalidade social do personagem como característica marcante, expondo os conflitos gerados pela honestidade direta de Shaun em um contexto profissional.

13. Protagonistas autistas na cultura ficcional: Rosa, A. e Rosa, L. (2020) analisam, por meio de uma pesquisa bibliográfica, a representação dos protagonistas do livro infantil *Meu Amigo faz iii* (2023) de autoria de Andrea Werner, bem como de duas séries de TV: *The good doctor* (2017) e *Atypical* (2017). Eles elencam dez características predominantes do autismo: contato visual disperso, interação social de maneira isolada, expressões corporais e emoções próprias, comunicação social restrita, atraso no processo de comunicação social, comportamentos verbais ou motores estereotipados, interesses restritos, fixos e intensos, apego à rotina, incompreensão do abstrato e hipersensibilidade sensorial. Os resultados apontam para duas categorias: (2) disfuncionalidade social e (3) disfuncionalidade física.

14. Autismo e seus (des)enlaces em narrativas da série “*Atypical*”: Reflexões psicanalíticas: Santos *et al.* (2020) investigam, por meio de uma analogia bibliográfica baseada na teoria da construção do sujeito, a série *Atypical* (2017). Aqui, o autista é entendido por diferentes facetas ao longo da série: o autista afetuoso, em convívio familiar e inserido na dinâmica social mais alargada que não a familiar. Os resultados aludem a três categorias: (2) disfuncionalidade social, (3) disfuncionalidade física e (5) funcionalidade social.

15. Identidade, representatividade e estereótipo: A representação do TEA no seriado “*Atypical*”: Coelho e Coelho (2022) analisam, por meio da análise de conteúdo, a construção de identidade do personagem Sam Gardner, questionando quem era de fato o personagem. O resultado aponta para um personagem que detém uma (5) funcionalidade social essencial. O artigo demonstra uma clara independência por parte do personagem em situações sociais, sinalizando sua determinação em superar seus obstáculos. Segundo o autor, a série também apresenta uma redução na identificação de estereótipos negativos relacionados ao autismo,

como todos preferem viver isolados em seu próprio mundo, pessoas incapazes, limitadas de realizar qualquer tarefa ou todas sofrem com algum tique.

16. Representação social do autismo em jovens mexicanos: Acedo *et al.* (2022) investigam, por meio da análise de conteúdo, a representação de 20 personagens de recursos audiovisuais distintos: Vernon de *Killer Diller* (1948); Arnie Grape de *What's Eating Gilbert Grape* (1993); Forrest Gump de *Forrest Gump* (1994); Simon Lynch de *Mercury Rising* (1998); Carla Tate de *The Other Sister* (1999); Sam de *I am Sam* (2001); Gregory House de *Dr. House* (2004); Donald Morton de *Mozart and the whale* (2005); Spencer Reid de *Criminal Minds* (2005); Temperance Brennan de *Bones* (2005); Rzvay Khan de *I am Khan* (2010); Brick Heck de *The middle* (2009); Sheldon Cooper de *The Big Bang Theory* (2007); Amy Farrah Fowler de *The Big Bang Theory* (2007); Tristán de *The Lighthouse of Orcas* (2016); Julia de *Sesame Street* (1969); Max Braverman de *Parenthood* (2010); Sam Gardner de *Atypical* (2017); Shaun Murphy de *The good doctor* (2017); Sheldon Cooper de *Young Sheldon* (2017). A análise das narrativas de obras audiovisuais demonstra uma prevalência de três categorias: a (2) disfuncionalidade social, representada pelo isolamento social, detectada, segundo o estudo, em aproximadamente 60% dos personagens, revelando um perfil predominantemente introvertido; a (3) disfuncionalidade física, vista em torno de 80% dos personagens, que tinham algum maneirismo motor ou hipersensibilidade à luz, som ou toque; e a (4) posse de talentos excepcionais, enaltecendo o estereótipo de indivíduos superinteligentes, ou seja, dotados de habilidades extraordinárias em áreas específicas como matemática, astronomia ou informática. De acordo com o estudo, cerca de 70% dos personagens retratam essa característica.

17. Neurodiversidade (en) cena: Gênero e sexualidade na série “Atypical” : Altmann e Cruz (2022), por meio da análise fílmica, observam a construção narrativa da sexualidade nas relações do personagem Sam. Eles direcionam o recorte do estudo na construção de suas relações afetivas e o processo de reconhecimento do seu corpo, bem como desejos amorosos. Os resultados das pesquisas sobre as quatro temporadas chegaram a duas categorias que pudemos identificar: a (2) disfuncionalidade social, ilustrada pela declaração do próprio personagem: “Eu sou esquisito. É o que todos dizem. Às vezes não entendo o que os outros querem dizer e acabo me sentindo só (...) Penso no que nunca poderei fazer: como pesquisar pinguins na Antártida ou ter uma namorada” (Altmann ; Cruz, 2022, p.46); e (5) funcionalidade social, com o personagem ao longo das quatro temporadas seguintes se relacionando afetivamente com sua melhor amiga Paige.

18. A história e identidade autista através das câmeras: O olhar do cinema atravessando o espectro (1988 a 2018): Quillici (2023), por meio da análise de conteúdo, compreende a representação do TEA em obras audiovisuais cujo critério de seleção foram: o desempenho de bilheteria, o alcance global e o impacto que cada obra teve sobre o público. As dez obras selecionadas foram: os filmes *Rain Man* (1988), *Gilbert Grape: Aprendiz de um sonhador* (1993), *Forrest Gump - o contador de histórias* (1994), *Uma lição de amor* (2002), *Loucos de amor* (2005); a série *The Big Bang Theory* (2007); os filmes *Temple Grandin* (2010), *Extremamente alto e incrivelmente perto* (2012), *O Farol das orcas* (2016); e a série *Atypical* (2017). Os resultados destacaram duas categorias: a (2) disfuncionalidade social, observada na descrição de personagens com dificuldades de compreender as intenções, emoções ou atitudes dos outros; e (5) funcionalidade social em que o autor observa que, ao longo de cada temporada, os personagens demonstram avanços em sua integração social.

19. A jornada pela identidade e autonomia em “Atypical” e as representações do TEA: Alves e Gambaro (2023), através da análise de conteúdo, discutiram os principais estereótipos construídos nas quatro temporadas da série *Atypical* (2017). Neste sentido, somente a categoria (5) funcionalidade social foi destaque no resultado do estudo, onde observaram a transição de um autista em condições de dependência familiar para a representação de um autista independente que conquistou espaço na sociedade convencional, alcançando autonomia dentro de seus próprios limites.

20. Representação do autismo no cinema: Análise do filme *Please Stand By* : Santos, C. e Mattos (2023) observando a partir da análise do discurso, a representação do TEA no filme *Please Stand By* (2017), na personagem Wendy. Este artigo chegou a quatro categorias predominantes: a (2) disfuncionalidade social, expressa na dificuldade da personagem Wendy em compreender e expressar emoções de maneira convencional, às vezes, ficando escondida no quarto da instituição em que morava; a (3) disfuncionalidade física, que surge na sensibilidade da protagonista a sons, como barulho de aspirador, cachorro latindo, motos e feira lotada; a personagem passa muito tempo com um abafador de ruído nas cenas; a (4) posse de talento excepcional, representada no filme com uma memória extraordinária; e a (5) funcionalidade social, que é vista logo no início do filme quando Wendy está determinada a conquistar o sonho de participar de um concurso de roteiros cinematográficos, superando suas próprias dificuldades sociais.

21. Pessoas com TEA nos discursos fílmicos: Pieczkowski (2023) investigou o filme *Loucos de amor* (2005) pela análise do discurso foucaultiana, observando a representação do personagem com síndrome de Asperger, Donald, responsável por um grupo de autistas que são considerados família do protagonista. O estudo enalteceu a categoria (4) posse de talentos excepcionais, observada não somente no protagonista Donald, mas também nos coadjuvantes da trama.

22. Neurowashing: A construção do autismo midiático através de análises de séries de ficção: Rossato (2023) investigou a representação do TEA em três personagens: Sam Gardner de *Atypical* (2017), Quinni de *Heartbreak High* (2022) e Shaun Murphy de *The good doctor* (2017), por meio da análise de conteúdo, delimitando as características do TEA. Os resultados sinalizaram três categorias: a (1) disfuncionalidade psico/emocional, a (2) disfuncionalidade social e a (4) posse de talentos excepcionais.

23. O autismo e as limitações sociais: representações cinematográficas nos filmes “As vantagens de ser invisível” (2012) e “Meu Filho, Meu Mundo” (1979): Aprile e Galego (2023) examinaram a representação das características do autismo infantil nos filmes utilizando a abordagem da semiótica. A análise construiu um roteiro de cinco cenas decupadas de cada filme, observando o ângulo e movimento da câmera, bem como as características dos personagens. Os resultados apresentados nos fizeram identificar quatro categorias: (1) disfuncionalidade psico/emocional, (2) disfuncionalidade social, (3) disfuncionalidade física e (5) funcionalidade social.

Em suma, pudemos observar nos trabalhos analisados que a maioria dos estudos se utilizam das técnicas de análise de conteúdo para avaliar os personagens (12 pesquisas), bem como estudos bibliográficos (5 pesquisas) em que referenciais teóricos são utilizados para interpretar os personagens. Também há análises de discurso (3 pesquisas), análises semióticas (2 pesquisas) e análise fílmica (1 pesquisa).

Estas abordagens concentraram-se em um recorte restrito de conteúdos e temporadas, episódios ou cenas de filmes ou séries, que na sua maioria se sobrepuseram, principalmente as séries *The good doctor* (2017) e *Atypical* (2017) que normalmente analisaram o episódio piloto ou a primeira temporada. Somente uma dissertação analisou as quatro temporadas de *Atypical* (2017) com foco na sexualidade e dois artigos que analisaram a independência social do personagem. No âmbito geral, resultaram em descobertas parciais relatadas aqui nas categorias interpretadas por nós.

Embora tais resultados se mostrem enviesados pela sobreposição de conteúdos analisados, a primeira categoria de maior destaque (mais frequentemente mencionada, ainda que com termos muitos distintos) foi a categoria (2) disfuncionalidade social, com 18 trabalhos acadêmicos a mencionando. Convívio social restrito, dificuldades de comunicação com terceiros e comportamentos sociais inadequados foram descritos nos personagens Sam de *Atypical* (2017), Raymond do filme *Rain Man* (1988), Sheldon Cooper de *The Big Bang Theory* (2007) e Shaun Murphy de *The good doctor* (2017).

A segunda categoria foi a (5) funcionalidade social, com 14 trabalhos acadêmicos a demarcando, sendo observada em personagens de materiais audiovisuais distribuídos sobretudo a partir do ano 2000. Os personagens retratados foram submetidos a tratamentos intensivos, conseguindo se adaptar e superar seus próprios limites. A representação dos personagens destaca sujeitos que conseguem desenvolver habilidades sociais de bom convívio, inserção no mercado de trabalho, conhecimento da sua própria sexualidade e compreensão íntegra da sua identidade como autista. Sam Gardner, de *Atypical* (2017), foi o personagem que mais apareceu nas análises.

Na terceira colocação ficaram as categorias (3) disfuncionalidade física e (4) posse de talentos excepcionais, observadas em 11 trabalhos acadêmicos. A disfuncionalidade física ilustrada pelos estudos observaram personagens estereotipados com hipersensibilidade à luz, sons, toques físicos e movimentos motores repetitivos. Por conta disso, os personagens criavam estratégias de manutenção do seu bem-estar utilizando objetos como fones de ouvido, costumavam carregar um objeto nas mãos, movimentando-o de forma repetitiva, vestiam roupas bem características, como moletons ou camisetas longas, como forma de evitar contato físico. Quanto à categoria (4) posse de talentos excepcionais, ela estava representada diretamente à inteligência acima da média, em que os personagens eram representados com algum talento extraordinário nas produções audiovisuais. Aqui os estudos observaram destaque para as áreas de matemática, informática, biologia e astronomia.

A (1) disfuncionalidade psico/emocional, foi a menos mencionada, constando em sete trabalhos acadêmicos. A categoria sintetizava uma inabilidade de gerenciamento de situações consideradas estressantes, em que as respostas comportamentais relativas a qualquer gatilho de estresse produziam nos personagens movimentos e comportamentos descontrolados, como autolesão, agressividade, gemidos e gritos.

A representação estereotipada de personagens com (2) disfuncionalidade social foi predominante nas narrativas. Embora a categoria antagonista, (5) funcionalidade social, tenha surgido de modo significativo, esta não recebeu tanto destaque quanto a primeira, mostrando para nós que, a par da diversificação das versões sobre o sujeito com TEA, as suas disfunções comportamentais são enfatizadas.

As outras categorias, (1) disfuncionalidade psico/emocional e (3) física, em contrapartida da (4) posse de talentos excepcionais, se mostraram equilibradamente nos estudos avaliados. Apesar de serem paradoxos, elas surgiram de forma compensada, destacando a ideia de que, apesar das disfuncionalidades psico/emocional e física, os autistas são capazes, ao seu modo, de possuir grandes habilidades, ou ainda que, como todas as pessoas, temos sempre um talento útil à sociedade. A (4) posse de talentos excepcionais prevaleceu nas narrativas das séries de TV e filmes. Aqui, notamos um recorte temporal da sua representação: enquanto os autistas eram vistos como pessoas portadoras de deficiência mental ou “idiotas,” a partir dos anos 90 essa representação mudou de direção, dando destaque para pessoas com talentos admiráveis (Chamak, 2015).

No geral, na análise dos 23 materiais, podemos afirmar que a narrativa predominante que descreve o autista é aquela que enfatiza as disfuncionalidades. Embora algumas análises de obras audiovisuais, principalmente aquelas produzidas nos anos 2000, tenham reconhecido representações mais funcionais e inclusivas, a imagem estereotipada das disfuncionalidades ainda é destaque. Isso indica que, apesar dos esforços para uma representação mais diversa, ainda verificamos uma tendência ao reforço de uma imagem do autista que é disfuncional à nossa sociedade. A par desse indicativo, lembramos que nossos apontamentos não são conclusivos, pois a amostra não é regular para a totalidade ou quase totalidade das obras que já representaram o autista no país e no mundo. Portanto, nosso estudo, embora pertinente, não pode comprovar a tendência aqui verificada.

CAPÍTULO 3: CAMINHOS DA FICÇÃO VS REALIDADE: O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS.

A representação das deficiências nas mídias não é neutra; ela é atravessada por construções sociais e culturais que podem tanto reforçar estigmas quanto promover a inclusão. Segundo Goffman (1988), o estigma social atua como um mecanismo de desvalorização, diminuindo a identidade dos sujeitos que não se enquadram nos padrões normativos. Complementarmente, Oliver (1990) propõe que a deficiência não reside nos indivíduos, mas nas barreiras impostas pela sociedade, enfatizando a importância da transformação social para a verdadeira inclusão.

Um estudo realizado por Chamak (2015) demonstrou que entre séculos XX e XXI, as representações de pessoas autistas na mídia concentraram-se em dois perfis predominantes: o indivíduo com deficiência mental e ausência de linguagem verbal e o sujeito com habilidades extraordinárias, associado à genialidade e com poucas habilidades sociais.

De acordo com o autor, em um período em que o autismo era associado a doenças crônicas ou à psicose, as produções cinematográficas costumavam retratar indivíduos autistas como pessoas sem linguagem verbal, voltando sua atenção, sobretudo, aos cuidadores. Um exemplo é a abordagem do filme *O Garoto Selvagem (L'enfant sauvage)*, de François Truffaut, lançado em 1969. Na década de 1970, destaca-se também *Ce gamin-là* (1975), de Renaud Victor, que documenta a experiência de Fernand Deligny com o jovem autista Janmari. Deligny, ex-professor, decidiu atuar com crianças rotuladas como “problemáticas”, rejeitando práticas pedagógicas tradicionais. Nos anos 1960, estabeleceu uma convivência com jovens autistas na região das *Cévennes*, e o filme retrata justamente essa vida comunitária, influenciando posteriormente propostas pedagógicas alternativas (Chamak, 2015).

Com o passar dos anos, observa-se um aumento na presença de personagens com síndrome de Asperger em filmes e séries televisivas. Um exemplo é o longa *Temple Grandin* (2010), conta a história de uma mulher autista com capacidades extraordinárias, que revolucionou as práticas de manejo de animais em fazendas e abatedouros. Sua trajetória teve grande impacto nas mudanças de representação do autismo e inspirou o filme, dirigido por Mick Jackson (Chamak, 2015).

No contexto brasileiro, é possível identificar uma sutil evolução na representação do TEA no decorrer das décadas. Nos anos 2000, as novelas passaram a incorporar representações mais sensíveis e inclusivas. Em *Amor à Vida* (2013), por exemplo, foi introduzida uma personagem com autismo, Linda, retratada com dificuldades de socialização e comunicação.

A novela juvenil, *Malhação*, em suas temporadas *Viva a Diferença* (2017) e *Vidas Brasileiras* (2018), expandiram esse retrato ao explorar os desafios enfrentados por jovens autistas no ambiente escolar, mostrando a importância do apoio de professores, amigos e familiares. Em 2019, a série infantil *Eu sou Aut*s apresentou uma abordagem lúdica e educativa sobre o tema (Lopes, 2014; Felix, 2019).

Já na década de 2020, observa-se uma maior complexidade emocional nas representações. Séries como *Sob Pressão* (2021) aprofundaram as discussões sobre o impacto emocional e psicológico do autismo, abordando temas como o diagnóstico tardio, a sobrecarga sensorial e a importância de ambientes adaptados. Os personagens retratados nesse período enfrentam desafios de socialização, comunicação e interação com o ambiente, o que reforça a necessidade de uma abordagem terapêutica individualizada e de políticas públicas inclusivas.

Nas redes sociais, perfis como o de *Autismo na Prática* no Instagram compartilham dicas, informações e relatos sobre o autismo. A página *Autism Spectrum Disorders* no Facebook divulga artigos e informações sobre o espectro autista. Além disso, o perfil *A Menina Neurodiversa* no Instagram e blog compartilha experiências pessoais e informações sobre autismo, promovendo, ao seu modo, conscientização e inclusão.

No panorama internacional, o início dos anos 2000 foi marcado por representações estereotipadas de indivíduos autistas como gênios excêntricos, exemplificados pelos personagens Spencer Reid, em *Criminal Minds* (2005) e Sheldon Cooper, em *The Big Bang Theory* (2007). Embora essas séries não explicitem o diagnóstico de autismo, sugerem traços associados, enfatizando habilidades intelectuais extraordinárias enquanto minimizam as dificuldades sociais e os desafios cotidianos enfrentados por pessoas autistas. Frequentemente, essas representações são construídas em tom cômico ou retratam os personagens como figuras estranhas. (Acedo *et al.* 2022).

A partir de 2010, ocorre uma mudança na representação do autismo, com maior diversidade e foco em contextos familiares, escolares e comunitários. Séries como *Parenthood* (2010) e *Yellow Peppers* (2010) retratam com realismo os desafios enfrentados por famílias no

processo de inclusão social e educacional de crianças autistas. Outras, como *The Bridge* (2013), *On the Spectrum* (2018) e *The A Word* (2016), contribuem para uma compreensão mais empática e humanizada do TEA, enfatizando a importância da aceitação e da convivência com a diferença (Lacerda, 2017).

Na década de 2020, observa-se uma expansão dessas representações, agora com diagnósticos explícitos e foco na independência e inclusão social dos personagens autistas. Produções como *The good doctor* (2017), *Atypical* (2017), *Young Sheldon* (2017), *Uma Advogada Extraordinária* (2022), *Heartbreak High* (2022) e *As We See It* (2022) exploram aspectos como autonomia, habilidades profissionais, afetividade e superação de preconceitos. Nessas narrativas, os personagens são retratados como indivíduos talentosos e competentes, que, apesar de enfrentarem desafios de aceitação e barreiras sociais, buscam seu espaço em ambientes educacionais e profissionais (Rosa, A.; Rosa, L. 2020).

Essas representações oriundas de diferentes países como Estados Unidos, Reino Unido, Israel, Coreia do Sul, Brasil, Turquia e Austrália, revelam um movimento global em direção a mais diversidade no espectro autista nas mídias. Ao apresentarem o TEA em suas múltiplas facetas — da infância à vida adulta, do contexto familiar ao ambiente de trabalho —, as produções audiovisuais, por exemplo, contribuem para ampliar o debate sobre inclusão, acessibilidade e cidadania para pessoas autistas.

No entanto, o espectro do autismo é mais amplo e diverso, não podendo ser reduzido apenas à manifestação de sintomas padrões para todos os autistas. Essa simplificação ignora a complexidade das experiências vividas por pessoas autistas em diferentes níveis de funcionamento, contextos sociais e fases da vida.

Segundo DSM- 5 o TEA é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits na comunicação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos, com início geralmente antes dos três anos de idade. Sendo uma condição ampla e heterogênea, manifestando-se de formas diversas em termos de intensidade e funcionalidade (DSM-5, 2014; Gaiato, 2018).

O manejo do TEA é multidisciplinar, englobando intervenções comportamentais, educacionais e, em alguns casos, farmacológicas. Para exemplificar, podemos citar a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma intervenção comportamental amplamente utilizada

para aprimorar habilidades sociais, comunicativas e adaptativas. A ABA foca em reforçar comportamentos positivos e reduzir comportamentos indesejados através de técnicas baseadas na teoria da aprendizagem (Brito, A. *et al.* 2023).

O diagnóstico e o tratamento do TEA são complexos e individualizados. O DSM-5 e a CID-11 definem três níveis de suporte: leve, moderado e severo. Indivíduos com suporte leve podem desenvolver autonomia funcional; já aqueles com maior necessidade de suporte enfrentam barreiras na comunicação e interação social (DSM-5, 2014; Kerches, 2022).

Tabela 3: Níveis de suporte do TEA.

Níveis	Comunicação e interação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 1 (exigindo apoio)	Linguagem relativamente boa, mas com pequenas falhas. Dificuldade em compreender metáforas, manter ou iniciar conversas.	Pouca dificuldade em trocar de tarefas. Preferem rotina estável, mudanças causam pequenos problemas.
Nível 2 (exigindo apoio substancial)	Frases simples, interação limitada a interesses específicos, possível ecolalia.	Dificuldade moderada com mudanças, sofrimento a alterações. Comportamentos mais expressivos e inflexibilidade.
Nível 3 (exigindo apoio muito substancial)	Comunicação mínima ou ausente, fala ininteligível, interação possivelmente agressiva.	Grandes dificuldades no comportamento, necessitam de apoio diário para tarefas básicas. Deficiência intelectual comum.

Fonte: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) de 2014. Adaptada pelas autoras.

Há indivíduos que vivem de forma autônoma; a depender do nível, aqueles que se enquadram no estado leve e moderado são os mais propensos a padrões comportamentais funcionais. Já outros, identificados no nível grave, não apresentam autonomia e necessitam de suporte familiar contínuo. Estudos indicam que mesmo entre aqueles com alto funcionamento ou inteligência acima da média apresentam algumas habilidades irregulares, especialmente em termos motores e de interação socioemocional. Eles possuem um desempenho melhor em tarefas que envolvem processos perceptíveis, como memorização ou atividades mecânicas, mas enfrentam dificuldades no imprevisto e em situações que exigem interpretação literal ou imaginação (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2014).

Atualmente, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), estima-se que 1 em cada 100 crianças esteja no espectro autista, com variações por país. Nos EUA, o *Centrs for Disease Control and Prevention* (CDC, 2023) identificou a prevalência de 1 em cada 36 crianças. No Brasil, estima-se que cerca de 2,4 milhões de brasileiros foram diagnosticados com TEA, segundo dados do IBGE (2025). Sendo 1,5 % do gênero masculino e 0,9% feminino com prevalência de faixa etária em torno de 05 a 14 anos (IBGE, 2025).

De acordo com Muotri (*apud* Paiva, 2023, p.24) neurocientista brasileiro e professor da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia em San Diego (EUA) explica que esse aumento não é atribuído a fatores biológicos, mas sim à melhoria nos métodos diagnósticos e à maior conscientização sobre o autismo. O neurocientista afirma que o autismo tem aparecido mais e está mais conhecido, uma realidade que se acredita ser comum a todos os países do mundo.

Numa pesquisa conduzida em 2015 e divulgada na revista "Interface - Comunicação, Saúde e Educação" da Universidade Estadual Paulista (Unesp), foi revelado que, entre os anos 2000 e 2012, o número de reportagens sobre o TEA aumentou, passando de 9 para 95 matérias jornalísticas (Ethur, 2020).

Esses dados nos conduzem à reflexão sobre como o autismo é vivido e representado em diferentes países, especialmente nas três nações foco deste estudo. A realidade vivenciada pelas pessoas autistas nos três países em que se passam as séries selecionadas. Observamos barreiras culturais e socioeconômicas para o diagnóstico e a inclusão de pessoas autistas tanto nos Estados Unidos, onde vive Sam (em *Atypical*); como na Coreia do Sul onde reside Woo (em *Uma Advogada Extraordinária*); e no Brasil, país de Autis (em *Eu Sou Autis*).

Nos Estados Unidos, embora haja um alto nível de conscientização sobre o autismo e importantes avanços. Questões culturais e raciais ainda afetam o acesso ao diagnóstico e ao tratamento. Os fatores como renda familiar, nível educacional dos pais e acesso ao sistema de saúde influenciam diretamente o tempo e a qualidade do diagnóstico. Como destaca o próprio DSM-5 (2014), “fatores culturais e socioeconômicos podem influenciar a idade de identificação ou de diagnóstico; por exemplo, nos Estados Unidos, pode ocorrer diagnóstico tardio ou subdiagnóstico de transtorno do espectro autista entre crianças afro-americanas” (DSM-5, 2014, p. 57).

Segundo Grinker (2010) na Coreia do Sul, o TEA ainda enfrenta um alto nível de estigmatização, o que influencia tanto o diagnóstico quanto a visibilidade pública do autismo. O ambiente cultural exerce uma pressão intensa por desempenho acadêmico e comportamentos socialmente adequados, tornando os sinais do TEA menos tolerados socialmente. Como consequência, muitos pais evitam buscar diagnóstico formal por medo de estigma e exclusão social, o que pode comprometer o futuro da criança.

Na sociedade sul-coreana, o autismo ainda é cercado por sentimentos de vergonha social, o que leva à ocultação das pessoas autistas, restringindo seu acesso a tratamentos adequados e

dificultando sua inserção na vida comunitária. Tal cenário revela um paradoxo: embora a cultura local imponha elevados padrões de exigência em relação ao sucesso acadêmico das crianças, o país não desenvolveu programas educacionais específicos para atender às demandas de crianças com desenvolvimento atípico. (Grinker, 2010).

A intensa industrialização do país desempenhou um ponto central nesse processo, uma vez que a ênfase empresarial na eficiência e na produção em larga escala contribuiu para a percepção das pessoas com deficiência como improdutivas e inaptas, resultando em sua exclusão do mercado de trabalho. Entretanto, avanços tenham sido observados nas últimas décadas, observa-se na Coreia do Sul o surgimento de novos modelos de emprego sustentável destinados a pessoas com deficiência, especialmente àquelas com deficiências do desenvolvimento, como a deficiência intelectual, o transtorno do espectro autista e o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (Shin; Kim Hyunjang; Kim Haeun, 2024).

No Brasil, as questões estruturais e culturais se manifestam de forma complexa. A desigualdade no acesso ao sistema de saúde, sobretudo em regiões periféricas e interioranas, compromete o diagnóstico precoce. Em muitos casos, o diagnóstico é mais comum entre famílias de classe média e alta que possuem acesso a serviços privados e especialistas.

A inclusão de pessoas autistas enfrenta desafios relacionados ao preconceito, desinformação e falta de suporte adequado, impactando sua participação plena na sociedade. No Brasil, avanços legislativos como a Lei 7.853/1989, a LOAS (1993), a Lei Berenice Piana (2012), a Lei Brasileira de Inclusão (2015), a Lei Romeo Mion (2020) e a Lei do Cordão de Girassol (2023) foram implementados para garantir direitos em áreas como saúde, educação, transporte e trabalho. Programas de empregabilidade e campanhas como o “Abril Azul” também visam a conscientização e inclusão (Tibyriça, 2018; Britar, 2024;)

Apesar disso, persistem obstáculos como a insuficiência de formação de professores, falta de estrutura nas escolas e serviços de saúde sobrecarregados, além da dificuldade na efetivação na prática das leis. Centros como os CAPS e associações como a AMA são fundamentais, mas enfrentam limitações (Britar, 2024; Santos, A., 2019).

Todos os três países lidam com obstáculos culturais e socioeconômicos que dificultam o diagnóstico e a inclusão de pessoas autistas, mas esses desafios se manifestem de maneiras distintas: nos Estados Unidos, o foco está em reduzir desigualdades dentro de um sistema já

desenvolvido; na Coreia do Sul, a principal dificuldade é enfrentar o estigma social enraizado; e no Brasil, a prioridade é ampliar o acesso a serviços essenciais e aprimorar a capacitação profissional voltada ao diagnóstico e suporte.

Sendo assim, o *corpus* desta pesquisa propôs analisar a representação do autismo em três séries dos respectivos países: uma no Estados Unidos, outra na Coreia do Sul e Brasil que, embora ambientadas em economias e culturas distintas, ainda enfrentam barreiras na abordagem do tema.

A análise dessas produções audiovisuais permite compreender como elas podem não apenas refletir seus contextos socioculturais, mas também influenciá-los, seja ao reforçar estigmas, seja ao contribuir para transformações sociais por meio de narrativas mais inclusivas e informativas. Esse potencial se torna ainda mais relevante quando observamos o sucesso que essas produções, originadas em países como os Estados Unidos e a Coreia do Sul, alcançam no Brasil, indicando seu poder de circulação global e de ressignificação cultural em diferentes contextos. Nesse sentido, as séries selecionadas para este estudo — *Atypical* (2017, EUA), *Eu Sou Aut* (2019, Brasil) e *Uma Advogada Extraordinária* (2022, Coreia do Sul) — exemplificam distintas abordagens narrativas sobre o TEA em diferentes realidades socioculturais.

3.1 QUEM SÃO OS PERSONAGENS AUTISTAS DO ESTUDO?

Em *Atypical*, acompanhamos a vida de Sam Gardner, um adolescente autista de 18 anos que enfrenta os desafios típicos da adolescência, como amizades, romance e a busca por independência. A série aborda temas como sexualidade, dinâmica familiar e transições para a vida adulta, inserindo tudo isso em uma visão abrangente do autismo (Santos *et al.* 2020). A trama explora o desejo de Sam por independência, seu esforço para encontrar uma namorada e o impacto de sua jornada social. As características do autismo Sam são:

Tabela 4: Característica do autismo de Sam.

Características	Descrições
Nível de autismo	Nível 1 (Alta Funcionalidade).
Características	Dificuldades com interação social e comunicação, interesses restritos (particularmente em pinguins).
Descoberto na infância	Sim
Acompanhamento com especialistas ou	Sim, acompanhamento com terapeuta (sessões com a Dra. Julia Sasaki) e apoio familiar contínuo e grupos.

participação em grupos de apoio.	
----------------------------------	--

Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos artigos científicos Balduino; Mendes (2020); Macedo; Coelho (2022) e Cruz (2021).

Criada por Robia Rashid para a *Netflix*, *Atypical* estreou mundialmente em 11 de agosto de 2017 e foi bem recebida tanto pela crítica quanto pelo público. A série alcançou uma audiência marcante em vários países, incluindo o Brasil, onde foi assistida e debatida nas redes sociais, no meio acadêmico e em fóruns dedicados ao autismo e à inclusão. No *Metacritic*⁵ (2017), a primeira temporada obteve uma pontuação de 66, com base em 20 críticas, indicando críticas geralmente favoráveis. No *Rotten Tomatoes* (2017), a série alcançou uma taxa de aprovação de 79%, refletindo a apreciação positiva do público e dos críticos. Estes índices evidenciam a eficácia da série em abordar temas relacionados ao autismo, conquistando um lugar de destaque entre as produções do gênero.

No Brasil, a série foi discutida em publicações acadêmicas e redes sociais, destacando seu impacto cultural e social. Refletindo essa popularidade, a crítica de televisão Kogut⁶ comentou: “Uma das mais encantadoras produções em cartaz no *streaming*, *Atypical* chegou à quarta e última temporada e segue merecendo toda a sua atenção. São dez episódios de meia hora que o espectador devora num instante, mas que ficam ecoando por muitos dias depois disso” (Kogut, 2021).

Para Naddeo (2021), “a segunda e a terceira temporada da série foram ainda mais bem recebidas do que a primeira, uma vez que trouxeram (...) outros personagens com autismo e outras características presentes em pessoas dentro do espectro, indo além do que estava sendo mostrado na primeira temporada”. Cruz (2021) diz que logo no início da série, numa pequena fala, a série já demonstrar para que veio, trazer um impacto da percepção social sobre o autismo na sua constituição como sujeito.

Em termos de penetração junto às audiências da série, o site IMDB (*Internet Movie Database*) que classifica e avalia filmes e seriados, *Atypical* possui uma nota de 8.3/10,

⁵ Metacritic é um site que agrega críticas de filmes, programas de TV, jogos e música. Ele compila resenhas de críticos profissionais e as converte em uma pontuação média em uma escala de 0 a 100. Cada produto cultural recebe uma pontuação baseada na média ponderada das críticas publicadas, fornecendo uma visão geral da recepção crítica. As pontuações são categorizadas em três cores: verde (críticas favoráveis), amarelo (críticas mistas) e vermelho (críticas desfavoráveis). Isso ajuda os consumidores a ter uma ideia rápida da qualidade percebida de um produto antes de decidirem assistir, jogar ou ouvir. (Wikipedia, 2024).

⁶ O nome de Patrícia Kogut é referência em crítica televisiva. Desde os anos 1990, dedica-se exclusivamente ao assunto no jornal *O Globo* e se consolidou como uma das mais respeitadas profissionais do país (Memória Globo, 2023).

considerada alta para os padrões do site. No *Rotten Tomatoes*⁷, a série tem 86% de aprovação, indicando uma recepção positiva. Segundo a plataforma em que é exibida, *Netflix*, no ano de seu lançamento, *Atypical* esteve entre as dez séries mais assistidas pelos brasileiros. A série ganhou grande visibilidade e recebeu muitas críticas positivas, promovendo discussões relevantes entre o público durante as quatro temporadas de 38 episódios.

Em *Eu sou Aut* (2019) narra as vivências de uma criança de seis anos que, por meio de situações lúdicas, explora um universo no qual as diferenças são apresentadas como oportunidades de aprendizagem. A partir de situações cotidianas, a narrativa busca promover valores como o respeito à diversidade, a inclusão social e a amizade, sensibilizando públicos infantis e adultos para a compreensão do TEA.

A série animada é uma produção brasileira que aborda o autismo de maneira lúdica e inclusiva, direcionada a crianças, famílias e educadores. Idealizada por Renato Barreto e Fernanda Barreto, a obra foi inspirada em seu filho Artur, diagnosticado com TEA. Além de servir como referência para a construção do personagem principal, Artur participa ativamente do projeto, atuando como dublador do protagonista e contribuindo para o desenvolvimento criativo da série. As características do autismo de Aut são:

Tabela 5: Característica do autismo de Aut.

Características	Descrições
Nível de autismo	Não citada na série.
Características	Na comunicação, normalmente utiliza palavras soltas ou gestos. Apresenta comportamentos repetitivos e padronizados e sua interação social é construída com os seus amigos Ana e Davi.
Descoberto na infância	Não citada na série.
Acompanhamento com especialistas ou participação em grupos de apoio.	Não citada na série.

Fonte: Elaborada pelas autoras após a análise.

Os 26 episódios da série encontram-se disponíveis gratuitamente no canal oficial do projeto na plataforma *YouTube*, contando com recursos de acessibilidade. Adicionalmente, a produção foi exibida pela TVE Bahia e incorporada ao catálogo do aplicativo *PlayKids*, o que contribuiu para a ampliação de seu alcance a diferentes plataformas e públicos. Além do seriado, ele também foi expandido para jogos educativos. Embora sua repercussão junto ao

⁷Há mais de 20 anos no ar, o *Rotten Tomatoes* se destaca pelas críticas de filmes e séries. Cada produção possui uma página dedicada a filmes e séries, onde a equipe do site reúne resenhas de diversas partes do mundo.

público tenha sido menor em comparação às duas outras séries analisadas neste trabalho, consideramos relevante incluí-la na pesquisa por se tratar da única produção nacional a trazer um personagem autista como figura central da narrativa, o que representa um avanço para os estudos sobre a representação do autismo no audiovisual brasileiro.

Por último, analisamos a série coreana *Uma advogada extraordinária* que conta a vida de Woo Young-woo, uma advogada autista que se formou com honras na faculdade de direito da Universidade Nacional de Seul e conseguiu um emprego em um dos maiores escritórios de advocacia da Coreia do Sul. Apesar de sua genialidade e memória fotográfica, Woo enfrenta desafios diários devido às suas dificuldades em interações sociais. A série aborda como ela navega pelas complexidades do mundo jurídico enquanto lida com preconceitos e desafios pessoais. As características do autismo de Woo são:

Tabela 6: Característica do autismo de Woo.

Características	Descrições
Nível de autismo	Alta funcionalidade (Síndrome de Asperger).
Características	Memória excepcional, dificuldades em interações sociais, fixações específicas e sensibilidade sensorial.
Descoberto na infância	Sim
Acompanhamento com especialistas ou participação em grupos de apoio.	Sem acompanhamento.

Fonte: Elaborada pelas autoras após a análise.

A personagem Woo Young-woo, segundo críticos de TV, é retratada de maneira complexa e humana, desafiando estereótipos comuns associados ao autismo. A série também destaca pontos importantes da inclusão e da diversidade no ambiente de trabalho, possibilitando também discussões sobre acessibilidade e aceitação de pessoas neurodivergentes.

Quanto seu poder de atração das audiências, ela surge como destaque, obtendo uma recepção relevante, com altos índices de audiência. Em sua estreia no 29 de junho de 2022, atingiu uma classificação de 0,9% e continuou a crescer, atingindo 15,8% em seu episódio final. A série foi transmitida pela ENA e está disponível na plataforma de *streaming Netflix*, o que ampliou sua audiência global (Adoro Cinema, 2022).

Na *Netflix*, rapidamente ganhou popularidade, entrando no top 10 de séries mais assistidas em vários países. A série foi particularmente popular na Ásia e teve boa recepção na América Latina e outras regiões (Miyashiro, 2022).

No Brasil, desde quando ficou disponível na plataforma, 18 de julho 2022, a série também teve uma recepção positiva. Desde sua estreia na *Netflix*, entrou para o top 10 no país, atraindo uma base de fãs dedicada que discutia a série nas redes sociais (Santos, E. 2022). Segundo Leonel (2024, p. 44) “a série teve 24 milhões de telespectadores na primeira semana de exibição e atingiu um total de 77 milhões na sétima semana”. A trajetória da advogada autista é apresentada em uma temporada com 16 episódios até o momento desse estudo.

No contexto geral, essas produções não só oferecem entretenimento, mas também podem proporcionar reflexões sobre o autismo. Para o estudo da comunicação, essas séries, vindas de contextos culturais diferentes — Estados Unidos, Coreia do Sul e Brasil —, oferecem um panorama valioso sobre como diferentes sociedades abordam a inclusão, a neurodiversidade e as relações sociais de pessoas autistas.

Assim, após observarmos a evolução das representações do TEA nas produções audiovisuais e entendemos um pouco sobre o TEA, avançaremos, no próximo capítulo, para a análise dos objetos, o processo metodológico e as respostas aos questionamentos levantados.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE INDIVIDUAL DAS SÉRIES *ATYPICAL*, *EU SOU AUTS E UMA ADVOGADA EXTRAORDINÁRIA*

A análise de conteúdo é um método de pesquisa utilizada para interpretar e analisar dados qualitativos de maneira sistemática e objetiva. Originada no campo das ciências sociais, essa técnica pode ser aplicada a uma vasta gama de mídias, incluindo textos, imagens, áudio e vídeo, com o objetivo principal de identificar padrões, temas e significados dentro dos dados coletados, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre o fenômeno estudado (Ikeda; Chang, 2005).

Segundo Franco (2008, p.12) “o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. Essas mensagens refletem as representações sociais como construções mentais socialmente elaboradas, baseadas na interação entre a atividade psíquica do indivíduo e o objeto do conhecimento. Essa relação ocorre na prática social e histórica da humanidade, e se dissemina através da linguagem. Por serem formadas por processos sociocognitivos, essas representações impactam a vida cotidiana, influenciando tanto a comunicação e a expressão das mensagens quanto os comportamentos.

Nesse contexto, a análise de conteúdo baseia-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. A linguagem é entendida aqui como uma construção concreta de toda a sociedade e como expressão da existência humana, que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional estabelecido entre linguagem, pensamento e ação (Franco, 2008).

Assim sendo, a análise de conteúdo é um método de versatilidade que permite ser aplicada a uma ampla variedade de fontes de dados, como documentos, entrevistas, discursos, redes sociais, programas de televisão, entre outros. Essa versatilidade facilita que pesquisadores de diferentes áreas a utilizem conforme suas necessidades específicas. Ao organizar e categorizar os dados de maneira estruturada, facilita a identificação de padrões e a extração de resultados relevantes (Moraes, 1999).

E a depender do propósito da pesquisa, a análise de conteúdo pode ser dividida em duas categorias principais: a quantitativa, que foca na contagem e análise estatística da frequência de determinadas palavras, frases ou temas, e a qualitativa, que se concentra na interpretação dos significados e contextos dos dados, utilizando um processo mais subjetivo para entender o

conteúdo em profundidade, identificando temas e padrões que podem não ser imediatamente aparentes (Bardin, 2011; Krippendorff, 2004).

Além disso, apesar de lidar com dados qualitativos, a análise de conteúdo busca manter um nível de objetividade por meio de regras e critérios bem definidos para a codificação e interpretação dos dados, aumentando assim a confiabilidade e a validade dos resultados. Outra vantagem é a capacidade de identificar tendências e mudanças ao longo do tempo. Por exemplo, na análise de conteúdo de jornais ou mídias sociais, pode-se observar como determinados temas ou discursos evoluem e se transformam. Ela também vai além da superfície dos dados para explorar significados mais profundos e contextuais, o que é particularmente útil em pesquisas que buscam entender fenômenos sociais, culturais ou psicológicos (Moraes, 1999).

Segundo Bardin (2011) esse método pode ser utilizado em conjunto com outras, como entrevistas em profundidade e estudos de caso, enriquecendo a análise e proporcionando uma visão mais holística do fenômeno estudado. Sendo utilizada em diversas disciplinas, incluindo comunicação e mídia, para analisar representações mediáticas, discursos políticos, campanhas publicitárias e o impacto das mídias sociais; sociologia e antropologia, para estudar padrões culturais, comportamentais, bem como representações sociais. Como é o caso do nosso estudo, que busca analisar a representação do TEA em séries.

Em suma, a análise de conteúdo é relevante para o estudo da representação do TEA em séries, pois permite uma compreensão profunda e estruturada de como o autismo é retratado no audiovisual. Esse método organiza a presença ou ausência de determinados aspectos do autismo nas séries, possibilitando a identificação e análise de padrões, temas e significados presentes nas narrativas. Dessa forma, oferece percepções valiosas sobre a maneira como o TEA é apresentado ao público.

De acordo com Bardin (2011) a organização da análise do material perpassa por três etapas: 1- A pré-análise; 2- a exploração do material e 3- o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise “corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (Bardin, 2011, p.125), ou seja, nessa etapa o propósito é a organização, embora possa, por si só, ser um momento não estruturado em contraste com a exploração sistemática dos documentos e mensagens.

Essa primeira etapa é iniciada pela atividade de uma (1) leitura flutuante do material que consiste em estabelecer contato com os documentos a serem analisados e familiarizar-se com os textos e mensagens neles contidos, permitindo-se ser imerso por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas (Franco, 2008).

Para o nosso estudo, iniciamos essa etapa com um levantamento das principais séries que abordam o TEA em suas narrativas. Utilizamos sites especializados, como *Autismo em dia*, *Autismo e Realidade* e *Canal Autismo* produzidos por pedagogos, jornalistas e profissionais da saúde que tratam de uma maneira diversa sobre o tema. Bem como colunas e críticas de revistas, televisão e jornais que discutem séries televisivas, além de leituras de sinopses nas principais plataformas de *streaming* do país, como *Netflix*, *Globo Play*, *Max*, *Prime Vídeo* e *Disney+*. Esse processo foi fundamental para a seleção do *corpus* da pesquisa.

Após essa etapa, avançamos para o próximo passo, que Bardin (2011) define como (2) a escolha do documento, ou seja, o *corpus* da pesquisa. A seleção do *corpus* do nosso estudo seguiu critérios específicos após a leitura preliminar do material, identificando, *a priori*, sete séries que se destacaram para especialistas, críticos de TV e público durante a última década de 2020.

Para selecionar as séries mais relevantes para o estudo da representação do TEA nas produções da década de 2020, estabelecemos sete critérios principais: (1) Diversidade sociocultural, (2) produções das plataformas de *streaming* (sem está na Tv aberta), (3) protagonismo⁸, (4) nível de suporte⁹ (leve, moderado e grave), (5) fases da vida distintas¹⁰, (6) gêneros distintos¹¹ e (7) classe social¹².

Utilizando esses critérios, realizamos um cruzamento de informações para identificar os aspectos mais frequentes em cada categoria, priorizando um *corpus* heterogêneo para a pesquisa com diversidade social, gêneros distintos, fases da vida, classes sociais distintas e estarem 100%

⁸ Presença de personagens principais que representam o TEA.

⁹ Variação entre suporte leve, moderado e grave necessário pelos personagens autistas.

¹⁰ Diferentes etapas da vida dos personagens (infância, adolescência, idade adulta).

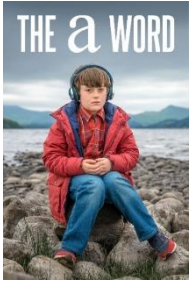
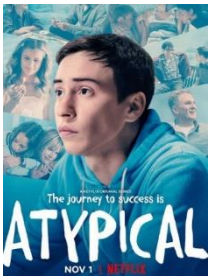

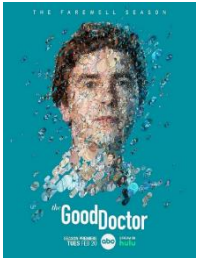
¹¹ Inclusão de diferentes gêneros (masculino, feminino, não-binário).




¹² A classificação pode ser dividida da seguinte forma: 1. **Classe A:** Alta renda e padrão de vida, geralmente inclui empresários, executivos de alto nível e profissionais liberais bem-sucedidos.

2. **Classe B:** Média-alta renda, padrão de vida confortável, incluindo profissionais qualificados, gerentes e pequenos empresários. 3. **Classe C:** Média renda, padrão de vida modesto, incluindo trabalhadores formais, técnicos e alguns profissionais liberais. 4. **Classe D:** Média-baixa renda, padrão de vida mais simples, incluindo trabalhadores informais, assalariados de baixa renda e pequenos comerciantes. 5. **Classe E:** Baixa renda, padrão de vida básico, incluindo desempregados, trabalhadores informais de baixa renda e beneficiários de programas sociais. (IBGE; ABEP, 2024)

nas plataformas *online*, sem exibição na Tv aberta. Visto que assim nos possibilita um estudo abrangente e relevante sobre a representação do TEA nas séries. As sete séries que passaram por esse processo de seleção são:

Tabela 7: Ficha técnica das séries selecionadas.

 <p>Imagem 1</p>	<p>1- Título: <i>The A Word</i>; País de Origem: Reino Unido; Ano: 2016-2020; Nível do autismo: Leve (alta funcionalidade); Protagonista: Sim Classe social: Classe Média; Gênero: Masculino. Sinopse: A série segue a vida da família Hughes, cujo filho mais novo, Joe, é diagnosticado com autismo, explorando como eles lidam com o diagnóstico e seu impacto. Temporadas: 3 Episódios: 18 Fase: Criança.</p>
 <p>Imagem 2</p>	<p>2- Título: <i>Atypical</i>; País de Origem: Estados Unidos; Ano: 2017-2021; Nível do autismo: alta funcionalidade/ nível 1; Protagonista: Sim; Classe social: Classe Média Baixa; Gênero: Masculino. Sinopse: Sam Gardner, um adolescente autista, embarca em uma jornada para encontrar amor e independência, desafiando as expectativas da sociedade e da família. Temporadas: 4 Episódios: 38 Fase: Adolescente/transição para a fase adulta.</p>
 <p>Imagem 3</p>	<p>3- Título: <i>Eu sou Autis</i>; País de Origem: Brasil; Ano: 2019; Nível do autismo: Não identificado; Protagonista: Sim; Classe social: Não identificada; Gênero: Masculino. Sinopse: A série <i>Eu Sou Autis</i> narra as vivências de uma criança de seis anos que explora um universo no qual as diferenças são apresentadas como oportunidades de aprendizagem. Temporadas: 1 Episódios: 26 Fase: Criança.</p>
 <p>Imagem 4</p>	<p>4- Título: <i>The Good Doctor</i>; País de Origem: Estados Unidos Ano: 2017-presente; Nível do autismo: alta funcionalidade/ nível 1 Protagonista: Sim; Classe social: transição de média para Classe média alta; Gênero: Masculino. Sinopse: Shaun Murphy, um jovem cirurgião autista com síndrome de Savant, luta para provar suas habilidades em um hospital renomado, enfrentando ceticismo e preconceito. Temporadas: 7 Episódios: 126 Fase: adulta.</p>

 <p>Imagem 5</p>	<p>5- Título: <i>Tudo vai ficar bem (Everything's Gonna Be Okay)</i>; País de Origem: Estados Unidos; Ano: 2020-2021 Nível do autismo: Nível Moderado/ 2; Protagonista: Não, secundário irmã do protagonista; Classe social: Classe média Gênero: feminino. Sinopse: Após a morte de seu pai, Nicholas se torna o guardião de suas duas meias-irmãs adolescentes, uma das quais é autista, enquanto eles lidam com a nova dinâmica familiar. Temporadas: 2 Episódios: 20 Fase: Pré-adolescente.</p>
 <p>Imagem 6</p>	<p>6- Título: Uma advogada extraordinária; País de Origem: Coreia do Sul Ano: 2022 Nível do autismo: alta funcionalidade/ 1 Protagonista: Sim Classe social: Classe média; Gênero: feminino. Sinopse: Woo Young-woo, uma advogada brilhante com autismo, enfrenta preconceitos e desafios no sistema jurídico da Coreia do Sul enquanto prova suas habilidades excepcionais. Temporadas: 1 Episódios: 16 Fase: adulta.</p>
 <p>Imagem 7</p>	<p>7- Título: <i>As We See It</i>; País de origem: Estados Unidos Ano: 2022; Nível do autismo: alta funcionalidade/ 1 Protagonista: Sim; Classe social: variada; Gênero: Masculino/feminino. Sinopse: Três jovens adultos autistas compartilham um apartamento e enfrentam os desafios da vida cotidiana, buscando independência e compreensão mútua. Temporadas: 1 Episódios: 8 Fase: adultos.</p>

Fonte: Plataformas de streaming: *Netflix; Prime Vídeo; Globo play.*

A partir das informações coletadas, partimos agora para o cruzamento e associação de cada série dentro dos critérios estabelecidos. Demos preferência na seleção para **diversidade sociocultural, protagonismo**, está disponível somente nas **plataformas online**. E com **nível de suporte, gênero e fases da vida** distintos. Assim, obtivemos o seguinte resultado:

1- Diversidade Cultural:

- **Estados Unidos:** *Atypical, The Good Doctor, Tudo vai ficar bem e As We See I.*
- **Brasil:** *Eu sou Auts.*
- **Coreia do sul:** *Uma Advogada extraordinária.*
- **Reino Unido:** *The A Word.*

2- Plataforma de streaming:

- *Atypical;*

- *Tudo vai ficar bem;*
- *As We See I;*
- *Eu sou Aut;*
- *Uma Advogada extraordinária.*

3- Protagonista:

- *Atypical;*
- *The Good Doctor;*
- *As We See It;*
- *Eu sou Aut;*
- *Uma Advogada Extraordinária;*
- *The A Word.*

4- Nível de suporte:

- **Leve:** *Atypical, The Good Doctor, As We See It, Uma Advogada extraordinária, The A Word.*
- **Moderado:** *Tudo vai ficar bem.*
- **Não identificado:** *Eu sou Aut.*

5- Fase da vida:

- **Criança:** *Eu sou Aut, The A Word.*
- **Adolescente:** *Atypical, Tudo vai ficar bem.*
- **Adulto:** *The Good Doctor, Uma Advogada extraordinária e As We See It.*

6- Gênero:

- **Masculino:** *The A Word, Atypical, The Good Doctor, Eu sou Aut.*
- **Feminino:** *Tudo vai ficar bem, uma advogada extraordinária.*
- **Masculino/Feminino:** *As We See It.*

7- Classe social:

- **Média Baixa:** *Atypical.*
- **Média:** *The A Word, Uma advogada extraordinária, Tudo vai ficar bem, As We See It.*
- **Média Alta:** *The Good Doctor.*

Na primeira diversidade sociocultural contempla produções oriundas de diferentes contextos nacionais, permitindo observar a maneira como o autismo é percebido e representado culturalmente. Representações dos Estados Unidos (*Atypical, The Good Doctor, Tudo vai ficar bem, As We See It*), do Brasil (*Eu Sou Aut*), da Coreia do Sul (*Uma Advogada Extraordinária*) e do Reino Unido (*The A Word*) revelam múltiplas realidades sociais e abordagens sobre o TEA.

No segundo critério foi dado prioridade a produções lançadas diretamente em plataformas de streaming, como *Atypical, Tudo vai ficar bem, As We See It, Eu Sou Aut* e *Uma Advogada Extraordinária*. Esta escolha se justifica porque as plataformas digitais representam atualmente

a principal via de circulação internacional de conteúdos audiovisuais, enquanto as séries veiculadas exclusivamente em canais abertos, como *The Good Doctor* (ABC) e *The A Word* (BBC), seguem outro modelo de distribuição e alcance.

O terceiro critério, protagonismo, seria ter como protagonista central pessoas autistas (*Atypical*, *The Good Doctor*, *As We See It*, *Eu Sou Autista*, *Uma Advogada Extraordinária*, *The a Word*). Somente a série *Tudo vai ficar bem* não tem a trama centrada num personagem autista.

No quarto critério, nível de suporte, abrange desde personagens com suporte leve (*Atypical*, *The Good Doctor*, *As We See It*, *Uma Advogada Extraordinária*, *The a Word*) até suporte moderado (*Tudo vai ficar bem*) e, no caso de *Eu Sou Autista*, o nível de suporte não explicitado. Já no nível de suporte grave não foi identificado nenhum protagonista.

O quinto critério, fase da vida, as séries selecionadas representam diferentes fases: infância (*Eu Sou Autista*, *The A Word*), adolescência (*Atypical*, *Tudo vai ficar bem*) e vida adulta (*The Good Doctor*, *Uma Advogada Extraordinária*, *As We See It*), possibilitando a análise dos desafios e das transformações sociais enfrentadas pelas pessoas autistas.

O sexto critério, gênero dos protagonistas, observamos diversidade de gênero que contempla: personagens masculinos (*The a Word*, *Atypical*, *The Good Doctor*, *Eu Sou Autista*), femininos (*Tudo vai ficar bem*, *Uma Advogada Extraordinária*) e uma produção que mescla protagonista de ambos os sexos (*As We See It*), enriquecendo a perspectiva de análise das diferenças de gênero na experiência do TEA.

O sétimo critério, **classe social** refletem realidades socioeconômicas distintas: média baixa (*Atypical*), média (*The A Word*, *Uma Advogada Extraordinária*, *Tudo vai ficar bem*, *As We See It*) e média alta (*The Good Doctor*).

4.1 A ESCOLHA DAS SÉRIES

A seleção de *Atypical*, *Uma Advogada Extraordinária* e *Eu Sou Autista* como *corpus* principal foi realizada para assegurar a variedade e a complementaridade necessárias à análise. Cada uma destas produções representa, respectivamente, um estágio da vida distintas (adolescência, vida adulta e infância), culturas distintas (Estados Unidos, Coreia do Sul e Brasil) e diferentes contextos sociais. No critério nível de suporte não foi possível encontrar uma diversidade de níveis, sendo a maioria centralizada no nível um. A única com nível moderado *Everything's Gonna Be Okay* não se encaixa no item protagonista.

Já *The Good Doctor* e *The a Word* são séries primeiramente veiculadas a canais de TV aberta (ABC e BBC, respectivamente), não atendendo integralmente ao critério de análise voltada para as produções exclusivamente lançadas em plataformas de *streaming*, que são o foco deste estudo. *Tudo vai ficar bem (Everything's Gonna Be Okay)* apresenta um contexto familiar interessante, mas a personagem autista não é protagonista, diluindo a profundidade da representação direta do TEA.

A série *As We See It*, embora extremamente relevante por mostrar um grupo de jovens adultos autistas, não foi escolhida como foco principal por ter uma estrutura narrativa coletiva, com múltiplos personagens, mas com poucos episódios para o estudo e pouca visibilidade na plataforma, o que dificultaria uma análise mais aprofundada e contínua de um único arco de desenvolvimento individual, necessária para a metodologia da pesquisa.

Portanto, a seleção final priorizou séries que atendem simultaneamente a todos os critérios estabelecidos e que oferecem histórias culturalmente distintas e representativas de fases diversas do ciclo vital, promovendo uma análise mais rica e articulada sobre o autismo nas produções audiovisuais contemporâneas. Além disso, as séries *Atypical* e *Uma advogada extraordinária* chegaram ao top 10 na *Netflix* sendo as mais assistidas em comparação com as outras e *eu sou Aut* sendo a única série nacional, é um ponto relevante para o estudo. Nesse contexto, o *corpus* definitivo do nosso estudo ficou da seguinte maneira:

Tabela 8: Quadro do *Corpus* do estudo.

Séries selecionadas	Protagonista	Nível de suporte	Fase da vida	Gênero	Classe social
1. <i>Atypical</i>	Sim	Nível 1	Adolescente	Masculino	Média baixa
2. <i>Eu sou Aut</i>	Sim	-	Criança	Masculino	-
3. <i>Uma Advogada extraordinária</i>	Sim	Nível 1	Adulto	Feminino	Média

Fonte: Elaborada pelas autoras.

As séries selecionadas para análise estão estruturadas da seguinte forma: *Atypical* apresenta quatro temporadas, totalizando 38 episódios de aproximadamente 40 minutos cada. *Eu sou Aut* tem uma temporada com 26 episódios com duração de quase um minuto e meio. *Uma Advogada Extraordinária* conta com uma temporada composta por 16 episódios, cada qual com cerca de 80 minutos.

A próxima etapa da análise, conforme Bardin (2011), foi a (2) exploração do material. Nesta fase, aplicou-se sistematicamente as decisões tomadas previamente, realizando operações de codificação, decomposição ou enumeração com base em regras estabelecidas. Trata-se da análise propriamente dita, onde as decisões da pré-análise são implementadas e os materiais são

organizados em categorias ou unidades de análise, a partir de seus conceitos centrais, construídos com base na similaridade e distância conceitual, ou na predominância de fatores, fundamentadas em critérios de análise.

A exploração do material do nosso estudo se deu pela análise a todos as cenas dos episódios das três séries exibidas nas plataformas de streaming *Netflix* para *Atypical* e *Uma Advogada Extraordinária* e *Youtube* para *Eu sou Auts*.

No entanto, a análise foi focada exclusivamente nas cenas¹³ em que os protagonistas aparecem, excluindo aquelas que envolvem particularidades da família, amigos ou terceiros fora do contexto central dos protagonistas.

Considerando quatro unidade de análise: (1) As cenas: sequências que destacam a interação dos personagens autistas ou cenas solos). (2) Os diálogos: conversas que envolvem os personagens autistas, focando em como eles se expressam. (3) Os personagens autistas: caracterização e desenvolvimento dos personagens ao longo da série. (4) As situações sociais: momentos que retratam interações sociais, desafios e superações (se houver) dos personagens.

Com a análise, iremos categorizar os aspectos da representação do autismo. As categorias de análise de conteúdo podem ser semânticas, indutivas baseadas em temas; sintáticas, focadas em verbos e adjetivos; lexicais, centradas nos significados do conteúdo; e expressivas, com ênfase em problemas de linguagem (Bardin 2011). *A priori*, além de outras que possam surgir, as categorias de análise do nosso estudo incluirão:

1. Tipos de comportamento dos personagens: Refere-se aos padrões de ações dos protagonistas como:

- Comportamentos repetitivos e estereotipados: Ações repetitivas e padrões de comportamento restritos.
- Respostas a estímulos sensoriais: Reações a sons, luzes, texturas, cheiros e gostos.
- Comportamentos adaptativos: Habilidades de adaptação a novas situações e mudanças.

2. Interações sociais abarcam as dificuldades dos personagens autistas:

¹³ As cenas foram numeradas conforme a ordem de aparição dos personagens ou de menções a eles por outros personagens. Em suma a numeração seguiu a sequência em que os personagens aparecem na obra. Ou seja, a primeira vez que um personagem aparece determina o número da cena correspondente. Mesmo que um personagem ainda não tenha aparecido fisicamente na cena, se outro personagem falar sobre ele, essa cena também é considerada relevante para análise e entra na numeração.

- Iniciativa em interações sociais: Capacidade de iniciar conversas e interações.
- Respostas a interações sociais: Como respondem a aproximações de outros.
- Relações interpessoais: Qualidade e profundidade de relacionamentos.

3. Comunicação (verbal ou não verbal):

- Forma de comunicação: Uso de fala, gestos, comunicação alternativa.
- Clareza e coerência na expressão: Capacidade de transmitir pensamentos de maneira clara.
- Barreiras e facilitadores de comunicação: Fatores que dificultam ou facilitam a comunicação.

4. Contextos: Referem-se aos ambientes e situações em que os personagens autistas operam e enfrentam desafios específicos.

- Escolar/profissional: Desempenho e interação em ambientes de trabalho ou estudo.
- Familiar: Dinâmicas familiares e apoio.
- Social: Participação e aceitação em grupos sociais.

Para a codificação e categorização desses dados utilizaremos ferramentas computacionais como o software versão paga do *Maxqda*¹⁴. E para a transcrição a versão paga do *Notte ai*¹⁵ que usa a inteligência artificial para converter a linguagem falada em texto escrito.

A análise das séries *eu sou Aut*, *Atypical*, e *Uma Advogada Extraordinária* foi aprofundada utilizando abordagens qualitativas e quantitativas para fornecer uma compreensão abrangente das representações do TEA.

Examinamos as narrativas e os contextos em que os personagens autistas estão inseridos, com atenção especial ao desenvolvimento dos personagens ao longo das tramas. Essa análise incluiu a descrição das representações, examinando como o TEA é representado em diferentes aspectos da vida dos personagens, como suas interações sociais, desafios profissionais e dinâmicas familiares. Também foi realizada a interpretação das narrativas, analisando como as histórias dos personagens autistas foram construídas e desenvolvidas, destacando temas

¹⁴ É um software utilizado para análise de dados qualitativos e métodos mistos em pesquisas acadêmicas, científicas e comerciais.

¹⁵ O *Notta AI* é uma ferramenta que serve para transcrever automaticamente vídeos em texto. Envia arquivos de áudio ou vídeo de até uma hora - ou captura fala ao vivo, além de converter o conteúdo falado em 58 idiomas. (Notta, 2014)

recorrentes e abordagens narrativas. Os contextos sociais e culturais foram avaliados para compreender como influenciam a representação do TEA.

A análise quantitativa envolverá a avaliação da frequência e distribuição das categorias de análise previamente já definidas. Foram utilizados métodos quantitativos para quantificar e visualizar os dados coletados. Essa análise incluirá a contagem da ocorrência das diferentes categorias de comportamento, interações sociais e formas de comunicação.

Essa abordagem combinada de análise qualitativa e quantitativa permitirá uma compreensão aprofundada e multifacetada das representações do TEA nas séries aqui estudadas, contribuindo para uma análise crítica e abrangente das produções audiovisuais que abordam o autismo.

Conforme recomendado por Bardin, na última etapa da análise de conteúdo, o (3) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação dos dados coletados foram essenciais para a construção de conclusões consistentes. Segundo Bardin (2011, p.131) “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Operações estatísticas simples ou complexas permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas e gráficos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise”. Este processo permitiu a identificação de padrões e percepções valiosas sobre a representação do TEA, facilitando a elaboração de recomendações e reflexões sobre a importância de retratos mais autênticos e sensíveis do autismo no audiovisual.

4.2 O AUTISMO DE SAM

O personagem Sam Gardner, da série *Atypical*, é um jovem autista de 18 anos, pertencente à classe média baixa e diagnosticado com TEA nível 1 desde os quatro anos.

Ele apresentou comportamentos que despertavam a preocupação da família, especialmente ao sair de casa. Esses comportamentos envolviam gritos intensos, gestos repetitivos, como coçar compulsivamente a nuca, e uma constante busca por isolamento. No início, os pais interpretavam tais reações apenas como birras infantis.

A percepção dos pais sobre as crises de Sam mudou durante seu aniversário de quatro anos, retratado no episódio um da primeira temporada. Na ocasião, durante os "Parabéns para Você", Sam apresentou uma crise severa. A cena lembrada pelo pai demonstra: enquanto todos cantam os parabéns, o menino começa a gritar descontroladamente e cobre os ouvidos

com as mãos, coçando compulsivamente o cabelo. A celebração festiva se transforma em um momento de tensão. Após o incidente, os familiares deixam a festa, e Sam permanece sozinho na cozinha, já calmo, mas ainda repetindo o gesto de coçar a cabeça. (*Atypical*, episódio 1, cena 1, 1ª temporada, 2017).

Esses comportamentos, observados desde sua infância, revelam-se também na adolescência, particularmente em momentos de estresse ou mudanças abruptas na rotina.

Na adolescência, Sam está em casa sentado novamente à mesa da cozinha repetindo o gesto compulsivo de coçar a nuca. Esse comportamento repetitivo reaparece em razão de uma mudança importante: a interrupção de sua ida a terapia. Após revelar sentimentos amorosos pela terapeuta, Sam precisou mudar de profissional, o que gerou grande ansiedade pela ruptura da rotina. Durante o período em que a família buscava um novo profissional, comportamentos que haviam diminuído voltaram a ocorrer com maior intensidade.

Em uma das cenas, a mãe percebe o desconforto de Sam e tenta conversar com ele para amenizar sua ansiedade. Ele, no entanto, responde de forma direta, dizendo que são quatro horas de uma segunda-feira — o horário fixo em que costumava se encontrar com sua terapeuta, Julia. A mãe explica que marcou uma nova consulta com outro profissional e tenta amenizar a situação, sugerindo que eles poderiam sair para tomar sorvete, como faziam na infância. Sam recusa a proposta e expressa seu desejo de voltar a ver Julia, mesmo reconhecendo que ela o magoou. A mãe insiste que isso não é possível e afirma que vão encontrar outro terapeuta. Frustrado, Sam demonstra resistência à mudança, dizendo que se recusa a ser atendido por “o cara da sobrancelha de lagarta que o chama de campeão”, já que não se considera campeão de nada. Ele finaliza expressando seu incômodo: que está sem ninguém para conversar e isso o deixa inquieto (*Atypical*, episódio 2, cena 4, 2ª temporada, 2017).

Essa cena revela que Sam não compartilha mais determinados assuntos com a mãe da mesma maneira que fazia durante a infância. Ele reconhece a necessidade da terapeuta em sua vida, mas não tolera modificações na sua rotina. Mostrando resistência à ideia de iniciar tratamento com outro terapeuta.

A série enfatiza a importância do suporte terapêutico contínuo e estável, mostrando que, sem encontrar um novo terapeuta com quem se identificasse, Sam passa a frequentar grupos de apoio, junto com seus pais, destacando o papel do suporte familiar e profissional no seu desenvolvimento.

Ao ingressar na faculdade, Sam inicialmente recusa os serviços de assistência estudantil, acreditando que pode lidar sozinho com os desafios acadêmicos. No entanto, ao enfrentar

dificuldades com a linguagem figurada nas aulas, ele reconhece suas limitações e decide solicitar o apoio especializado, demonstrando amadurecimento e maior autopercepção sobre suas necessidades.

A análise do personagem é feita com base nas quatro temporadas da série, considerando cenas em que Sam aparece ou é mencionado, e categorizando seus comportamentos nos eixos de interação social, comunicação e tipos de comportamento, conforme os critérios do DSM-5.

PROCEDIMENTO DA ANÁLISE DO PERSONAGEM

A categorização foi baseada na análise indutiva dos episódios, considerando comportamentos sociais e comunicativos consistentes com os critérios de diagnósticos do DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2014). Os códigos foram definidos após dois ciclos de revisão das cenas, com base na frequência e na consistência dos comportamentos apresentados por Sam.

Por exemplo, durante uma conversa com um amigo, Sam ouve uma tentativa de consolo expressa por meio de uma metáfora. O amigo compara a dificuldade de Sam em dormir fora de casa ao comportamento de animais que preferem ambientes fechados e familiares, dizendo que, ao ir para a faculdade, Sam terá que enfrentar algo como "mil noites longe de casa". Sam, no entanto, não percebe o tom figurado da fala e responde de maneira literal e analítica, corrigindo o cálculo do amigo: seriam cerca de 180 dias por ano, totalizando aproximadamente 720 noites ao longo do curso, e não mil, como havia sido dito (*Atypical*, episódio 6, cena 3, 2ª temporada, 2017).

Esse diálogo foi codificado como "Interpretação literal e lógica da linguagem verbal" porque Sam não compreendeu que o amigo estava sendo irônico com a frase "mil noites fora de casa", ele acha que o amigo realmente contou quantas noites ele ia ficar fora durante o período da faculdade. Ele reage de maneira direta e literal, o que muitas das vezes é um comportamento associado a pessoas autistas.

Esse procedimento proporcionou uma compreensão detalhada sobre como as características comportamentais, comunicativas e sociais associadas ao TEA são representadas no personagem. A partir da codificação, reagrupamos em categorias os códigos encontrados que serão apresentadas a seguir:

INTERAÇÃO SOCIAL DE SAM GARDNER

Neste tópico, identificamos os principais códigos que regem a interação social de Sam. Para uma compreensão das habilidades ou dificuldades sociais que ele tenha, a análise será feita em quatro núcleos principais de convivência: família, amigos, trabalho e escola.

No núcleo familiar, Sam mantém uma relação inicialmente mais próxima com a mãe, que funciona como sua principal confidente e referência emocional. Essa proximidade, contudo, é abalada quando ele demonstra interesse em ter uma namorada — algo que a mãe vê com apreensão. Já com o pai, a relação evolui ao longo da série: de distante, torna-se afetuosa e baseada em apoio mútuo, especialmente nos momentos de crise emocional.

A interação com a irmã reflete uma convivência típica entre irmãos, marcada por provocação, sem superproteção, mas que no fim são realmente cuidados, afeto e respeito mútuo. Principalmente por parte da irmã em tratar Sam como igual.

No núcleo de amizade, Zahid, o melhor amigo de Sam, representa sua relação de amizade mais profunda. A conexão entre os dois é construída sobre lealdade, cumplicidade e apoio incondicional. Mesmo diante de conflitos, como um afastamento temporário após um mal-entendido, Sam insiste em manter o vínculo, sinalizando empatia e compromisso afetivo — desafiando o estereótipo de que pessoas autistas não demonstram sentimentos.

No ambiente de trabalho e na escola, Sam consegue interagir e iniciar conversas com colegas e professores. Embora a mãe relate as dificuldades de Sam em interagir e sua aversão a ambientes com muitas pessoas, essas dificuldades têm uma frequência menor. Nas cenas representadas, ele geralmente se apresenta adaptado e, em alguns momentos, até satisfeito, como ao trabalhar na Tectropolis ou ao experimentar a conquista de ingressar na faculdade.

No trabalho, além da amizade com Zahid, Sam demonstra uma interação positiva com os clientes e com seu chefe. Atuando no setor de tecnologia, área em que possui grande conhecimento, ele é retratado ajudando outras pessoas com competência, o que demonstra sua habilidade de comunicação no contexto profissional.

No entanto, com sua namorada, Paige, Sam enfrenta um de seus maiores desafios de interação. Nunca tendo vivido um relacionamento amoroso, ele passa as quatro temporadas tentando compreender essa nova fase de sua vida, buscando entender seus próprios desejos, e se adaptar à convivência. Entre os desafios enfrentados, destacam-se o esforço para andar de mãos dadas — algo difícil para ele, que não gosta de contato físico —, a necessidade de reduzir suas conversas sobre pinguins e tecnologia e a tentativa de participar de atividades que agradam

a namorada. Mas, apesar dessas tentativas de adaptações, Sam às vezes tem lapsos de manter seus hábitos convencionais.

ANÁLISE INDUTIVA E CATEGORIZAÇÃO

A investigação das interações sociais de Sam foi feita por meio da análise indutiva de cenas, que inicialmente identificou 20 códigos distintos. Após refinamento, esses códigos foram reorganizados em cinco grandes categorias com base em semelhanças e recorrências.

Na análise, incluímos os diálogos, o cenário e a dinâmica das cenas com o objetivo de identificar padrões nas interações sociais de Sam. A investigação se concentra em três eixos principais de interação: (1) iniciativa em interações sociais, avaliando sua capacidade de iniciar conversas e interações; (2) respostas a interações sociais, observando como ele reage às aproximações de outros personagens; e (3) relações interpessoais, examinando a qualidade e profundidade dos seus vínculos com os demais.

Assim, a organização dos códigos em categorias mais amplas proporcionou uma compreensão mais clara e integrada dos padrões das características da representação do autismo de Sam. A seguir, apresentamos cada categoria e a descrição de cada código associado:

Tabela 9: Códigos associados a interação social de Sam.

Categorias	Códigos Associados
Categoria 1: Socialização literal e assuntos específicos. (6 códigos):	Dificuldade em perceber manipulação: limitação vista em diversas situações, particularmente em ambientes escolares e universitários. Sam demonstra uma dificuldade em identificar intenções ocultas nas interações sociais, sendo enganado por colegas que se aproximam com objetivos próprios. A ingenuidade social do personagem o torna vulnerável à exploração, levando-o a agir conforme a vontade alheia sem perceber que está sendo manipulado.
	Início de conversas com foco em um único tema de interesse: refere-se a tendência de iniciar e conduzir conversas com foco restrito a seus interesses específicos. Independentemente do tema em discussão ou do contexto social, Sam redireciona os diálogos para assuntos que domina ou pelos quais tem fascínio, como pinguins, a Antártida e tecnologia.
	Interpretação literal e lógica da linguagem verbal: enfrenta dificuldades na interpretação das mensagens implícitas. Uma de suas principais limitações é a tendência a compreender as falas de forma literal, ou seja, ao pé da letra, sem captar ironias, metáforas ou duplos sentidos.
	Interpretação literal de normas sociais: demonstra uma rigidez comportamental no cumprimento de regras, aderindo de forma estrita ao que está estabelecido verbalmente ou por escrito, e espera que os outros façam o mesmo.

	<p>Respostas diretas a interações sociais: Verbaliza o que pensa, sem considerar os efeitos sociais ou emocionais de suas palavras. Essa franqueza, por vezes interpretada como insensibilidade por interlocutores.</p>
	<p>Dificuldade em interpretar emoções no contexto: demonstra baixa percepção imediata dos estados emocionais das pessoas ao seu redor, tendo dificuldade em reconhecer expressões faciais, tons de voz ou gestos que indiquem tristeza, alegria, medo ou outras emoções.</p>
<p>Categoria 2: Práticas sociais dirigidas</p> <p>(3 códigos):</p>	<p>Planejamento prático para interações sociais: é o planejamento antecipado de interações sociais, especialmente quando se trata de situações novas ou desafiadoras. Antes de vivenciar esses momentos publicamente, ele costuma ensaiar diálogos e comportamentos com familiares ou amigos próximos, como forma de se preparar emocionalmente e cognitivamente.</p>
	<p>Estratégia lógica para enfrentar novas situações: estratégia para lidar com interações sociais, utilizando pesquisas e referências científicas para compreender ou antecipar comportamentos do cotidiano. Diante da complexidade e imprevisibilidade das relações interpessoais, ele busca segurança por meio do conhecimento teórico, muitas vezes baseando suas ações em informações retiradas de livros e estudos científicos.</p>
	<p>Expectativa de sucesso ao seguir regras: demonstra uma forte expectativa de que o sucesso em qualquer situação depende do cumprimento rigoroso de regras previamente estabelecidas. Para ele, seguir normas é uma forma de garantir estabilidade e resultados positivos.</p>
<p>Categoria 3: Dificuldade de engajamento social</p> <p>(2 códigos):</p>	<p>Dificuldade mudanças inesperadas: Mudanças imprevistas quebram a sensação de controle sobre o ambiente, provocando insegurança e, muitas vezes, uma sobrecarga sensorial e emocional. Como a saída repentina do pai de casa ou a troca de terapeuta geram nele forte desconforto emocional, podendo desencadear crises de ansiedade, frustração ou comportamentos desorganizados. E reações fortes com quebras de rituais e rotina, isso desestrutura o seu dia social.</p>
	<p>Respostas emocionais acentuadas à rejeição e críticas: quando suas ações não são aceitas ou compreendidas pelos outros. Nesses momentos, é comum que ele manifeste crises emocionais, que podem incluir comportamentos como derrubar objetos, se debater ou demonstrar agitação física intensa. Às vezes as crises o levam a isolamento social, como permanência excessiva dentro do quarto, ou se esconder em lugares inusitados.</p>
<p>Categoria 4: Socialização e Independência</p> <p>(2 códigos)</p>	<p>Autonomia e planejamento de vida: reflete seu desejo de ser aceito socialmente e de ocupar um lugar legítimo na sociedade. Esse empenho se manifesta em diversas ações concretas, como o planejamento de uma viagem à Antártica — símbolo de sua autonomia e realização pessoal — e o esforço em manter um relacionamento afetivo, ainda que enfrente desafios na esfera emocional e comunicativa. Apesar dos desafios impostos pelo autismo, ele sonha com um futuro e não abandona seus objetivos e projetos de vida. Ele não permite que o diagnóstico o limite ou o defina, seguindo com convicção seus propósitos pessoais.</p>

	<p>Adaptação e autoconfiança em contextos sociais: observa um desenvolvimento da autoconfiança e segurança, especialmente no que diz respeito à sua capacidade de alcançar objetivos pessoais e acadêmicos. Essa maior confiança é construída a partir de experiências vividas, superações de desafios cotidianos e do fortalecimento de sua rede de apoio.</p> <p>Além disso, observa-se um processo gradual de flexibilização dessas estruturas. Sam começa a desenvolver estratégias para se adaptar a mudanças e situações imprevistas, como, por exemplo, aprender a falar menos sobre seus temas de hiperfoco — como pinguins — em contextos sociais, compreendendo que manter a atenção dos outros requer equilíbrio nas interações. Além disso, ele passa a enfrentar desafios que exigem exposição social, como falar em público, habilidade que inicialmente lhe causa desconforto, mas que se torna uma conquista dentro de seu processo de amadurecimento. Outro ponto importante é o entendimento, por parte de Sam, de que regras, rotinas ou rituais — antes vistos por ele como absolutos — podem em determinadas situações ser quebrados ou adaptados.</p>
<p>Categoria 5: Conexões interpessoais</p> <p>(7 códigos):</p>	<p>Reflexão sobre o papel nas relações pessoais: Reconhecimento e análise, por parte do personagem, de seu impacto nas relações interpessoais e da forma como suas ações afetam os outros.</p>
	<p>Redefinição das relações interpessoais: ampliação dos vínculos sociais, com a formação de novas amizades e a construção de relações fora do círculo habitual, indicando desenvolvimento na socialização.</p>
	<p>Capacidade de demonstrar empatia: habilidade de demonstrar e responder às emoções e necessidades dos outros, se sensibilizando pelos sentimentos alheios.</p>
	<p>Reconhecimento e demonstração de afeto: Expressão verbal ou comportamental de carinho e valorização nas relações próximas. Em diversos momentos da série, Sam expressa, à sua maneira, o quanto Casey (irmã) é importante para ele. Um exemplo é quando ela decide mudar de escola, e Sam, mesmo com dificuldade em expressar sentimentos, tenta compreender e apoiar a decisão da irmã. Em outra cena, ele prepara uma surpresa para ela com desenhos e lembranças da infância, como forma de mostrar o quanto ela significa para ele, ainda que suas palavras sejam poucas.</p>
	<p>Consciência social e emocional: Capacidade de perceber e refletir sobre as próprias emoções e as dos outros, bem como reconhecer dinâmicas sociais e ajustar o comportamento de forma apropriada ao contexto.</p>
	<p>Reflexão sobre honestidade e mentiras: Processo de compreensão das implicações sociais e emocionais da verdade e da mentira, levando à distinção entre diferentes contextos e à avaliação ética sobre quando ser honesto ou omitir informações. Como emitir que seu amigo estava fumando maconha no trabalho quando o chefe lhe questionou sobre o assunto.</p>
	<p>Compromisso com princípios de justiça: Adoção de comportamentos pautados na equidade, no respeito às regras e na defesa do que é considerado certo, demonstrando senso moral e preocupação com o tratamento justo de si e dos outros.</p>

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Nesta segunda tabela, detalhamos a definição das categorias e exemplificamos com cenas que as representam.

Tabela 10: Contextualização das categorias da interação social de Sam.

Categorias	Definição	Exemplos
Socialização literal e assuntos específicos	Sam tenta iniciar interações, mas de maneira muito literal ou baseada em interesses específicos, sem considerar normas sociais implícitas.	<p>1º episódio / Cena 16 / 1ª temporada.</p> <p>Sam ao abordar uma cliente na loja: Sam: Laser ou jato de tinta? Ruivinha: Ah, eu não sei. Na verdade, eu não pesquisei. Sam: Bom, para a sua sorte eu adoro pesquisar e sei tudo a respeito dessas impressoras. Compre essa daqui, as outras são lixo e deviam ser incendiadas. Ruivinha: Wow, obrigada. Você me ajudou bastante. Sam: Você... gostaria de sair comigo? Foi por isso que eu vim aqui e não foi para ajudar você com as impressoras. Contexto: Sam vai atender a cliente, no entanto seu propósito é chamá-la para sair, mas inicia a aproximação de forma direta, objetiva e lógica sobre o porquê está interagindo com ela.</p>
Práticas sociais dirigidas	Envolve o ato de Sam planejar cada detalhe de suas ações para minimizar imprevistos e alcançar seus objetivos. Ele organiza sua vida por meio de listas, pesquisas para interagir, regras e estratégias bem definidas para garantir que seus objetivos sejam alcançados.	<p>5º episódio / Cena 2 / 4ª temporada.</p> <p>Sam vai o planejamento para se adaptar na viagem para Antártida:</p> <p>Sam: Como é que eu vou para Deyton se eu vou estar na Antártida? Tenho que planejar muita coisa. (Cena 1, 3º episódio, 4ª temporada)</p> <p>Sam: “Muito bem, finjam que eu sou esse carinho. Pra começar, um de vocês vai me levar ao aeroporto internacional JFK em Nova Iorque, onde eu voarei, com uma pequena parada em Buenos Aires, aqui, para Uxuaia, na Argentina. (..) “Pai, você fez um ótimo trabalho com a barraca, você tem habilidades. Preciso que me ensinem a sobreviver na natureza selvagem e a não morrer”.</p> <p>Contexto: Na casa da mãe de Sam, todos juntos na sala ouvindo Sam planejar sobre a viagem a Antártida</p>
Dificuldade de engajamento social	Sam tem dificuldades em processar mudanças inesperadas e responde com frustração quando seus planos não saem como o esperado.	<p>1º episódio/ Cena 2/ 2ª temporada</p> <p>A troca de terapeuta deixa Sam ansioso e seus tiques da infância retornam como coça a nuca e se balançar.</p>

		<p>Mãe: “Sam, filho. Sam. Tá tudo bem?”</p> <p>Sam: “É segunda e são quatro horas. Eu sempre vejo a Julia as segundas às quatro horas.”</p> <p>(Devido a um mal-entendido de Sam ao declarar estar apaixonado por sua terapeuta, seus pais decidiram trocar de especialista. Mudando a sua rotina fator que ocasionou uma pequena crise. A resposta de Sam é dada com ele coçando a nuca e se balançando)</p> <p>Contexto: Na cozinha, os pais de Sam demonstram preocupação, enquanto ele permanece sentado à mesa, com o olhar fixo no relógio.</p>
Socialização e Independência	Apesar de sua aversão a mudanças, Sam busca expandir seus horizontes, aceitando desafios que antes evitaria, e se socializando mais.	<p>9º episódio / Cena 1/ 4ª temporada</p> <p>Amigo: “Então só tem uma coisinha pra ser feita. A gente tem que dar uma festa (...).”</p> <p>Sam: “Podemos dar uma festa (...).”</p> <p>Amigo: Sêrio, normalmente você é tão contra festas.</p> <p>Sam: Dessa vez, não. Eu preciso estimular o meu hipocampo.</p> <p>Contexto: Sam não gosta de festas, mas, determinado a treinar socialização para sua viagem à Antártida, decide organizar uma festa com o melhor amigo para se acostumar com excesso de pessoas ao seu redor.</p>
Conexões interpessoais	Sam começa a reconhecer os sentimentos dos outros e a adaptar suas interações para fortalecer seus laços sociais.	<p>6º episódio/ Cena 10/ 4ª temporada</p> <p>Sam vai ao médico com o amigo, após ser diagnosticado com câncer.</p> <p>Amigo: “A médica ligou e disse que eu tenho marcadores no meu sangue. É uma enzima ou algo do tipo e isso pode ser câncer.”</p> <p>Sam: O quê? (...)</p> <p>Amigo: Bom... é melhor eu ir. sabe se é pra eu ser triste, eu prefiro ficar triste nos braços de uma enfermeira de meia idade. Aonde você vai?</p> <p>Sam: Eu vou junto com você.</p> <p>Contexto: Sam e o amigo estão em casa conversando sobre a saúde de Zarid. E o porquê Zarid vai ao médico. Sam começa ter empatia sobre a situação clínica do amigo e faz de tudo para ajudá-lo nessa hora.</p>

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A (1) “**socialização literal e assunto específico**” define o estilo de interação de Sam, que ocorre de maneira objetiva, sem o filtro social convencional. Sam tenta estabelecer conexões sociais de forma literal e baseada em seus interesses específicos, sem considerar as normas sociais implícitas.

Um exemplo ocorre no episódio um da primeira temporada, quando Sam faz um comentário direto à sua terapeuta: "Dá para ver o seu sutiã, é roxo." (*Atypical*, episódio 1, cena 1, 1ª temporada, 2017). Nesse momento, ele revela sua dificuldade em reconhecer que certos comentários podem ser inadequados ou constrangedores em determinados contextos sociais. A fala de Sam não expressa uma intenção de desrespeito, mas reflete sua percepção literal da realidade e a ausência de um filtro social que impeça a verbalização dessa observação. Essa atitude do personagem revela a dificuldade que pessoas autistas enfrentam para distinguir quais informações devem ou não ser compartilhadas de acordo com as normas sociais.

Outro traço da socialização literal de Sam aparece em sua dificuldade para modular o discurso conforme o ambiente. Essa característica fica evidente em uma cena em que ele reflete sobre sua experiência em um ônibus, sem se preocupar com a adequação do contexto. Sentado de maneira ereta, Sam sinaliza o desconforto de se encostar no banco e compartilha seus pensamentos espontaneamente: "Ônibus são legais, mas eu não gosto da sensação do banco nas minhas costas, então eu me sento assim. Eu não sei como as pessoas aguentam. Talvez elas tenham desenvolvido uma pele mais grossa nas costas de tanto andar de ônibus." (*Atypical*, episódio 1, cena 2, 1ª temporada, 2017).

Enquanto mergulha nesses pensamentos, Sam começa a sorrir sozinho exageradamente, absorvido pela própria linha de raciocínio. Sua expressão desperta olhares de estranhamento dos outros passageiros, que não compreendem o fluxo da risada e o comportamento introspectivo de Sam. Esse momento reflete a conexão profunda de Sam com seus próprios pensamentos e interesses, contrastando com sua menor percepção sobre como suas reflexões são interpretadas pelos outros.

A objetividade de Sam também é vista em suas interações no trabalho. Em uma cena na loja de eletrônicos, onde ele aborda diretamente uma cliente que procura por uma impressora: "Laser ou jato de tinta?" A cliente, surpresa com a abordagem, responde que não sabe, ao que Sam prontamente assume o controle da conversa: "Bom, para a sua sorte, eu adoro pesquisar e sei tudo a respeito dessas impressoras. Compre essa daqui, as outras são lixo e deviam ser incendiadas." (*Atypical*, episódio um, cena 16, 1ª temporada, 2017).

Apesar do tom honesto e direto, a cliente reage positivamente e agradece: "Wow, obrigada. Você me ajudou bastante." Neste momento, Sam decide revelar sua verdadeira intenção de forma direta: "Você gostaria de sair comigo? Foi por isso que eu vim aqui e não foi para ajudar você com as impressoras." (*Atypical*, episódio um, cena 16, 1ª temporada, 2017). A princípio a interação segue um fluxo convencional de um vendedor, mas posteriormente, a fala de Sam reflete sua dificuldade em entender que interações sociais geralmente seguem um

processo gradativo. Para ele, faz sentido deixar clara a intenção por trás da conversa, sem perceber que uma abordagem mais sutil poderia ser socialmente mais aceitável.

Outro aspecto dessa categoria são as decisões morais, em que Sam busca encontrar uma solução sempre lógica para resolver seus dilemas. Na aula de ética, por exemplo, quando ele participa de uma discussão sobre o clássico "dilema do trem". Sam dá uma resposta bem racional para o problema.

Diálogo 1:

Professora: “Digamos que você é um maquinista de um trem desgovernado, tá? Se for pra esquerda, mata cinco pessoas que você conhece que estão amarradas do trilho. Se for pra direita, você mata vinte pessoas que você não conhece. O que você faz?”

Sam: “Mato a cinco, porque menos mortes não é um dilema. (*Atypical*, episódio 7, cena 1, 3ª temporada, 2017).

Enquanto os outros alunos debatem as implicações emocionais e sociais da questão, considerando que pessoas próximas têm mais importância do que um grupo maior de desconhecidos. Sam conclui: "Mato a cinco, porque menos mortes não é um dilema" (*Atypical*, episódio 7, Cena 1, 3ª temporada, 2017). Sua resposta direta e objetiva mostra como ele encara decisões morais como questões lógicas, sem considerar os aspectos emocionais envolvidos.

A (2) “**prática social dirigida**” de Sam é estruturada por ações e decisões baseadas em um planejamento rígido e em raciocínio lógico. Sam busca compreender e interagir com o mundo de maneira sistemática, tratando desafios sociais e pessoais como problemas a serem resolvidos por meio de estratégias analíticas. Suas tentativas de socialização e adaptação a novos ambientes seguem um planejamento detalhado, motivado pela necessidade de prever e controlar as situações. No entanto, essa visão racional muitas vezes o leva a ignorar os aspectos subjetivos e emocionais das interações humanas.

Desde a infância, Sam demonstra a necessidade de interpretar normas sociais como um sistema lógico. Sam conclui que a melhor forma de aprender é reunir o máximo de informações possíveis e declara: "Eu examino o máximo possível de fontes" (*Atypical*, episódio 1, cena 10, 1ª temporada, 2017). Sua intenção é entender as regras sociais como um conjunto de padrões lógicos, analisando como as pessoas se comunicam e quais estratégias funcionam melhor.

Para entender os relacionamentos e a paquera, por exemplo, Sam estuda o tema da mesma forma que abordaria qualquer assunto acadêmico: por meio da observação, coleta de dados e experimentação. Esse comportamento fica evidente quando ele decide analisar como os outros alunos flertam na escola. No episódio um da primeira temporada, Sam se senta em uma escada e observa atentamente as interações ao seu redor. Ele percebe que muitos meninos adotam abordagens ousadas e grosseiras, como um aluno que tenta impressionar uma garota com a

frase: "Yo, yo, mamacita! Você veio do espaço? Porque a sua bunda é de outro mundo" (*Atypical*, episódio 1, cena 10, 1ª temporada, 2017). A partir dessa análise, Sam conclui que conquistar uma mulher requer o uso de expressões rudes e pejorativas.

Assim, as interações de Sam refletem uma abordagem estruturada e analítica para atingir seus objetivos. Sua necessidade de planejamento o ajuda a se organizar e a minimizar a imprevisibilidade do mundo ao seu redor.

A (3) “**dificuldade de engajamento social**” ocorre quando Sam enfrenta alterações inesperadas em sua rotina, ambiente ou interações sociais. Essas mudanças provocam nele grande desconforto e ansiedade. A resistência de Sam às mudanças do seu convívio social foi representada na forma como ele reage a novas situações sociais, especialmente quando elas interferem em suas rotinas.

Um exemplo desse desconforto ocorre quando Sam não consegue mudar de terapeuta. Sua primeira reação é negativa e direta: "E eu só quero voltar a me consultar com a Júlia, você não vai deixar então eu vou desistir!" (*Atypical*, episódio 1, cena 11, 2ª temporada, 2017). Para Sam, estabelecer um vínculo com uma nova terapeuta não é apenas uma questão de adaptação social, mas também um desafio à sua necessidade de estabilidade emocional que ele pensa que só tinha com a antiga terapeuta, se não fosse com ela, ele iria desistir.

Em outra cena ele conta no grupo de apoio o seu sentimento com as mudanças que estão acontecendo na sua família.

Sam: As mudanças pelas quais estou passando são a minha mãe saiu de casa, a minha irmã não estuda mais na minha escola, a minha terapeuta não quer mais me ver. Minha namorada queria um relacionamento casual, depois não queria mais nenhuma relação. E, bom, a razão pela qual as presas andam em bando é a segurança para não serem devoradas. E eu estou me sentindo como uma presa só que sem um bando. E, além disso, eu vou me formar no abismo, e isso é assustador. (*Atypical*, episódio 3, cena 12, 2ª temporada, 2017).

A aversão de Sam a mudanças também se manifesta em seu relacionamento com sua namorada. Quando ela mexe em seus pertences sem permissão, Sam reage de forma extrema para reafirmar sua autoridade sobre o próprio espaço. Em um momento de desconforto, ele tranca a namorada no armário e justifica a atitude com objetividade: "Ela estava mexendo nas minhas coisas. Então, tranquei ela aqui" (*Atypical*, episódio 5, cena 11, 1ª temporada, 2017). Embora essa reação seja socialmente inadequada, ela faz sentido dentro da lógica de Sam, que busca restaurar a ordem em seu ambiente.

Esse desconforto se repete em outra situação, quando sua namorada pega seu moletom sem avisá-lo. Para ela, o gesto simboliza carinho e proximidade, mas Sam interpreta o ato como uma invasão de seu espaço pessoal. Sua resposta é imediata e grosseira: "Esse casaco é meu!"

(*Atypical*, episódio 5, cena 7, 1ª temporada, 2017). Essa reação revela sua dificuldade em lidar com mudanças ou imprevistos que envolvem troca de objetos ou compartilhamento de pertences — aspectos comuns em relacionamentos interpessoais.

A (4) “**socialização e independência**” é representada quando ele começa a questionar sua independência e o significado de ser autônomo. Seu desejo de crescer e enfrentar desafios por conta própria o leva a tomar decisões que o afastam da dependência da família e dos amigos para socializar. No entanto, esse processo de crescimento não ocorre sem dificuldades, pois Sam precisa equilibrar sua necessidade de estrutura com a realidade de que a independência envolve aprendizado, erros e adaptação.

O primeiro passo de Sam em direção à independência ocorre quando ele expressa o desejo de abrir sua própria conta bancária. Até então, sua mãe administrava suas finanças, mesmo depois de ele começar a trabalhar, pois não gostava de frequentar as lojas ou comércio devido ao tumulto de pessoas, as luzes das lojas e o barulho dos lugares.

Quando precisava comprar algo, Sam sempre recorria à mãe. Na escola, sua irmã cuidava do dinheiro do lanche e, na ausência dela, a irmã às vezes pedia ajuda a uma colega de classe para comprar o almoço. Determinado a mudar essa dinâmica, ele decide ir ao banco com o pai para abrir uma conta e declara com convicção: "Eu não vou aprender a cuidar do meu dinheiro se eu não tiver a minha própria conta." (*Atypical*, episódio 5, cena 4, 2ª temporada, 2017). Esse momento simboliza o reconhecimento de Sam de que a autonomia financeira é um componente importante para sua vida adulta e para o desenvolvimento de sua independência.

À medida que sua vontade de independência cresce, Sam toma decisões cada vez mais precisas. Durante sua preparação para ingressar na faculdade, ele reconhece a necessidade de se tornar independente e comunica essa decisão à família: “Preciso ser independente. Então, de hoje em diante, eu gostaria que vocês parassem de me ajudar de todas as formas.” (*Atypical*, episódio 10, cena 6, 2ª temporada, 2017).

Para Sam, a independência é uma meta que exige o corte total de qualquer suporte externo. Na segunda cena do nono episódio da quarta temporada a mãe tenta na ajudá-lo na faculdade, mas ele intervém: “Não faz isso. Eu não quero que as pessoas do programa achem que eu sou um bebê” (*Atypical*, episódio 9, cena 2, 4ª temporada, 2017). Sua visão rígida da autonomia o leva a acreditar que eliminar qualquer forma de ajuda é a única maneira de provar a sociedade sua capacidade de enfrentar os desafios da vida adulta.

A determinação de Sam também se manifesta em situações cotidianas. Ele insiste em preparar seu próprio café da manhã, mesmo encontrando dificuldades. Esse comportamento

reforça seu compromisso com a independência e seu desejo de se adaptar sem depender de terceiros.

Outra demonstração de sua busca por autonomia ocorre durante o processo de inscrição na faculdade. Quando é informado de que poderia utilizar uma inscrição antecipada para pessoas com deficiência, Sam recusa a oferta e afirma: "Não precisa. Eu sou completamente preparado para a inscrição normal." (*Atypical*, episódio 1, cena 11, 1º episódio, 3ª temporada, 2017).

Essa atitude reflete sua necessidade de provar que pode enfrentar desafios acadêmicos sem assistência especial, mesmo que, em alguns casos, aceitar assistência pudesse facilitar sua adaptação ao novo ambiente.

A (5) **“conexões interpessoais”** retrata a evolução gradual de Sam na compreensão das emoções dos outros e na importância dos vínculos interpessoais. No início da primeira temporada, Sam enfrenta dificuldades para captar emoções sutis, tratando sentimentos e relacionamentos como processos objetivos, passíveis de análise lógica.

No entanto, ao longo dos episódios, Sam demonstra um amadurecimento emocional progressivo. Esse desenvolvimento fica visível no oitavo episódio da primeira temporada, quando ele reconhece que magoou sua namorada e decide pedir desculpas indo atrás do colar que ela perdeu na escola, refazendo todos os passos dela. “Eu me sinto mal por ter magoado você, e esse é o meu pedido de desculpas. Você me perdoa?” (*Atypical*, episódio 8, cena 16, 1ª temporada, 2017). Esse gesto marca o esforço de Sam para reparar o dano emocional causado por sua ação anterior, sinalizando uma maior compreensão das emoções alheias.

Sam também passa a refletir sobre o conceito de empatia, desafiando a percepção comum de que pessoas autistas não têm essa capacidade. Ele expressa essa reflexão ao afirmar: "As pessoas acham que os autistas não têm empatia, mas isso não é verdade. Às vezes, eu não sei quando alguém está chateado, mas quando eu sei, eu sinto muita empatia." (*Atypical*, episódio 8, cena 11, 1ª temporada, 2017). Essa fala revela um avanço na compreensão de suas próprias emoções e na habilidade de se conectar emocionalmente com os outros.

Um exemplo marcante de sua evolução emocional ocorre quando Sam descobre que seu melhor amigo, Zahid, foi diagnosticado com câncer. Inicialmente, Sam não percebe a gravidade da situação e permanece focado nos preparativos para sua viagem à Antártida.

No entanto, em um momento de reflexão, ele se lembra do semblante triste e preocupado de Zahid ao mencionar que não poderia cuidar de sua tartaruga, Edison, durante a viagem. Na ocasião, Sam estava tão concentrado no bem-estar do animal que ignorou completamente o estado de saúde do amigo. Confrontado com essa realidade, Sam reconhece sua falha emocional

e reflete: "Eu fui um bom dono de animal, mas não fui um bom amigo." (*Atypical*, episódio 6, cena 10, 4ª temporada, 2017). Determinado a corrigir essa falha, Sam decide se tornar mais presente na vida de Zahid. Ele passa a acompanhá-lo nas consultas médicas, demonstra preocupação com o bem-estar do amigo e até aprende a dirigir para buscá-lo após a cirurgia.

Outro ponto dessa categoria são os dilemas éticos e morais que refletem situações que exigem decisões sentimentais complexas e desafiadoras. Para Sam, seguir regras e agir corretamente é um princípio fundamental. No entanto, em algumas circunstâncias, ele se depara com dilemas que desafiam sua lógica.

Um dos dilemas vivenciados por Sam na série ocorre quando a namorada do seu melhor amigo comete uma infração, Zahid, pede que Sam minta para protegê-la, após ela roubar um objeto da loja onde eles trabalham. Diante desse pedido, Sam expressa claramente seu conflito interno, dividido entre o desejo de ser leal ao amigo e a necessidade de agir conforme os princípios morais que considera corretos.

"O Zahid quer que eu faça o favor de mentir para proteger a terrível namorada dele. Eu tenho provas de que a namorada do Zahid roubou da Techropolis, onde eu e ele trabalhamos. Mas o Zahid disse que eu não deveria entregar ela por causa das perdas, e que se eu fizer isso eu só me importo com o John J. Techropolis, que por sinal não é o nome verdadeiro dele, eu procurei" (*Atypical*, episódio 6, cena 5 a 7, 3ª temporada, 2017).

Para Sam, a mentira representa uma violação da moralidade, o que dificulta sua compreensão sobre o motivo pelo qual Zahid espera que ele ignore esse princípio. Esse momento demonstra um conflito clássico entre lealdade e ética, um dilema comum na vida de muitas pessoas. Fiel à sua adesão rígida às regras, Sam toma a difícil decisão de denunciar a namorada de Zahid pelo roubo. Para ele, a questão é clara e inegociável: "Eu não quero ficar do lado de ninguém, tudo que eu quero é seguir as regras" (*Atypical*, episódio 7, cena 4, 3ª temporada, 2017). Mesmo ciente de que essa decisão pode afetar sua amizade com Zahid, Sam mantém-se firme em seus princípios morais.

Após analisarmos as dinâmicas das interações sociais de Sam, passamos agora a detalhar suas características comunicativas. A comunicação é o meio pelo qual essas interações sociais são expressas, percebidas e interpretadas.

COMUNICAÇÃO DE SAM GARDNER

Na análise sobre a comunicação de Sam, consideramos três eixos principais. O primeiro é a forma de comunicação, que envolve o uso da fala, gestos e outros meios expressivos, incluindo a emissão de mensagens e manifestações comunicativas do personagem. O segundo refere-se à clareza e coerência na expressão, relacionada à capacidade de transmitir pensamentos de maneira compreensível, incluindo o uso de comunicação alternativa quando necessário. O terceiro aborda as barreiras e facilitadores da comunicação, que envolvem os fatores que podem dificultar ou tornar o processo comunicativo mais acessível.

Assim, na codificação desse eixo, identificamos 9 códigos que interpretam com maior precisão as manifestações comunicativas de Sam. Esses códigos foram reorganizados em duas categorias. A seguir, apresentamos a distribuição dos códigos e a descrição de cada categoria:

Tabela 11: Códigos associados da comunicação de Sam Gardner.

Categorias	Códigos Associados
Categoria 1: Comunicação clara e direta (3 códigos)	Dificuldade de interpretar metáforas, ironias e sarcasmo: limitação na compreensão de linguagem figurada e implícita, resultando em respostas diretas, sempre sinceras, claras, objetivas e muitas vezes descontextualizadas socialmente.
	Dificuldade em compreender normas sociais na comunicação: refere à dificuldade que o personagem apresenta em reconhecer e aplicar convenções sociais implícitas durante as interações comunicativas. Isso inclui regras não ditas, como esperar a vez de falar, ajustar o tom de voz ao contexto, perceber sinais de desinteresse, respeitar limites pessoais e adaptar a linguagem conforme o ambiente ou a relação com o interlocutor.
	Expressão comunicativa através de estruturas lógicas: organiza sua comunicação de maneira racional, geralmente seguindo uma sequência lógica e objetiva de pensamento. Sem expressões subjetivas, intuitivas ou afetivas — comuns em interações sociais —, a fala é baseada em fatos, dados e explicações concretas.
	Comunicação baseada em analogias científicas e biológicas: uso de comparações e referências científicas — especialmente da biologia — como forma de interpretar experiências pessoais e sociais.
	Apoio da mãe com discurso protetor: refere-se à postura da mãe de Sam, Elsa, que exerce uma grande mediação entre o filho e o mundo exterior, especialmente durante a infância e o início da adolescência. Seu discurso é fortemente protetivo, assumindo para si a responsabilidade de interpretar, filtrar e controlar o ambiente ao redor de Sam.
	Uso de recursos emocionais na infância: refere-se ao uso de ferramentas visuais e pedagógicas para auxiliar Sam, durante sua infância, na identificação, nomeação e compreensão das emoções — tanto as suas quanto

Categoria 2: Comunicação mediada (6 códigos)	as dos outros. Um dos recursos mostrados na série são cartões com rostos que expressam diferentes emoções, como tristeza, alegria, raiva e medo.
	Apoio do pai, do namorado da irmã e do amigo para compreender relacionamentos amorosos: ações das figuras masculinas ao redor de Sam — especialmente seu pai (Doug), o namorado da irmã (Evan) e seu melhor amigo (Zahid) — como mediadores sociais que o ajudam a entender os códigos, expectativas e comportamentos envolvidos nos relacionamentos amorosos.
	Apoio da terapeuta e grupo de apoio para entender o seu nível de autismo: acompanhamento psicológico e da participação em grupos de apoio com outros jovens autistas, Sam começa a desenvolver uma visão mais clara e positiva sobre sua identidade, reconhecendo que o autismo é parte de quem ele é — não um obstáculo absoluto, mas uma forma diferente de perceber e viver o mundo. O apoio profissional contribui não apenas para o manejo de situações sociais e emocionais, mas também para o fortalecimento de sua autoestima e autonomia.
	Apoio da namorada: Paige demonstra paciência, disposição para ensinar e ajustar suas expectativas, além de promover espaços seguros para que Sam possa se expressar com mais liberdade. Sua presença funciona como uma ponte entre o universo emocional de Sam e as complexidades dos relacionamentos afetivos, oferecendo suporte concreto e afetivo em momentos decisivos.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Após essa organização, apresentaremos a contextualização das duas categorias mais frequentes na comunicação de Sam. Para facilitar a compreensão de cada uma, incluímos trechos de cenas que mostram e justificam suas definições.

Tabela 12: Contextualização das categorias da comunicação de Sam Gardner.

Categorias	Definição	Exemplos
Comunicação clara e direta	Sam interpreta e expressa informações de forma objetiva, sem considerar subtextos emocionais ou normas sociais implícitas.	3º episódio / Cena 9/ 2ª temporada Pai: Também não gosto de falar sobre sentimentos. É difícil. Então, dei uma olhada no grupo que a conselheira falou, vão se reunir mais tarde, se quiser tentar. Sam: Por que eu vou querer falar dos meus problemas com pessoas aleatórias que só querem falar dos problemas estúpidos delas? Contexto: O pai de Sam tenta consolá-lo depois de uma crise que ele teve na escola. Propondo até Sam participar de um grupo de apoio.
Comunicação mediada	Algumas pessoas ajudam Sam a interpretar melhor a comunicação do outro.	1º episódio / Cena 11/1ª temporada Durante uma tentativa de paquera, um amigo tenta ajudá-lo a perceber que uma garota está interessada nele:

		<p>Amigo: "Aí, Sammy, a ruivinha está de olho em você."</p> <p>Sam, sem compreender a insinuação, pergunta diretamente:</p> <p>Sam: "O quê?"</p> <p>O amigo tenta ser mais explícito:</p> <p>Amigo: "Aquela mina, a gostosa ali vendo monitores."</p> <p>Mesmo assim, Sam não entende a intenção e responde:</p> <p>Sam: "O que tem ela?"</p> <p>O amigo então diz:</p> <p>"Cara, ela está rindo para você."</p> <p>Mas Sam ainda não interpreta isso como um sinal de interesse e responde:</p> <p>Sam: "Ah, e daí?"</p> <p>O amigo insiste que ele deve sorrir de volta. Sam segue a instrução, mas de forma exagerada, assustando a garota. O amigo brinca:</p> <p>Amigo: "Nossa! Ela está do outro lado da loja e você conseguiu assustá-la. Que alcance, cara."</p> <p>Contexto: Essa cena exemplifica como Sam tem dificuldades em interpretar e responder gestos sutis. Para ele, os sinais de interesse romântico não são óbvios e precisam ser explicados de maneira clara e direta.</p>
--	--	---

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A (1) “**comunicação clara e direta**” é caracterizada por sua objetividade e pela dificuldade em captar regras sociais e emocionais durante as interações. Esse tipo de comunicação envolve a interpretação e expressão de informações de maneira clara. Esse traço faz com que a fala de Sam seja, por vezes, percebida como rude ou inapropriada, mesmo quando essa não é sua intenção.

No episódio três da 2ª temporada, por exemplo, os pais de Sam são convocados pela direção da escola para discutir o motivo de Sam ainda não ter se inscrito em uma faculdade. Na cena, a mãe chega atrasada e tenta justificar o atraso mencionando superficialmente as mudanças recentes enfrentadas pela família, como o fato dela não morar mais com eles por conta da traição da mãe. Por outro lado, Sam expõe a situação abertamente, sem hesitação.

Diálogo 2:

Mãe de Sam: “Então, muito obrigada por nos receber, a gente queria conversar. Pois, Casey não está mais da Newton e... A gente, bom, está passando por mudanças em casa”.

Sam: “Ela teve um caso, o papai a expulsou de casa e agora ela tem um gato”.

Pai: “Sam, isso é particular.” (*Atypical*, episódio 2, cena 2, 2ª temporada, 2017).

A cena revela a maneira direta com que Sam fala sobre os problemas de sua casa, sem rodeios e expondo a realidade vivida por sua família. Sam não percebe que sua fala pode constranger sua mãe diante da diretora da escola. Não compreendendo que certos assuntos são inadequados em alguns ambientes.

Outro exemplo ocorre em seu grupo de apoio na escola, quando um colega autista decide deixar que todos os seus dentes caiam porque sua dentista não o atenderá mais, e ele não consegue lidar com essa mudança. Em resposta à atitude do colega, Sam afirma de maneira direta: "Isso é burrice." (*Atypical*, episódio 3, cena 12, 2ª temporada, 2017). Sua resposta gera desconforto imediato no grupo, levando a responsável pelo encontro a intervir: "Sam, a gente tenta não julgar ninguém aqui." (*Atypical*, episódio 3, cena 12, 2ª temporada, 2017). Esse momento demonstra como Sam encara as interações de maneira racional e objetiva. Mesmo sabendo que o colega também enfrenta dificuldades com mudanças, Sam age sem empatia, sem considerar o impacto emocional de suas palavras nos sentimentos dos outros.

Em outra situação, Sam é incentivado a falar sobre seu autismo em uma redação para a faculdade. A responsável pelo grupo de apoio argumenta que suas conquistas acadêmicas e profissionais são notáveis para alguém com TEA, sugerindo que ele destaque isso em seu texto. No entanto, Sam discorda e responde de modo rude: "O autismo não é uma conquista. Eu nasci com isso. Você não escreveria uma redação sobre ter dez dedos nas mãos e nos pés, escreveria?" (*Atypical*, episódio 4, cena 1, 4º episódio, 2ª temporada, 2017).

Para ele, sua condição não deve ser vista como algo extraordinário ou uma história de superação, mas sim como um fato neutro de sua existência. Essa perspectiva reflete sua visão sobre identidade: ele não enxerga o autismo como um obstáculo a ser superado, nem como algo que precise ser explicado.

A comunicação de Sam reflete sua percepção sincera e objetiva do mundo. Ele tem dificuldade em compreender que, em certos contextos, a comunicação vai além da transmissão de informações factuais, e que parte também de contextos metafóricos, ironias e às vezes sarcasmo, e sendo também um meio de construir conexões interpessoais e demonstrar empatia.

A (2) “**comunicação mediada**” consiste no auxílio prestado por pessoas próximas a Sam para que ele consiga interpretar mensagens e compreender as regras implícitas na comunicação. Sua mãe, seu pai, sua irmã Casey, sua terapeuta Júlia, sua namorada Paige e seu amigo Zahid funcionam como mediadores, ajudando-o a entender melhor as situações sociais e adaptar suas respostas.

Casey é o maior reforço que Sam tem em casa no apoio comunicativo. Quando Sam expressa interesse em namorar pela primeira vez, ela ajuda o irmão a compreender as

expectativas sociais envolvidas. No episódio um da primeira temporada, os irmãos conversam sentados do lado de fora, e Sam anota cuidadosamente as recomendações feitas por Casey para o encontro marcado por ele através de um site de relacionamentos.

Diálogo 3:

No site de namoro Sam recebe um convite para um encontro.

Sam: O nome dela é Bre. B -R -E -E. E ela gosta de um negócio chamado taquitos veganos. E ela tem um gato chamado Simba. Eu não gosto de gato. Será que ela se livraria dele?

Irmã: Nem peça isso pra ela. (...) (Cena 14, 1º episódio, 1ª temporada).

Casey: “E escuta o que ela está dizendo. E não fala de focas, pinguins, essas coisas. E não fica olhando para os peitos.”

Sam: Espera, mais devagar! Eu ainda estou na parte dos pinguins e se ela gostar de pinguins?

Irmã: Suponha que ela não gosta. (*Atypical*, episódio 1, cena 10, 1ª temporada, 2017).

Assim, Casey media o contato inicial de Sam com o mundo afetivo, traduzindo normas sociais complexas em uma linguagem objetiva e clara para ele.

Na infância, a mãe de Sam utilizou estratégias criativas para que ele não fosse interpretado como rude ao se comunicar. Ela desenvolveu um jogo de tabuleiro com regras sociais e de convivência familiar, além de cartões para reconhecimento de emoções. Esses recursos ajudaram Sam a identificar estados emocionais das pessoas, diferenciando alegria, tristeza e medo, por exemplo.

Durante a adolescência, o acompanhamento terapêutico contribuiu para o aprimoramento das habilidades comunicativas e sociais de Sam. A terapeuta Júlia o ajuda a treinar o contato visual para evitar que ele seja interpretado como estranho por outras pessoas. No episódio um da primeira temporada, Sam assusta uma garota na loja com um olhar fixo e um sorriso exagerado.

Terapeuta: Bom... O problema é que você tá cruzando a linha de simpático pra esquisito. Quando você faz o contato visual, Sam, tem que desviar o olhar um pouco. Tudo bem. Você faz o contato visual, olha pro lado, e faz o contato visual de novo. Se não você pode assustar a menina, Sam. (*Atypical*, episódio 1, cena 14, 1ª temporada, 2017).

De maneira geral, a comunicação de Sam revela uma tendência à literalidade e à lógica, com empecilhos em adaptar-se ao contexto social. Sua expressão comunicativa é estruturada, formal e objetiva, com um tom de voz neutro e, em alguns momentos, monótono. Ele transforma conversas casuais em monólogos informativos, falando apenas sobre seus interesses específicos, o que, na maioria das vezes, causa desconforto em quem o ouve.

Outra mediação são as analogias que ele faz para interpretar interações sociais complexas e situações que ele não entende ou que o desestabilizam. Ele recorre a conceitos científicos e

temas relacionados ao seu hiperfoco — como biologia, a Antártida e pinguins — para interpretar e comparar suas experiências cotidianas, processando suas emoções por meio de analogias.

No episódio seis, cena três, da segunda temporada, Sam decide testar sua capacidade de dormir fora de casa e passa a noite na casa de seu melhor amigo.

No entanto, ele rapidamente se sente desconfortável e ansioso, percebendo que estar longe de casa é mais difícil do que imaginava. Em um momento de crise, enquanto segura um elástico e realiza movimentos repetitivos para se acalmar, ele reflete: "Se um filhote de pinguim se separar do seu bando, pode congelar e morrer. Ou ser comido por predadores." (*Atypical*, episódio 6, cena 11, 2ª temporada, 2017). Essa analogia traduz sua sensação de desorientação e vulnerabilidade, comparando-se a um filhote de pinguim perdido de seu bando. Para Sam, a segurança está diretamente ligada ao pertencimento a um sistema estável — sua família.

Em síntese, a comunicação constitui um desafio central para indivíduos no espectro autista. No caso de Sam, mesmo que consigam transmitir mensagens estruturadas, suas expressões são frequentemente mal compreendidas, o que às vezes requer a mediação de terceiros. Além disso, essas dificuldades incluem interpretar linguagem corporal, sarcasmo e expectativas implícitas, tanto na comunicação verbal quanto na não verbal.

TIPOS DE COMPORTAMENTO DE SAM GARDNER

Neste tópico, analisamos os padrões de ação e reação de Sam nos tipos de comportamentos. A investigação se concentra em três eixos centrais: (1) comportamentos repetitivos e estereotipados, (2) respostas a estímulos sensoriais e (3) habilidades adaptativas.

O primeiro abrange comportamentos repetitivos, como o uso recorrente de determinados objetos, ecolalia e gestos estereotipados, tais como abanar as mãos ou estalar os dedos. Além disso, inclui padrões restritos de comportamento, como a insistência em rotinas e a resistência a mudanças. O segundo refere-se às respostas de Sam a estímulos sensoriais, como sons, luzes e texturas, e examina de que forma essas reações impactam sua interação com o ambiente.

Por fim, o terceiro analisa sua capacidade de adaptação a novas situações e mudanças, considerando fatores que podem facilitar ou dificultar esse processo.

Na análise dos comportamentos de Sam identificamos 21 códigos que foram associados a quatro categorias representativas dos padrões comportamentais observados. Esses códigos estão apresentados na tabela abaixo.

Tabela 13: Códigos associados ao comportamento de Sam.

Categorias	Códigos Associados
<p>Categoria 1: Comportamentos Autoestimulantes</p> <p>(3 códigos)</p>	<p>Autoestimulação motora: comportamentos repetitivos ou movimentos corporais que funcionam como formas de autorregulação sensorial e emocional.</p> <p>Fala repetitiva (ecolalia): uso repetitivo de palavras, frases ou expressões já ouvidas. Em Sam esse comportamento surge espontaneamente, de modo inesperado a palavra ecoa na mente e às vezes ele sai gritando o termo aleatoriamente.</p> <p>Simetria/alinhamento: refere-se à tendência de organizar objetos ou elementos do ambiente de forma simétrica, ordenada ou alinhada, principalmente os produtos da loja e os talheres da casa.</p>
<p>Categoria 2: Resistência à mudança</p> <p>(6 códigos)</p>	<p>Pensamento rígido: refere-se à dificuldade de flexibilizar ideias ou interpretações diante de situações novas, imprevistas ou ambíguas. Essa característica aparece na insistência do personagem em elaborar listas detalhadas com todas as atividades do dia e em seguir rigorosamente cada item, demonstrando um pensamento inflexível e uma forte necessidade de controle.</p> <p>Fixação em padrões numéricos e estatísticas: demonstra interesse excessivo por números, cálculos e dados quantitativos.</p> <p>Fixação em temas específicos: refere-se à tendência do personagem em demonstrar interesse intenso e contínuo por determinados assuntos, abordando-os com frequência e profundidade. No caso de Sam fixação por pinguins e a Antártida.</p> <p>Preferência por rotinas e objetos familiarizados: consiste na busca pela estabilidade por meio de hábitos repetitivos e da utilização de objetos conhecidos, não aderindo a mudanças ou variações que possam causar desconforto ou insegurança ao lidar com mudanças.</p> <p>Preferência por ambientes controlados: refere-se à inclinação do personagem por contextos previsíveis, organizados e com estímulos reduzidos, nos quais se sinta seguro para agir e interagir. Situações caóticas, imprevistas ou muito estimulantes tendem a gerar desconforto, dificultando a adaptação e a participação social. Para Sam ir ao baile de formatura, a sua namorada sugeriu a escola um baile silencioso, em que os convidados usam fones de ouvido para ouvir as músicas, ao invés de som ambiente.</p> <p>Metódico: caracteriza-se pela execução de tarefas de forma sistemática, organizada e com atenção rigorosa aos detalhes. Na contagem dos produtos do estoque, ele consegue perceber a falta de produtos quando alguém tira, e decorou a localização de todos eles na loja.</p>
<p>Categoria 3: Sensibilidade a som, sabores, toques e luzes</p> <p>(4 códigos)</p>	<p>Hipersensibilidade tátil: refere-se a uma resposta intensa a estímulos táteis, como toques, texturas de roupas ou objetos. Sam só utiliza moletom ou roupas feitas de 100% algodão.</p>

	<p>Hipersensibilidade ao som e luz: refere-se à reatividade aumentada a estímulos auditivos e visuais, como ruídos intensos, ambientes barulhentos, luzes fortes ou intermitentes. Indivíduos com essa característica podem apresentar desconforto, desorganização sensorial ou até crises em contextos com excesso de estímulos, buscando estratégias para se proteger ou evitar tais situações. Sam usa abafadores de ruídos quase o tempo todo na série.</p>
	<p>Hipersensibilidade a algumas comidas: refere-se à aversão ou recusa a certos sabores, texturas, odores ou temperaturas de alimentos. Levando o personagem a restringir sua alimentação a itens específicos que oferecem conforto, como o tempero da sua mãe, e recusando aqueles que provocam desconforto ou sobrecarga sensorial.</p>
	<p>Preferência por pressão forte no corpo (abraços bem apertados): caracteriza-se pela busca de estímulos táteis profundos, como abraços firmes, como forma de autorregulação sensorial. Essa prática pode proporcionar sensação de segurança, reduzir a ansiedade e auxiliar no controle emocional, especialmente em momentos de estresse.</p>
<p>Categoria 4: - Resiliência (8 códigos)</p>	<p>Adaptação a novos ambientes: refere-se à capacidade de ajustar-se a contextos inéditos, especialmente em ambientes acadêmicos, demonstrando flexibilidade diante de novas rotinas, exigências e interações. Um exemplo dessa adaptação é observado quando o personagem decide frequentar as aulas de ética, disciplina que inicialmente evitava por conter conteúdos abstratos, que não se alinham à sua forma literal de pensar. No entanto, com o apoio da assistência social da faculdade, conseguiu superar as dificuldades iniciais e se adaptar às exigências da disciplina.</p>
	<p>Participação em novos ambientes sociais: refere-se ao esforço do personagem para se expor a situações sociais que, inicialmente, lhe causam desconforto ou não fazem parte de sua zona de segurança, como festas, ambientes barulhentos ou com grande número de pessoas.</p>
	<p>Autopercepção da adaptação: refere-se à capacidade do personagem de reconhecer, refletir e verbalizar o próprio processo de mudança e adaptação em contextos sociais, afetivos ou comportamentais. Envolve perceber as dificuldades enfrentadas, os avanços conquistados e as estratégias utilizadas para lidar com os desafios do cotidiano. A autopercepção da adaptação indica também a construção de uma identidade mais integrada, com reconhecimento de limites, mas também de competências.</p>
	<p>Desenvolvimento de autonomia: refere-se ao processo gradual pelo qual o personagem adquire independência em diferentes áreas da vida, como tomada de decisões, mobilidade, autocuidado, vida acadêmica e relações interpessoais. Como coisas básicas que eram feitas pelos seus pais, tipo preparar seu próprio alimento e ter uma conta no banco.</p>
	<p>Maior flexibilidade com mudanças: diz respeito à capacidade desenvolvida pelo personagem de aceitar e se adaptar, com menos resistência, a situações imprevistas ou alterações em sua rotina. Como aceitar não ter mais uma terapeuta e participar de um grupo de apoio.</p>
	<p>Aprendizado social e emocional (sempre pede conselhos) : refere-se ao modo como o personagem busca constantemente apoio das pessoas próximas ou profissionais para compreender situações sociais e emocionais que, para ele, não são intuitivas.</p>

	<p>Estratégias de autorregulação para ansiedade e estresse: refere-se aos recursos que o personagem utiliza, de forma consciente ou automática, para lidar com situações que lhe causam ansiedade, sobrecarga sensorial, estresse ou desconforto emocional. As estratégias podem incluir comportamentos motores (como autoestimulação), rituais, foco em interesses específicos, isolamento momentâneo, uso de fones de ouvido, respiração controlada ou repetição de frases reconfortantes.</p> <p>Começa a entender algumas metáforas e ironias: refere-se ao progresso gradual do personagem na compreensão de formas de linguagem figurada, como metáforas, ironias e sarcasmos, que inicialmente lhe eram incompreensíveis devido à tendência à interpretação literal. Esse avanço ocorre com apoio de pessoas próximas — amigos, familiares, terapeuta — que explicam o significado por trás dessas expressões e ajudam a contextualizar suas intenções.</p>
--	--

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Após a organização dos códigos em suas respectivas categorias, apresentamos a seguir uma contextualização detalhada de cada uma delas, acompanhada de exemplos para facilitar a compreensão e tornar a definição de cada categoria mais precisa.

Tabela 14: Contextualização das categorias dos comportamentos de Sam.

Categoria	Definição	Exemplos
Comportamentos Autoestimulantes	Regulação emocional e sensorial que incluem ações repetitivas, como a ecolalia, movimentos motores repetitivos e a busca por simetria e alinhamento.	<p>1º episódio /Cena 15/ 1ª temporada</p> <p>Pai: É, eu fiquei 19 horas rebocando e empilhando blocos de gelo no quintal, para que o meu filho notasse a minha presença. Para que ele gostasse de mim. E aí ele não quis entrar porque os blocos não estavam perfeitamente alinhados.</p> <p>Contexto: Nesta cena o pai conta para mãe de Sam todos os esforços dele para se aproximar do filho. Até fazer um Iglu de gelo que Sam gosta.</p>
Resistencia à mudança	Dificuldades em lidar com mudanças inesperadas e resiste a ajustes em sua rotina.	<p>5º episódio / Cena 2/ 1ª temporada</p> <p>Sam: Eu não gosto muito de novidades, mas isso é apenas o instinto de sobrevivência. Você acha que uma foca barbuda duraria muito se dissesse? Ah, eu nunca vi aquele animal com lindo pelos brancos e dentes afiados. Acho que vou lá me apresentar a ele? Não. Não sobreviveria porque ela viraria o jantar do urso polar.</p> <p>Contexto: Sam faz uma analogia entre sua aversão a novidades e o instinto de sobrevivência de uma foca barbuda. Ele explica que sua relutância em lidar com mudanças. Ao comparar sua atitude com a de uma foca que, ao se aproximar de um predador desconhecido, colocaria sua vida em risco, Sam sugere que evitar mudanças é uma estratégia de autopreservação.</p>

Sensibilidade a som, toque, sabores e luzes	Desconforto com estímulos sensoriais intensos, como sons altos ou texturas desagradáveis.	1º episódio / Cena 8/ 3ª temporada Sam: Se você for usar esse apito, pode nos avisar primeiro? Contexto: Sam participa do grupo de apoio ao autismo em sua escola. No entanto, no dia em questão, a professora responsável não compareceu e foi substituída pelo professor de educação física, que tem o hábito de chamar a atenção dos alunos usando um apito. Ato que incomoda muito Sam.
Resiliência	Começa a enfrentar frustrações, busca por sua autonomia mesmo quando as coisas não saem como planejado.	6º episódio / Cena 5 / 2ª temporada Sam: Tô arrumando a minha mala. Irmã: Por que? Você nem dorme fora? Sam: Eu vou dormir na casa do Zarid para ver como é que é, para quando dormir na noite da escola e lá na faculdade, e agasalhar o croquete. Contexto: Sam e Paige estão se preparando para dormirem na escola. Mas como Sam não tem o hábito de dormir fora de casa. Vai observar a sua reação dormindo na casa do melhor amigo antes da nova experiência.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os (1) “**comportamentos autoestimulantes**” de Sam apresenta ações repetitivas que incluem a ecolalia, a busca por simetria e alinhamento e movimentos motores. Esses comportamentos não são meros hábitos, mas mecanismos para ajudá-lo a processar informações, aliviar a ansiedade e criar um senso de estabilidade em um mundo que, para ele, muitas vezes parece caótico.

A ecolalia, caracterizada pela repetição de palavras ou frases, muitas vezes sem um propósito comunicativo direto (Camargo, 2023). Sam descreve esse ação ao afirmar que “às vezes, uma palavra ou uma frase fica presa na minha cabeça, e eu fico repetindo e repetindo e repetindo e repetindo” (*Atypical*, episódio 1, cena 12, 1ª temporada, 2017). No episódio um, quando ele ouve sua irmã pronunciar um palavrão e, fascinado pelo som da palavra, começa a repeti-la compulsivamente: “Puta, puta, puta.” A repetição ocorre não porque ele quer ofender ou expressar algo específico, mas porque a palavra fica ecoando em sua mente. Esse padrão pode acontecer com qualquer termo que chame sua atenção, seja pelo ritmo, pelo som ou pelo impacto que ele percebe no ambiente ao seu redor.

Outro comportamento autoestimulante de Sam é sua intensa necessidade de simetria e alinhamento. Ele precisa que os objetos ao seu redor sigam um padrão visualmente harmonioso para se sentir confortável. No episódio um, cena 15, da primeira temporada, Sam pediu ao pai que construísse um iglu. Após 19 horas de trabalho empilhando blocos de gelo, o pai finalmente conseguiu concluir o iglu.

No entanto, Sam se recusou a entrar no iglu porque os blocos não estavam perfeitamente alinhados. Seu pai, frustrado, relembra essa experiência dizendo: "Eu fiquei 19 horas rebocando e empilhando blocos de gelo no quintal, para que o meu filho notasse a minha presença. Para que ele gostasse de mim. E aí ele não quis entrar porque os blocos não estavam perfeitamente alinhados." (*Atypical*, episódio 1, cena 15, 1ª temporada, 2017).

Esse momento mostra como a percepção de Sam é diferente das demais pessoas. Para ele, a experiência não se resumia ao esforço do pai ou à diversão de estar dentro do iglu, mas à necessidade de que tudo estivesse organizado e estruturado de forma precisa para que fizesse sentido.

Além da ecolalia e da busca por simetria, Sam também apresenta autoestimulação motora. Esse comportamento se manifesta em ações repetitivas, como balançar o corpo, mexer os dedos ou manipular objetos de maneira rítmica, sendo uma estratégia para a sua autorregulação emocional. "Eu só fico sentado e mexendo os dedos, que eu chamo de meu comportamento autoestimulante, quando eu bato uma caneta num elástico, numa determinada frequência" (*Atypical*, episódio 1, cena 1, 1ª temporada, 2017). Esse comportamento o ajuda a se concentrar e a manter um nível de regulação que o impede de ficar sobrecarregado.

Esses comportamentos permitem que Sam gerencie estímulos sensoriais intensos e mantenha o equilíbrio emocional em contextos sociais e ambientais desafiadores. Dessa maneira, os comportamentos autoestimulantes não devem ser interpretados como simples peculiaridades, mas como estratégias adaptativas que possibilitam a Sam lidar com as demandas do ambiente e regular seu funcionamento emocional e cognitivo.

A (2) “**resistência à mudança**” em Sam é representada por sua dificuldade em lidar com alterações inesperadas. Para ele, regras e padrões estabelecidos oferecem segurança e controle. Qualquer desvio dessa estrutura gera desconforto e ansiedade. A necessidade de regularidade funciona como uma estratégia de enfrentamento para manter o equilíbrio emocional em um mundo segundo o protagonista, marcado por estímulos imprevisíveis e difíceis de processar.

Na relação entre segurança e controle podemos exemplificar no episódio cinco da primeira temporada, quando Sam afirma: “Eu não gosto muito de novidades, mas isso é apenas o instinto de sobrevivência.” (*Atypical*, episódio 5, cena 2, 1ª temporada, 2017). Essa fala revela que, para Sam, evitar mudanças não é apenas uma questão de conforto, mas um mecanismo que precisa resistir para tentar conviver em equilíbrio em qualquer ambiente.

A resistência à mudança também se manifesta por meio de rituais que Sam desenvolve para se sentir seguro. Um caso a ser citado ocorre no episódio do aniversário de 16 anos da sua

irmã, Casey. Sam acredita que seguir o ritual do aniversário da irmã evitaria que algo ruim acontecesse com sua tartaruga de estimação, Edison.

Esse comportamento se manifestou durante um trauma ocorrido na infância. No aniversário de 12 anos de Casey, ela quebrou o braço, forçando a família a ir ao hospital e interrompendo o ritual de aniversário construído pelos pais para acalmar Sam, que não gosta de festa. No dia seguinte, a tartaruga antiga de Sam, Tesla, morreu inesperadamente.

No consultório da terapeuta, Sam explica a importância de seguir os rituais sem falhas:

Sam: “Nem todo mundo sabe disso, mas o Edison não foi o meu primeiro cágado. Primeiro, eu tive o Tesla. Mas no aniversário de 12 anos da Casey, ela quebrou o braço e tivemos que ir ao hospital e eu não consegui terminar o ritual. Quando chegamos em casa, o Tesla tinha morrido. Meus pais disseram que não teve nada a ver com o ritual, mas naquela manhã o Tesla estava saudável. Ele estava ativo e alerta. Os olhos estavam claros e brilhantes. As fezes estavam sólidas e pretas. Então explica isso. Desde então, eu sempre cumpro o ritual. Sempre.” (*Atypical*, episódio 9, cena 7, 2ª temporada, 2017).

Para Sam, a quebra de um padrão estabelecido representa uma ameaça à sua segurança emocional. Sua lógica reflete que por ter interrompido o ritual a sua tartaruga sofreu as consequências das mudanças, o que reforça a necessidade de seguir um padrão fixo para evitar perdas futuras.

A busca por segurança também se reflete em suas amizades. No episódio um, cena sete, da quarta temporada, após seu amigo drogar sua tartaruga, Edison, o amigo de Sam sugere que eles estabeleçam regras reduzidas e simples para melhor convivência. Ele propõe que cada um tenha pelo menos três regras para seguir. No entanto, à medida que a conversa avança, torna-se evidente que as regras de Sam prevalecem sobre as do amigo, a cena em um tom de comicidade revela resistência de Sam em aceitar negociações ou ajustes em padrões já estabelecidos:

Diálogo 4:

Amigo: Sabe, o lance das regras não é uma coisa ruim. Mas que tal em vez de um milhão a gente escolhe três para cada?

Sam: “Eu acho que isso vai dar certo.”

Amigo: “Eu também acho, amigo. Brownie de maconha?”

Sam: “Não.”

Amigo: “Uma festinha?”

Sam: “Não.”

Amigo: “Ficar sentado e curtir a presença do outro em silêncio?”

Sam: “Claro.”

Amigo: “Até que é legal.”

Sam: “É.”

(*Atypical*, episódio 1, cena 16, 4ª temporada, 2017)

Em síntese, a resistência de Sam à mudança representa uma necessidade para preservar sua segurança emocional. Qualquer alteração em seu ambiente desafia sua estrutura mental e o obriga a lidar com o inesperado, gerando angústia e desconforto. A rigidez em relação a padrões

e hábitos funcionam como uma estratégia de enfrentamento para manter o equilíbrio diante de um mundo imprevisível para ele.

A (3) “**sensibilidade a som, toques, sabores e luzes**” é influenciada diretamente na forma de interagir com o ambiente. Ele reage de maneira intensa a estímulos que, para outras pessoas, podem passar despercebidas, como sons altos, texturas de roupas e a consistência de certos alimentos. Essas reações podem gerar crises sensoriais.

Um exemplo dessa hipersensibilidade ocorre em uma lembrança do seu aniversário de quatro anos. Durante o momento dos parabéns, no episódio um, cena um, primeira temporada enquanto todos cantam, Sam começa a gritar e leva as mãos à cabeça, coçando repetidamente o cabelo. O barulho da música e das vozes, que para os demais é uma parte comum da celebração, torna-se excessivo para ele, amplificando-se em sua percepção.

Para Sam, ambientes com muito barulhos podem ser muito desconfortáveis, tornando eventos simples—como uma festa de aniversário—experiências desgastantes.

Além da sensibilidade ao som, Sam tem preferências rígidas quanto às texturas de roupas. Ele só se sente confortável usando camisetas 100% algodão e rejeita tecidos mistos. Sua mãe, ciente dessa necessidade, garante que ele tenha roupas adequadas. Em um jantar, ela comenta:

"Sam! Vem jantar! Então, eu encomendei aquelas camisetas que você gosta — várias, sabe? 100% algodão. Mas eles enviaram algumas que chamam de tecido misto. Então, eu liguei para a empresa e falei com uma mulher chamada Rizwana. Tive a impressão de que ela era indiana. Bom... Para encurtar a história, ela encontrou uma caixa com as camisetas antigas e as enviou como cortesia. E são as camisetas certas." (*Atypical*, episódio 1, cena 3, 1ª temporada, 2017).

Essa fala demonstra que as escolhas de Sam não são apenas preferências, mas necessidades sensoriais que garantem seu conforto. A textura do tecido não é uma questão estética ou de gosto, mas um fator determinante para o bem-estar. Sua mãe reconhece essa importância e faz esforços para garantir que ele tenha roupas adequadas, evitando tecidos que possam causar incômodo.

A hipersensibilidade também afeta sua alimentação. Sam opta por alimentos com texturas previsíveis e consistentes, rejeitando aqueles que apresentam variações de temperos, cores e estrutura. No terceiro episódio da segunda temporada em uma conversa com seu pai, essas preferências se destacam:

Diálogo 5:

Pai: "Adoro queijo quente. Você prefere o que, Sam? Queijo quente ou pizza?"

Sam: "Queijo quente. É mais firme. (*Atypical*, episódio 3, Cena 9, 2ª temporada, 2017)

Sua escolha não está apenas relacionada ao sabor, mas à uniformidade da textura e formato consistente. O queijo quente é estável padronizado, enquanto a pizza pode apresentar variações de cores, diversos sabores e texturas.

A sensibilidade sensorial de Sam impacta diretamente sua rotina e sua relação com o ambiente. Sons altos podem levá-lo às crises sensoriais, tecidos desconfortáveis afetam a sua qualidade de vida e a textura dos alimentos influencia escolhas padronizadas de comidas.

Por fim, identificamos a categoria (4) “**resiliência**” que foi construída gradualmente ao longo da série, refletindo seu crescimento emocional, cognitivo e social. Enfrentar desafios cotidianos, lidar com responsabilidades e superar obstáculos são etapas desse processo, que o levam a desenvolver maior flexibilidade e capacidade de tomar decisões de forma independente.

Inicialmente, Sam enfrenta dificuldades para realizar tarefas do cotidiano e tomar decisões sem apoio. Porém, com o tempo, ele reconhece a importância de conquistar sua autonomia, dando início a um processo de mudanças.

Seu primeiro passo nessa jornada ocorre quando ele assume um emprego na Tectrópolis, marcando um avanço em sua busca por independência. Trabalhar em um ambiente externo exige que Sam se adapte a rotinas estruturadas, hierarquias bem definidas e situações inesperadas—elementos que anteriormente lhe causariam desconforto.

Um exemplo disso acontece quando, com orgulho, ele afirma: "Eu trabalho na Tectrópolis." (*Atypical*, episódio 5, cena 3, 2ª temporada, 2017). Essa experiência profissional não representa apenas o começo de sua independência financeira e funcional, mas também serve como um incentivo para ampliar sua autonomia em outras áreas da vida. Assim, Sam passa a perseguir um objetivo ainda mais desafiador: realizar uma viagem para a Antártida, seu maior sonho.

Decidir viajar para a Antártida se torna um grande teste para sua independência, especialmente por exigir um planejamento social mais rigoroso, principalmente no aspecto financeiro. Para alcançar essa meta, um dos primeiros passos foi organiza um bazar com o intuito de arrecadar recursos, demonstrando iniciativa e buscando soluções práticas para viabilizar sua expedição. No entanto, Sam rapidamente percebe que nem tudo ocorre conforme planejado, confrontando-se com uma realidade imprevisível que testa ainda mais sua capacidade de adaptação.

Diálogo 6:

Sam: "É um desperdício. Já faz horas. Quanto faturamos?"

Amigo de Sam: "Bom, deixa eu ver. Certo. 90 mais 66 menos 5, porque deixei os alfinetes. Nunca se sabe. E faturamos um total de menos 7 dólares." (*Atypical*, episódio 3, cena 5, 4ª temporada, 2017)

Essa cena simboliza um momento importante de aprendizado. Sam percebe que administrar dinheiro e organizar um evento de arrecadação não são tarefas simples. O fracasso na venda de garagem não o frustra, mas também o leva a reconsiderar suas estratégias, contribuindo para o desenvolvimento de sua resiliência e capacidade de adaptação, sem crises emocionais.

Apesar dos obstáculos para realizar seu sonho, ele demonstra um avanço ao aceitar que mudanças são inevitáveis e que precisa encontrar formas de lidar com elas. Em um momento de reflexão, expressa sua determinação:

"E eu sei que algumas coisas vão ser difíceis ou assustadoras, mas tudo está mudando, então eu vou dar conta. E se eu precisar de ajuda, eu peço, porque as mudanças são inevitáveis." (*Atypical*, episódio 3, cena 14, 2ª temporada, 2017).

Neste trecho, Sam altera seu modo de encarar desafios. Antes, ele resistia às mudanças e se desestabilizava com alterações imprevistas. Agora, ele demonstra flexibilidade e entende que pedir ajuda, especializada ou não, pode ser uma estratégia para enfrentar situações novas.

Além disso, ele mostra progresso na interpretação de metáforas e mensagens implícitas. Antes, isso representava um desafio para ele. Um exemplo é quando ele afirma: "A Paige falou para eu desistir. Bom, ela falou que o universo disse isso, mas eu acho que foi ela." (*Atypical*, episódio 3, cena 6, 4ª temporada, 2017).

O fato de Sam perceber que Paige expressa sua própria opinião, e não apenas um "recado do universo", indica avanço em sua cognição social. No passado, ele interpretaria as falas da namorada literalmente, sem compreender ironias ou metáforas comuns na comunicação. Agora, ele compreende melhor mensagens indiretas, essenciais para sua comunicação social e emocional.

A adaptação não ocorre automaticamente, mas exige esforço e aprendizado. Sam afirma sobre esse processo: "A adaptação acontece quando não há mais escolha, ou você muda ou morre" (*Atypical*, episódio 6, cena 6, 4ª temporada, 2017). Essa fala demonstra que ele entende a necessidade de mudança. Para Sam, adaptar-se não é apenas aceitar desafios novos, mas reconhecer que a evolução é essencial para sua trajetória social.

Além da adaptação em novos ambientes físicos, Sam enfrenta desafios nas relações interpessoais. Ele aprende a interagir com novas pessoas fora de seu círculo habitual. Isso fica evidente quando uma colega da faculdade se apresenta:

Diálogo 7:

Colega de classe: "Eu sou Abby. Quem é você?"

Sam: "Eu sou Sam Gardner." (*Atypical*, episódio 4, cena 3, 3ª temporada, 2017).

Embora curta, essa resposta indica progresso, mostrando sua disposição para interagir. Anteriormente, Sam evitava esses contatos ou respondia apenas de forma objetiva, sem engajamento. Agora, ele explora situações sociais antes evitadas, demonstrando maior flexibilidade.

Essa mudança pode ser percebida quando Sam recebe um convite para uma festa da nova colega de classe. A princípio, ele mantém sua antiga postura habitual, e recusa.

Diálogo 8:

Colega de classe: "Eu e os meus amigos vamos dar uma festa amanhã à noite, ela vai se chamar Arte Gim."

Sam: "Eu nunca vou a festas." (*Atypical*, episódio 4, cena 3, 3ª temporada, 2017).

No entanto, mais tarde, incentivado por Paige, ele reconsidera e decide comparecer:

Sam: "Ah! Oi Abby! Eu não ia vir na festa, mas minha namorada Paige disse que é importante fazer novos amigos." (*Atypical*, episódio 4, cena 6, 3ª temporada, 2017).

Essa mudança na postura de Sam é relevante, pois antes ele rejeitava eventos sociais. Agora, ele aceita participar, mesmo influenciado por alguém. Isso demonstra um esforço para se inserir em novos contextos sociais.

Os avanços na adaptação social também influenciam diretamente a maneira como Sam percebe a si mesmo. Ele reflete sobre seu crescimento e reconhece mudanças que antes não imaginava ser possíveis:

"Quando eu era criança, eu adorava barcos, lanternas, insetos, coisas de crianças. Ah, e o meu pai me chamava de carinha. Daí ele foi embora. Eu não sei por quê. E naquela tarde, minha mãe colocou num programa sobre a natureza para mim e para a minha irmã. Depois eu o desenhei, o Carinha. Ele também gosta de pinguim. O meu pai voltou, mas o Carinha nunca foi embora e eu li e aprendi tudo que eu podia sobre a Antártida. Agora eu quero ir pra lá. Eu jamais achei que pudesse, mas eu me adaptei." (*Atypical*, episódio 4, cena 1, 4ª temporada, 2017).

Nesta categoria, observamos o desenvolvimento gradual de Sam em áreas fundamentais, como a emocional, social e a autorregulação. Inicialmente, o personagem enfrentou dificuldades para lidar com sentimentos complexos, compreender regras implícitas nas relações interpessoais e gerenciar estímulos sensoriais intensos. Contudo, essas limitações foram sendo superadas gradativamente, por meio de pequenos avanços. Entre eles, destacam-se a aceitação progressiva de novos ambientes, o aprimoramento de suas interações sociais, o maior comprometimento com suas responsabilidades cotidianas e, principalmente, o reconhecimento crescente de sua própria capacidade de transformação.

De maneira geral, a série abordou pontualmente o processo evolutivo de Sam, ressaltando a relevância do suporte especializado para que indivíduos autistas possam compreender melhor seus comportamentos e atingir maior desenvolvimento pessoal. No tópico seguinte, apresentaremos brevemente a recepção social relacionada ao autismo de Sam.

CONDIÇÕES CONTEXTUAIS: ESCOLAR/PROFISSIONAL, FAMILIAR, SOCIAL

Ao longo da série *Atypical*, acompanhamos a trajetória de Sam Gardner em sua busca por pertencimento e compreensão no mundo social, enfrentando desafios em contextos familiares, escolares, profissionais e sociais. A seguir, sintetizamos os principais aspectos da representação do autismo em cada um desses núcleos, destacando as barreiras e os avanços na inclusão.

ESCOLAR E PROFISSIONAL

Na escola, Sam se destaca por sua inteligência e interesses específicos, mas enfrenta dificuldades nas interações sociais. Sua honestidade literal, aliada à dificuldade em interpretar normas implícitas e emoções alheias, o torna alvo de preconceito e exclusão. Episódios como os insultos no anuário escolar e a zombaria dos colegas reforçam o impacto emocional dessas experiências. Apesar disso, Sam também encontra apoio em figuras como sua irmã, a namorada e até mesmo uma colega considerada "valentona", que demonstram empatia e incentivo à inclusão.

No ambiente de trabalho, Sam é contratado pela *Tectropolis*, onde encontra acolhimento. Seu colega Zahid torna-se seu amigo e mentor tanto nas interações profissionais quanto nos pessoais. O chefe também demonstra compreensão, fornecendo suporte para sua adaptação. Essa experiência fortalece sua autoconfiança e capacidade de se relacionar fora do contexto familiar.

FAMILIAR

A relação familiar é um dos principais alicerces de Sam. Sua mãe, Elsa, exerce uma postura superprotetora, dificultando inicialmente a autonomia do filho. Já o pai, Doug, embora distante no início, torna-se um grande apoiador, ajudando Sam a lidar com mudanças, frustrações e conquistas. A irmã Casey representa um ponto de equilíbrio, tratando Sam com naturalidade e o incentivando a enfrentar desafios sociais. O apoio familiar é a base para o fortalecimento da confiança de Sam e sua independência.

APOIO TERAPÊUTICO E GRUPOS

A terapeuta de Sam também é um ponto chave na série, ajudando-o a compreender contextos sociais complexos e a lidar com emoções. Quando ela se afasta, Sam precisa de um

apoio externo. Nesse processo, os grupos de apoio — tanto o escolar/universitário quanto o frequentado por sua mãe — se tornam espaços importantes para troca, escuta e desenvolvimento. A série reforça a importância do suporte especializado e da orientação para o crescimento de pessoas autistas e seus familiares.

NO CONTEXTO SOCIAL

A série apresenta com sensibilidade os obstáculos sociais enfrentados por Sam, como o *bullying*, a exclusão, o preconceito e as falhas de compreensão por parte de colegas, professores e até de desconhecidos. Situações como a reação agressiva de uma garota durante um encontro ou a abordagem policial equivocada demonstram os impactos da desinformação e do estigma.

Ao mesmo tempo, Sam também vivencia relações marcadas pela aceitação e inclusão. Com Zahid, desenvolve uma amizade sólida e transformadora. Na faculdade, é acolhido por Abby e outros colegas que respeitam suas particularidades. Com o tempo, Sam amplia seu repertório social, aprende a lidar com suas limitações e conquista autonomia. Momentos como a festa silenciosa na escola, o ingresso na faculdade, a vida compartilhada com Zahid e as amizades construídas mostram avanços na sua integração social.

A análise da série abrange 555 cenas, classificadas em três dimensões: interação social, comunicação e comportamento. Em termos de interação, Sam apresenta dificuldades em compreender códigos sociais e expressões emocionais, mas busca independência e forma vínculos significativos. Sua comunicação é marcada pela literalidade e lógica, com uso de analogias e apoio de familiares e amigos. Em relação ao comportamento, Sam manifesta padrões característicos do TEA, como movimentos repetitivos, rigidez e hipersensibilidade sensorial, mas evolui com o tempo, adotando estratégias de adaptação.

Das 555 cenas analisadas, 376 (67,75%) foram classificadas como positivas, destacando inclusão, empatia e apoio, enquanto 179 (32,25%) revelam situações de exclusão, preconceito e rejeição. Essa dualidade reforça o realismo da série, que não romantiza a experiência do autismo, mas evidencia tanto os obstáculos quanto as conquistas de Sam.

A série contribui para o debate sobre inclusão, visibilidade e aceitação das pessoas autistas. Ao retratar a convivência de Sam com amigos, familiares, profissionais e colegas, *Atypical* oferece uma imagem sensível e reflexiva do espectro autista, estimulando o público a repensar atitudes e práticas sociais em diferentes esferas da vida cotidiana.

Em suma, a construção de Sam se aproxima das características do autismo nível 1, com traços como pensamento lógico, comunicação clara, dificuldade com mudanças e hipersensibilidade sensorial. A série evita uma visão caricata do autismo, apresentando Sam

como um indivíduo com personalidade, desejos e limitações próprias — alguém que busca independência, relacionamentos e compreensão emocional.

Embora Sam enfrente dificuldades em interações sociais e emocionais, ele demonstra progresso ao longo da série. Seu processo de amadurecimento é retratado com frequência, especialmente na forma como ele começa a compreender emoções e a importância dos vínculos afetivos. A série reforça que o autismo não define a totalidade de Sam, mas sim influencia sua maneira de interpretar e interagir com o mundo. Além de trazer outros autista na série.

Outro ponto na imagem de Sam é o suporte familiar, terapêutico e social em sua jornada. A relação com a família, o melhor amigo Zahid, a terapeuta Julia e o grupos de apoio são as bases para que ele desenvolva estratégias de adaptação e enfrente desafios emocionais e sociais. A série exhibe que a independência do autista é um desafio, mas com a assistência adequada, é possível progredir e conquistar espaço na sociedade.

A representação de Sam Gardner é humanizada, oferecendo uma visão próxima dos dilemas enfrentados pelos autistas sem reduzi-lo a um conjunto de sintomas. A série explora as dificuldades do espectro, destacando tanto as limitações quanto as potencialidades do personagem, reforçando a ideia de que pessoas autistas são capazes de desenvolver autonomia, estabelecer vínculos emocionais e encontrar um lugar na sociedade como todo mundo.

4.3 O AUTISMO DE AUTS

Auts é um menino de 6 anos ilustrado na série por um quadrado azul que interage com três amigos: Ana (7 anos, representada por um círculo), Davi (8 anos, representado por um retângulo) e um cachorro com forma triangular. A construção da narrativa ocorre em um ambiente sem cenários fixos, com fundo branco, destacando atividades do cotidiano infantil, como imaginar um mundo paralelo, passear e brincar.

Embora o autismo do personagem não seja explicitamente mencionado na narrativa da série, apenas a sinopse e o próprio título sugerem sua condição de autista.

Nosso percurso começou pela observação de sua interação social, investigando de que maneira Auts se relaciona com seus amigos e com o mundo ao seu redor. Procuramos identificar padrões em suas interações e compreender as dinâmicas sociais em que está inserido.

Em seguida, voltamos nosso olhar para seu modo de comunicação, observando como ele se expressa e participa das interações sociais. Assim buscamos entender as estratégias que utiliza para estabelecer contato e trocar informações, considerando os desafios e particularidades de sua comunicação.

Por fim, analisamos seus comportamentos, identificando repetições e estereotípias que se manifestam em diferentes situações. Além disso, analisamos suas reações a estímulos sensoriais, percebendo respostas específicas a sons, luzes e gostos. Também consideramos suas habilidades adaptativas, avaliando como ele se ajusta a novas situações e mudanças em seu ambiente.

Assim como foi realizado anteriormente com os personagens Sam Gardner, da série *Atypical*, a série *Auts* também foi analisada por meio de uma abordagem indutiva. A análise concentrou-se na imagem do autismo ao longo da primeira temporada, composta por 26 episódios, cada um estruturado em uma única cena com duração aproximada de dois minutos.

Os diálogos dessas cenas foram codificados e, posteriormente, agrupados em categorias, com base nos três eixos de análise: interação social, comunicação e tipos de comportamento.

Desde modo, os resultados obtidos das características do autismo de *Auts* serão apresentados nos tópicos a seguir.

INTERAÇÃO SOCIAL DE ATUS

Neste tópico, busca-se compreender a interação social do personagem *Auts* com base em parâmetros como: a capacidade de iniciar conversas ou responder às interações de outras pessoas, o estabelecimento de relações interpessoais, a qualidade e a profundidade desses relacionamentos, bem como seus vínculos afetivos e sua participação social.

O principal — e único — núcleo de interação de *Auts* é formado por seus amigos Davi, Ana e um cachorro. Essa interação se desenvolve de forma lúdica, voltada para brincadeiras, expressões de medo e situações imaginárias. Esse aspecto é especialmente relevante, considerando que pessoas autistas geralmente enfrentam dificuldades com o uso da imaginação simbólica. A habilidade de *Auts* em sustentar essas dinâmicas com os amigos representa, portanto, um ponto-chave em sua forma de interagir socialmente.

A partir da análise das cenas, foram identificados sete códigos com diferentes padrões de interação social do personagem. Esses códigos foram agrupados em três categorias mais amplas, que organizam os achados conforme afinidades temáticas.

Tabela 15: Códigos associados a interação social de *Auts*.

Categorias	Códigos Associados
Categoria 1: Conexões interpessoais. (3 códigos)	Engajamento social: refere-se à capacidade do personagem de iniciar e responder a interações sociais, demonstrando sua abordagem para se conectar com os outros e engajar-se no diálogo.

	Construção de vínculos: a criatividade como ponte para o diálogo, afeto emocional e socialização.
	Empatia: Capacidade de reconhecer e acolher o modo de ser do outro e expressar emoções.
Categoria 2: Mediação por atividades. (2 códigos)	Utiliza objetos para interação: Enfatiza como o personagem utiliza objetos ou atividades como facilitadores de interação social.
	Relação com o ambiente: Examina a maneira como o personagem percebe, responde e interage com o ambiente físico, incluindo adaptações sensoriais e comportamentais ao espaço e aos elementos ao seu redor.
Categoria 3: Percepções e imaginação. (2 códigos)	Imaginação singular: criação de narrativas, associações e interpretações originais.
	Expressão subjetiva da realidade: uso da imaginação como forma de compreender e interagir com o outro.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Após a distribuição dos códigos nas categorias correspondentes, os passos para a próxima etapa são a conceituação geral das categorias e exemplificação para consolidar a precisão dos padrões de interação do personagem que surgiram durante a narrativa da série.

Tabela 16: Contextualização da interação social de Auts.

Categoria	Definição	Exemplo
Conexões interpessoais	Refere-se à forma como o personagem autista estabelece relações sociais, engajando-se em interações e utilizando a criatividade como meio de construir vínculos e dialogar com o mundo ao seu redor.	Episódio: 1 (Círculo) Auts: “Oi, eu sou Auts.” Contexto: Auts se apresenta pela primeira vez, iniciando uma interação que marca o início da série.
Mediação por atividades	Refere-se ao uso de objetos, ações ou estímulos do ambiente como pontes para a interação social, revelando como o personagem se conecta com o mundo por meio da mediação sensorial, espacial e material.	Episódio 4 (Bloquinhos) Narradora: Auts pula para colocar o último bloco no topo do prédio e o edifício cai... Davi se assusta. Davi: Eita, espera. Narradora: Davi monta o prédio de novo. Davi: Prontinho. Contexto: A colaboração de Davi com Auts na construção dos bloquinhos reflete a interação dos dois com o objeto.
Percepções e imaginação	Refere-se às formas como o personagem interpreta o mundo, utilizando a imaginação para	Episódio 14 (Nuvens) Auts: Nuvens, nuvens!

	construir narrativas, expressar subjetividades e atribuir novos significados à realidade ao seu redor.	<p>Ana: São tão bonitas! Parecem desenhos no céu, né? Olha essa! Eu vejo um navio bem grande! Tchu Tchu</p> <p>Auts: Vejo o disco voador! Vum Vum</p> <p>Ana: O disco voador? Você tem muita imaginação, hein? E aquele ali? Eu vejo o jacaré!</p> <p>Auts: Vejo o dragão! (...)</p> <p>Auts: Ana, olha!</p> <p>Ana: Aquelas são bem diferentes! Eu vejo um dado e uma bola! E você, Auts? Vê o quê?</p> <p>Auts: Vejo amigos!</p> <p>Contexto: O episódio destaca a interação entre Auts e Ana, enquanto observam formas nas nuvens. Auts demonstra criatividade ao interpretar as formas de maneira única, como "disco voador" e "dragão", enquanto Ana acompanha com entusiasmo, incentivando a troca de ideias com Auts.</p>
--	--	--

A narrativa da série retrata uma constante cumplicidade entre o personagem e seus amigos, com os quais ele estabelece vínculos de confiança e demonstra entusiasmo nas interações. Inicialmente, sua única dificuldade se manifesta na interação com o cachorro — um medo comum a muitas crianças —, mas, no geral, apesar de o núcleo de socialização ser restrito aos amigos Ana e Davi, o personagem se mostra receptivo a conversas, trocas de informações e atividades lúdicas.

A interação social do personagem é construída a partir de experiências simples, centradas em brincadeiras e curiosidades típicas da infância.

A primeira categoria, intitulada (1) “**conexões interpessoais**”, diz respeito à capacidade de iniciar e manter diálogos, que mostra o empenho do personagem para se engajar socialmente. No primeiro episódio intitulado *Círculo*, por exemplo, Auts se apresenta para o telespectador com a frase: “*Oi, eu sou Auts*” (Eu sou Auts, episódio 1, 2019), marcando simbolicamente o início da série e sua jornada social. Essa iniciativa destaca sua tentativa de estabelecer contato, mesmo que de maneira direta e simples. Na sequência da cena os outros personagens vão se engajando na narrativa de apresentação.

Além disso, essa categoria também traz a construção e manutenção de vínculos afetivos. No episódio 2, há uma cena centrada em um momento de interação espontânea. Auts balança-se sozinho — comportamento que pode ser interpretado como autorregulador ou uma forma

sensorial de prazer, frequentemente observado em algumas crianças autistas (DSM-5, 2014). Ana se aproxima de forma amigável, observa o movimento e decide participar da atividade, dizendo: “*Balançar? Gostei.*” (Eu sou Aut, episódio 2, 2019). Sua fala representa uma tentativa de conexão que respeita o espaço de Aut. Em seguida, Davi também adere à brincadeira, repetindo a mesma estrutura verbal, o que reforça a formação de um vínculo mediado pela ação compartilhada.

A cena exemplifica uma forma de comunicação não verbal, na qual a empatia e o interesse mútuo emergem por meio da repetição e da convivência no mesmo gesto, sem necessidade de diálogos complexos. A linguagem corporal e a imitação positiva operam como mecanismos de aproximação, respeitando o tempo e a singularidade do personagem autista.

A (2) categoria “**mediação por atividades**” representa um aspecto particular da socialização de Aut na série, marcada pela intervenção de algum recurso para a interação. Como os amigos, objetos e atividades — como brincadeiras e jogos — funcionam como base para as interações sociais do personagem.

Por exemplo, no episódio *Bloquinhos*, os blocos de montar servem como mediadores da conexão entre Aut e Davi. Já no episódio *Dançar*, a caixa de som se torna o instrumento de interação entre Ana e Aut. No episódio *Gira Gira*, os três amigos interagem por meio de brinquedos giratórios: Ana utiliza um bambolê, Aut segura um catavento e Davi brinca com um aro.

Essas atividades estruturam a dinâmica entre os personagens. Ao perceberem que Aut enfrenta dificuldades em algumas brincadeiras, os amigos adaptam a interação com os objetos ao seu ritmo e às suas preferências, promovendo sua participação de maneira inclusiva. Essa mediação revela como o personagem encontra caminhos alternativos para o engajamento social, e reforçando a importância das atividades lúdicas como facilitadoras da convivência social.

A (3) categoria “**percepções e imaginação**” traz a interação de Aut com o ambiente ao seu redor. No episódio *Nuvens*, ele e Ana observam as nuvens e compartilham suas impressões sobre as formas que enxergam no céu. Enquanto Ana identifica figuras convencionais, como um navio e um jacaré, Aut demonstra sua criatividade ao ver um disco voador e um dragão. Essa troca ressalta sua forma particular de interpretar a realidade e a importância do

reconhecimento e valorização dessas diferenças entre neurotípico¹⁶ e neurodivergentes¹⁷. O momento culmina com Auts afirmando que vê os "amigos" entre as nuvens, demonstrando a forte presença deles em sua imaginação.

A imaginação, nesse contexto, não significa sempre "fantasia no sentido tradicional", mas pode envolver associações visuais, pensamento visual, construções internas e interpretações simbólicas que refletem o modo como o mundo é sentido e organizado internamente. Ao observar nuvens, por exemplo, Auts pode enxergar não apenas formas concretas, mas também criar conexões emocionais, narrativas ou interpretações que revelam sua forma única de estar no mundo. A interação entre percepção e imaginação, portanto, torna-se uma ponte entre o universo interior da pessoa autista e sua relação com o outro.

COMUNICAÇÃO DE AUTS

A comunicação é um dos principais desafios para pessoas autistas, podendo variar de dificuldades leves na expressão verbal até a ausência total da fala. Nesse tópico, investigamos qual a forma de comunicação utilizada por Auts. Ele usa a fala ou gestos? Utiliza uma comunicação alternativa, como uso de recursos? Ele consegue ser claro e coerente na transmissão dos pensamentos? E quais barreiras e facilitadores na comunicação de Auts? Para responder a esses questionamentos, assim como os demais tópicos já observamos até aqui, analisamos a estrutura semântica das expressões de comunicação de Auts.

Como no TEA, a comunicação pode ocorrer de diferentes formas, onde muitas vezes a clareza e coerência são afetadas, tornando difícil para algumas pessoas autistas transmitir seus pensamentos e compreender mensagens implícitas. Além disso, observamos também a existência de barreiras como dificuldades no entendimento de metáforas, linguagem corporal e tom de voz. Ou a existência de facilitadores que incluem o uso de estratégias visuais, apoio profissional e um ambiente comunicativo estruturado.

Após a análises, foram identificados sete códigos representativos dos padrões comunicativos do personagem Auts. Esses códigos foram organizados em três categorias que sustentam o eixo da comunicação. A seguir, apresentam-se os principais códigos distribuídos em suas respectivas categorias:

¹⁶ Refere-se a pessoas cujo funcionamento neurológico segue o padrão esperado pela sociedade.

¹⁷ Refere-se ao desvio neurológico do padrão considerado "típico". Isso inclui pessoas com autismo, TDAH, dislexia, dispraxia, entre outras condições (Silberman, 2015).

Tabela 17: Códigos associados a comunicação de Aut.

Categorias	Códigos Associados
Categoria 1: Comunicação direta e frases curtas (4 códigos)	Fala curta e fragmentada: Caracterizado pelo uso de frases curtas, pausadas e diretas, com foco em palavras-chave e estrutura gramatical simplificada. Com utilização na terceira pessoa.
	Comunicação espontânea: Aut reage rapidamente ao evento inesperado ao nomear os elementos da situação, demonstrando que sua comunicação é espontânea, sincera e baseada na observação imediata.
	Comunicação literal: Caracteriza-se pela dificuldade em interpretar sinais sociais implícitos.
	Indiferença na comunicação: Caracteriza-se pela dificuldade de Aut em compreender e responder adequadamente a solicitações sociais, demonstrando resistência ou falta de percepção a comandos simples, como "pare" ou "espere", priorizando seu próprio interesse sensorial ou padrão repetitivo de comportamento.
Categoria 2: Comunicação não verbal (2 códigos)	Associação visual: Categorizado pelo uso dos gestos como um meio de comunicação para complementar a fala, caracterizando-se por apontar, tocar objetos e realizar movimentos intencionais para reforçar a interação. Aut demonstra um pensamento altamente visual, onde a transformação de um triângulo em diferentes objetos (pizza, pirâmide, tenda) representa uma forma de comunicação baseada na associação de formas.
	Comunicação não verbal e expressão corporal: Caracteriza-se por expressa sua satisfação por meio de movimentos repetitivos (balançar-se) e sons espontâneos. Essa manifestação não verbal pode ser interpretada como um comportamento de autorregulação sensorial e uma forma de comunicação emocional. Sua alegria se expressa mais pelo movimento e som do que por palavras, o que evidencia uma comunicação que vai além da linguagem oral.
Categoria 4: Comunicação mediada (01 código)	Facilitação da comunicação por mediação social: Caracteriza-se por uma mediação auxiliada pelos amigos, principalmente para ajudar a Aut a lidar com novas interações e desafios emocionais.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Após a fusão dos códigos em suas respectivas categorias baseadas em princípios já adotado nos tópicos anteriores como a sobreposição temática e coesão conceitual. Vimos um personagem autista que se comunica de forma simples, com utilização de frases fragmentadas na comunicação. Um exemplo disso pode ser observado na análise do episódio 6, intitulado *Pipoca*, em que Aut está comendo pipoca com seu amigo Davi. Ao perceber que a pipoca acabou, Aut sinaliza essa informação de forma direta e objetiva, dizendo: “*Pipoca. Acabou. Davi. Pipoca. Acabou*” (Eu sou Aut, episódio 06, 1ª temporada, 2019). Esse tipo de construção foi classificado como um código de frase curta e fragmentada, enquadrando-se na categoria que chamamos de comunicação direta e frases curtas. Assim, definimos essa categoria como composta por construções que seguem critérios de frases curtas, diretas e estruturadas de forma simplificada. Assim, cada frase nos diálogos foi analisada de acordo com sua temática e

significado específico. O objetivo foi minimizar redundâncias e garantir a precisão necessária para compreender as variações comunicativas de Aut's.

Dessa forma, os sete códigos identificados foram reduzidos para três categorias. A seguir, apresenta-se a tabela que contextualiza e exemplifica essas categorias.

Tabela 18: Contextualização da Comunicação de Aut's.

Categorias	Definições	Exemplos
Comunicação direta e frases curtas	Refere-se a uma forma de expressão marcada pela objetividade, uso de frases curtas e interpretações literais, revelando uma comunicação espontânea, porém limitada na compreensão de nuances sociais e implícitas da linguagem.	<p>Episódio 17 (Esconde esconde) Ana: Aut's, você precisa se esconder pra eu procurar. Aut's: Tá bem, esconder. Narradora: Ele vira de costas. Ana: Aut's, eu ainda posso te ver? Aut's: Não pode. Aut's escondido. Narradora: Ana toca nele. Ana: Oi, Ana! Aut's: Aut's ganhou. Ana: Ainda não, Aut's. Olha, pra ganhar, você precisa ir pra um lugar que não fique em minha frente. Aut's: Não ficar na frente. Entendi. Ana: Então vamos lá! Narradora: Aut's se esconde atrás de Ana. Ana: Um, dois, três, e lá vou eu! Ué, cadê ele? Será que ele foi pra lá ou pra cá? Narradora: Aut's toca em Ana. Ana: Aut's, você tá aí? Aut's: Você não viu. Ganhei!</p> <p>Contexto: Quando Ana explica que Aut's precisa se esconder, ele aceita a instrução, mas sua interpretação da ação é literal – ao simplesmente virar de costas, acredita estar escondido. Outro ponto são frases curtas e ao falar dele mesmo utiliza-se da terceira pessoa. Como ao invés de fala: Não pode, Eu estou escondido” ele diz: “Não pode. Aut's escondido”.</p>
Comunicação não verbal	Refere-se ao uso de gestos, expressões corporais e associações visuais como formas primárias de interação, revelando um pensamento concretamente imagético.	<p>Episódio 1 (Círculo) Narradora: Aut's toca o círculo com a ponta do lápis e um objeto pula de dentro dele. Aut's: Bola. Aut's: Roda, Roda de carro. Aut's: Botão de roupa. Aut's: A terra, nossa casa.</p> <p>Contexto: Aut's explora a forma circular por meio da observação e nomeação de objetos que compartilham essa característica. Ao tocar o círculo com o lápis, ele associa espontaneamente diferentes elementos</p>

		do seu repertório visual e conceitual, como "bola", "roda de carro", "botão de roupa" e, por fim, "a Terra, nossa casa". Essa sequência evidencia um padrão de pensamento associativo.
Comunicação mediada	Refere-se ao apoio de terceiros como facilitadores da interação, mostrando como a mediação social pode auxiliar o personagem autista a enfrentar desafios comunicacionais e emocionais em contextos de convivência.	<p>Episódio 21 (Futebol) Davi: Pega a bola! Agora eu vou ficar no gol! Vai lá, chuta! Auts: Fazer gol! Davi: Haha, é o que você pensa! Nada passa pra esse goleirão aqui! Vai lá, chuta! Narradora: Auts, chuta fraquinho. Davi: Auts, você tem que chutar mais forte! A bola nem chegou aqui, pera aí! Vamos lá, chuta! Agora me mostre seu chute mais forte. Narradora: A bola quase não rola! Davi: Ah, Auts! Assim não dá pra jogar! Toma! Narradora: Chuta pra Auts! Davi: Espera aí, Auts! Olha, dessa vez eu vou ficar mais perto, tá? Mas não vai ser fácil não! Você nunca fará esse gol! Chuta!</p> <p>Contexto: Davi incentiva Auts a chutar a bola com força, mas Auts executa um chute fraco, demonstrando dificuldade em modular sua força motora para a atividade. A persistência de Davi em ajustar a brincadeira, aproximando-se e tornando o desafio mais acessível, demonstra a importância de uma mediação empática para promover uma experiência positiva e inclusiva.</p>

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A primeira categoria, (1) “**comunicação direta e frases curtas**”, reúne enunciados curtos, fragmentados, literais e espontâneos, os quais resultam, em alguns momentos, em certo distanciamento nas interações sociais. Todas essas formas de expressão compartilham um mesmo princípio: Auts utiliza frases curtas, diretas e estruturadas para expressar pensamentos e iniciar interações. Sua comunicação é objetiva, sem o uso de elementos subjetivos ou linguagem elaborada.

No episódio *Gira Gira*, por exemplo, ele se comunica por meio de palavras-chave, como *Catavento!* e *Gira, gira!*. Já no episódio *Pipoca*, manifesta de forma espontânea sua necessidade com frases curtas, solicitando mais pipoca. Esses exemplos ilustram como sua comunicação ocorre de maneira imediata, literal e centrada na função prática da linguagem.

A segunda categoria, (2) **“comunicação não verbal”**, abrange tanto a comunicação não verbal quanto a associação visual. Essas formas de expressão extrapolam o uso da fala, envolvendo gestos, movimentos e interações visuais como recursos comunicativos.

No episódio *Balançar*, Auta demonstra satisfação ao balançar-se, e esse gesto se transforma em meio de interação quando Ana e Davi passam a imitá-lo, convertendo o movimento em uma atividade coletiva. Já no episódio *Triângulo*, o personagem utiliza um objeto visual — o triângulo — para atribuir-lhe diferentes significados, como forma de compreensão fundamentada na associação entre formas e conceitos.

A fusão desses elementos justifica-se pelo entendimento de que a comunicação pode ocorrer por diferentes canais além da linguagem oral, seja por meio de gestos, seja por interações visuais que contribuem para a construção de sentido e conexão social.

Por fim, a terceira categoria, (3) **“comunicação mediada”**, abrange as estratégias de facilitação da comunicação adotadas pelos amigos de Auta para tornar suas interações mais acessíveis e eficazes. Em diversos episódios, os personagens adaptam suas falas e ações com o objetivo de auxiliar Auta na compreensão do contexto e na participação nas brincadeiras.

No episódio *Catavento*, por exemplo, após todas as crianças utilizarem os brinquedos disponíveis, Ana percebe que o catavento de Auta ainda não foi usado, ela incentiva: “E seu o catavento, Auta? Gira! Gira! (Eu sou Auta, episódio 12, 1ª temporada, 2019). Demonstrando atenção à inclusão e ao estímulo à participação, ela o convida a se envolver na atividade, utilizando palavras encorajadoras como forma de promover sua interação com o grupo.

De modo semelhante, no episódio *Futebol*, Davi observa que instruções verbais não são suficientes para que Auta compreenda a dinâmica do jogo. Por isso, adapta sua abordagem e o convida diretamente para participar, ajustando sua comunicação às necessidades específicas de Auta. Na sequência iremos observar o contexto comportamental do personagem Auta na narrativa da série.

TIPOS DE COMPORTAMENTO DE AUTAS

Para a análise dos comportamentos do personagem Auta, foram observados padrões repetitivos e restritos, bem como sua sensibilidade a estímulos sensoriais. A investigação concentrou-se nas reações mais evidentes do personagem, incluindo hipersensibilidade a sons, luzes, texturas, cheiros e sabores. Também foram observados seus principais interesses e

fixações, além de comportamentos adaptativos, considerando sua capacidade de lidar com mudanças e adaptar-se a novas situações.

Para garantir que cada categoria fosse suficientemente distinta e que todas fossem mantidas, a partir da análise indutiva, observamos os padrões regulares nos comportamentos de Autismo e agrupamos as características que compartilhavam narrativas semelhantes ou base conceitual comum.

Assim com a coesão conceitual, guiou o refinamento dos nomes e definições das categorias para garantir que fossem amplas o suficiente para abranger todos os códigos comportamentais sem perder sua identidade central.

O levantamento dos códigos do comportamento do personagem Autismo durante os 26 episódios analisados identificaram oito códigos. Esses foram definidos de acordo com os significados observados nas cenas do personagem, compostas por diálogos, tons e nas situações narrativas em que ele esteve envolvido.

Esse processo resultou na identificação de cinco categorias amplas: comportamento autoestimulante, déficits motores, resistência a mudanças, sensibilidade sensorial sonora e tátil e resiliência. Essas categorias sintetizam os principais traços comportamentais do personagem.

Tabela 19: Códigos associados ao comportamento de Autismo.

Categorias	Códigos Associados
Categoria 1: Comportamento autoestimulante. (02 códigos)	Balançar o corpo: Caracterizado no personagem pelo movimento repetitivo do corpo para o lado e para o outro. Ecolalia: Caracterizado pela repetição de palavras ou frases ditas por outra pessoa, com ou sem compreensão do significado.
Categoria 2: Déficits motores (01 código)	Déficit de coordenação motora fina: Refere-se à dificuldade em realizar movimentos pequenos e precisos, geralmente envolvendo as mãos e os dedos, com a integração dos olhos (coordenação visomotora).
Categoria 3: Resistência a mudanças (02 códigos)	Rigidez comportamental: Dificuldade de mudar de rotina ou de aceitar mudanças.
	Hiperfoco: Atenção prolongada e intensa em um tema.
Categoria 4: Sensibilidade sensorial sonora e tátil. (2 códigos)	Hipersensibilidade a sons: é uma reação exagerada ou desconfortável a estímulos sonoros.
	Hipersensibilidade a temperatura: é uma reação exacerbada a variações térmicas, como calor ou frio.
Categoria 5: Resiliência (01 código)	Apoio frequente dos amigos: para se adaptar e interagir com o meio social, Autismo conta com uma rede de apoio que facilita sua participação nas atividades cotidianas.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A tabela a seguir detalha os principais aspectos identificados na análise, acompanhados de exemplos de cenas que justificam a definição e a organização de cada categoria comportamental.

Tabela 20: Contextualização do comportamento de Aut.

Categoria	Definição	Exemplos
Comportamento autoestimulante	Comportamentos repetitivos que incluem ações como balançar o corpo repetitivamente.	<p>Episódio 14 (Nuvens) Narradora: Aut e Ana sentados no chão olham pro alto. (Aut de balança de um lado para o outro). Nuvens passam da direita pra esquerda. Ana: Aut (fica se balançando), olha as nuvens! Aut: Nuvens, nuvens! Ana: São tão bonitas! Parecem desenhos no céu, né? Olha essa! Eu vejo um navio bem grande! Contexto: Aut se balança e repete palavras, indicando prazer na experiência e sua forma de processar o momento.</p>
Déficits motores	Dificuldade em realizar movimentos precisos e controlados, resultando em ações descoordenadas, como trajetórias irregulares e falta de controle sobre a direção e estabilidade dos objetos manipulados.	<p>Episódio 8 (Videogame) Davi: Ei, Aut. Quer jogar comigo? Vamos lá. Narradora: Davi dá o controle a Aut e eles sentam no tapete. Davi: Pronto. Quando der luz verde, é só acelerar. Narradora: O carro de Davi sai em linha reto. O carro de Aut sai em zig zag. Contexto: No jogo de videogame Aut não consegue conduzir o carrinho em linha reta.</p>
Sensibilidade sensorial sonora e tátil	Reações incomuns a sons e temperatura. Normalmente são ações exageradas aos ambientes.	<p>Episódio 15 (Passarinho) Narradora: Sentado no chão, Aut balança o corpo pra lá e pra cá. Um passarinho sobrevoa a cabeça de Aut. Aut tapa os ouvidos e se treme. O passarinho pousa no chão. Aut: Passarinho! Contexto: A cena começa com Aut sentado no chão, balançando o corpo de um lado para o outro. Um passarinho pousa acima de sua cabeça e canta, mas o som o incomoda.</p>
Resistencia a mudanças	Enfatiza a capacidade de manter o foco e resistir a interferências externas por um período prolongado.	<p>Episódio 19 (Cécegas) Narradora: Aut segue com um olhar fixe pra frente. Davi sai e volta fazendo embaixadinha com uma bola. Davi: Aut, olha! Uma bola! Vamos</p>

		brincar de bola? Narradora: Auts segue olhando pra frente. Davi: Não, né? Contexto: O amigo de Auts tenta atrair sua atenção com brincadeiras e brinquedos, mas nada tira a concentração de Auts.
Resiliência	Capacidade de se ajustar a novas situações ou mudanças no ambiente.	Episódio 17 (Esconde Esconde) Ana: Ainda não, Auts. Olha, pra ganhar, você precisa ir pra um lugar que não fique em minha frente. Auts: Não ficar na frente. Entendi. Ana: Então vamos lá! Narradora: Auts se esconde atrás de Ana. Ana: Um, dois, três, e lá vou eu! Ué, cadê ele? Será que ele foi pra lá ou pra cá? Narradora: Auts toca em Ana. Ana: Auts, você tá aí? Auts: Você não viu. Ganhei! Contexto: Mesmo sem familiaridade inicial com a brincadeira de esconde esconde, após muitas explicações ele começa a demonstrar adaptação.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A categoria (1) “**comportamento autoestimulante**” abrange comportamentos caracterizados pela repetição insistente de movimentos ou ações. Esse comportamento costuma incluir ações repetitivas como balançar o corpo, bater palmas, girar objetos ou repetir palavras, geralmente como forma de autorregulação sensorial ou emocional. No episódio *Dançar*, no início da cena: “Narradora: Sentados, Ana e Auts se balançam. Ana sai e volta com um rádio. Aperta um botão. Ana observa Auts se balançando. Ele sorri.” (Eu sou Auts, episódio 25, 2019). Aqui, Auts está se balançando sozinho, espontaneamente, antes de a música começar ou qualquer atividade ser proposta.

Esse balançar repetitivo e rítmico do corpo, sem estímulo externo claro (como música ou convite para dançar), é um exemplo típico de comportamento autoestimulante. Essa ação repetitiva e espontânea está relacionada a estratégias de autorregulação, características associadas ao TEA, e se manifesta como uma forma de prazer e organização interna.

A repetição de palavras, também aparece, isso se refere ao uso reiterado de termos ou expressões previamente ouvidas. Essa conduta é comum no processamento da linguagem e nas

interações sociais de pessoas autistas, funcionando como estratégia de compreensão e aproximação com o ambiente.

Auts repete palavras ou frases ditas por outros personagens. No episódio *Cócegas*, por exemplo, ele ecoa as falas de Davi, expondo a repetição verbal como forma de participar da interação. Além da repetição oral, Auts também imita gestos e ações dos amigos como mecanismo de interação e assimilação do contexto.

A categoria (2) “**déficits motores**” é apresentada por Auts como um déficit no controle e na precisão dos movimentos voluntários, afetando a capacidade de executar tarefas que exigem coordenação visomotora¹⁸ e planejamento motor. No episódio *Videogame*, essa limitação é viabilizada quando o personagem não consegue conduzir um carro virtual em linha reta, resultando em movimentos irregulares e descoordenados. Tais características podem ser associadas a alterações no desenvolvimento neuromotor, observadas em pessoas com TEA, e se enquadram na categoria de comprometimentos sensório-motores, podendo impactar a autonomia e a realização de atividades cotidianas.

A categoria (3) “**sensibilidade sensorial sonora e tátil**” explora a relação de Auts com estímulos sensoriais externos. Sua sensibilidade aumentada a sons e temperaturas pode gerar reações exacerbadas. Hipersensibilidade auditiva é uma reação exagerada ou desconfortável a estímulos sonoros. No contexto do TEA, sons comuns — como buzinas, multidões ou até eletrodomésticos — podem causar incômodo intenso, ansiedade ou comportamentos de evitação. No episódio *Passarinho*, Auts reage ao canto de um pássaro cobrindo os ouvidos e se encolhendo, destacando hipersensibilidade auditiva.

Hipersensibilidade tátil é uma reação intensa a variações térmicas, como calor ou frio, que podem ser percebidas de forma desconfortável ou dolorosa por pessoas autistas, mesmo em condições consideradas normais por outros. Isso pode gerar irritabilidade, resistência ao uso de certas roupas ou dificuldades em ambientes com mudanças térmicas. No episódio *Roupa Nova*, a amiga Ana propõe a Auts uma troca de roupa, à medida que as roupas são apresentadas, o ambiente muda — surgem estímulos como vento gelado e calor do sol. Auts reage de forma intensa a cada um desses estímulos: Diante do casaco, um vento gelado aparece e ele diz:

¹⁸ Refere-se à habilidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo, especialmente das mãos. Ou seja, é a capacidade de usar a percepção visual para orientar e controlar ações motoras — como, por exemplo, desenhar, escrever, recortar, pegar objetos ou montar quebra-cabeças. Essa integração entre o que vemos e como movemos é fundamental para muitas tarefas do cotidiano, principalmente no desenvolvimento infantil. (Valverde *et al.*, 2020)

“Muito frio!”, enquanto treme — sinal de hipersensibilidade ao frio. Quando veste roupas de verão, o sol brilha e ele começa a suar, dizendo: “Muito calor!” — mostra hipersensibilidade ao calor. (Eu sou Aut, episódio 09, 2019).

Aut demonstra respostas físicas exageradas a mudanças de temperatura e sensações táteis, algo recorrente no TEA. Pequenas alterações no ambiente causam grande desconforto no personagem.

Na categoria (4) “**resistência a mudanças**” Aut apresenta uma forte inclinação para manter rotinas no seu dia a dia, evitando mudanças inesperadas que possam desestabilizar seu ambiente. Além disso, sua apreciação por padrões geométricos e estruturas organizadas também se insere na lógica de interesse restrito, pois reflete a preferência por estímulos visuais estáveis e sistemáticos. Na narrativa, essa característica se expressa em situações como a recusa de Aut em mudar de roupa no episódio *Roupa Nova*. A escolha por uma roupa idêntica à sua habitual mostra uma preferência por padrões familiares, característica comum no espectro autista. Isso também indica resistência à mudança e uma necessidade de manter a rotina e o conhecido. Nesse episódio nenhuma das roupas agrada Aut até que ele escolhe uma peça idêntica à que já usava. Ele afirma: “Igual! E bonita!” (Eu sou Aut, episódio 09, 2019), deixando claro que se sente confortável com o que lhe é familiar.

No que se refere à (5) “**resiliência**”, a série destaca que essa adaptação só se torna possível devido à presença constante dos amigos, que auxiliam Aut a se engajar nas brincadeiras e nos jogos. As cenas evidenciam o apoio frequente oferecido por esses personagens, que atuam como mediadores em sua rotina cotidiana.

No tópico seguinte, dedicado ao contexto social, essa rede de apoio é analisada com maior profundidade.

CONDIÇÕES CONTEXTUAIS: SOCIAL

Aqui iremos registrar como as pessoas acolham o personagem e como era a sua participação no meio em que ele estava inserido. Entretanto, como a série não traz em seu enredo o núcleo familiar, profissional ou escolar de Aut. Focamos somente no contexto social explorado na série. Em que surge dois amigos do personagem e um cachorro cuja socialização era sempre baseada em jogos e brincadeiras infantis.

O registro se manifestou por meio de cenas favoráveis e desfavoráveis sobre a participação e na aceitação de Aut no grupo. As cenas favoráveis são aquelas em que o

ambiente, os personagens e as interações contribuem positivamente para a inclusão, comunicação e bem-estar de Aut. Essas cenas promovem aceitação, respeito às suas particularidades e incentivam sua participação ativa nas atividades sociais. Entre outras, apresentam muita estabilidade, oferecendo explicações claras, apoio dos amigos e situações estruturadas que facilitam a compreensão de Aut ao contexto.

Já as cenas desfavoráveis são aquelas que apresentam desafios para Aut, seja por barreiras sociais, dificuldades sensoriais ou momentos de frustração na interação com o ambiente e com os amigos. Essas cenas podem envolver estímulos inesperados, mudanças bruscas ou falhas na comunicação que dificultam a participação de Aut, gerando desconforto ou ansiedade.

Na análise das 26 cenas correspondentes aos episódios da série Aut. Do total, 25 episódios foram classificados como representações positivas, o que corresponde a 96,15% da totalidade. Apenas um episódio foi classificado como negativo, representando 3,85%.

A série apresenta uma abordagem positiva e inclusiva sobre a vivência do protagonista. Logo no primeiro episódio, intitulado *Círculo*, Aut demonstra criatividade e alegria ao transformar um desenho em diversos objetos, culminando em uma nova amizade com Ana — um exemplo de socialização positiva. Essa mesma linha segue no episódio *balançar*, onde Aut compartilha uma brincadeira com amigos e até com um cachorro, reforçando laços e diversão coletiva. No episódio *Triângulo*, mesmo diante do medo do cachorro, o apoio de Ana permite a superação do susto, o que confere à cena um viés positivo de aprendizado emocional.

No episódio *Bloquinhos*, Aut demonstra habilidades de construção e cooperação com Davi, com destaque para o respeito mútuo durante a brincadeira. Nos episódios *Banda* e *Pipoca* seguem essa linha de interações, onde música, alimentação e socialização se unem em contextos alegres e inclusivos. No episódio *Origami* valoriza a imaginação compartilhada entre Aut e Ana, com destaque para o respeito ao ritmo do outro.

No episódio *Videogame*, embora haja um momento de tensão, Davi reconhece o desconforto de Aut e se desculpa, promovendo empatia e reconexão — reforçando uma aprendizagem emocional positiva. Já no episódio *Roupa Nova* aborda questões sensoriais e identidade de maneira respeitosa, ao mostrar que Aut prefere roupas iguais às que já usa, revelando o valor da rotina e do conforto pessoal.

O único episódio com classificação “negativa” é *Escuro*. Nele, Auta insiste em apagar a luz repetidamente, prejudicando o momento de concentração de Davi. Ainda que a cena termine com uma tentativa de reconciliação, ela revela uma dificuldade de Auta entender o desconforto do outro, o que configura um conflito.

Em episódios como *Sombras*, *Gira Gira* e *Tchibum*, a série mostra brincadeiras cooperativas e bem-humoradas entre os amigos. Auta participa ativamente e com entusiasmo, consolidando vínculos e desenvolvendo habilidades sociais. O episódio *Nuvens* é especialmente afetivo, pois mostra Auta vendo “amigos” nas nuvens e sendo acolhido por Ana, revelando uma construção emocional delicada.

Nos episódios *Passarinho*, *Bolhas* e *Esconde-esconde*, há uma alternância entre frustração e resolução, sempre conduzida por figuras de apoio como Ana ou o próprio cachorro, que favorecem a adaptação e o bem-estar do protagonista. A sequência final de episódios — como *Corrida*, *Praia*, *Brinquedo Novo*, *Tchau*, *Piquenique*, *Abraço*, *Natal*, *Festa* e *Parque* — enfatiza experiências de integração, partilha e celebração coletiva. São cenas marcadas por empatia, amizade e aceitação, que reforçam uma narrativa positiva sobre a convivência e o desenvolvimento infantil.

Em suma, esse resultado das categorias reflete o caráter inclusivo, afetivo e educativo da série, cuja maior parte das cenas promove interações construtivas, empatia, respeito às diferenças e convivência. A única exceção, o episódio *Escuro*, serve mais como alerta para os desafios que podem surgir na comunicação e nos limites interpessoais, sem comprometer a proposta geral da série.

As cenas favoráveis destacam-se por promover um ambiente de aceitação, interação social e respeito às particularidades de Auta. Um exemplo disso ocorre no episódio, intitulado *Cores*, em que os amigos colaboram para criar uma pintura coletiva, validando as contribuições de Auta e incentivando sua criatividade. Podemos ouvir dos amigos frases do tipo “Você tem muita imaginação.”, “Oh, Auta! Que lindo! Amigos¹⁹!” (Eu sou Auta, episódio 14, 1ª temporada, 2019), “Bacana! Auta, vamos lá! Vamos rodar!²⁰” (Eu sou Auta, episódio 18, 1ª temporada), “Olha, Auta o cachorro é nosso amigo.” (Ana, episódio 03, 1ª temporada). Outro exemplo

¹⁹ Contexto: Nessa fala Auta e Ana observam o formato das nuvens, em uma delas Auta vê o formato dos amigos nas nuvens.

²⁰ Contexto: Auta e Davi estão brincando de “Agidado”, um jogo em que eles lançam um dado com ações. Cada jogador deve executar a ação indicada pelo dado. Por exemplo, se o dado mostrar um desenho de pular, todos devem pular.

positivo está no episódio, *Esconde-Esconde*, quando Ana explica pacientemente as regras da brincadeira, permitindo que Auta aprenda e se adapte à dinâmica do jogo.

A análise da série *Eu sou Auta* revela uma construção sensível, cuidadosa e pedagogicamente relevante da representação do TEA no universo infantil. Ao acompanhar o personagem Auta em seus modos particulares de interagir, comunicar e perceber o mundo, observa-se uma narrativa que valoriza a diversidade sem recorrer a estereótipos redutores ou caricaturais.

A divisão da análise em três eixos principais — interação social, comunicação e tipos de comportamento — permitiu identificar padrões que se alinham às manifestações mais comuns do TEA, ao mesmo tempo em que ressaltam a individualidade do personagem e sua inserção em um contexto relacional acolhedor. A presença constante dos amigos Ana e Davi, bem como as estratégias inclusivas adotadas por eles, funciona como dispositivos de mediação e suporte, favorecendo o desenvolvimento e o fortalecimento dos vínculos afetivos de Auta.

Outro aspecto relevante está na forma como a série utiliza elementos visuais, simbólicos e lúdicos para comunicar aspectos subjetivos da experiência autista, permitindo que crianças neurotípicas e neurodivergentes se reconheçam, aprendam e dialoguem com a diferença. A predominância de episódios classificados como positivos (96,15%) confirma o caráter inclusivo e afetivo da obra, que propõe uma convivência baseada na empatia e na valorização das singularidades.

Em suma, o impacto social da série demonstra por meio de uma narrativa simples e acessível, um potencial expressivo de transformação social ao naturalizar a presença de uma criança autista em um ambiente de brincadeira, amizade e afeto. O fato de 96,15% dos episódios analisados terem sido classificados como representações positivas demonstram o compromisso da obra com a inclusão e o respeito às diferenças, construindo um repertório visual e simbólico que contribui para o enfrentamento de estigmas e para a promoção de uma cultura mais empática e acolhedora. A convivência entre Auta e seus amigos, marcada por mediações afetivas, compreensão e adaptações, propõe um modelo de interação social que ultrapassa os limites da ficção e inspira práticas reais de inclusão no cotidiano escolar, familiar e social. Dessa forma, a série atua não apenas como entretenimento, mas como meio educativo e de conscientização sobre o TEA, especialmente na infância.

4.4 O AUTISMO DE WOO

Woo Young Woo é uma jovem advogada recém-formada que vive com o pai, um pequeno comerciante, em Seul, Coreia do Sul. Pertencente a classe média baixa, ela inicia sua trajetória profissional no maior escritório de advocacia da cidade. No entanto, o ingresso no mercado de trabalho foi dificultado pelo preconceito associado ao seu diagnóstico de autismo. Essa dificuldade é explicitada no episódio quatro da primeira temporada, quando seu pai comenta com a diretora do escritório que, apesar de sua inteligência, Woo enfrentou rejeições por ser autista (Uma Advogada Extraordinária, episódio 4, cena 28, 1ª temporada, 2022).

O diagnóstico de autismo de Woo foi descoberto quando ela tinha 5 anos de idade. Na época, seu pai ficou intrigado com o fato de que, até então, ela ainda não havia pronunciado nenhuma palavra. Essa situação o levou a buscar ajuda médica, que levantou a suspeita de autismo. Sem compreender o que significava o diagnóstico, o pai ficou preocupado sobre como lidar com essa nova realidade.

A série indica que a personagem não recebeu acompanhamento especializado contínuo durante a infância.

Esse ponto é reforçado no décimo episódio da primeira temporada, durante um diálogo entre os pais de Woo, que discutem os cuidados oferecidos à filha. A mãe, ao retornar após um longo período afastada, questiona a ausência de acompanhamento profissional na vida da jovem e indaga se o pai conta com o apoio de algum especialista. O pai responde que foi ele quem ofereceu todos os cuidados necessários e que, em sua perspectiva, Woo está bem mesmo sem o suporte de profissionais especializados.

A mãe, contudo, contesta essa posição, argumentando que nunca é tarde para oferecer um ambiente mais adequado para a filha. Ela ressalta que, nos Estados Unidos – particularmente em Boston – há ampla rede de apoio composta por grupos especializados, médicos e psicólogos voltados ao atendimento de pessoas autistas. Diante disso, ela evidencia a solidão e vulnerabilidade de Woo em seu contexto atual, levantando o questionamento sobre a capacidade do pai de assumir, sozinho, a total responsabilidade pelo bem-estar da filha (Uma advogada extraordinária, episódio 10, cena 18, 1ª temporada, 2022).

A cena explicita o contraste entre concepções distintas de cuidado e destaca as desigualdades no acesso a recursos terapêuticos, especialmente quando se comparam realidades socioculturais e geográficas distintas.

A mãe reforça a importância de procurar apoio profissional, enfatizando que, por se tratar de uma condição sem cura, o autismo requer intervenção especializada contínua para

favorecer o desenvolvimento da personagem. O pai reflete sobre o que foi dito pela mãe de Woo e se questiona se, caso tivessem melhores condições financeiras e pudessem oferecer um acompanhamento adequado, teria sido mais fácil enfrentar os desafios do autismo da filha.

GENIALIDADE DE WOO YOUNG WOO E SEUS NUCLEOS DE RELAÇÃO SOCIAL

Um dos elementos centrais na construção da personagem é sua inteligência excepcional, constantemente mencionada pelos demais personagens, que a chamam de “gênio”. Essa característica é vista desde o primeiro episódio da série, sendo associada à sua capacidade de memorização e raciocínio lógico, especialmente em relação ao conhecimento jurídico.

No primeiro episódio da primeira temporada na infância da protagonista, após uma consulta médica em que o pai recebe a suspeita de que a filha pode estar no espectro autista, os dois vivenciam uma situação de conflito com o proprietário do imóvel onde moram.

Nesse momento, Woo, que até então nunca havia falado, surpreende ao verbalizar, de forma precisa, trechos do código penal coreano, aplicando-os corretamente à situação. A cena mostra não só o início de sua fala verbal, mas também a forma singular com que ela processa e reproduz informações complexas.

O pai, emocionado, reconhece que a filha havia memorizado integralmente os livros de direito disponíveis em casa. A vizinha, ao ouvir Woo recitar os artigos legais, também se impressiona e a chama de “gênio”, prevendo inclusive que ela poderia se tornar advogada no futuro (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 3, 1ª temporada, 2022).

Esse momento não apenas introduz a inteligência como uma marca da personagem, mas também reforça uma visão social de senso comum sobre pessoas autistas com habilidades extraordinárias, muitas vezes associadas ao espectro, sobretudo em representações midiáticas.

Na fase adulta, o principal conflito da trama gira em torno da jornada de Woo como advogada autista, enfrentando os desafios de viver em uma sociedade competitiva enquanto lida com sua condição. Sua trajetória se desenvolve em quatro principais núcleos sociais:

1. **Família:** A casa e o restaurante administrado pelo pai funcionam como espaços centrais para as interações e os conflitos familiares.
2. **Profissional:** O escritório de advocacia e os tribunais, onde ela exerce sua profissão e enfrenta as demandas e pressões do ambiente jurídico.
3. **Casos de trabalho:** Os diversos locais relacionados às investigações e processos que conduz, como hospitais, residências de clientes e penitenciárias.

4. **Social:** O bar onde sua melhor amiga trabalha, um espaço que proporciona interação e apoio emocional fora do ambiente profissional e familiar.

A série se desenrola em um contexto sul-coreano marcado por desafios estruturais de ordem social, econômica e cultural, que impactam diretamente a qualidade de vida da população. Embora a Coreia do Sul seja reconhecida como uma democracia consolidada, ainda apresenta sérias limitações no que diz respeito à oferta de suporte e proteção social, sobretudo devido à desigualdade existente e à predominância de relações de trabalho flexíveis, que frequentemente deixam os trabalhadores sem direitos básicos. O país adota um modelo neoliberal que acentua a lógica da competitividade, impulsionada pelo capitalismo financeiro, o que imprime uma cultura fortemente voltada à busca por desempenho e excelência. Valores como meritocracia e esforço individual são amplamente difundidos, desde o sistema educacional até o ambiente profissional (Brito, 2024).

Nesse cenário, indivíduos com algum tipo de deficiência enfrentam ainda mais dificuldades para se inserir e participar plenamente da vida em sociedade, sendo exigido deles um esforço adicional de adaptação.

Dessa forma, realizamos a análise da representação do autismo na série da primeira temporada com 16 episódios com aproximadamente 30 cenas cada episódio. O objetivo foi aprofundar a compreensão dessa representação, utilizando como base três eixos fundamentais do autismo: (1) interação social, (2) comunicação e (3) tipos de comportamentos apresentados pela personagem.

No eixo de interação social, foi observada a dificuldade em iniciar ou manter conversas e em interpretar sinais sociais. No eixo de comunicação, foram analisadas dificuldades em interpretar emoções, bem como a compreensão de metáforas ou ironias e o uso de linguagem verbal ou não verbal. No eixo comportamental, foram analisadas condutas repetitivas, hipersensibilidade sensorial e dificuldades com mudanças na rotina.

A análise da representação do autismo na série também foi conduzida de forma indutiva, sem hipóteses pré-definidas. Essa abordagem permitiu que os padrões e significados emergissem diretamente do material analisado.

A unidade de análise foram as cenas da primeira temporada, tratadas individualmente como unidades de significado. Assim como as duas séries aqui analisadas, a interpretação considerou o conteúdo dos diálogos, o cenário e a dinâmica da cena, incluindo o contexto físico, expressões corporais, tom de voz e interação entre os personagens.

A análise seguiu um processo típico de codificação em pesquisa qualitativa. Primeiro, foram identificados temas centrais nos diálogos e nas interações. A partir desses temas, foram criados códigos como "empatia", "foco em interesse específico" e "interpretação literal da linguagem". Esses códigos foram organizados em categorias mais amplas para sistematizar os resultados. Essa estruturação permitiu identificar padrões consistentes na representação do TEA na série. A seguir, apresentamos os dados encontrados nos três eixos.

INTERAÇÃO SOCIAL DE WOO

Neste tópico, analisamos o contexto das interações sociais de Woo. A análise inclui a capacidade da personagem de iniciar conversas e interações espontâneas, um desafio comum para indivíduos no espectro. Também foram observadas as respostas às interações sociais, analisando se a personagem reage de forma receptiva, hesitante ou evita o contato. Por fim, a análise abordou as relações interpessoais, avaliando a qualidade e profundidade dos relacionamentos da personagem ao longo da narrativa. Isso reflete tanto as barreiras enfrentadas quanto as formas singulares de conexão desenvolvidas por ela.

O primeiro núcleo de interação social de Woo é formado por ela e seu pai. A mãe de Woo abandonou a família logo após o parto, pois decidiu não cuidar da criança para não interromper seus estudos e sua carreira profissional.

Diante dessa situação, o pai assumiu integralmente a responsabilidade pela criação e cuidado da protagonista, abandonando seus próprios estudos e profissão para dedicar-se exclusivamente a filha e apoiar seu processo de inclusão social.

Entre as estratégias adotadas pelo pai para auxiliar Woo, destaca-se a decisão de mudar-se para o interior, com o objetivo de proporcionar à filha um ambiente escolar menos hostil, já que ele acreditava que na cidade grande ela sofreria mais preconceito.

Além disso, para apoiar Woo na compreensão e regulação emocional, o pai utilizava cartões com expressões emocionais, anexados diariamente no guarda-roupa dela, auxiliando-a na interpretação adequada das emoções.

O segundo núcleo de interação social de Woo é composto pelos amigos. Durante a infância e adolescência, Woo tinha apenas uma amiga na escola, Dong Geurami, que a protegia dos outros alunos que zombavam de sua condição. Antes dessa amizade, Woo costumava se isolar nas salas dos professores ou na sala do zelador. Apenas na fase adulta, após ingressar no mercado de trabalho, é que seu círculo de amigos se expande.

O terceiro núcleo de interação surge no escritório de advocacia Hambadar, onde Woo começa a trabalhar seis meses após sua formatura. Neste ambiente, suas principais interações ocorrem com Lee Jun-ho, funcionário do setor de litígio e futuro namorado de Woo; Choi Su-yeon, advogada e amiga, apelidada de "Sol da Primavera" por Woo devido o suporte que recebe em situações sociais complexas; Kwon Min-woo, colega advogado que inicialmente apresenta-se como rival, mas cuja relação evolui gradualmente para um vínculo mais amistoso; e Jung Myeong-seok, advogado sênior que desenvolve uma amizade genuína e de cumplicidade com Woo, oferecendo suporte e compreendendo suas particularidades. Jung Myeong-seok e Lee Jun-ho tornam-se figuras bases não apenas na vida profissional, mas também pessoal da protagonista.

A análise para o eixo interação social de Woo nesses três núcleos centrais foram identificados quinze códigos, reagrupados em quatro categorias. O procedimento se deu por meio de uma análise indutiva que envolveu a identificação e categorização de padrões emergentes a partir dos dados brutos.

Esse método indutivo parte de uma análise detalhada das interações sociais de Woo, permitindo que os códigos sejam extraídos diretamente das cenas analisadas, sem uma estrutura teórica previamente definida.

Sendo caracterizada por um processo em que os dados foram examinados, levando à identificação de padrões recorrentes que, posteriormente, foram agrupados em categorias mais amplas.

Por exemplo, na categoria "**socialização literal e assunto específico**", o procedimento começou com a observação sistemática de diferentes interações sociais de Woo. Em que observamos seis padrões distintos que refletem uma tendência consistente de Woo em interagir de maneira objetiva. A "**interpretação rígida de normas sociais**", por exemplo, foi identificada como um código recorrente, evidenciando a tendência de Woo em compreender e se expressar de maneira literal, sem considerar normas ou emoções implícitas.

Da mesma forma, a "**busca por lógica em contextos emocionais**" foi registrada como um padrão de interação, mostrando que Woo prioriza argumentos racionais em situações que exigem compreensão emocional, o que revela uma dificuldade em lidar com dilemas éticos ou afetivos.

Outro código identificado foi o "**foco em interesse específico**", que reflete o padrão da protagonista em direcionar suas interações sociais para temas de seu interesse, como baleias e golfinhos, desviando o contexto da conversa para esses tópicos específicos.

Além disso, identificamos o código “**desafios em compreender sarcasmos ou indiretas**”, que se manifesta na dificuldade de Woo em interpretar linguagem figurada, sarcasmo e ironia, levando a interpretações literais das interações sociais. O código “**dificuldade em interpretar normas sociais**” demonstrando barreiras na compreensão e aplicação de convenções sociais e normas comportamentais, tornando suas interações menos fluidas em contextos sociais complexos.

Por fim, o código “**respostas práticas e diretas**” foi identificado como uma interação padrão, demonstrando que Woo tende a oferecer respostas diretas e objetivas, sem captar o contexto emocional ou social implícito na interação.

Após a identificação desses seis códigos, o processo de análise indutiva permitiu agrupá-los em uma categoria maior — “**socialização literal e assunto específico**” — que representa um padrão consistente no estilo de interação social de Woo.

A fusão desses códigos em uma categoria comum não apenas simplificou a análise, mas também facilitou a interpretação dos resultados, permitindo que localizássemos um tema central nas interações de Woo: a tendência em adotar uma abordagem direta, lógica e concreta nas interações sociais, com dificuldade em captar nuances emocionais ou sociais. Esse procedimento indutivo, portanto, permitiu que os códigos emergentes fossem organizados de maneira estruturada, oferecendo uma compreensão mais clara e integrada dos desafios e estratégias de socialização de Woo.

Desta forma, fizemos a associação e fusão de quinze códigos que surgiram nesse eixo, reagrupados em quatro categorias apresentadas na tabela abaixo que trazem as categorias gerais da interação social de Woo, seus respectivos códigos e a contextualização que definem as categorias.

Tabela 21: Códigos associados a interação social de Woo.

Categorias	Códigos Associados
Categoria 1: Socialização literal e assuntos específicos (6 códigos)	Interpretação rígida de normas sociais: Tendência a compreender e se expressar de forma objetiva e direta, sem considerar subtextos ou emoções implícitas.
	Busca por lógica em contextos emocionais: Preferência por argumentos racionais em situações emocionais ou dilemas éticos, desconsiderando o impacto emocional.
	Foco em interesse específico: Foco intenso em tópicos específicos, desviando o contexto para seus interesses pessoais. Quando inicia conversas sempre é com temas específicos (baleias e golfinhos).
	Desafios em compreender sarcasmos ou indiretas: Dificuldade em compreender sarcasmo, ironia ou expressões figuradas, levando a interpretações literais.
	Dificuldade em interpretar normas sociais: Barreiras para compreender ou seguir convenções sociais e normas comportamentais.
	Respostas práticas e diretas: Sem captar nuances emocionais ou sociais.

Categoria 2: Dificuldade de engajamento social (4 códigos).	Conexão emocional limitada: Dificuldade em demonstrar ou captar vínculos emocionais profundos nas interações interpessoais.
	Dificuldade de iniciar conversas: Dificuldade em iniciar interações sociais, dependendo de outras pessoas para começar conversas.
	Interrupção ou encerramento abrupto de interações sociais: Decidir que o conteúdo da interação já é suficiente ou não mais relevante, encerrando a interação de forma abrupta.
	Sem conexões interpessoais/sem empatia: manifesta-se principalmente na infância, inclusive na relação com o pai. Nessa fase, Woo demonstra pouco interesse pelo que ocorre ao seu redor, permanecendo recolhida em seu próprio mundo.
Categoria 3: Conexões interpessoais (3 códigos)	Empatia: explora momentos em que a personagem demonstra consideração pelos sentimentos e necessidades dos outros em seu cotidiano. Principalmente quando Woo resolve um caso no tribunal envolvendo uma situação de injustiça sofrida por um cliente. Sua atuação revela não apenas competência técnica, mas também sensibilidade diante da vulnerabilidade do outro, sinalizando sua capacidade de empatia em contextos específicos.
	Justiça e valores éticos: Compromisso com valores éticos e a busca por soluções justas, mesmo diante de pressões sociais ou institucionais. Demonstra o senso ético de Woo ao lutar por justiça e igualdade em todas as suas interações.
	Autoconsciência e superação: Reconhecimento de dificuldades pessoais e esforço para superá-las ou adaptá-las a diferentes contextos.
Categoria 4: Genialidade e foco excepcional (2 códigos)	Atenção aos detalhes bem acusada: Woo consegue observar dados minuciosos dos casos de forma rápida.
	Habilidade de memorização de grau elevado: Memória prodígio com habilidade de captar informações específicas, muitas vezes ignoradas por outros. Ela conseguiu decorar todos os livros de direito com suas respectivas leis.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A próxima tabela trazemos as categorias, bem como suas definições e exemplos que reforçam a característica da interação social de Woo Young Woo.

Tabela 22: Contextualização da interação social de Woo.

Categoria	Definição	Exemplo
Socialização literal e assunto específico	Esta categoria abrange as interações de Woo relacionadas à interpretação literal da linguagem e das normas sociais, bem como suas tentativas diretas de interação.	<p>Episódio 6, cena 14, 1ª temporada.</p> <p>Woo e sua colega interrompem constantemente o julgamento por não concordarem com os advogados de acusação.</p> <p>Juiz: A partir de agora até o fim do julgamento, as advogadas devem levantar a mão se tiverem algo a dizer. Não podem abrir a boca sem a minha permissão.</p> <p>Contexto: O juiz orienta no tribunal que é necessário levantar a mão para falar. No entanto, Woo passa a aplicar essa</p>

		<p>regra também em todos os contextos informais, entendendo que deve agir assim sempre. A cena gera um tom de comicidade.</p>
Dificuldade de engajamento social	<p>Essa categoria diz respeito aos desafios enfrentados por indivíduos com TEA na interação interpessoal, impactando sua capacidade de estabelecer, manter e aprofundar relações sociais.</p>	<p>Episódio 15, cena 3, 1ª temporada.</p> <p>No hospital, o chefe de Woo vai se operar de um câncer. E Woo aparece para lhe desejar boa sorte.</p> <p>Advogado: Mas....você devia estar no trabalho agora? Por que veio aqui?</p> <p>Woo: Ah, eu vim porque eu queria ver o senhor antes da cirurgia. Porque se a cirurgia der errado e o senhor morrer, eu nunca mais vou te ver.</p> <p>Mãe do Advogado: Mas como é que é?</p> <p>Advogado: Mãe, aqui, a senhorita Woo não falou isso com má intenção. Essa aqui é minha mãe.</p> <p>Contexto: O advogado principal do escritório está com câncer, a mãe dele sinaliza que ele ficará bem, mas Woo sabendo que ele está no estágio três da doença, ela descreve a real situação para a mãe, comentando sobre as poucas chances do filho escapar da doença, ela fala sem sentimentalismo.</p>
Conexões interpessoais	<p>Abrange aspectos fundamentais das relações humanas que emergem da interação da personagem com o mundo ao seu redor, especialmente no ambiente jurídico e em suas relações sociais cotidianas. Nesse contexto, são evidenciadas dimensões como empatia, senso de justiça, valores éticos e autoconsciência — elementos que, juntos, ajudam a construir uma personagem sensível e eticamente engajada.</p>	<p>Episódio 11, cena 11, 1ª temporada</p> <p>Woo reflete sobre a falta de um acompanhamento profissional especializado em autismo.</p> <p>Woo: Hum, teve vezes que eu pensei que teria sido muito bom se eu tivesse um médico ou um conselheiro.</p> <p>Pai: É mesmo?</p> <p>Woo: Mas quando era difícil de entender os pensamentos e sentimentos das outras pessoas. Ou quando até eu mesma não me entendia. E também quando eu ficava com medo de um barulho muito alto e repentino no trabalho. Seria muito bom ter um médico ou conselheiro nessas situações que eu passei. Ou ouvi a experiência de outros autistas que passaram pelas mesmas coisas.</p> <p>Pai: Mas por que você nunca falou comigo sobre essas coisas? Você tava com medo de eu não conseguir pagar?</p> <p>Woo: Hum... Eu não sei dizer.</p> <p>Contexto: Woo chega do trabalho e o pai questiona sobre o que ela acha se tivesse um profissional especializado para ajudá-la a entender seus sentimentos e atitudes.</p>

Genialidade e foco excepcional	Esta categoria enfatiza habilidades cognitivas superiores. Essa habilidade prodigiosa permite à personagem armazenar e recuperar informações complexas e detalhadas com extrema facilidade.	<p>Episódio 14, cena 11, 1ª temporada.</p> <p>Quando Woo fala pela primeira vez. Aos 5 anos de idade, ela recita uma lei penal sobre a briga que o pai teve na rua com o proprietário da casa em que moravam.</p> <p>Pai: A minha Woo decorou o código penal. Ela decorou tudo isso aqui?</p> <p>Vizinha: Nossa é mesmo? Ela é um gênio. Parece que ela é diferente das outras crianças, porque ela é um gênio. Minha nossa, quando aí Young crescer, ela pode ser advogada.</p>
---------------------------------------	---	--

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A categoria (1) “**socialização literal e assuntos específicos**” envolve a interpretação direta e literal de regras, falas e informações, revelando dificuldades para compreender contextos implícitos em interações sociais. Essa categoria manifesta tanto na aplicação objetiva de normas quanto em respostas imediatas e francas a situações que normalmente exigiriam uma abordagem mais subjetiva ou emocional.

Um exemplo ocorre quando o chefe de Woo se prepara para realizar uma cirurgia devido a um câncer. No hospital, ela expressa-se de maneira eufórica, porém inadequada ao contexto, gritando frases pouco sutis para a ocasião: "Força, força. Volte para cá com vida!" (Uma advogada extraordinária, episódio 15, cena 3, 1ª temporada, 2022). Nesta situação, Woo poderia ter utilizado palavras mais apropriadas à condição enfrentada pelo chefe.

Na mesma ocasião, ela interpreta de maneira literal uma pergunta do chefe sobre o motivo de sua presença no hospital, conforme o diálogo abaixo:

Diálogo 1:

Woo: "Senhor John! Espera aí!"

Advogado: "Senhorita Woo, o que a traz aqui?"

Woo: "Foi o metrô que me trouxe até aqui."

(Uma advogada extraordinária, episódio 15, cena 3, 1ª temporada, 2022).

Na cena descrita, a personagem interpreta literalmente a pergunta feita, referindo-se ao meio de transporte utilizado para chegar ao hospital, em vez de considerar o motivo de sua visita.

Outro exemplo dessa interpretação literal ocorre durante uma interação casual, quando um cliente, desejando expressar que muitas pessoas utilizam seu site, afirma metaforicamente que "o país inteiro utiliza a plataforma online". Woo prontamente corrige a afirmação,

apresentando números exatos que contradizem a generalização feita, sem perceber que essa correção era desnecessária naquele contexto social: "Não é o país inteiro. Uma pesquisa mostrou 40.954.173 usuários da Raum. Mas a população da Coreia é de 51.628.117" (Uma Advogada Extraordinária, episódio 15, cena 5, 1ª temporada, 2022).

Essa atitude mostra sua atenção rigorosa aos detalhes e o compromisso com a precisão, características valorizadas em muitos contextos profissionais, mas inadequadas em situações no trabalho. Além disso, sua tendência à literalidade pode ser representada quando um advogado lhe instrui que deva seguir "apenas uma regra", mas em seguida menciona duas regras distintas:

Diálogo 2:

Advogado: Então, daqui para frente, você deve seguir apenas uma regra. Não diga o que eu não perguntei e não faça o que eu não pedi. Conseguiu entender?

Woo: Mas foram duas regras.

Advogado: O quê?

Woo: "Não diga o que eu não perguntei" é uma, "não faça o que eu não pedi" é outra. Então, são duas. (Uma Advogada Extraordinária, episódio 15, cena 8, 1ª temporada, 2022).

Nessa cena, apresentada com tom cômico, Woo destaca a discrepância, revelando sua dificuldade em relevar pequenas inconsistências que outras pessoas geralmente ignorariam (Uma Advogada Extraordinária, episódio 15, cena 14, 1ª temporada, 2022). Esses exemplos demonstram como a socialização literal e focada da personagem pode resultar em mal-entendidos e causar irritação nas pessoas ao seu redor, levando-as a interpretá-la como rude ou inconveniente. Consequentemente, suas interações sociais tornam-se inadequadas ou desconfortáveis.

A (2) “**dificuldade de engajamento social**” refere-se à dificuldade em estabelecer vínculos emocionais profundos ou em interpretar e responder de maneira alinhada às expectativas emocionais do outro. Essa característica, comumente observada em pessoas com TEA, resulta em interações objetivas e práticas, que podem parecer insensíveis ou desconectadas, mesmo quando não há essa intenção.

Embora a série enfatize os talentos e a singularidade de Woo, também explora as dificuldades enfrentadas na criação e manutenção de conexões interpessoais, especialmente durante sua infância, quando sua comunicação e empatia ainda não estavam desenvolvidas. Esse aspecto é evidenciado no episódio três, cena seis, quando o pai reflete sobre sua experiência solitária ao criá-la. Em tom de desabafo, ele declara:

"Viver com uma pessoa autista é muito... muito solitário. Eu sempre achei que, nesse mundo todo, seria só eu e você. Mas, minha filha, você não tem nenhum interesse em mim. É assim agora. Antigamente era pior." (Uma advogada extraordinária, episódio 3, cena 6, 1ª temporada, 2022).

A fala destaca a solidão que ele vivência, não apenas por ser um pai solo, mas também pela barreira emocional imposta pelas características do autismo da filha. A cena é acompanhada por *flashbacks* que reforçam a profundidade dessa experiência, mostrando Woo absorvida em suas próprias atividades e incapaz de demonstrar ou retribuir o afeto do pai de forma convencional. Essa desconexão interpessoal se intensifica no mesmo episódio, quando na infância Woo estava no chão alinhando objetos — comportamento recorrente — enquanto o pai tenta lidar com sua frustração. Em um momento de vulnerabilidade, ele tropeça nos brinquedos, sente dor e, emocionalmente abalado, tenta se conectar com a filha: "Ah! Woo, o que é isso? Papai tá muito dodói... Assopra pra mim. Por favor. Papai vai chorar. Papai tá chorando. Papai tá chorando. Papai tá chorando." (Uma advogada extraordinária, episódio 3, cena 6, 1ª temporada, 2022).

A ausência de resposta por parte de Woo não apenas mostra sua dificuldade em interpretar e reagir às emoções alheias, mas também revela o impacto emocional dessa desconexão sobre o pai. A tentativa do pai de se aproximar é frustrada pela forma como Woo processa o mundo — centrada em atividades que lhe oferecem conforto e previsibilidade, como alinhar objetos ou focar em interesses específicos.

Na fase adulta, a falta de conexão interpessoal também se manifesta às vezes no trabalho, por exemplo, um colega de trabalho expressa ter sentido falta de almoçar com Woo e menciona ter deixado um presente em sua mesa, Woo responde de forma direta, dizendo que jogou o objeto fora sem saber que era dele. Apesar de sua resposta ser honesta, ela ignora o valor emocional da situação para ele, mostrando como sua forma de se relacionar prioriza fatos em vez de emoções. A interação termina de maneira breve, sem um esforço visível de estabelecer uma conexão mais profunda (Uma advogada extraordinária, episódio 4, cena 16, 1ª temporada, 2022).

Diálogo 3:

Rapaz: Senhorita Woo, é você? Olha só, eu senti muito a sua falta, por não poder mais almoçar com você.

Woo: Sim.

Rapaz: Ah, é, você passou lá na sua sala? Eu deixei uma coisa pra você, na sua mesa.

Woo: Ah, aquilo?

Rapaz: É, é isso mesmo. Você abriu?

Woo: Eu não. Eu joguei aquilo fora sem saber que foi você quem tinha deixado.

Rapaz: Ah, meu Deus. Já deve estar no lixo. (Uma advogada extraordinária, episódio 4, cena 16, 1ª temporada)

Outro exemplo ocorre quando Woo reflete sobre o que deve fazer após perceber que gosta de alguém, demonstrando incerteza sobre como agir em situações que demandam um maior envolvimento emocional. Sua dúvida reflete a dificuldade de navegar por relações interpessoais mais complexas, que requerem a compreensão e expressão de sentimentos. Sendo assim, ela questiona: “Só que, depois disso... Depois de gostar... O que eu tenho que fazer agora?” (Uma advogada extraordinária, episódio 10, cena 4, 1ª temporada).

Esses exemplos sinalizam uma dificuldade de engajamento social limitado, não sem ausência de sentimentos pelas pessoas, mas sim uma dificuldade em traduzir essas emoções em ações e interações que correspondam às expectativas sociais.

A categoria (3) “**conexões interpessoais**” demonstram adaptações para construir e manter relações emocionais, equilibrando barreiras sociais com uma sensibilidade pura às necessidades dos outros. Além de lutar por um compromisso com a defesa de valores éticos, igualdade e transparência, enfrentando preconceitos e injustiças sociais ou institucionais. Essa categoria apesar de ser vista limitadamente nos autistas. Essa representação se tornou bem evidente em muitas cenas da personagem, desde se colocar no lugar de outro autista, como no episódio em que eles recebem um cliente de nível três, acusado de matar o irmão mais novo. A advogada não mede esforços para ajudá-lo a ser absorvido, mas fica sentida com os comentários que houve na internet sobre seu cliente autista: “Perder um aluno de medicina enquanto um autista vive é injusto!” (299 curtidas) “Ele será inocentado. Vão alegar insanidade”. “Medo do meu vizinho autista”. “Ele pode ser autista, mas sabe o que fez. Cadeia neles”. “Eles devem ficar isolados.” “Ele é autista, mas não peguem leve”. (Episódio 3, cena 12). Nesse momento ela reflete, enche os olhos de lágrimas.

Assim, a capacidade de identificar suas próprias dificuldades e trabalhar para enfrentá-las, muitas vezes com uma perspectiva resiliente e reflexiva. Essa habilidade vai além do simples entendimento das barreiras que encontram, incluindo também uma aceitação de sua singularidade e um esforço contínuo para adaptar-se a contextos sociais.

Em uma interação com uma colega de trabalho, Woo reconhece sua dificuldade em estabelecer conexões românticas, afirmando: “Não é fácil. Não é fácil alguém gostar de mim. [...] Eu também sei que você é muito linda e eu tenho autismo.” (Uma advogada extraordinária, episódio 7, cena 7, 1ª temporada, 2022). Sua fala demonstra uma consciência aguçada sobre

como sua condição pode impactar suas relações, mas também revela sua determinação em ser honesta consigo mesma e com os outros.

A (4) **“genialidade e foco excepcional”** descreve o foco intenso acompanhado por uma habilidade notável de reter informações detalhadas. Essa categoria demonstra a facilidade de Woo em decorar todas as leis, assuntos específicos e dados matemáticos precisos com muita facilidade, e em questão de segundos.

Em uma conversa no ambiente de trabalho, Woo demonstra como seu alto conhecimento e abordagem única são percebidos por seus colegas. Um deles comenta: "A senhorita Woo... é um gênio. Mesmo se ela agir de forma imprudente, vão pensar que é teimosia de um gênio excêntrico e vão entender." (Uma advogada extraordinária, episódio 15, cena 19, 1ª temporada, 2022). Essa fala reflete como Woo se destaca por sua inteligência e memória prodígio, mas também destaca as diferenças na forma como ela e outros profissionais são avaliados, dependendo de suas habilidades e comportamentos.

Outro exemplo emblemático dessa categoria está logo na abertura da série, quando a protagonista introduz a história com um relato sensível e esclarecedor sobre sua própria condição, colocando em destaque a perspectiva do pai diante do diagnóstico do TEA. Nessa cena inicial, Woo reflete sobre o momento em que seu pai percebeu que ela não era apenas diferente, mas possuía um talento excepcional que associou ao autismo:

Woo (voz em off): "Chega um dia na vida de todo pai em que ele se pergunta: será que meu bebê é especial? E para meu pai, esse dia chegou em 17 de novembro de 2000, o dia em que ele descobriu que sua filha era um gênio autista." (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 1, 1ª temporada, 2022).

Desde o início da narrativa, as características da extraordinária habilidade cognitiva de Woo são exploradas pela série. Essa capacidade é ressaltada quando ela consegue solucionar os casos do escritório de advocacia de forma rápida. Além disso, Woo é solicitada durante os julgamentos, especialmente quando outros advogados esquecem determinados aspectos legais ou cometem equívocos no tribunal, ela sempre interrompe para corrigi-los, não só dos advogados, mas também dos juízes.

Em suma, os dados encontrados demonstram que a interação social de Woo é moldada por sua forma peculiar de processar informações e interpretar o mundo ao seu redor. Suas respostas literais, sua dificuldade em captar emoções e sua capacidade de adaptação refletem um perfil complexo, que combina habilidades cognitivas excepcionais com desafios sociais e

emocionais. A série destaca como Woo enfrenta essas dificuldades, oscilando entre momentos de desconforto social e conquistas marcadas por sua inteligência e memória prodigiosa.

A socialização literal e focada revela como Woo tende a interpretar o mundo com base em regras e informações objetivas, resultando em interações por vezes desconcertantes para os outros, mas coerentes com sua forma de pensar. Da mesma forma, sua dificuldade em engajamento social demonstra o desafio em estabelecer conexões emocionais profundas, embora sua consciência reflexiva e adaptativa demonstre sua capacidade de reconhecer essas limitações e de trabalhar para superá-las.

A memória e foco elevados posicionam Woo como uma profissional excepcionalmente competente e disciplinada. Por fim, as conexões interpessoais vão crescendo gradualmente na série a cada caso resolvido vemos uma profissional mais humanizada e comprometida com outro.

Agora, passaremos a analisar os aspectos específicos da comunicação de Woo, explorando como suas características cognitivas e emocionais se manifestam, além de como suas particularidades comunicativas influenciam as interações com os outros personagens.

COMUNICAÇÃO DE WOO

Neste trecho, busca-se observar as características de comunicação da personagem, considerando-se o uso da fala, gestos ou sistemas alternativos, como dispositivos tecnológicos ou símbolos visuais. Observa-se também a clareza e a coerência de sua expressão, avaliando-se a capacidade da personagem de transmitir pensamentos, sentimentos e intenções de maneira compreensível. Além disso, investigam-se barreiras e facilitadores no processo comunicativo, identificando fatores que possam dificultá-lo, tais como ansiedade ou ambientes inadequados, ou favorecê-lo, como o apoio de interlocutores compreensivos ou a utilização de recursos adaptativos.

A análise indutiva referente ao eixo comunicação de Woo resultou em dez códigos distribuídos em quatro categorias principais. A tabela abaixo apresenta a integração dos códigos às categorias correspondentes. Na sequência, são realizadas a contextualização e a explicação que fundamentam o agrupamento dos códigos em suas respectivas categorias.

Tabela 23: Códigos associados a comunicação de Woo.

Categorias	Códigos Associados
Categoria 1: Comunicação clara e direta	Clareza na comunicação: Capacidade de transmitir pensamentos e argumentos de forma lógica e compreensível.

(2 códigos)	Sinceridade: habilidade de expressar pensamentos de maneira direta, e sem a influência de convenções ou filtros sociais. Isso significa que uma pessoa sincera fala o que realmente pensa ou sente, sem tentar suavizar ou adaptar suas palavras para agradar os outros ou para seguir normas sociais de educação ou polidez.
Categoria 2: Criatividade na comunicação (2 códigos)	Jogos com as palavras: Uso constante de trava-línguas ou jogos de rimas para se comunicar ou aliviar tensões emocionais.
	Empatia na comunicação: Sensibilidade de adaptar a comunicação de forma lúdica, principalmente com pessoas autistas e crianças.
Categoria 3: Desafios de comunicação (4 códigos)	Ecolalia: envolve a repetição automática de palavras, frases ou sons ouvidos anteriormente
	Dificuldade em entender tons irônicos e sarcástico: envolve a maneira da personagem de entender a comunicação do outro sempre de modo literal.
	Dificuldade de falar em público: Ela demonstra grande desconforto em ambientes com muitas pessoas ao seu redor. Nessas situações, Woo apresenta dificuldades para se comunicar ou demora a responder às interações dos demais.
	Agilidade na fala: Característica de falar rapidamente quando está ansiosa, animada ou dominando o tema da conversa.
Categoria 4: Comunicação mediada (2 códigos)	Facilitadores de comunicação: Estratégias ou apoios que ajudam a superar barreiras e promover maior compreensão entre os personagens. Como utilização de cartões emocionais para entender questões emocionais.
	Analogia para compreender a comunicação: Usa analogias sobre baleias e golfinhos ou objetos para entender algumas expressões comunicativas.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na próxima tabela abordamos a contextualização de cada categoria e exemplos das cenas relacionadas as principais características da comunicação de Woo.

Tabela 24: Contextualização das categorias da comunicação de Woo.

Categoria	Definição	Exemplo
Comunicação clara e direta	Refere-se à capacidade dos personagens de expressar seus pensamentos, sentimentos e intenções de maneira direta, sem ambiguidades ou rodeios.	<p>Episódio 8, cena 11, 1ª temporada.</p> <p>Depois de discutir com pai, Woo vai dormir na casa da amiga.</p> <p>Amiga: Dormiu bem?</p> <p>Woo: Eu não. Acabei dormindo mal por estar num lugar desconhecido.</p>

		Contexto: Ela responde com sinceridade a amiga sem rodeios ou polidez na fala o acolhimento da amiga.
Criatividade na comunicação	Explora formas de expressão que envolvem estratégias criativas para facilitar ou enriquecer a interação social.	<p>Episódio 1, cena 5, 1ª temporada.</p> <p>Woo: Meu nome é Woo Young Woo, não importa a ordem que for lido. Ele ainda vai ser o Woo Young Woo. Como caneca, casaca e careca. Ou Woo Young Woo.</p> <p>Contexto: Todas as vezes que a protagonista vai se apresentar ela brinca com o seu nome. Woo se apresenta dizendo: “Meu nome é Woo Young-Woo. É o mesmo de trás pra frente, não importa a ordem que ler, ainda vai ser Woo Young Woo.” Como caneca, casaca e careca. Woo Young Woo.</p>
Desafios de comunicação	Explora as dificuldades que Woo enfrenta ao processar e interpretar a linguagem dos outros.	<p>Episódio 4, cena 12. 1ª temporada</p> <p>Woo não entende figuras de linguagem ou sarcasmo.</p> <p>Amiga: Ah, tão refinados que passaram a perna no irmão mais novo, né?</p> <p>Pai da amiga: Calada.</p> <p>Woo: Perna? Mas qual perna? (ela se abaixa na mesa para procurar a perna).</p> <p>Contexto: Woo ouve a amiga utilizar o termo “passaram a perna no irmão” no sentido de que ele foi enganado. Woo entende como perna parte do corpo e começa a procurar qual foi a perna dos presentes que passou.</p>
Comunicação mediada	Refere-se a situações em que a comunicação da Woo é facilitada ou mediada por algum tipo de estratégia, ferramenta ou recurso simbólico que ajuda a promover maior compreensão e superar barreiras comunicativas.	<p>Episódio 2, cena 2, 1ª temporada</p> <p>Woo e o pai estão assistindo a um casamento na televisão enquanto tomam café.</p> <p>Woo: Para humanos o casamento. É uma cerimônia que significa independência dos pais e acasalamento. No caso das baleias....</p> <p>Contexto: Para compreender melhor o contexto social Woo sempre utiliza analogias para compreender ou explicar as situações ao seu redor. Ou utiliza de objetos inanimados para explicar suas situações diárias.</p>

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na categoria (1) “**comunicação clara e direta**” englobaram dois padrões recorrentes que refletem o estilo comunicativo de Woo, caracterizado por uma abordagem lógica, objetiva e sem filtros sociais. O primeiro código identificado foi o de clareza na comunicação, que se refere à capacidade de Woo de transmitir pensamentos e argumentos de forma lógica. O segundo código, sinceridade, foi identificado como um comportamento consistente em Woo, que

demonstra uma tendência a expressar pensamentos e sentimentos sem a influência de convenções sociais ou filtros. Esse padrão implica que Woo fala o que realmente pensa ou sente, sem tentar suavizar ou adaptar suas palavras para agradar os outros.

No episódio dois, a mesma abordagem sincera surge quando ela questiona um advogado experiente sobre sua falta de conhecimento em relação à divisão de danos: "O senhor já tem anos de experiência trabalhando como advogado e não estava sabendo como os danos são divididos?" (Uma advogada extraordinária, episódio 2, cena 4, 1ª temporada, 2022). Essa pergunta demonstra a interpretação literal das situações e a expressão de sua perspectiva sem filtros, priorizando a verdade factual sobre as situações.

A (2) categoria **“criatividade na comunicação”** identificaram três padrões específicos que refletem a capacidade de Woo de usar a comunicação de forma inventiva e adaptativa. O primeiro código, jogos com as palavras, refere-se ao uso de trava-línguas, jogos de rimas e outras construções linguísticas criativas como estratégia de comunicação. O segundo código, empatia na comunicação, foi identificado como uma sensibilidade particular de Woo em adaptar sua comunicação de maneira lúdica, especialmente em interações com crianças e outras pessoas autistas. Esse padrão revela que, apesar de suas dificuldades em interpretar normas sociais complexas, Woo demonstra uma capacidade adaptativa ao ajustar sua linguagem e seu estilo comunicativo para facilitar a compreensão e promover maior conexão emocional.

No episódio três, Woo demonstra essa empatia ao interagir com um réu autista utilizando elementos que ressoam com sua realidade. No episódio três, Woo se comunica com o cliente autista utilizando música. Reconhecendo que ele tem dificuldade em interações tradicionais, ela ajusta sua abordagem e inicia uma conexão ao cantar a música do pinguim, um tema de interesse dele. (Uma advogada extraordinária, episódio 3, cena 7, 1ª temporada, 2022). Essa escolha de adaptação demonstra como Woo utiliza empatia para ultrapassar barreiras comunicativas, reconhecendo os interesses e modos de expressão do outro. Esses momentos mostram uma sensibilidade singular em moldar a comunicação para criar um diálogo inclusivo.

Essa categoria abordou ao uso intencional e lúdico de elementos linguísticos, como rimas, músicas, jogos de palavras e trava-línguas, que servem tanto como uma forma de expressão pessoal quanto como uma estratégia de regulação emocional. Em outra cena, sua criatividade verbal se manifesta quando ela lê palavras nas placas da estação de trem de trás para frente (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 8, 1ª temporada, 2022), demonstrando uma

interação com a linguagem que ultrapassa o uso funcional, transformando-a em uma atividade lúdica.

A categoria (3) “**desafios de comunicação**” reflete as barreiras interpessoais que muitas pessoas com TEA enfrentam em suas interações diárias. Esses desafios resultam em mal-entendidos, preconceitos e desconforto mútuo. Na série, essas dificuldades são retratadas por meio de quatro códigos principais: ecolalia, dificuldade em compreender ironia ou sarcasmo, dificuldade em falar em público e agilidade na fala.

A ecolalia, que consiste na repetição involuntária de palavras ou frases ditas por outra pessoa, é retratada como um desafio de comunicação recorrente para Woo. No episódio 1, Woo enfrenta dificuldades em lidar com as reações dos colegas ao seu comportamento repetitivo na fala. Durante uma interação com o chefe para entender um caso, Woo repete frases ditas por ele, o que gera irritação. O chefe a questiona por que ela fica o imitando o tempo todo. Em resposta, Woo explica que é ecolalia o ato de repetir o que o outro falou, sendo um sintoma comum do autismo (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 11, 1ª temporada, 2022).

Apesar da explicação clara, o chefe reage de maneira negativa e pede que Woo "pare com isso, com a ecolalia." (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 11, 1ª temporada, 2022). A reação ríspida do chefe exhibe a falta de compreensão sobre o comportamento autista, o que intensifica as barreiras comunicativas e gera tensão no ambiente de trabalho.

Woo também enfrenta dificuldades em interpretar ironia e sarcasmo, o que gera situações de desconforto e confusão. No episódio seis, um advogado comenta de forma sarcástica sobre o compromisso das advogadas com o cliente, dizendo que as advogadas fizeram tudo o que podiam. Quando o cliente faz um comentário irônico perguntando por que os narizes das advogadas estão caindo, Woo leva a frase literalmente e toca o próprio nariz para conferir se estava realmente caindo. (Uma advogada extraordinária, episódio 6, cena 23, 1ª temporada). Essa dificuldade em interpretar o sentido figurado e o tom implícito das falas demonstra como Woo processa a linguagem de maneira mais literal, o que pode gerar desconfortos nas interações sociais.

Outro desafio de comunicação enfrentado por Woo é a dificuldade em falar em público. No episódio um, cena vinte, primeira temporada, Woo reconhece sua limitação e busca ajuda para se preparar para uma apresentação diante de um júri. Consciente de suas dificuldades, ela pede apoio à amiga, explicando que precisa apresentar um caso na frente de um júri, mas que não é boa em falar diante do público. Essa interação ilustra o esforço de Woo para superar suas

dificuldades, mas também mostra a importância do apoio social para que ela possa enfrentar essas situações com mais segurança. O pedido de ajuda demonstra que, embora Woo possua grande conhecimento técnico, as barreiras comunicativas ainda representam um obstáculo em sua atuação profissional.

No código agilidade na fala é outro ponto ressaltado na série, Woo costuma falar rapidamente, especialmente em momentos de entusiasmo, ansiedade ou quando aborda um tema que domina profundamente. No episódio quinze, cena oito, primeira temporada, Woo questiona o chefe sobre uma taxa de penalidade imposta em um caso, falando rapidamente e de forma técnica. O chefe, confuso com a velocidade da fala de Woo, responde com um simples "Como?" demonstrando dificuldade em acompanhar o ritmo acelerado de Woo. Essa situação gera desconforto e irritação no chefe, que pede que Woo se retire da sala. A série explora como a rapidez com que Woo organiza seus pensamentos e os comunica pode ser uma vantagem em termos de raciocínio lógico, mas também um obstáculo na interação com outras pessoas, especialmente quando o interlocutor não está preparado para acompanhar o ritmo da fala.

A categoria (4) “**comunicação mediada**” refere-se às estratégias e aos mecanismos que facilitam a comunicação de Woo, ajudando-a a superar barreiras comunicativas e promover uma compreensão mais eficaz entre ela e os demais personagens. A série explora como Woo utiliza ferramentas específicas e analogias para interpretar situações sociais complexas e se conectar com os outros.

O primeiro código identificado é o uso de facilitadores de comunicação. Esses facilitadores consistem em estratégias ou apoios que auxiliam Woo a compreender melhor os sinais sociais e a se comunicar de maneira mais clara. No episódio um, o pai de Woo cria uma coletânea de fotos do próprio rosto exibindo diferentes expressões emocionais, como alegria, tristeza e medo, e as coloca na porta do guarda-roupa de Woo. (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 4, 1ª temporada). Essa estratégia permite que Woo associe as expressões faciais às emoções correspondentes, ajudando-a a interpretar melhor os sentimentos das outras pessoas. O uso dessa ferramenta reflete a importância dos facilitadores visuais na comunicação de pessoas com TEA.

O segundo código identificado é o uso de analogias para explicar situações complexas. Woo demonstra um conhecimento profundo sobre baleias e golfinhos, e utiliza essas referências para tornar mais compreensíveis questões emocionais, profissionais e sociais.

Woo também utiliza analogias em situações profissionais para facilitar a compreensão de casos jurídicos complexos. No episódio cinco, cena quatro, primeiro episódio, durante uma reunião com um cliente do setor de informática, Woo compara a situação da empresa do cliente com a concorrência, usando uma analogia entre baleias-azuis e jubartes para destacar a superioridade competitiva da empresa. Essa associação permite que Woo explique para si mesma e compare a questão usando seu conhecimento sobre o mundo marinho para entender melhor os assuntos colocados por seus interlocutores.

Dessa forma, a categoria "**comunicação mediada**" demonstrou como Woo utiliza recursos visuais e analogias para interpretar o mundo ao seu redor e superar desafios relacionados à comunicação.

Após a análise dos eixos de interação social e comunicação da personagem, passa-se agora à apresentação do eixo referente aos tipos de comportamento mais destacados na série.

TIPOS DE COMPORTAMENTOS DE WOO

A análise indutiva do comportamento de Woo se concentrou nos principais comportamentos repetitivos e estereotipados da personagem, incluindo ações rotineiras e padrões restritos de comportamento, associados à necessidade de estabilidade e controle.

Outro ponto levantado foi relacionado às respostas sensoriais da personagem, manifestadas por reações intensas ou atípicas a estímulos como sons, luzes, texturas, cheiros e sabores. Essas respostas destacam tanto a hipersensibilidade quanto a hiposensibilidade, características presentes em indivíduos no espectro autista.

Além disso, a análise buscou identificar também comportamentos adaptativos representados por Woo, revelando suas habilidades ou dificuldades ao lidar com novas situações e mudanças. A análise permitiu investigar os principais códigos e especificar categorias de forma amplas que representam os principais comportamentos da personagem.

Para esse eixo a análise indutiva identificaram quinze códigos referente ao comportamento de Woo, que foram posteriormente agrupados em quatro categorias. A seguir, apresentamos a fusão dos códigos, dentro das categorias e o contexto em que estão inseridos.

Tabela 25: Códigos associados ao comportamento de Woo.

Categorias	Códigos Associados
	Contar até três antes de entrar em ambientes diferentes: ocorre quando ela precisa mudar de local, como nas trocas de sala dentro do escritório, nas visitas ao tribunal ou em encontros com clientes. Nesses momentos, Woo

Categoria 1: Comportamento autoestimulante (4 códigos).	costuma parar na porta e contar até três antes de entrar, demonstrando uma estratégia pessoal para lidar com transições e situações novas.
	Simetria e alinhamento: preferência por manter todos os objetos organizados e se incomoda quando algo está fora do lugar. Esse comportamento reflete sua necessidade de controle em seu ambiente cotidiano.
	Movimentos repetitivos nos dedos das mãos: ocorre principalmente em momentos de ansiedade, quando ela balança constantemente os dedos como estratégia para se acalmar e regular suas emoções.
	Abrços bem apertados: quando enfrenta momentos de ansiedade intensa ou estresse, ela precisa que alguém a abrace com bastante força para ajudá-la a recuperar o controle emocional e a sensação de segurança.
Categoria 2: Sensibilidade visual, sonora, paladar e tátil. (4 códigos)	Sensibilidade a sons: Ela não aprecia lugares barulhentos e quando sai de casa sempre usa abafadores de ouvido.
	Sensibilidade ao toque: Ela evita contato físico e só consegue segurar a mão de alguém por exatamente 57 segundos.
	Pouco contato visual: Durante conversas ou situações sociais, ela desvia o olhar, revelando desconforto com contato visual direto.
	Paladar restrito: possui um paladar restrito. Ela consegue comer somente um tipo de alimento em todas as refeições: o Kimbab.
Categoria 3: Resiliência (4 códigos)	Evita falar sobre seus interesses em público: Ela percebe que falar sobre seus assuntos prediletos chateia as pessoas. Assim ela tenta evitar, e combina em falar somente com o namorado que aceita conversar sobre seus assuntos prediletos.
	Adaptação sensoriais: ela monta estratégias para manter um controle sensorial.
	Consegue falar em público: Para conseguir defender os clientes ela se empenha para estar no tribunal em frente a grandes públicos, bolando estratégias para se adaptar.
	Adaptação convenções sociais: A personagem tentar se adaptar a algumas rotinas do contexto social, como almoçar no refeitório do trabalho.
Categoria 4: Resistencia a mudanças (3 códigos)	Preferência por rotina alimentar: Demonstra desconforto com mudanças na comida, tem fixação forte por um único prato, o Kimpab. Resistência a mudanças no ambiente físico: Sinaliza desregulação por estar em ambiente diferente do habitual. Rigidez cognitiva e insistência em padrões: Woo mostra insistência em manter seu foco temático, mesmo diante de limites sociais.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na sequência, apresentamos o contexto em que cada categoria está inserida nos aspectos comportamentais da protagonista. Para maior precisão conceitual, colocamos essas

características com exemplos específicos extraídos da narrativa, proporcionando uma compreensão mais detalhada e consistente das observações realizadas.

Tabela 26: Contextualização das categorias do comportamento de Woo.

Categoria	Definição	Exemplo
Comportamento autoestimulante	Ações repetitivas e previsíveis realizadas para manter a organização interna ou conforto emocional.	<p>Episódio 15, cena 5, 1ª temporada.</p> <p>Reunião no escritório de advocacia, e Woo chega para uma reunião.</p> <p>Chefe: Senta logo, porque está parada aí, hein? Os clientes já estão aqui.</p> <p>Woo: Ah, é porque o choque que eu tenho por mudar de ambiente. É uma sensação muito grande de suportar... e contar 1, 2, 3. Enquanto prendo a respiração para entrar alivia um pouco a sensação de choque.</p> <p>Contexto: Woo conta até três antes de entrar em ambientes diferentes, como salas de reunião, casas de clientes, hospitais entre outros locais. Esse comportamento reflete sua necessidade de organizar mentalmente os imprevistos que podem ocorrer ao mudar de ambiente, ajudando-a a lidar melhor com situações novas e inesperadas.</p>
Sensibilidade visual, sonora, paladar e tátil	Está relacionada à forma como o sistema nervoso processa estímulos sensoriais do ambiente. Os mecanismos de controle, como o uso de abafadores de ouvido, a limitação de contato físico e a seletividade alimentar, refletem tentativas de adaptação e autorregulação diante da sobrecarga sensorial.	<p>Episódio 1, cena 6, 1ª temporada.</p> <p>No restaurante do pai de Woo, ela vai tomar café.</p> <p>Pai: A minha filha está muito elegante. O Kimba saindo, Woo. Aqui o seu pedido?</p> <p>Woo: Eu sempre como um Kimbap no café da manhã, o kimbap é confiável. Como eu posso ver todos os ingredientes. Eu não vou ter nenhum tipo de surpresa de textura ou sabor. (Episódio 1, Pos. 46-47)</p> <p>Contexto: Woo explica ao pai a sua escolha pelo kimbap no café da manhã, ela destaca a confiabilidade do alimento, justificando sua predileção pela transparência dos ingredientes e pela ausência de surpresas em relação à textura ou ao sabor. Essa fala aborda como a busca por controle em situações sensoriais pode ser reconfortante para pessoas autistas, ajudando-as a evitar desconfortos ou estímulos inesperados.</p>
Resiliência	Capacidade de superar desafios com determinação, reafirmando independência e desenvolvendo formas de lidar com adversidades.	<p>Episódio 2, cena 15, 1ª temporada</p> <p>Na lanchonete conversando com o namorado.</p> <p>Rapaz: E se agora em diante a gente marcar um horário específico para falar de baleias, ao invés de falar a qualquer hora.</p>

		<p>Woo: Ah. Ok, qual o horário você prefere?</p> <p>Rapaz: Que tal na hora do almoço, pode ser para você? A gente come enquanto conversa.</p> <p>Woo: Está.</p> <p>Rapaz: Então, quando não for a hora do almoço, ao invés de baleias, vamos falar de outro assunto.</p> <p>Woo: Ao invés de baleias, vamos falar de outro assunto, Hum. Hum e se a situação exigir que a gente fale de baleias?</p> <p>Rapaz: Daí a gente fala, está bom.</p> <p>Woo: Sim, aí a gente fala.</p> <p>Contexto: Adaptação para reduzir falar de baleias a todo momento.</p>
Resistencia a mudanças	Indica comportamentos ou falas que mostram preferência por rotinas rígidas, resistência a alterações sensoriais, alimentares, espaciais ou de padrões estabelecidos.	<p>Episódio 12, cena 22, 1ª temporada</p> <p>Após Woo ganhar um caso, ela e sua colega de trabalho são convidadas para uma reuniãozinha de confraternização com a advogada oposta ao caso.</p> <p>Woo: Só tem bimba? Não tem kimbap? Eu não consigo ver os ingredientes de um bimba, então eu posso ficar assustada, dependendo do que tiver.</p> <p>Contexto: Durante confraternização Woo se incomoda por não ter seu prato de costume, Kimbap, e se recusa a comer outra coisa que não está habituada.</p>

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O (1) “**comportamento autoestimulante**” refere-se a ações repetitivas ou padrões comportamentais que oferecem conforto e organização. Esses comportamentos, também conhecidos como *stimming* (do inglês *self-stimulation*), envolvem movimentos físicos, como balançar as mãos, repetir palavras ou frases, ou ações organizacionais, como alinhar objetos (Kapp *et al.*, 2019).

Na série, a personagem Woo exibe diversos comportamentos autoestimulantes que refletem sua maneira particular de lidar com o mundo. Esse comportamento aparece no episódio um, cena onze, da primeira temporada, quando Woo organiza meticulosamente os papéis de um caso antes de iniciar sua leitura. A organização detalhada dos documentos demonstra o modo como a protagonista busca controle por meio de uma ação repetitiva, especialmente em situações potencialmente estressantes.

Além dos comportamentos organizacionais, Woo apresenta movimentos repetitivos constantes nas mãos, sobretudo em momentos de tensão ou ansiedade. Esses movimentos

funcionam como estratégias de autorregulação sensorial, permitindo-lhe aliviar o estresse e manter o foco em situações desconfortáveis.

Esta categoria explora os desafios relacionados à regulação emocional e sensorial vivenciados pela protagonista, destacando tanto as dificuldades enfrentadas quanto os esforços de adaptação empreendidos por Woo para equilibrar suas experiências sociais.

A (2) “**sensibilidade visual, sonora, paladar e tátil**” refere-se à hipersensibilidade ou hipossensibilidade a determinados estímulos sensoriais, podendo causar desconforto, excesso sensorial ou até mesmo crises.

A hipersensibilidade sensorial de Woo é abordada consistentemente na narrativa, especialmente em situações que envolvem estímulos auditivos intensos. No episódio onze, cena dezesseis, da primeira temporada, por exemplo, é apresentada uma cena em que um cliente destrói o estabelecimento da esposa durante uma discussão. Diante dos sons intensos dos objetos quebrando e da tensão do ambiente, Woo imediatamente utiliza seus fones de ouvido para reduzir o impacto dos ruídos e se acalmar. O uso dos abafadores representa um mecanismo de conforto e regulação sensorial, permitindo à personagem evitar o excesso auditivo e recuperar o controle emocional. Tal comportamento é observado em pessoas autistas, que utilizam recursos como abafadores de som ou fones para minimizar estímulos sensoriais externos e aliviar o desconforto causado por ambientes ruidosos.

Além da sensibilidade auditiva, Woo demonstra desconforto em relação ao toque físico e ao sabor dos alimentos. Sua sensibilidade ao toque é retratada no episódio dez, cena oito, quando Woo e seu namorado discutem sobre segurar as mãos. Durante o diálogo, Woo explica que, embora goste do namorado, segurar sua mão por mais de 57 segundos torna-se insuportável devido ao excesso sensorial. A tentativa de Woo em permitir esse contato, ainda que cronometrando o tempo, simboliza o esforço consciente da personagem para equilibrar as demandas emocionais da relação com suas próprias limitações sensoriais.

Diálogo 4:

Rapaz: Vamos lá. Ah, eu também não vi a opção dar as mãos enquanto me leva para casa aqui.

Woo: Não tem. Mesmo se tivesse, para mim isso não é fácil. Às vezes meu pai também tentava segurar a minha mão, mas eu só conseguia aguentar por 57 segundos.

Rapaz: Ah, é sério. E o que é que acontece se passar desse tempo?

Woo: Eu quero largar, porque eu não consigo... pra mim isso é insuportável.

Rapaz: Entendi...

Woo: Você quer ficar de mãos dadas por 57 segundos?

Namorado: Quer fazer isso, mesmo? (Ela pega o celular e começa a cronometrar o tempo).

Woo: Eu não consigo. Eu peço desculpa.

Namorado: Isso não tem problema. Vamos fazer só o me leva pra casa, tá bom? Depois damos as mãos. (Uma advogada extraordinária, episódio 10, cena 8, 1ª temporada, 2022)

A sensibilidade ao sabor também é abordada na série, conforme vimos no primeiro episódio, cena um, durante uma conversa entre Woo e seu pai. Woo percebe imediatamente que o presunto utilizado no kimbap foi substituído, resultando em alteração no sabor do prato. Ao comentar sobre essa mudança, a personagem evidencia sua hipersensibilidade gustativa. A troca de ingredientes leva Woo a rejeitar a refeição, destacando a importância da consistência e da estabilidade em sua relação com a comida.

Essas cenas exemplificam as reações de Woo a estímulos auditivos, táteis e gustativos, enfatizando a complexidade das vivências autistas e o impacto que os estímulos sensoriais exercem sobre o comportamento e as interações sociais da personagem. O emprego de estratégias adaptativas, como o uso de fones de ouvido e a repetição de movimentos corporais, demonstra os esforços de Woo para evitar o excesso sensorial e manter o equilíbrio emocional.

A (3) **“resiliência”** refere-se à capacidade de enfrentar e superar desafios emocionais, sociais e profissionais, desenvolvendo soluções práticas e reafirmando a autonomia. Na série Woo é apresentada como uma personagem que, apesar de suas dificuldades relacionadas ao TEA, demonstra uma notável capacidade de adaptação e resolução de problemas em diferentes aspectos de sua vida.

Um exemplo dessa resiliência é observado em suas interações no ambiente de trabalho. Woo reconhece que seu interesse obsessivo por baleias, embora seja uma fonte de conforto pessoal, pode ser visto como algo excessivo ou inadequado em situações profissionais.

Para se adaptar melhor ao contexto social do escritório, Woo faz um esforço consciente para evitar falar sobre baleias com os colegas, reservando esse tipo de conversa para interações mais íntimas, especialmente com seu namorado, que aceita e compreende seu interesse. No episódio um, cena onze, Woo reforça para si mesma a importância de controlar esse comportamento repetitivo, afirmando: “Falar de baleia, não pode. É proibido.” (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 11, 1ª temporada). Esse esforço para ajustar seu comportamento social sem abrir mão de sua essência reflete um equilíbrio entre autenticidade e adaptação, mostrando sua habilidade em gerenciar suas características individuais diante das expectativas sociais.

Outro exemplo de resiliência ocorre em sua vida pessoal, quando Woo decide sair da casa de seu pai para passar um tempo na casa de sua amiga, no episódio oito, cena sete, da primeira temporada. Essa decisão reflete o desejo de Woo em experimentar maior autonomia e

independência, mesmo que essa transição envolva desafios emocionais e sociais. A capacidade de Woo de se afastar do ambiente familiar para explorar novas dinâmicas sociais e de convivência demonstra não apenas sua busca por independência, mas também sua capacidade de se adaptar a novos contextos.

Outro exemplo relevante ocorre no episódio treze, cena dezessete, quando Woo é convidada para almoçar na casa da irmã de seu namorado. Durante a conversa, o namorado revela que a irmã preparou carne e sashimi para o encontro, sem incluir Kimbap — um dos pratos preferidos de Woo e uma de suas principais fontes de conforto alimentar. Diante da possibilidade de ter que comer algo fora de sua zona de conforto, Woo demonstra resiliência ao tentar se adaptar à situação social para não desapontar o namorado. Quando o namorado sugere cancelar o encontro, Woo responde de maneira madura e precisa que não precisa cancelar:

Diálogo 5:

Rapaz: Eu tinha falado para ela ser um encontro mais casual, só beber um chá. Mas, como já tem muito tempo que a gente não se encontrava pessoalmente. E, como eu falei também que você ia comigo, eu acho que ela não queria só um chá. Então ela preparou muitas coisas e falou para a gente ir para lá sem almoçar. O problema é que eu acho que ela não preparou kimbap para a gente comer nesse almoço.

Woo: Então, qual tipo de comida será que ela preparou?

Rapaz: Olha, ela deve ter feito um pouco de carne, e também deve ter um pouco de sashimi.

Woo: Ah, sashimi e carne.

Rapaz: É. Você quer que eu ligue para ela para falar que a gente não vai conseguir comer lá?

Woo: Ah, não precisa. Sashimi e carne. Eu realmente não quero, mas vou tentar comer o quanto eu puder, e vou apreciar. (Uma advogada extraordinária, episódio 13, cena 17, 2022).

Essa cena demonstra um avanço no processo de adaptação de Woo, já que ela reconhece seu desconforto com alimentos fora de sua rotina, mas decide fazer um esforço para participar da situação social, respeitando os sentimentos de seu namorado. A disposição de Woo em tentar experimentar um novo tipo de comida, mesmo enfrentando dificuldades sensoriais e emocionais, reflete sua habilidade em encontrar um equilíbrio entre suas próprias limitações e o desejo de se conectar socialmente.

A série retrata, portanto, a resiliência como um processo contínuo de adaptação e equilíbrio entre as limitações impostas pelo TEA e as expectativas sociais e profissionais. A decisão de Woo em evitar falar obsessivamente sobre baleias, sua busca por independência ao sair de casa e sua abordagem prática em relação a desafios cotidianos mostram sua habilidade de navegar pelas complexidades da vida adulta, preservando sua autenticidade enquanto se adapta ao mundo neurotípico. A cena em que Woo tenta comer sashimi e carne para não desapontar o namorado reforça como a resiliência não está apenas na superação das

dificuldades, mas também na disposição de encontrar um ponto de equilíbrio entre suas próprias limitações e o desejo de construir conexões sociais.

A (4) **“resistência a mudanças”** engloba falas e comportamentos da personagem Woo que revelam uma adesão inflexível a rotinas, ambientes, preferências sensoriais e interesses específicos, característica comum em alguns indivíduos com TEA, conforme descrito no DSM-5. Essa resistência se manifesta tanto de forma verbal quanto não verbal, e está associada à busca por previsibilidade e ao desconforto diante de situações novas ou inesperadas.

Na série, Woo demonstra essa rigidez comportamental, sobretudo na manutenção de rotinas alimentares. Um dos exemplos presentes ocorre quando ela estranha a substituição de um ingrediente no prato que costuma consumir diariamente: “Você trocou o presunto que vai no Kimbap?” (Uma advogada extraordinária, episódio 2, cena 2, 2022). A preocupação não está apenas na alteração do sabor, mas na quebra de um padrão alimentar que lhe confere segurança. “Eu sempre como um Kimbap no café da manhã, o kimbap é confiável. Como eu posso ver todos os ingredientes. Eu não vou ter nenhum tipo de surpresa” (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 6, 2022).

Além disso, há resistência explícita à mudança de ambientes físicos, como no caso das portas giratórias. Woo hesita e paralisa diante desse obstáculo, demonstrando dificuldade em adaptar-se a um elemento arquitetônico inesperado, chegando a cogitar sua remoção: “Será que se a gente conversar com o proprietário, ele some com essa porta?” (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 14, 2022).

Após a apresentação das categorias que surgiram nos três eixos, passaremos a abordar na sequência o contexto social de Woo, com o propósito de compreender em quais ambientes e situações as principais categorias analisadas ao longo desse trabalho estão inseridas. Além disso, foram consideradas a frequência e a distribuição de cenas classificadas como positivas — associadas à inclusão, aceitação e apoio — e negativas — relacionadas à exclusão, preconceito e discriminação —, permitindo uma compreensão mais ampla da representação social da personagem na série.

CONDIÇÕES CONTEXTUAIS: ESCOLAR/PROFISSIONAL, FAMILIAR, SOCIAL

Aqui abordaremos brevemente a recepção da personagem Woo em diferentes contextos sociais apresentados na série, destacando três núcleos específicos: escolar/profissional, familiar e social. No âmbito escolar e profissional, analisaremos seu desempenho e suas interações, considerando as dificuldades e as conquistas relativas à inclusão e exclusão social.

No contexto familiar, serão exploradas as dinâmicas internas, enfatizando as estratégias de apoio, as tensões e as adaptações necessárias para lidar com o autismo. Já no âmbito social, destacaremos sua participação social e a forma como enfrenta aceitação ou rejeição em diferentes contextos, revelando os obstáculos e as oportunidades de integração e convivência. Esses três pilares foram distribuindo em 373 cenas que foram analisadas em duas vertentes: cenas favoráveis e desfavoráveis sobre o autismo de Woo. Sem incluir cenas que consideramos neutras, ou seja, cenas com caráter descritivo, expositivo ou informativo, que focavam no caso dos clientes do escritório de advocacia ou assuntos relacionados aos outros personagens.

No geral das 373 cenas, 97 cenas foram positivas (26,1%) e 57 cenas foram de caráter negativas (15,3%). As cenas positivas representam momentos em que a protagonista é acolhida, compreendida ou reconhecida por sua dedicação. Esses episódios demonstram:

- **Aceitação e empatia** por parte de colegas e clientes;
- **Superações pessoais** como o sucesso em audiências e a resolução de casos difíceis;
- **Momentos de autoconfiança** quando ela compreende e defende sua forma única de pensar e agir;
- **Relações afetivas** mais equilibradas com o pai, o chefe e colegas mais sensíveis ao seu modo de ser.

Essas cenas reforçam a possibilidade de inclusão efetiva, desde que o ambiente esteja disposto a adaptar-se às singularidades da neurodiversidade.

Já as cenas negativas refletem as diversas formas de barreiras sociais e exclusão que a protagonista enfrenta:

- **Preconceito e discriminação no ambiente jurídico** onde é subestimada ou hostilizada;
- **Capacitismo** quando sua condição é tratada como limitação absoluta, ou como obstáculo à “normalidade”;
- **Isolamento emocional** com dificuldades em estabelecer vínculos por conta da rigidez social imposta a ela;
- **Conflitos familiares** que por vezes reforçam padrões de sobreproteção ou desvalorização de sua autonomia.

Essas cenas demonstram a estrutura social excludente e a resistência de muitos em compreender a lógica emocional e comportamental de uma pessoa no espectro autista. A seguir exemplificamos com cenas que representam as reações favoráveis ou desfavoráveis diante do autismo de Woo.

ESCOLAR E PROFISSIONAL

No ambiente escolar, a série retrata situações de exclusão e *bullying*, como quando Woo busca isolamento em locais como a sala dos professores ou do zelador para evitar hostilidades por parte de colegas. (Uma Advogada Extraordinária, episódio 4, cena 8, 1ª temporada, 2022). Contudo, são apresentados também momentos de apoio, exemplificados pela relação com Dong Geurami, que se torna sua melhor amiga.

A consolidação dessa amizade aparece no episódio quatro, cena oito, quando Woo recebe durante uma aula um bilhete sugerindo que pergunte à professora se esta havia feito uma cirurgia plástica. Sem compreender a intenção maliciosa da brincadeira, Woo realiza a pergunta e recebe um tapa da professora. Após o incidente, a colega responsável pela brincadeira dirige-se a Woo de forma sarcástica: "Ah, desculpa. Eu achei que ela não ia se importar se fosse você" (Uma Advogada Extraordinária, episódio 4, cena 8, 1ª temporada, 2022). A fala da colega de classe carrega um tom irônico e expõe um comportamento de incapacidade, que pressupõe que as pessoas autistas são tratadas de forma diferente ou que suas ações são interpretadas com maior tolerância (ou até condescendência) devido à sua condição.

A frase sugere que a colega acredita que o comportamento de Woo seria encarado com indulgência pela professora justamente por Woo ser autista, o que reflete uma visão estereotipada e desumanizante. Em vez de enxergar Woo como uma pessoa com autonomia e responsabilidade sobre suas ações, a colega parece reduzi-la, assumindo que isso justificaria um tratamento diferenciado.

Esse trecho também revela como o ambiente social pode ser hostil para pessoas autistas, especialmente em contextos de socialização escolar, onde a falta de compreensão sobre o autismo muitas vezes leva à exclusão, ridicularização e até agressões.

A fala sarcástica da colega e a reação da professora viabiliza não apenas a falta de compreensão sobre o comportamento de Woo, mas também a presença de um preconceito estrutural, em que pessoas autistas são vistas como "diferentes" e, por isso, sujeitas a um tratamento desigual e muitas vezes injusto. Esse episódio reforça a importância de conscientização sobre o autismo e de práticas educacionais que promovam inclusão e respeito.

No entanto, na mesma cena vemos o oposto, quando Dong Geurami (uma colega que estuda na mesma turma de Woo) intervém para defender Woo após o incidente, isso simboliza

a presença de um suporte social em um ambiente que, de outra forma, se revela excludente e até agressivo.

O gesto de Geurami vai além de uma simples defesa; ele reflete um entendimento e uma aceitação da condição de Woo, sem cair em paternalismo ou condescendência. Em vez de tratar Woo como frágil ou incapaz, Geurami demonstra empatia e respeito, posicionando-se contra o comportamento da colega e a reação inadequada da professora. Esse tipo de apoio é fundamental para pessoas autistas, especialmente em contextos sociais estruturados como o ambiente escolar, onde regras sociais implícitas e dinâmicas de grupo podem ser difíceis de interpretar e navegar para alguém no espectro autista.

Além disso, o gesto de Geurami sugere um contraponto à hostilidade e à falta de compreensão vistas nas cenas anteriores. Enquanto a professora e a colega de classe reagem de maneira negativa à ação de Woo — reforçando estereótipos e contribuindo para um ambiente de exclusão — Geurami oferece um modelo alternativo de interação social baseada na inclusão e respeito.

As cenas relacionadas à escola ou faculdade são pouco retratadas na série, apenas essa cena é explicitamente apresentada. Em relação às amizades anteriores ao ingresso no escritório de advocacia, Dong Geurami aparece como a única amiga que Woo teve durante a infância e adolescência.

No contexto profissional, as relações de amizade de Woo se ampliam, embora a narrativa também retrate situações de discriminação enfrentadas por ela no início de sua carreira como advogada. A resistência de superiores e colegas em aceitar a contratação de Woo, como no episódio um, cena dez, da primeira temporada, em que o chefe dos advogados questiona a diretora geral sobre os motivos para contratar uma advogada autista. Ele argumenta que a condição de Woo poderia prejudicar o escritório de advocacia, questionando como Woo conseguiria atuar em um julgamento se enfrentava dificuldades para falar em público.

Diálogo 6: No escritório da direção geral.

Diretora geral: Sim.

Advogado: A nova advogada que a senhora recomendou, chegou hoje.

Diretora: Ah, é?.

Advogado: Por acaso a senhora viu a segunda página do currículo dela? Aparentemente está dizendo que ela é autista.

Diretora: Eu vi a página.

Advogado: E mesmo depois de ver ainda aceitou alguém como ela? (Uma advogada extraordinária, episódio 1, cena 10, 1ª temporada, 2022).

Por outro lado, a série também destacou momentos de reconhecimento e apoio, mostrando o impacto positivo. No episódio dezesseis, após um convívio maior com Woo, vemos uma opinião oposta do mesmo chefe que agora reflete e defende a presença dela no escritório:

“O advogado John Mionsock trabalhou na Rambada há mais de 14 anos. Sempre colocou os interesses dos clientes acima da justiça da nossa sociedade. Se alguém apontar o dedo pra mim e me chamar de engenheiro jurídico, não tem como eu negar isso não, porque é verdade. Mas a advogada Woo não é o advogado John Mionsock. Você é uma pessoa completamente diferente, então o conselho que eu posso te dar? Eu sou um... mero curioso sobre qual a decisão a advogada Woo vai tomar. Porque a senhorita Woo não é uma advogada qualquer, entendeu?” (Episódio 16, cena 10, 1ª temporada).

Essa fala reflete um reconhecimento da singularidade e autenticidade da advogada Woo, destacando sua maneira única de exercer a advocacia e sua postura ética distinta em relação ao sistema jurídico tradicional. A ideia de que Woo não é simplesmente uma advogada competente, mas alguém que transcende os padrões convencionais da advocacia ao integrar sua identidade e seus valores à prática profissional. O chefe reconhece que Woo desafia a lógica tradicional da advocacia, ao combinar inteligência técnica com um senso profundo de justiça e moralidade — o que a torna única em sua profissão.

No episódio três, cena dezoito, o chefe de Woo enfatiza que juntos formam uma equipe disposta a se apoiar mutuamente. Isso é demonstrado quando um cliente solicita que Woo se afaste de um caso. O chefe responde que não pode aceitar essa exigência, pois eles são uma equipe e, se um integrante sair, todos sairão.

Diálogo 7: O advogado chefe vai a sala da diretoria solicitar o retorno de Woo ao caso.

Advogado: Por favor, convença o presidente.

Diretora: Sobre o quê? Levar a senhorita Woo, ao tribunal?

Advogado: Sim. Não foi por causa do trabalho dela e nem por causa de um erro. Porque ele acredita que o argumento não será eficaz por causa do autismo dela. Impedir ela de ir ao tribunal. É discriminação.

Diretora: Mas não foi você que disse meses atrás...

(A diretora relembra a fala do advogado chefe antes de aceitar Woo na equipe, questionando os motivos pelo qual a diretora a contratou. Na época o advogado chefe disse: A senhora viu a segunda página do currículo dela? Ela é autista. A senhora viu, e ainda assim contratou ela? Como é que eu vou conseguir ensinar uma pessoa desse jeito?)

Diretora: Quem falou isso? E aí. O que aconteceu então?

Advogado: Na época, ela não era da nossa equipe. Agora, ela faz parte desse time. (Uma advogada extraordinária, episódio 3, cena 18, 1ª temporada, 2022).

Além de conquistar a empatia do chefe, Woo desenvolve uma relação de amizade com o funcionário do setor de litígio, que ao longo da série se torna seu namorado. Ela também conquista a confiança de dois colegas de trabalho. Choi Su-Yeon, ex-colega de faculdade, demonstra apoio constante ao ajudá-la em diversas situações, como orientá-la sobre o

comportamento em eventos sociais, abrir garrafas de água quando Woo não consegue e acompanhá-la para atravessar portas giratórias, que Woo teme. Outro colega que passa a admirar Woo é Kwon Min-Woo. No início da série, ele tenta fazer com que Woo deixe o escritório, mas, à medida que a trama avança, ele passa a respeitá-la e desenvolve afeto por ela.

Dessa forma, ao contrário da experiência escolar, o ambiente de trabalho torna-se para Woo um espaço de inclusão e compreensão por parte de superiores, colegas e clientes.

CONTEXTO FAMILAR

No contexto familiar, a série retrata a dinâmica entre Woo e seu pai, destacando o apoio contínuo que ele oferece para garantir o bem-estar da filha. No episódio um, cena seis, da primeira temporada, é apresentado o primeiro dia de trabalho de Woo. Como precisa utilizar o metrô sozinha e tende a se distrair com facilidade, o pai revisa com ela todo o trajeto até o escritório de advocacia, buscando assegurar que ela chegue com segurança ao destino. Durante esse momento, Woo repete as instruções do pai: "Ando até a estação Rajon, pego o metrô na linha dois, desço na estação Yoksan, saio na saída quatro, a 312 metros do escritório, um total de 38 minutos." (Uma Advogada Extraordinária, episódio 1, cena 6, 1ª temporada, 2022). Esse diálogo reforça o vínculo entre pai e filha, evidenciando o cuidado do pai em acompanhar os detalhes da rotina de Woo.

Embora Woo seja retratada como alguém com alta capacidade intelectual, a série também traz traços de delicadeza e infantilização, especialmente em seu comportamento dentro de casa. Em outro momento, a série apresenta um reencontro entre o pai e a mãe de Woo, no qual ele afirma que assumiu sozinho a responsabilidade pelos cuidados da filha, oferecendo todo o suporte necessário, pois não possuía condições financeiras para fornecer um acompanhamento especializado a filha. Essa cena ressalta a resiliência e a dedicação do pai, que reorganizou sua vida para atender às necessidades específicas de Woo.

O APOIO DO NAMORADO

Ao ingressar no escritório de advocacia, Woo conhece Lee Jun-ho, com quem passa a maior parte do tempo. O relacionamento entre os dois é construído com base na empatia, no afeto e no respeito às necessidades de pessoas no espectro autista. A relação entre Woo e Jun-ho rompe com estereótipos que retratam pessoas autistas como indivíduos isolados ou incapazes de formar vínculos afetivos. Ao contrário, a série apresenta uma narrativa em que o afeto e a convivência são possíveis e sustentados pela aceitação.

Jun-ho não apenas se aproxima de Woo, mas também demonstra disposição para compreender suas particularidades, como em situações de sobrecarga sensorial. No episódio onze, cena dezoito, ambos presenciam o acidente de um cliente. Nesse momento, Woo se sente mal, coloca as mãos na cabeça e começa a se agredir. Jun-ho tenta ajudá-la, e Woo pede que ele a aperte com força, o que a auxilia a recuperar o controle emocional (Uma Advogada Extraordinária, episódio 11, cena 18, 1ª temporada, 2022).

Ao retornar para casa, Jun-ho explica que já conhecia essa estratégia de controle emocional utilizada por algumas pessoas autistas: "Aplicar pressão no corpo alivia a ansiedade quando está com sobrecarga sensorial" (Uma Advogada Extraordinária, episódio 11, cena 18, 1ª temporada, 2022). A fala revela que Jun-ho busca se informar sobre o assunto, o que nem sempre é comum entre os interlocutores de pessoas neurodivergentes. Sua postura não visa "corrigir" Woo, mas acolhê-la integralmente, respeitando sua forma de ser. A relação entre ambos é exibida por um cuidado concreto e adaptativo, baseado na escuta ativa e no entendimento das necessidades dela.

NO CONTEXTO SOCIAL

A série mostra os desafios enfrentados por Woo ao navegar em ambientes onde discriminações e estigmas sobre o autismo ainda são contantes. As cenas consideradas negativas giram em torno de 57 cenas (15, 3%).

Woo enfrenta olhares curiosos e atitudes que refletem a luta por aceitação em uma sociedade que muitas vezes desconhece os comportamentos das pessoas no espectro. Em uma cena, os amigos de seu namorado expressam opiniões preconceituosas, eles julgam que o amigo está confundindo empatia com amor: "Namorar uma garota que você só está querendo ajudar. Isso não é amor, cara. Isso é empatia." (Uma advogada extraordinária, episódio 10, cena 15, 1ª temporada, 2022). O comentário gera indignação e resulta em um conflito no bar, mostrando como o namorado de Woo a defende contra atitudes discriminatórias, mesmo em círculos de amizade.

Nesse contexto de defesa, encontramos 98 cenas (26,3%) com momentos de apoio e empatia, como os esforços de amigos e colegas para proteger Woo de situações que poderiam intensificar sua ansiedade. Esses gestos de cuidado mostram que, embora haja estigmas, a conscientização e o suporte podem fazer a diferença no enfrentamento das barreiras sociais.

Dessa forma, Woo Young Woo, protagonista da série, é retratada como uma personagem em evolução e adaptação social, mas que também não deixou de reconhecer suas limitações por conta do autismo. Os eixos de **interação social, comunicação e comportamento** refletiram os desafios e particularidades do TEA com cenas que prevaleceram a proposta de inclusão.

Apesar de suas interações sociais terem sido marcadas por dificuldades em interpretar normas e variações emocionais. E tendendo a se comunicar literalmente, não compreendendo sarcasmo, metáforas ou emoções implícitas.

Além disso, Woo demonstrou dificuldades em iniciar e manter conversas, dependendo em certas ocasiões de terceiros para estabelecer conexões sociais. No entanto, ela apresenta uma consciência reflexiva e adaptativa ao reconhecer suas limitações e busca formas de superá-las. Sua memória notável e atenção aos detalhes compensaram parcialmente essas dificuldades sociais, permitindo-lhe resolver casos jurídicos complexos com êxito e obter respeito em seu ambiente profissional.

Na comunicação, Woo se destaca pela clareza e sinceridade, expressando seus pensamentos de maneira lógica, direta e sem filtros sociais. Embora essa objetividade contribua para sua eficiência profissional, em contextos sociais pode ser interpretada como rude ou insensível.

Woo também apresentou criatividade comunicativa, usando jogos de palavras e analogias relacionadas especialmente a baleias e golfinhos para explicar temas complexos e tentar entender situações sociais diárias. Contudo, enfrentou desafios como a ecolalia (repetição de frases), dificuldades na interpretação de sarcasmo e desconforto ao falar em público. Em situações de estresse ou ansiedade, ela tendeu a falar rapidamente, prejudicando a compreensão dos interlocutores. Para minimizar essas dificuldades, Woo teve auxílio de estratégias na comunicação, como cartões com expressões emocionais e analogias da vida marinha, facilitando sua adaptação a contextos sociais.

Os comportamentos de Woo refletiram uma busca por estabilidade, nesse eixo ela apresentou comportamentos autoestimulantes (*stimming*), como contar até três antes de entrar em novos ambientes, organizar objetos simetricamente e realizar movimentos repetitivos com as mãos para aliviar desconfortos emocionais.

Na hipersensibilidade sensorial manifestou-se na aversão a sons altos (recorrendo a abafadores de ouvido), ao toque físico (conseguindo segurar a mão de alguém por apenas 57

segundos antes de sentir desconforto) e a alimentos com texturas ou sabores imprevisíveis (preferindo kimbap, alimento que proporciona estabilidade sensorial).

Por outro lado, Woo demonstrou resiliência ao se adaptar às suas limitações sensoriais, emocionais e sociais. Ao perceber que seu interesse intenso por baleias pode afastar as pessoas, ela tenta controlar essa tendência, abordando o tema somente em conversas com indivíduos que compreendem suas particularidades. Sua capacidade de superação também é visível quando decide experimentar novos alimentos, mesmo enfrentando desconforto.

Por fim, a série aborda como Woo estabelece conexões equilibradas em três principais núcleos sociais: o familiar, o profissional e o social. No núcleo familiar, o pai oferece apoio contínuo, adaptando sua rotina para assegurar o bem-estar emocional da filha. Ele desenvolve estratégias que auxiliam Woo a interpretar emoções e compreender o ambiente à sua volta, fortalecendo sua segurança emocional. No contexto profissional, Woo enfrenta discriminação e ceticismo devido ao autismo, mas gradativamente conquista respeito e admiração em razão da sua competência jurídica.

No ambiente social, a inclusão de Woo é permeada por contrastes: de um lado, apoio e aceitação de pessoas próximas; de outro, preconceito institucional, capacitismo e exclusão velada. A série mostra, em 373 cenas analisadas, que as experiências da personagem oscilam entre acolhimento e rejeição — sendo 26,1% cenas positivas e 15,3% negativas. O apoio do pai, da melhor amiga e de alguns colegas do escritório revela o poder das redes de afeto e compreensão como mecanismos essenciais para a inclusão de pessoas autistas.

CAPÍTULO 5: ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta uma discussão comparativa dos resultados encontrados sobre a representação do autismo nos três personagens — Autis, Woo Young Woo e Sam Gardner — com base na abordagem de análise de conteúdo. A partir dos dados emergentes dos episódios das respectivas séries, aqui já levantados, foram construídas categorias que ilustram as características de cada personagem. Também foi utilizada uma análise estatística descritiva, com apresentação de percentuais para complementar a interpretação dos resultados.

A partir de uma observação sistemática das cenas protagonizadas por esses personagens, foram construídas categorias de análise com base em três eixos principais – **interação social, comunicação e comportamento** – em consonância com os critérios diagnósticos do DSM-5, que define o TEA por déficits persistentes na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses ((Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2014).

Além de descrever as características e a frequência dos comportamentos apresentados pelos personagens em cada um dos três eixos analisados, este capítulo realiza uma análise crítica que confronta os dados obtidos com referenciais teóricos fundamentais para a compreensão das representações sociais do autismo. Nesse sentido, adota-se o conceito de estigma social, desenvolvido por Goffman (1988), segundo o qual indivíduos que fogem das normas socialmente estabelecidas são frequentemente rotulados de forma negativa, sendo percebidos como “desviantes” e, por isso, enfrentam processos de desvalorização, rejeição e exclusão. Com base nesse referencial, examina-se se as séries analisadas reforçam visões estigmatizantes ao retratar personagens autistas como isolados, inadequados ou excessivamente dependentes, ou se, ao contrário, rompem com esses estereótipos e promovem uma imagem mais humanizada.

A análise também é orientada pelo modelo social da deficiência, formulado por Oliver (1990), que propõe uma ruptura com a lógica tradicional do modelo médico. Enquanto o modelo médico tem que avaliar a deficiência localizada no corpo ou na mente do indivíduo — algo a ser diagnosticado e tratado —, o modelo social desloca esse foco para o ambiente social, argumentando que a deficiência surge, sobretudo, das barreiras físicas, comunicacionais, institucionais e atitudinais impostas por uma sociedade que ainda não está preparada para acolher a diversidade. Na teoria Oliver (1990), por exemplo, uma pessoa autista não é “deficiente” por apresentar dificuldades de interação ou comunicação, mas porque vive em um

contexto que não oferece recursos adequados de apoio, adaptação e inclusão, restringindo sua participação plena. A deficiência, nesse sentido, é vista como uma construção social e não apenas como uma condição biológica.

A partir dessa perspectiva, este capítulo busca compreender se as produções audiovisuais analisadas aderem a essa concepção crítica da deficiência, promovendo representações que valorizam a neurodiversidade, a autonomia e o direito à diferença — ou se continuam ancoradas somente em um olhar clínico. Ao articular os aportes teóricos de Goffman (1988) e Oliver (1990), a proposta é avaliar até que ponto as séries contribuem para transformar imaginários sociais e para ampliar o debate público sobre inclusão, cidadania e representações do TEA.

Em uma cultura em que a mídia se estabelece como instância hegemônica de informação e entretenimento, é imprescindível considerar que suas produções exercem uma função de **pedagogia pública**, na medida em que contribuem para a formação de subjetividades, orientando modos de agir, pensar e sentir, além de influenciar crenças, medos, desejos e rejeições (Kellner, 2001 *apud* Sacramento, I.; Borges, W.C, 2020).

A das “deficiências” no audiovisual, especialmente no que se refere ao TEA, não pode ser entendida apenas como o reflexo das características individuais dos personagens, mas como uma construção social mediada por estigmas e barreiras. Segundo Goffman (1988), o estigma é um atributo profundamente depreciativo, que reduz o indivíduo de uma pessoa completa a uma identidade diminuída perante a sociedade, moldando expectativas de aceitação ou rejeição. Oliver (1990), por sua vez, enfatiza que a exclusão de pessoas com “deficiência” não é provocada apenas pelas suas condições individuais, mas, sobretudo, pelas barreiras organizacionais e sociais que impedem sua participação plena.

Assim, ao analisar os protagonistas autistas nas séries *Atypical*, *Eu sou Aut* e *Uma Advogada Extraordinária*, foi necessário considerar não apenas as suas características pessoais, mas também o modo como os contextos sociais que os cercam podem reproduzir ou desconstruir estigmas.

Nos itens a seguir, discute-se cada eixo analítico separadamente, destacando as categorias identificadas, com exemplos das cenas das séries e articulando com conceitos teóricos. Em seguida, sintetizam-se quais estereótipos sobre o autismo foram reforçados ou desafiados por cada personagem. Por fim, aprofunda-se a reflexão sobre os impactos sociais e culturais dessas representações — seja no imaginário social, nas famílias ou nas práticas de inclusão.

INTERAÇÃO SOCIAL

No eixo da interação social, analisou-se como cada personagem inicia conversas e interações, como responde às aproximações sociais de outros e qual a qualidade das relações interpessoais desenvolvidas ao longo da narrativa. A partir dos episódios, emergiram categorias como conexões interpessoais, iniciativas de socialização (ou independência social), práticas sociais dirigidas, socialização literal e assuntos restritos, dificuldade de engajamento social e traços associados a genialidade ou foco excepcional. A tabela a seguir resume a presença dessas categorias em cada série:

Tabela 27: Frequência das categorias da interação social dos personagens.

Categorias de Interação social	AUTS (N/%)		WOO (N/%)		SAM (N/%)	
Conexões interpessoais	20	42,55%	107	51,94%	102	37,91%
Socialização e independência	-	-	-	-	56	20, 82%
Práticas sociais dirigidas	-	-	-	-	61	22, 68%
Socialização literal e assunto específico	-	-	48	23,30%	51	17,40%
Dificuldade de engajamento social	-	-	26	12,62%	23	8, 55%
Genialidade e foco excepcional	-	-	25	12,14%	-	-
Mediação por atividades	19	40,43%	-	-	-	-
Percepções e imaginação	8	17,02%	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelas autoras.

As “**conexões interpessoais**” presente com alta frequência em todas as séries (foi a categoria mais comum: por exemplo, aproximadamente 52% das interações de Woo, 43% das de Autis e 38% das de Sam). Essa categoria refere-se ao estabelecimento de vínculos sociais significativos, incluindo demonstrações de empatia e preocupação com os outros. Apesar das dificuldades características do TEA, as três narrativas enfatizam que seus protagonistas conseguem, cada um à sua maneira, construir laços afetivos e demonstrar sensibilidade às pessoas próximas. Por exemplo, Sam mostra solidariedade quando seu melhor amigo enfrenta um problema de saúde; Woo Young-woo cria relações de confiança e respeito mútuo com colegas de trabalho e clientes; e o menino Autis mantém amizade com Ana e Davi, participando de brincadeiras coletivas. Esses exemplos desafiam o estereótipo do “autista isolado e incapaz de sentir empatia”. Inclusive, a série *Atypical* aborda explicitamente esse mito em uma fala de Sam: “As pessoas acham que os autistas não têm empatia, mas isso não é verdade... quando eu sei que alguém está chateado, eu sinto muita empatia. Talvez até mais do que os neurotípicos” (*Atypical*, episódio 8, cena 11, 2017). Tal representação vai ao encontro de análises como a de Camargo (2023), que discute que a suposta “ausência de empatia” em pessoas autistas é uma

percepção equivocada – o que existe são diferenças na forma de expressar e comunicar os sentimentos, não a falta deles. Desse modo, as séries contribuem para desestigmatizar a ideia de que pessoas com TEA seriam emocionalmente frias ou incapazes de vínculo, oferecendo contraexemplos concretos em suas tramas.

As **“práticas sociais dirigidas”** estão presentes principalmente em *Atypical*, refletindo os esforços de Sam em conquistar autonomia social na adolescência. Cerca de 22% das interações de Sam envolvem iniciativas dele em buscar independência (como ir a eventos sozinho, ter um relacionamento amoroso, conseguir um emprego). Nessa categoria Sam realiza pesquisas sobre os assuntos sociais, estratégias que sinalizam o processo de amadurecimento do personagem, que tenta aprender as “regras” de convívio social de forma deliberada. Por exemplo, Sam recorre à ajuda da família e da terapeuta para entender situações sociais complexas (como nuances de namoro ou amizade) e chega a elaborar listas de comportamentos apropriados em encontros sociais. Essa busca ativa por integração demonstra resiliência e desafia a noção de que pessoas autistas permaneceriam eternamente dependentes ou alheias ao convívio – ao contrário, com apoio, Sam progride em sua inclusão na comunidade escolar e, posteriormente, universitária.

Aqui percebe-se convergência com a visão de Oliver (1990) sobre a importância do apoio social: a inclusão de Sam depende menos dele “deixar de ser autista” e mais de receber acomodações e compreensão do meio (abordagem social). A série mostra a família, a escola e os amigos adaptando expectativas e oferecendo suporte – ilustrando, na prática, como a sociedade pode reduzir barreiras e viabilizar a participação do autista, em consonância com o modelo social da deficiência.

A **“socialização literal e interesses específicos”** categoria observada sobretudo em *Uma Advogada Extraordinária* e em *Atypical*. Aproximadamente 23% das interações de Woo e 17% das de Sam, nota-se que as conversas dos personagens autistas tendem a ser conduzidas para seus assuntos de interesse específico, de forma literal e objetiva. Woo Young-woo tem fixação por baleias e golfinhos, e constantemente usa analogias desses animais em diálogos ou traz o tema à tona mesmo fora de contexto profissional. Sam, por sua vez, é fascinado por pinguins e pela Antártica, também inserindo fatos desse interesse em conversas cotidianas. Essa característica retrata a tendência, comum em parte das pessoas no espectro, de focar em tópicos prediletos e de interpretar a linguagem de forma literal (dificuldade em compreender metáforas ou entrelinhas sociais). Ação que gera em alguns momentos conflitos e desconfortos nas interações sociais dos protagonistas, pois nem todos gostam de ouvir falar sobre esses assuntos.

Já o personagem infantil Autis, embora possua interesses intensos (formas geométricas, dragões, dinossauros), não insere esses temas obsessivamente nas interações sociais. Isso sugere que a série infantil optou por não enfatizar esse possível estereótipo, focando mais na capacidade de Autis brincar e se relacionar quando recebe estímulos adequados, do que em mostrar suas fixações. Em suma, as produções adultas apresentam a socialização literal como um desafio (às vezes cômico ou peculiar) nas relações dos protagonistas, ao passo que a produção infantil minimiza esse aspecto talvez para não reforçar a ideia de que crianças autistas vivem “presas” em seus mundos de interesse.

A “**dificuldade de engajamento social**” apesar dos aspectos positivos mencionados, tanto Sam quanto Woo exibem, em menor proporção, momentos de desafio significativo para engajar socialmente (aproximadamente 9% das interações de Sam e 12,6% das de Woo). Essas cenas mostram os protagonistas em situações de evidente desconforto ou incapacidade de responder adequadamente a demandas sociais inesperadas ou emocionalmente complexas. Por exemplo, Woo apresenta grande dificuldade em lidar com mudanças repentinas de planos no ambiente de trabalho e inicialmente não sabe como reagir a certas convenções sociais não explícitas (como cumprimentar colegas, participar de confraternizações informais etc.). Sam enfrenta problemas para interpretar ironias ou para adaptar-se a mudanças na rotina familiar (como troca de tempero nas refeições, ou uma festa surpresa), reagindo com ansiedade ou retraimento. Esses momentos refletem características típicas do TEA descritas na literatura: a interação social pode não seguir o fluxo natural de uma conversa comum, pois a pessoa autista nem sempre consegue se interessar espontaneamente pelo assunto do outro ou interpretar sinais sutis (Schmidt; Paula, 2024; Silva K.; Rozek, 2020).

Nas séries, tais dificuldades são retratadas de forma realista, porém pontual – elas existem, mas não definem integralmente os personagens. Importante notar que a série *Eu Sou Autis* quase não enfatiza engajamento fracassado: Autis, por ser criança em contexto lúdico, está quase sempre acompanhado de amigos compreensivos que mediam as interações, de modo que suas dificuldades para participar de uma brincadeira são rapidamente contornadas com ajuda. Esse contraste evidencia uma diferença de abordagem: as séries voltadas ao público adolescente/adulto incluem os conflitos sociais como parte do drama (e para conscientizar sobre os desafios enfrentados), enquanto a série infantil adota um tom mais pedagógico-inclusivo, evitando focar no “fracasso” social de Autis e priorizando mostrar como ele pode engajar quando os colegas têm paciência e criatividade.

Em termos de estigma, Goffman (1988) nota que comportamentos considerados “socialmente inábeis” tendem a rotular o indivíduo, podendo levá-lo à desqualificação social. As produções analisadas mitigam esse potencial estigma ao contextualizar as dificuldades: ou seja, o problema não é uma falha moral ou escolha do personagem, mas uma condição neurológica específica – e, sobretudo, algo manejável com compreensão e adaptações do entorno. Desse modo, as séries sinalizam aos espectadores que, embora existam barreiras na interação com uma pessoa autista, essas barreiras podem ser reduzidas se os interlocutores neurotípicos ajustarem suas expectativas e estratégias (como fazem os amigos de Autis, os familiares de Sam ou os colegas de Woo).

A “**genialidade e foco excepcional**” uma questão crítica nas representações de autismo é o estereótipo do “autista gênio”. Nas três séries, apenas Woo Young-woo incorpora claramente traços de habilidades cognitivas acima da média, classificados no código “memória prodigiosa e foco elevado” (presente em cerca de 12% de suas interações ou cenas). A personagem é retratada como possuindo memória fotográfica e pensamento lógico extraordinário, o que a auxilia a vencer casos jurídicos complexos – recurso dramático enfatizado visualmente na série por animações que ilustram seu processamento mental rápido.

Em contrapartida, Sam e Autis não são caracterizados por nenhuma genialidade fora do comum: seus interesses por pinguins ou dinossauros são tratados como parte de sua personalidade, não como talentos supra-humanos, e suas capacidades intelectuais situam-se dentro da “normalidade” esperada para sua idade (Sam é inteligente, mas enfrenta dificuldades acadêmicas comuns; Autis é uma criança curiosa). Essa diferença é importante, pois mostra um esforço das produções em não universalizar o estereótipo do “gênio excêntrico”. Historicamente, desde que a síndrome de Asperger passou a ser conhecida (década de 1981), a mídia popularizou figuras de autistas superdotados – como do icônico filme *Rain Man* e *Temple Grandin* – o que embora tenha aumentado a visibilidade do autismo, também gerou uma visão distorcida do espectro (Chamark, 2015). Woo Young-woo claramente se insere nessa tendência de personagem autista com alta habilidade e um domínio específico (no caso, o Direito). Já *Atypical* e *Eu Sou Autis* rompem com essa expectativa ao apresentar protagonistas mais “comuns”, cujos desafios e conquistas são mais alinhados à vida cotidiana. Essa divergência interna entre as séries permite um confronto crítico: por um lado, Woo exemplifica o termo do “autista brilhante” que pode reforçar a ideia de que “todo autista tem um dom escondido” – um estereótipo que, segundo Oliver (1990) pode ser prejudicial porque faz com que a aceitação social do autista fique condicionada a ele demonstrar “utilidade” ou performance excepcional.

Por outro lado, a própria narrativa de Woo humaniza a personagem além da genialidade, mostrando suas vulnerabilidades, desejos (inclusive românticos) e necessidade de apoio – ou seja, ela não é definida apenas por sua habilidade, diferentemente de representações mais antigas e unidimensionais.

Na série *Eu sou Autista*, destacaram-se as categorias como “**mediação por atividades**” (40,43%) e “**percepções e imaginação**” (17,02%), que indicam uma socialização baseada no engajamento em atividades simbólicas ou de faz-de-conta, comuns na infância, como simular situações com bonecos ou objetos.

Com o apoio dos amigos, o personagem Autista demonstrou interesse em participar de brincadeiras imaginativas, revelando habilidades sociais, o que favorece sua interação com o meio. Essa cena ameniza o estereótipo de que toda criança autista não consegue compartilhar brincadeiras imaginativas ou em estabelecer amizades (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2014).

No entanto, Silva e Paula (2024) explica que crianças autistas, normalmente, não desenvolvem espontaneamente o brincar simbólico — aquele em que se atribuem sentidos imaginários aos objetos, como fingir que uma boneca está comendo ou que um carrinho está sendo dirigido. Em vez disso, elas tendem a explorar os brinquedos de maneira mais repetitiva ou sistemática, classificando-os, organizando-os em sequências baseadas em características específicas, ou focando em detalhes que, isoladamente, não têm uma função simbólica ou narrativa.

Diante disso, torna-se importante oferecer a essas crianças oportunidades variadas de contato com brinquedos estruturados, que possam tanto estimular o desenvolvimento do jogo simbólico quanto favorecer a criatividade e a expressão de novas formas de interação com os objetos (Silva; Paula 2024). E isso foi ilustrado na série *Autista*, em que por meio dos seus amigos, Ana e Davi, o personagem autista conseguiu trabalhar sua imaginação, como no episódio *Sombras e Nuvens*.

O brincar com o imaginário exige a coordenação entre diferentes perspectivas. Dessa forma, as experiências simbólicas compartilhadas tornam-se oportunidades importantes para que as crianças exercitem e, gradualmente, desenvolvam a habilidade de articular suas próprias perspectivas com as dos outros (Leslie, 1987; Meins & Russell, 1997; Youngblade & Dunn, 1995 *apud* Silva; Paula, 2024). Estudos indicam que essa capacidade simbólica se encontra comprometida em crianças autistas (Baron-Cohen, 1993; Charman, 1997; Kasari *et al.*, 2006 *apud* Silva; Paula, 2024). Os pesquisadores observaram que, crianças autistas consigam imitar

ações simbólicas realizadas por outras pessoas, mas essa imitação não reflete uma compreensão simbólica genuína da atividade.

Entende que crianças autistas, assim como as demais, têm potencial para desenvolver habilidades relacionadas à atividade lúdica. No entanto, esse desenvolvimento depende diretamente de sua inserção no meio cultural e social, por meio da convivência (Freitas, 2008 *apud*, Bagarollo; Ribeiro; Panhoca. 2013).

Assim como observado na série *Eu sou Aut*, a série animada apresenta um contexto de apoio. Embora *Aut* nem sempre compreenda plenamente o significado das brincadeiras, a presença ativa de seus amigos permite que barreiras sejam superadas. Essa rede de apoio favorece sua adaptação ao ambiente social, demonstrando que, com suporte apropriado, é possível promover a inclusão e o engajamento em interações lúdicas.

Nos três casos, observa-se que as séries não reduzem os personagens ao diagnóstico ou a um rótulo único: todos têm personalidade própria, com qualidades e defeitos individuais. Isso reflete um passo importante para afastar a identidade estigmatizada no sentido goffmaniano – em vez de personagens “*spoilers*” socialmente desacreditados por serem autistas, temos personagens íntegros, cuja condição é apenas um aspecto dentre muitos.

Cabe ainda destacar que a categoria “**conexões interpessoais**” indicativa de vínculos afetivos e empatia – foi a mais frequente nos três protagonistas, superando categorias negativas. Esse resultado quantitativo reflete um esforço consciente das produções em desafiar o estigma da insociabilidade atribuída ao TEA. Conforme Goffman (1988), o estigma ocorre quando certas características levam a sociedade a ver a pessoa como “menos íntegra” ou “menos humana”. Ao enfatizarem repetidamente que Sam, Woo e *Aut* amam, sofrem, cuidam e são cuidados, as séries reivindicam para esses sujeitos autistas o *status* de pessoas plenas em afeto e sociabilidade – em suma, pessoas “inteiras” que pertencem ao tecido social. Essa abordagem humanizadora está alinhada com movimentos recentes de conscientização que promovem a neurodiversidade, mostrando que indivíduos autistas podem se conectar e contribuir socialmente, ainda que às vezes de modos diferentes dos neurotípicos.

COMUNICAÇÃO

O segundo eixo de análise, comunicação, abrange tanto as formas verbais quanto não verbais utilizadas pelos personagens para expressar pensamentos, emoções e intenções. Avaliaram-se a clareza e coerência de sua fala, a efetividade em transmitir mensagens e os obstáculos enfrentados nesse processo – por exemplo, necessidade de apoio de terceiros, uso

de estratégias alternativas ou barreiras sensoriais. Das cenas examinadas, emergiram categorias como comunicação mediada, comunicação clara e direta, comunicação não verbal (gestos, expressões), uso de frases curtas, desafios comunicativos (como ecolalia, sobrecarga sensorial) e criatividade na comunicação. A distribuição dessas categorias variou consideravelmente entre os personagens, indicando diferentes perfis comunicativos:

Tabela 28: Frequência das categorias de comunicação dos personagens.

Categorias Comunicação	AUTS (N/%)		WOO (N/%)		SAM (N/%)	
Comunicação mediada	14	5,81%	39	28,89%	89	56,33%
Comunicação clara e direta	-	-	47	34,81%	69	43,67%
Comunicação direta e frases curtas	193	80,08%	-	-	-	-
Desafios da comunicação	-	-	31	22,96%	-	-
Criatividade na comunicação	-	-	18	13,33%	-	-
Comunicação não verbal	34	14,11%	-	-		

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A “**comunicação mediada**” apareceu em todos os personagens, mas com intensidade distinta: é altamente prevalente para Sam (aproximadamente 56% de seus atos comunicativos envolvem algum tipo de mediação ou ajuda), significativa para Woo (cerca de 29%) e menor em Autis (6%). Aqui consideram-se situações em que outra pessoa auxilia ou intermedeia a comunicação do personagem autista, ou em que são usados objetos/roteiros para facilitar a interação. Por exemplo, em *Atypical*, Sam frequentemente depende de mediação familiar e profissional: seus pais e sua terapeuta explicam contextos sociais, ajudam-no a encontrar palavras para sentimentos ou mesmo intervêm quando ele não consegue se expressar durante uma crise emocional.

Em *Uma Advogada Extraordinária*, Woo conta com apoio do pai e de amigos próximos (como sua colega de trabalho e seu chefe) que servem de “pontes” em momentos em que a comunicação dela entra em impasse – por exemplo, quando ela não consegue falar em público, alguém próximo a ajuda retomando a conversa com calma. Já em *Eu Sou Autis*, a mediação ocorre em contexto lúdico: Ana e Davi, amigos de Autis, ajudam na brincadeira explicando as regras de forma visual e simples (por exemplo, demonstrando uma ação para que Autis imite). A necessidade dessa mediação reforça um aspecto real do autismo (muitas pessoas no espectro precisam de suporte para se comunicar efetivamente, sobretudo na infância), mas também destaca a importância do ambiente responsivo.

Conforme a definição de Oliveira (2002, p. 26), mediação “é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”. A mediação constitui um aspecto central na teoria de Vygotsky, uma vez que ele compreende os processos psíquicos como intrinsecamente mediados. Essa mediação ocorre por meio dos instrumentos psicológicos – os signos – que são elementos culturais e simbólicos, próprios da experiência humana, e que são um suporte na constituição das funções mentais.

As séries ilustram bem isso: a presença de pessoas dispostas a mediar mostra ao público que o autista tem potencial comunicativo, desde que esteja em um contexto acessível, que ofereça as devidas acomodações. Esta ação, mais uma vez, alinha-se ao modelo social da deficiência de Oliver (1990): a “incapacidade” de comunicação não reside apenas no indivíduo, mas na falta de adaptações no meio. Quando o meio provê apoio (seja um amigo que interpreta a fala, seja um dispositivo ou rotina auxiliar), a barreira comunicativa é reduzida. Em termos de convergência teórica, portanto, as séries mostram que a inclusão comunicacional é um esforço relacional, não unicamente um déficit pessoal.

Na “**comunicação clara e direta**” duas das produções destacam que, apesar das peculiaridades, os protagonistas conseguem se expressar de forma bastante clara, objetiva e sincera na maioria das vezes. Em *Atypical* e *Uma Advogada Extraordinária*, Sam e Woo são mostrados articulando frases completas, com vocabulário extenso e discurso coerente – tanto que cerca de 44% dos atos comunicativos de Sam e 35% dos de Woo encaixam-se na categoria de comunicação clara e direta (dados ausentes em *Auts*). Essa ênfase combate o estereótipo de que “autistas verbais falam de modo desconexo ou incompreensível”.

Pelo contrário, as tramas demonstram que quando o assunto é de interesse ou quando estão em ambiente confortável, Sam e Woo conseguem comunicar desejos, pensamentos e conhecimentos tão bem quanto qualquer pessoa. Woo, por exemplo, demonstra uma capacidade eloquente de argumentação lógica nos julgamentos, falando com precisão técnica e convicção. Sam, em momentos de calma, explica aos outros o que sente ou precisa (ele até desenvolve regras de comunicação com a namorada, nas quais ambos explicitam honestamente o que pensam, tornando o diálogo até mais franco do que o comum entre neurotípicos). Essa característica de franqueza e literalidade, aliás, aparece como traço positivo – embora possa gerar situações constrangedoras, também é valorizada por alguns personagens coadjuvantes que reconhecem nos protagonistas uma honestidade sem duplicidade. Assim, a “comunicação direta” é mostrada como uma força desses indivíduos, que pode contribuir para relações

autênticas. Vale mencionar que essa comunicação ecoa descrições do DSM-5: muitos autistas de nível 1 possuem linguagem formal intacta, mas tendem a interpretar tudo ao pé da letra e podem não dominar nuances pragmáticas (DSM-5, 2014; Silva, K.; Rozek, 2020).

Sam e Woo exemplificam exatamente isso – linguajar correto, porém literal. As séries usam esse traço ora para humor (comentários sinceros em momentos inapropriados), ora para enriquecer a personalidade deles (são vistos como “transparentes” e isso gera empatia em algumas relações). Em suma, reforça-se que comunicação diferente não é sinônimo de falta de comunicação: ambos os personagens têm voz própria e a fazem ouvir.

A “**comunicação não verbal e frases curtas**” no caso de *Eu Sou Aut*, sendo o protagonista uma criança com aparente atraso de linguagem, houve predomínio de fala muito simples e uso de comunicação não verbal. Aproximadamente 80% dos enunciados de Aut consistem em frases de uma ou duas palavras, muitas vezes ecológicas ou repetitivas, e cerca de 14% correspondem a gestos ou indicações não verbais (como apontar objetos ou pessoas). Por exemplo, uma fala típica do personagem é: “Aut quer bolha. Mais bolha de sabão. Aut estoura bolha” (*Eu sou Aut*, episódio 16, 2019), na qual ele se refere a si mesmo na terceira pessoa. Há uma dificuldade no uso do pronome pessoal “eu” para falar de si, sendo essa uma habilidade que, muitas vezes, é adquirida apenas tardiamente (Silva K.; Rozek, 2020).

Considerando sua idade (6 anos), tal nível de discurso sugere atrasos significativos na comunicação expressiva, pois uma criança neurotípica já usaria sentenças mais complexas nessa fase. Esse retrato de Aut, embora compatível com crianças autistas não falantes ou pouco verbais, reforça um aspecto específico do espectro – aquele em que há maior comprometimento linguístico. Diferente de Sam e Woo, que se encaixam no nível um do espectro (suporte leve), Aut parece representar um caso que exigiria suporte mais substancial (nível dois, dada a fala limitada). A série, no entanto, não apresenta Aut recebendo terapia fonoaudiológica ou educacional especial; ele simplesmente aprende pela interação com os amigos. Isso pode ser interpretado de duas maneiras: por um lado, romantiza esse contexto ao evitar mostrar intervenções médicas e foca no potencial de inclusão espontânea via amigos (de novo uma visão social – é no convívio que ele progride); por outro, deixa de abordar recursos que muitas famílias de crianças autistas devem utilizar, como métodos de comunicação alternativa e participação profissional, o que poderia enriquecer a representação.

As limitações verbais de Aut também evidenciam como a compreensão do espectro pelo público não pode se basear apenas em casos de autistas verbais de alta funcionalidade. Ao incluir um personagem com fala limitada, *Eu Sou Aut* amplia a visibilidade de outra parcela

do espectro. Contudo, corre-se o risco de alguns espectadores generalizarem que toda criança autista fala como um “bebê” – o que não é verdade universal.

Os “**desafios comunicativos**” (ecolalia e sobrecarga) – especialmente presente em *Uma Advogada Extraordinária*, essa categoria refere-se a obstáculos específicos na comunicação verbal do personagem, retratados na trama como problemas a superar. Cerca de 23% dos momentos comunicativos de Woo envolvem ecolalia (repetição imediata de palavras ou frases ouvidas) ou tics verbais que atrapalham a fluência de sua fala em contexto social.

Em algumas cenas, Woo Young-woo repete o que acaba de ouvir ou fala de maneira tangencial, o que causa estranhamento nos interlocutores – por exemplo, em reuniões no tribunal, ela às vezes repete uma expressão jurídica recém ouvida, o que leva colegas a chamarem sua atenção. Além disso, a sinceridade extrema de Woo – ela verbaliza pensamentos sem filtro social – é mostrada como um “defeito” em certas situações profissionais, gerando constrangimento ou conflitos. Essa encenação traz à tona a tensão entre ser autêntica e se adequar às normas neurotípicas de comunicação.

Do ponto de vista do estigma de Goffman (1988), tais traços marcantes imediatamente “etiquetam” Woo como diferente aos olhos dos outros personagens, exigindo dela um esforço maior de comprovar sua competência para ser plenamente aceita. A série aborda isso explicitamente: em alguns episódios, clientes ou colegas inicialmente duvidam da capacidade de Woo justamente por seu jeito “incomum” de falar e se portar. Ou seja, existe um reconhecimento implícito de que a sociedade – aqui representada pelo ambiente de trabalho competitivo – ainda carrega preconceitos e pré-julgamentos sobre alguém que foge da interação padronizada.

No entanto, à medida que Woo demonstra suas habilidades e colegas a conhecem melhor, esses comportamentos passam a ser vistos com mais tolerância ou até carinho (os colegas aprendem que a repetição dela é parte de seu processamento, não desrespeito). Isso dramatiza bem o processo de “quebra do estigma”: de um *status* inicial de estigmatizada, Woo ganha crédito e ressignifica aos olhos alheios aquilo que poderia ser uma “marca social depreciativa” (Goffman, 1988).

Em *Atypical*, Sam também exhibe alguns desafios – ele às vezes entra em loops de fala sobre um tópico, ou não consegue responder quando sobrecarregado sensorialmente –, mas a série não enfatiza isso tanto quanto Woo. Sam aprendeu estratégias para evitar colapsos

comunicativos (por exemplo, ele se retira para um lugar silencioso quando está prestes a ter uma crise, em vez de enfrentar um diálogo naquele momento).

Já Aut, pela própria limitação linguística, não chega a ter comportamentos como ecolalia prolongada; a série o mostra repetindo palavras, mas de forma menos disruptiva, até porque as situações são ajustadas para ele (brincando com os amigos, a repetição não é vista como “erro”, apenas parte do jeito dele).

Em suma, Woo traz à luz um aspecto menos confortável da comunicação autista – como certas peculiaridades podem ser incompreendidas pelo entorno –, enquanto Sam e Aut suavizam esse aspecto, seja por terem desenvolvido meios de contornar, seja pelo contexto protetivo. Assim, mesmo elementos que poderiam reforçar um estereótipo (a “fala esquisita” do autista) acabam servindo para educar o espectador e promover empatia, quando inseridos num contexto narrativo que explica e humaniza.

A “**criatividade na comunicação**” é a categoria menos óbvia que surgiu, especialmente em *Uma Advogada Extraordinária*. Cerca de 13% das interações de Woo incluíram alguma forma lúdica ou original de expressão por parte da personagem. Por exemplo, Woo e sua amiga Dong Geurami têm um cumprimento personalizado composto de palavras inventadas e gestos únicos, quase como uma pequena brincadeira verbal que só elas entendem.

Além disso, Woo demonstra gosto por trocadilhos e jogos de palavras (há cenas em que ela se diverte repetindo seu próprio nome – um palíndromo – ou criando frases invertidas). Esses comportamentos fogem da imagem rígida e estereotipada de que autistas usam a linguagem apenas de modo literal e funcional.

Pelo contrário, revelam que há espaço para o lúdico e o poético na comunicação de uma pessoa no espectro. Essa criatividade desafia o modelo centrado apenas no déficit e falta de simbolismo (Sá; Siquara; Chicon, 2015) – mostrando que, em seu próprio ritmo e contexto, Woo consegue inovar na linguagem e construir significados compartilhados (como os códigos com sua melhor amiga Dong Geurami).

Sam, em *Atypical*, não apresenta algo semelhante a trocadilhos, mas expressa humor involuntário às vezes pela honestidade; e Aut, pela pouca fala, também não. Assim, é um diferencial da série coreana evidenciar que nem toda comunicação autista é “robótica” – pode haver muita personalidade e criatividade. Isso converge com a ideia de Oliver (1990) de que devemos enxergar a pessoa para além da deficiência: Woo não é apenas “uma autista com dificuldade X ou Y”, ela é também uma jovem mulher com peculiaridades únicas, algumas das

quais encantadoras e criativas. Ao dar dimensão de subjetividade tão específica à personagem, a série combate a homogeneização que muitas vezes o rótulo clínico impõe e convida o público a apreciá-la como indivíduo singular, e não como exemplificação genérica de autismo.

Em síntese, no eixo da comunicação, as três séries destacam que comunicar-se é um desafio, mas não um impedimento intransponível para pessoas autistas. Há esforços contínuos de mediação e adaptação (pelos outros e pelos próprios protagonistas) para que a comunicação aconteça. Isso traz implicações sociais relevantes: fica evidente para o espectador que a inclusão comunicativa requer parceria – familiares, amigos, colegas precisam estar dispostos a ajustar modos de diálogo, mas os personagens autistas também se esforçam para serem compreendidos. Essa via de mão dupla reforça a mensagem inclusiva central: a comunicação bem-sucedida é possível quando há acolhimento e paciência, desafiando o estigma de que “autistas vivem em um mundo inacessível”. Ao contrário, essas obras mostram que o mundo deles é acessível se os demais abrirem algumas portas.

COMPORTAMENTO

No terceiro eixo, comportamento, analisaram-se os padrões de conduta repetitivos ou incomuns, as respostas a estímulos sensoriais e a capacidade de adaptação às mudanças demonstradas pelos personagens. Entre as principais categorias identificadas nesta dimensão estão: comportamentos autoestimulantes (estereotipias físicas ou verbais), resistência a mudanças (rigidez e necessidade de rotina), hipersensibilidades sensoriais (a sons, luzes, sabores, toques), resiliência e adaptação a situações novas e eventuais dificuldades motoras. As séries exploram esses aspectos para diferentes efeitos narrativos, mas todas mantêm um equilíbrio entre mostrar algumas características do autismo e, ao mesmo tempo, desenvolver personagens além desses comportamentos. A seguir, discutimos cada categoria:

Tabela 29: Frequência das categorias do comportamento dos personagens.

Categorias do Comportamento	AUTS (N/%)		WOO (N/%)		SAM (N/%)	
Comportamento autoestimulante	25	51,02%	35	27,13%	30	13,89%
Resistencia a mudanças	06	12,24%	13	10,88%	36	16,67%
Sensibilidade a sonora, paladar, visual, toques e luzes	-	-	-	-	47	21,76%
Sensibilidade a sonora, paladar, visual e toques	-	-	36	27,91%	-	-
Sensibilidade sonora e tátil	08	16,33%	-	-	-	-
Resiliência	08	16,33%	45	34,88%	79	36,57%
Déficits motores	02	4,08%				

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O “**comportamento autoestimulante**” (estereotípias) esse tipo de comportamento, comumente referido como “*stimming*” em inglês (movimentos repetitivos ou ações sensoriais que a pessoa realiza para autorregulação), apareceu nos três personagens. Entretanto, sua proeminência variou: em *Eu Sou Autista* é muito marcante (cerca de 51% dos comportamentos exibidos por Autistas são estereotípias motoras), em *Uma Advogada Extraordinária* tem presença significativa, porém menor (aproximadamente 27% das cenas de Woo) e em *Atypical* é mais discreta (aproximadamente 14% das cenas de Sam).

Os exemplos incluem Autistas balançando o corpo para frente e para trás quando sentado, sobretudo quando está concentrado. Woo Young-woo, quando criança (*flashbacks*), balançando os dedos das mãos em frente aos olhos e, já adulta, ocasionalmente repetindo movimentos com as mãos; e Sam desenvolvendo um hábito de coçar a nuca constantemente.

Esses comportamentos autoestimulatórios são reconhecidos clinicamente como comuns em pessoas autistas e em outras condições do neurodesenvolvimento (*American Psychiatric Association*, 2014). As produções os incluem para dar autenticidade à caracterização do TEA, mas o fazem de modo contextualizado: geralmente, as estereotípias surgem em momentos de tensão, excitação ou tédio dos personagens, alinhando-se à descrição da literatura de que esses comportamentos ocorrem como forma de lidar com emoções intensas ou estímulos excessivos (*American Psychiatric Association*, 2014).

Do ponto de vista das representações sociais, mostrar estereotípias pode ser um terreno delicado. Por um lado, é importante para o público reconhecer que *flapping* de mãos, balançar o corpo e repetir palavras fazem parte do repertório comportamental de muitas pessoas autistas. Por outro lado, se mostrado de forma caricatural ou exagerada, pode reforçar a visão estigmatizante de que indivíduos autistas têm comportamentos “bizarros” ou “infantis”. As séries analisadas em geral abordam isso com sensibilidade.

Em *Eu Sou Autista*, por exemplo, o balançar do personagem é tratado quase como parte natural de sua personalidade – seus amigos não estranham e até criam atividades que incorporam esse movimento (no episódio das *Sombras e Nuvens*, o balançar de Autistas é adotado nas brincadeiras).

Em *Atypical*, o hábito de Sam é sutil o bastante para talvez nem ser percebido por todos os espectadores como estereotípia, evitando estigmatizá-lo; e quando notado, é apresentado como estratégia dele para se acalmar, não como algo “errado”. Já Woo tem alguns momentos onde terceiros observam seu gesto repetitivo com estranheza, mas rapidamente a atenção do

enredo desloca-se para sua competência profissional, minimizando a importância daquela diferença comportamental.

Aqui vemos uma estratégia narrativa antiestigma: a característica incomum é mostrada, mas em vez de ser o foco ou definir a cena, ela é normalizada pelo contexto ou compensada por outras ações importantes da personagem. Em resumo, o comportamento autoestimulante é reconhecido nas três séries como parte da condição autista, mas as narrativas se esforçam para não permitir que ele provoque repulsa ou riso depreciativo no público, e sim compreensão.

A “**sensibilidades sensoriais**” outra faceta comportamental do TEA é a resposta atípica a estímulos sensoriais. Nas obras analisadas, Woo e Sam exibem de forma explícita hipersensibilidade a sons, luzes, sabores ou toques, ao passo que Autis demonstra sensibilidade de forma mais pontual.

Em *Atypical*, Sam tem aversão a barulhos altos e a contato físico inesperado – há cenas em que ruídos caóticos (como uma festa com música alta) o levam a cobrir os ouvidos ou entrar em sobrecarga, e além disso, ele relata desconforto com determinados tecidos de roupa.

Em *Uma Advogada Extraordinária*, Woo Young-woo manifesta desconforto sensorial principalmente alimentar: ela só come um prato específico (*kimbap*) todos os dias, pois a previsibilidade de sabores e texturas a tranquiliza, e ela evita variar os alimentos que consome. Além disso, ela reage de forma intensa a certos sons altos ou ambientes muito estimulantes, precisando se retirar.

Esses traços refletem as estatísticas apresentadas: Woo teve cerca de 28% de suas reações ligadas à sensibilidade sensorial, e Sam aproximadamente 22%. Já Autis, na série infantil, não tem um arco narrativo focado em sensorialidade, mas identifica-se que ele é especialmente sensível a toque e sons específicos (aproximadamente 16% das situações com Autis envolviam reações a estímulos táteis ou sonoros), por exemplo, Autis demonstra incômodo quando ouve um latido de cachorro muito perto. Embora menos explorado, esse detalhe adiciona realismo ao personagem e comunica ao público infantil que alguns colegas autistas podem se incomodar com coisas aparentemente simples, como barulhos ou contato, e que isso faz parte do jeito deles. Importante notar que nenhuma das séries transforma a sensibilidade sensorial em mero “capricho”: ao contrário, todas tratam com sensibilidade. Os familiares de Sam sabem que mudanças bruscas de iluminação ou som podem perturbá-lo e tentam contornar; Woo tem um pai superprotetor que prepara sempre sua comida favorita entendendo sua necessidade; e os amiguinhos de Autis aprendem que devem ajudá-lo nessas ocasiões.

Essas reações ilustram bem uma recomendação do DSM-5 de avaliar reações exageradas ou reduzidas a estímulos sensoriais como parte do diagnóstico de TEA (DSM-5, 2014). Ao trazer isso à tela, as séries educam o público sobre uma dimensão menos conhecida do autismo (muita gente pensa apenas na dificuldade social, não nas questões sensoriais).

Do ponto de vista do modelo social, também fica implícita a mensagem de que um ambiente amigável ao autista deve considerar essas diferenças sensoriais – por exemplo, Sam e Woo usando fones de ouvido constantemente nas cenas como forma de cancelamento de ruído nos ambientes barulhentos. Desse modo, as representações de sensibilidade não apenas conferem verossimilhança, mas também fornecem exemplos de estratégias e acomodações: um recado indireto às famílias e educadores de que respeitar essas necessidades pode evitar crises e promover inclusão.

A “**resistência a mudanças**” os três personagens exibem, em diferentes contextos, a clássica dificuldade com mudanças e preferência por rotina rígida. Em *Atypical*, Sam é talvez o que mais vivência conflitos nesse aspecto (cerca de 17% de seus comportamentos envolvem resistência a mudanças). Um episódio emblemático é quando ele não aceita nenhuma alteração no itinerário ou tradições do aniversário da irmã – ele havia estabelecido um ritual detalhado para aquele dia e fica extremamente angustiado quando algo foge do esperado. Ele explica metaforicamente: “Rituais são importantes... É como as baleias orcas que fazem uma cerimônia de saudação; é assim que elas sabem que tudo está bem. Pois é, para isso que servem os rituais. Eles fazem tudo ficar bem” (*Atypical*, episódio 9, cena 1, 2017).

Essa fala comunica de forma didática ao espectador porque pessoas autistas se apegam a rotinas: elas trazem segurança e previsibilidade num mundo que, para eles, pode ser caoticamente imprevisível. Woo Young-woo também demonstra resistência a mudanças, embora um pouco menos intensa (cerca de 10% das situações). No seu caso, o hábito alimentar repetitivo é um exemplo: quando, numa cena, ela é convidada a experimentar um prato diferente, hesita e mostra ansiedade. Já Autis, novamente, pela natureza da série infantil, não aparece insistindo em rotinas de forma problemática – eventualmente ele quer repetir a mesma brincadeira várias vezes, mas como é comum também a crianças neurotípicas, isso não é destacado como sintoma.

Autis, Sam e Woo, portanto, representam diferentes intensidades desse traço. Importante notar que todas as séries ilustram também estratégias para lidar com essas resistências: familiares e amigos ajudam na adaptação das mudanças para os protagonistas ou introduzem novidades de forma gradual.

Esse é um ponto de convergência entre a ficção e a realidade inclusiva, Oliver (1990) argumenta que a carga de adaptação não deve recair somente no indivíduo com deficiência; aqui vemos o entorno social se esforçando para tornar as mudanças menos traumáticas. Em contrapartida, uma divergência em relação ao modelo social é que nenhuma das séries aborda mudanças estruturais maiores – por exemplo, nenhuma mostra política institucionais flexíveis ou ajustes formais no ambiente de trabalho/escola para atender os personagens (exceto o caso de Sam que tem apoio na escola e faculdade). Em *Woo* e *Auts*, o suporte é majoritariamente informal (família e amigos). *Atypical* sugere um pouco mais de estrutura (Sam participa de grupos de habilidades sociais, há menção a orientadores escolares e terapeutas).

No entanto, no contexto geral, a falta de representação de acessibilidade institucional, as vitórias são muito personalizadas e dependentes de pessoas próximas, ao invés de retratar direitos ou serviços garantidos.

A “**resiliência**” é entendida como a capacidade de superar adversidades e adaptar-se gradualmente – foi identificada em cerca de 37% dos comportamentos de Sam e 35% dos de Woo, mas apenas 16% dos de Auts. Isso se explica porque os arcos narrativos de Sam e Woo envolvem transformações pessoais ao longo de várias fases (adolescência para vida adulta, ingresso no ensino superior, vida profissional, relacionamento amoroso), onde eles aprendem e amadurecem, enquanto Auts, sendo uma criança permanece em um estágio mais estático do desenvolvimento lúdico.

Sam, por exemplo, no decorrer de *Atypical*, evolui de um jovem dependente e ansioso para um adulto jovem que consegue morar fora de casa (vai para a faculdade, depois planeja uma viagem à Antártida), mantém um namoro relativamente estável indicando um crescimento em autonomia e autoconfiança. Woo Young-woo, ao longo de sua série, supera obstáculos sociais no ambiente jurídico, ganhando respeito profissional, enfrentando preconceitos e chegando a iniciar um relacionamento afetivo – marcos que demonstram adaptação bem-sucedida em ambientes inicialmente hostis ou desafiadores para ela.

A palavra “**resiliência**” pode até ser vista diretamente em falas motivadoras dos coadjuvantes, encorajando Woo e Sam a persistirem apesar das dificuldades específicas que o autismo lhes impõe. Essa ênfase narrativa na capacidade de adaptação cumpre um papel importante de contrabalançar os déficits mostrados: o público não os vê apenas tropeçando nas limitações, mas também superando-as paulatinamente.

Entretanto, é crucial uma leitura crítica aqui: exaltar a resiliência individual pode inadvertidamente cair numa retórica de “história inspiradora” que atribui ao sujeito autista toda a responsabilidade de se integrar, aliviando o peso das mudanças sociais necessárias. Oliver (1990) e outros defensores do modelo social apontam que focar em indivíduos “heróis” que se adaptam pode ofuscar a luta por direitos coletivos (como acesso a terapias, adaptações legais, etc.). As séries em análise flertam com essa narrativa inspiracional – especialmente Sam, que muitos espectadores viram como um caso de superação admirável. Contudo, há também convergência com o modelo social na medida em que essas adaptações dos protagonistas não ocorrem no vácuo: elas dependem de redes de apoio. Sam não teria evoluído sem a dedicação da família, terapeutas e amigos. Woo só pôde se desenvolver profissionalmente porque algumas pessoas no escritório decidiram apoiá-la ao invés de excluí-la e *Auts* demonstra pequenas conquistas (como expandir seu jogo simbólico) porque tem amigos engajados em incluí-lo.

Assim, a resiliência exibida é tanto mérito próprio dos personagens quanto fruto de ambientes acolhedores. As obras deixam claro que acolhimento, afeto e suporte são catalisadores indispensáveis do progresso – o que é uma mensagem social forte contra a ideia de que “basta o indivíduo se esforçar que ele se encaixa”. Elas mostram que a sociedade (representada aqui por família, amigos, colegas) precisa dar o primeiro passo de inclusão para que então a pessoa autista consiga revelar seu potencial e se adaptar. Essa é, sem dúvida, uma postura antagônica ao estigma: em vez de ver o autista como alguém que “não vai dar certo”, parte-se da premissa de que ele pode dar certo se for apoiado.

Em *Eu Sou Auts* mencionou rapidamente **déficits motores** leves (4% das cenas de *Auts*) – por exemplo, *Auts* tem dificuldade na coordenação motora fina.

Em síntese, no eixo comportamental, as séries retratam os sintomas comportamentais do autismo de forma bem contextualizado, cuidando para não reduzir os personagens a um amontoado de comportamentos estranhos. Elementos como estereotípias, crises sensoriais e rigidez são apresentados como parte da vida do personagem – às vezes gerando conflitos –, mas equilibrados com momentos em que vemos a pessoa além do sintoma (em interação, se divertindo, solucionando problemas). Isso fornece ao público uma visão equilibrada: nem ignoram os desafios (o que seria romantização irreal), nem tornam esses desafios a única coisa memorável sobre os protagonistas (o que seria estigmatizante). De fato, como nota Lima (2019), a mídia tem um papel formador ao difundir representações, nesses casos, as séries constroem uma imagem do autismo que inclui dificuldades e potencialidades, permitindo que a audiência amplie seu imaginário sobre o TEA para além de estereótipos.

5.1 ESTEREÓTIPOS REFORÇADOS E DESAFIADOS POR CADA SÉRIE

Os estereótipos disseminados pelo senso comum compreendem ideias reducionistas como a ausência de empatia, o isolamento social absoluto, a genialidade inata ou a comunicação completamente comprometida. A seguir, apresentamos de forma sistemática os principais estereótipos identificados na literatura popular sobre autismo e indicamos como cada personagem/série os tratou, seja reforçando-os (isto é, retratando de maneira consistente com o clichê) ou desafiando-os (apresentando algo que contradiz ou complexifica a ideia estereotipada).

As representações estereotipadas fundamentam-se em construções normativas que atribuem determinadas características — como biológicas, nacionalidade, identidade de gênero, sexualidade, faixa etária ou condições de saúde — a indivíduos e grupos sociais. Tais construções se estabilizam socialmente no contexto das disputas e desigualdades estruturais, atribuindo a esses atributos um caráter essencialista. Desse modo, categorias amplas e generalizantes passam a ser concebidas como naturais, obscurecendo sua origem sociocultural (Sacramento; Borges, 2020)

As séries aqui analisadas destacaram alguns elementos de ruptura e reforços de estereótipos como demonstra as tabelas abaixo:

Tabela 30: Estereótipos reforçados nas três séries.

Personagem	Literalidade	Comunicação não verbal	Autoestimulante	Sensibilidade
Woo Young Woo	Sim	Não (comunicação clara e direta)	Sim	Sim
Sam	Sim	Não (comunicação clara e direta)	Sim	Sim
Auts	Pouco	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tabela 31: Ruptura de estereótipos nas séries.

Personagem	Apoio Social	Empatia	Isolamento Social	Genialidade	Imaginação compartilhada
Woo Young Woo	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Sam	Sim	Sim	Às vezes	Não	Não
Auts	Sim	Sim	Não	Não	Sim

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O estereótipo da genialidade é tematizado de maneira contrastante. *Em Uma Advogada Extraordinária*, observa-se a construção da imagem da “autista genial”, marcada por memória fotográfica e raciocínio lógico extraordinário – um recurso narrativo que, embora crie identificação e fascínio, reproduz um padrão recorrente na mídia. Em contrapartida, *Atypical* e

*Eu Sou Aut*s propõem uma abordagem mais realista: Sam possui interesses específicos, mas enfrenta dificuldades acadêmicas, como não conseguir acompanhar o raciocínio das aulas de ética. Enquanto Aut*s* apresenta atrasos na fala e algumas habilidades cognitivas compatíveis na infância de algumas crianças autistas. Nesse sentido, a associação do autismo à figura de “gênio” mostrou-se pouco recorrente nas séries analisadas. Embora esse traço esteja presente na personagem Woo, ele não foi enfatizado como sua característica central, sendo incorporado de forma mais complexa e integrada a outras dimensões da personagem.

Nas séries analisadas, a literalidade e a comunicação não verbais são representadas não como um problema central, mas como limitações que, quando acompanhadas de apoio social adequado, podem possibilitar a superação de barreiras sociais impostas pela condição.

Em relação à empatia e à vida emocional, observa-se que nenhuma das séries analisadas reforça o estereótipo de que pessoas autistas seriam frias ou incapazes de estabelecer vínculos afetivos. Pelo contrário, *Atypical* retrata Sam Gardner como um sujeito sensível às emoções de familiares e amigos, expressando afeto de forma verbal e gestual. De maneira similar, Woo Young-woo, protagonista de *Uma Advogada Extraordinária*, apresenta-se como alguém com senso de justiça, capacidade de formar laços interpessoais. A série infantil *Eu Sou Aut*s também desafia tal estereótipo ao representar seu personagem central interagindo com os amigos em situações sociais do cotidiano infantil.

Quanto à sociabilidade, todas as produções evitam retratar os protagonistas como completamente isolados. *Atypical* mostra a progressiva ampliação das relações de Sam, que forma novas amizades e vive experiências com elas. Em *Uma Advogada Extraordinária*, Woo mantém uma amizade de longa data e conquista a admiração e o respeito dos colegas de trabalho. Já *Eu Sou Aut*s apresenta desde o início um cenário de inclusão, no qual a criança autista é parte ativa de um grupo de amigos, desafiando a concepção de autistas como sujeitos reclusos.

Outro aspecto abordado nas séries é a desconstrução do estereótipo de que pessoas autistas apresentam ausência de jogos simbólicos ou de imaginação compartilhada, como o brincar de faz de conta de maneira flexível e adequada à idade – característica frequentemente destacada nos manuais de diagnósticos. Essa concepção é desafiada em *Eu Sou Aut*s, onde o protagonista engaja-se ativamente em atividades imaginativas com seus amigos. De forma semelhante, em *Uma Advogada Extraordinária*, a protagonista recorre ao imaginário para elaborar estratégias de resolução de casos jurídicos, expondo que a criatividade e a imaginação também estão presentes em sujeitos autistas, ainda que expressas de maneira singular. Por sua

vez, a sensibilidade e os comportamentos autoestimulantes foram retratados de forma equilibrada, sem recorrer a exageros ou caricaturas.

Por fim, o padrão de representação do autismo associado a indivíduos do sexo masculino, brancos e jovens também é tensionado. Enquanto *Atypical* e *Eu Sou Aut* mantêm esse perfil (Sam e Aut são meninos brancos), *Uma Advogada Extraordinária* apresenta uma mulher autista adulta e asiática como protagonista. Esse deslocamento de perfil contribui para visibilizar grupos frequentemente invisibilizados nas representações midiáticas do autismo, como mulheres e pessoas fora do eixo ocidental, além de enfatizar a heterogeneidade do espectro.

Considerando os aspectos discutidos, constata-se que as três produções contribuem, em diferentes contextos sociais, para a desconstrução de estereótipos e para a ampliação da ilustração do autismo na mídia. Ainda que alguns clichês persistam – como a figura do “autista genial” ou a centralidade em personagens masculinos –, essas obras oferecem narrativas mais complexas, diversas e humanizadas, promovendo uma reflexão social maior sobre TEA.

Entretanto, as diferentes formas de dramatização dos personagens autistas nessas séries contribuem tanto para a ampliação do entendimento social sobre o espectro, quanto para a construção de novos estereótipos. A visibilidade de personagens autistas bem-sucedidos profissionalmente pode estimular que é simples ou fácil chegar ao mercado de trabalho. Por outro lado, ao mostrar personagens que necessitam de apoio adequado a suas necessidades, as séries colaboram para uma visão mais realista da diversidade do espectro, favorecendo o respeito às necessidades individuais e à inclusão escolar e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa dos resultados dessas três séries evidencia tanto convergências quanto divergências na representação do autismo, oferecendo um panorama rico sobre como a mídia contemporânea retrata personagens no espectro. Utilizando as dimensões do DSM-5 (interação social, comunicação e comportamento) como guia, foi possível sistematizar os traços mais enfatizados em cada narrativa e avaliar em que medida eles dialogam com estereótipos existentes ou trazem abordagens inovadoras.

Entre os pontos convergentes, destaca-se que todas as produções visibilizam pessoas autistas capazes de se conectar, comunicar e se adaptar, cada qual a seu modo. Categorias-chave como conexões interpessoais, comunicação mediada e resiliência apareceram recorrentemente nos três casos, sinalizando um avanço coletivo na forma de contar histórias sobre TEA: ao invés

de figuras planas definidas apenas pelos déficits, temos protagonistas multifacetados, com redes de apoio e evoluções pessoais.

Isso representa um afastamento das caricaturas antes comuns e vai ao encontro do que preconiza o modelo social da deficiência – ou seja, evidencia-se mais a interação entre sujeito e meio do que uma “falha” individual inalterável. Por exemplo, Woo Young-woo, apesar de trazer o clichê da genialidade, rompe o estigma do isolamento ao apresentar o maior índice de conexões interpessoais, Sam Gardner, mesmo com sua comunicação literal, busca autonomia social e constrói vínculos afetivos sólidos, e em *Auts*, ainda que limitado verbalmente, engaja-se em brincadeiras e demonstra afeto, distanciando-se do rótulo de “criança ausente”. Cada um, a seu tempo, reafirma a humanidade plena das pessoas autistas – com emoções, desejos, humores e capacidades de aprendizado.

Quanto aos padrões e estereótipos, verificou-se que, embora alguns ainda apareçam (como a associação entre autismo e habilidade prodigiosa no caso de Woo, ou a comunicação inusitadamente literal de Sam, que flerta com o estereótipo da “sinceridade sem filtro”), há uma ruptura parcial e crítica desses estigmas. As três obras abordam com sensibilidade os limites e desafios da socialização sem reduzir os personagens a eles.

Pelo contrário, há um equilíbrio narrativo: dificuldades são contrabalançadas por conquistas, momentos de retração social são seguidos de interação bem-sucedida, crises de comportamento abrem espaço para o crescimento.

Do ponto de vista de Goffman (1988), podemos dizer que as séries atuam na “normalização” do atribuído desvio – ou seja, inserem elementos que permitem ao público perceber os personagens autistas como “normais, apesar de diferentes”, diminuindo a distância entre “eles” e “nós” que o estigma socialmente impõe. Por exemplo, o apoio social (familiar e afetivo) é um recurso básico presente em todas as narrativas, funcionando não apenas como enredo, mas como mensagem: ele comunica que com aceitação e suporte, pessoas autistas podem auxiliar – o que é uma ideia-chave para combater preconceitos e excluir a visão incapacitante que recai historicamente sobre o autismo.

Os perfis distintos dos protagonistas também permitem uma análise das demandas específicas em cada contexto: Woo representa a inserção no mercado de trabalho, mostrando barreiras e adaptações num ambiente profissional competitivo, Sam encarna os dilemas da adolescência e transição para a vida adulta, abordando inclusão escolar, sexualidade e conquista

de independência. *Auts* traz a perspectiva da primeira infância, enfatizando a importância da brincadeira mediada e da inclusão desde cedo.

Essa diversidade dentro do espectro reforça a noção de que o TEA é amplo e multifacetado – nenhuma pessoa autista “representa” todas, mas juntas essas histórias ampliam o mosaico de possibilidades. Para o imaginário popular, isso é valioso: amplia-se a compreensão de que existem autistas com diferentes níveis de suporte, de diferentes origens, cada qual com desafios e talentos singulares.

Sendo assim, diante dos achados, recomenda-se que roteiristas e produtores audiovisuais busquem retratar a diversidade do espectro autista, incluindo personagens com diferentes graus de autonomia, habilidades e formas de comunicação. O envolvimento de pessoas autistas no processo criativo pode contribuir para evitar estereótipos simplificadores e garantir maior autenticidade às narrativas. Além disso, é importante que os conteúdos voltados ao público geral promovam a empatia e o respeito às singularidades, e não apenas ao desempenho ou genialidade.

As séries examinam o estereótipo não de forma conceitual, mas dramática, mostrando personagens que desafiam rótulos (o “*spoiled identity*” de Goffman (1988) é ressignificado pelo carisma e complexidade de Sam, Woo e Auts, que conquistam uma identidade social positiva junto ao espectador e àqueles que os cercam nas tramas). Elas também exemplificam, em grau considerável, o modelo social da deficiência: em todas, quando o ambiente muda – seja pela atitude dos outros, por pequenas adaptações ou pelo provimento de apoio – a “deficiência” diminui e a pessoa pode participar mais ativamente.

Isso valida, em linguagem acessível, a tese de Oliver (1990) de que a sociedade é corresponsável pela inclusão. Entretanto, também há divergências ou limites: por vezes, as soluções mostradas são individualizadas (um amigo dedicado, um pai sacrificado) ao invés de sistêmicas.

Além disso, ao tornar os protagonistas tão cativantes e “especiais”, as séries correm o risco de criar um tipo de expectativa irreal – o chamado “mito do autista extraordinário”. Se por um lado isso combate a piedade e o desprezo (afinal, ninguém tem dó de Woo; admiram-na), por outro pode instaurar uma cobrança social para que pessoas autistas reais sejam igualmente gênios ou com habilidades extraordinárias.

As produções dão passos importantes, mas ainda dentro da necessidade de gerar entretenimento, pendem a tornar os personagens bem-sucedidos no final, o que nem sempre reflete as lutas contínuas de muitos autistas fora da ficção.

Em termos de ampliação do imaginário social, pode-se concluir que essas séries contribuíram para enriquecer a compreensão pública do autismo de maneira mais plural e empática. Elas não esgotam o assunto – pelo contrário, abrem caminho para novas narrativas (quem sabe futuras séries retratem uma pessoa autista não verbal adulta, ou um autista de baixa renda, trazendo recortes ainda não explorados).

No cenário atual, entretanto, *Atypical*, *Eu Sou Aut* e *Uma Advogada Extraordinária* representam um avanço notável em comparação às gerações passadas de representações. Em vez de estranhamento ou piedade, evocam identificação, respeito e torcida por seus protagonistas.

Ao humanizar o TEA, essas obras se alinham aos esforços de inclusão na educação, no trabalho e na comunidade, mostrando na prática aquilo que teoria e ativismo afirmam: com apoio adequado e reconhecimento de suas singularidades, pessoas autistas podem – e devem – ocupar seu lugar de direito na sociedade, como estudantes, profissionais, amigos, amantes, filhos e cidadãos ativos. Em suma, as três narrativas, cada qual a seu modo, oferecem ao público uma imagem do autismo mais plural e reduzida de caricaturas, contribuindo para diminuir o abismo entre “nós” e “eles” e promovendo uma visão mais acolhedora e informada da neurodiversidade.

No âmbito acadêmico, uma das limitações deste estudo reside na delimitação do *corpus* as três séries televisivas inseridas em contextos culturais específicos, o que pode não abranger a diversidade de representações do TEA presentes na mídia contemporânea. Diante disso, sugere-se que investigações futuras ampliem o escopo empírico da análise, incorporando outras produções audiovisuais contemporâneas – incluindo animações, documentários e filmes – bem como adotem metodologias complementares, como estudos de recepção com enfoque quantitativo e a escuta ativa de diferentes públicos, especialmente pessoas autistas e seus núcleos familiares, a fim de aprofundar a compreensão sobre os efeitos dessas representações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ACEDO, Inzunza. *et al.* **Representaciones sociales del autismo en audiencias jóvenes mexicanas.** Revista Cultura y Representaciones Sociales, Universidad de Monterrey, [online] v. 16, n. 32, p. 1–31, abr. 2022. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S2007-81102022000100102&script=sci_abstract. Acesso em: ago. 2023.
- ADORO CINEMA. **Segredos de filmagem de Uma Advogada Extraordinária.** Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-31134/curiosidades/#:~:text=A%20s%C3%A9rie%20quebrou%20recordes%20de>. Acesso em: 5 jul. 2024.
- ALVES, Abia Reami; GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em Atypical e as representações do Transtorno do Espectro Autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v. 17, n. 1, p. 44–61, fev. 2023. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/18140>. Acesso em: 8 ago. 2023.
- ALVES, Lynn; SOUZA, Maria Carmem. **Uma análise transmidiática da ficção interativa da Netflix.** In: SOUZA, Maria Carmem; ALVES, Lynn (Orgs.). Narrativas seriadas: ficções televisivas, games e transmídia. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 149–169.
- ANDRADE, Nataly Teotônio. **Fãs e a prática fansubbing: uma análise dos fansubs brasileiros de dramas de TV asiáticos,** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br>. Acesso em: 20 dez 2023.
- APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 50-58.
- APRILE, Tainá Maraucci; GALEGO, Luís Gustavo. **O autismo e as limitações sociais: representações cinematográficas nos filmes. As vantagens de ser invisível e meu filho, meu mundo.** Revista Livre de Cinema, [online] v. 10, n. 2, p. 53–72, 12 jun. 2023. Disponível em: <https://www.relici.org.br/index.php/relici/article/view/571>. Acesso ago. 2023.
- ATYPICAL: as quatro temporadas completas.** Direção Joe Kessler; Michail Patrick; Iann Seth Gordon. Estados Unidos: Netflix, 2017. Plataforma streaming (260 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117540>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- AUTISMO no Brasil: **“Casos não aumentaram, o que aumentou foi o volume de informações que levam ao diagnóstico”.** Imirante.com, [S.I.] 04 novembro 2023. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/brasil/2023/11/04/autismo-no-brasil-casos-nao-aumentaram-o-que-aumentou-foi-o-volume-de-informacoes-que-levam-ao-diagnostico-diz-especialista>. Acesso em: 5 mar. 2024.
- AUTISM SPEAKS. **Autism statistics – ASD.** EUA, 2020. Disponível em: <https://www.autismspeaks.org/autism-statistics-asd>. Acesso em: 13 jun. 2024.

AVENDAÑO, Tom. **“La Casa de Papel” supera 34 milhões de espectadores e reforça estratégia internacional da Netflix**. El país, Espanha, 2 ago. 2019. Cultura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/cultura/1564671328_371797.html. Acesso em: 30 jul. 2024.

BADII, Irene Cambra; BAÑOS, Josep-E. **¿Un médico con autismo en la televisión? Enseñanzas de *The Good Doctor***. Revista de Medicina y Cine, Salamanca, v. 14, n. 4, p. 273–283, 15 dez. 2018. Disponível em: https://revistas.usal.es/cinco/index.php/medicina_y_cine/article/view/19575. Acesso em 9 set. 2023.

BAGAROLLO, Maria Fernanda; RIBEIRO, Vanessa Veis; PANHOCA, Ivone. **O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórica- cultural**, Revista Brasileira de Educação, Marília, v. 19, n 1, p. 107-120, jan- mar. 2013.

BALDO, Ana Paula; GUIMARÃES, Rafael Siqueira. **Autismo e suas representações cinematográficas**. Revista Salus, Guarapuava – PR, v. 1, n. 2, p. 165-174, 2007. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/salus/article/view/683>. Acesso em: 03 ago. 2023.

BALDOINO, Nara Moreira; MENDES, Delza Ferreira. **O cotidiano de pessoas com Transtorno do Espectro Autista de alta funcionalidade: uma análise da série *Atypical***. Psicologia e Saúde em Debate, Faculdade de Patos Minas, Minas Gerais, v. 2, n. 6, p. 338–345, dez. 2020.

BANDEIRA, Gabriela. **Retratos do autismo no Brasil em 2023**. Revista Autismo, Ano X, n. 23, p. 32–35, dez./jan./fev. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDAA, Mèlanie. **Quality TV. Construction and de-construction of seriality**. *Frame*, v. 5, n. 7, p. 33–43, 2011. Disponível em: <http://bit.ly/34uHSEB>. Acesso em: 2 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.861, de 18 de julho de 2019**. Altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, para incluir as especialidades inerentes ao TEA nos censos demográficos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113861.htm. Acesso em: 26 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRITAR, Paula. **Debatedores relatam dificuldades no acesso a tratamento para autistas nas redes pública e privada**. Agência Câmara de Notícias, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/829853-debatedores-relatam-dificuldades-no-acesso-a-tratamento-para-autistas-nas-redes-publica-e-privada/>. Acesso em: 26 jun. 2024.

BRITO, Aínda; SÁ, Danilo. Avaliar em ABA: Caminhos para o trabalho em equipe. IN: SERRA, Tatiana (coord.). **Autismo: Um olhar a 360º**. São Paulo, SP, Literaire Books Internacional, 2023.

BRITO, Maria Larissa. **O cansaço na sociedade Sul-Coreana: uma análise do K-Drama “My liberation notes”** (2022). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) Centro de Humanas da Universidade Federal de Campinas Grande, Campinas Grande, 2024.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação empresarial: alinhando teoria e pesquisa**. Barueri, SP: Manole, 2003.

CAMARGOS, Ana Carolina. **Representações de autistas em recursos midiáticos**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

CAMARGO, Lucas. **Como lidar com o autismo** (livro eletrônico) / Astral Cultural- 2º ed. Bauru, SP, 2023.

CAMIRIM, Barbara. **Estratégias narrativas para a construção da diversidade no mundo ficcional de Orange is the new black**. In: SOUZA, Maria Carmem; ALVES, Lynn (org.). Narrativas seriadas: ficções televisivas, games e transmídia. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 111–126.

CASARIN ST; Porto AR; Gabatz RIB; Bonow CA; Ribeiro JP; Mota MS. **Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health.J. nurs. health**. 2020.

CANTORE, Jacqueline; PAIVA, Marcelo Rubens. **Séries: De onde vieram e como são feitas**. 1ª ed. Objetiva: Rio de Janeiro, 2021.

CID 11 – INTERNATIONAL CLASSIFICATION OF DISEASES (ICD). Disponível em: <https://www.who.int/standards/classifications/classification-of-diseases#:~:text=ICD-11%20Adoption->. Acesso em: 20 nov. 2023.

CHAMAK, Brigitte. **L'autisme à l'écran**. Hal Open Science: Paris, v. 1, n. 1, p. 1–8, ago. 2015. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-01182764/document>. Acesso em 4 out. 2023.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CONVERSANI, Angela Aparecida, BOTOSO, Altamir. Teledramaturgia Brasileira: as minisséries. Revista de Recensões de Comunicação e Cultura, [S.I.], jun. 2009. Disponível em: <https://recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documentoe31c.html?coddoc=2741>. Acesso em: 25 set, 2024.

CRUZ, Pâmela Suelen Gama da; ALMANN, Helena. **Atypical: neurodiversidade e pedagogias da sexualidade**. Revista Diversidade e Educação, Campinas, v. 9, n. 1, p. 66–92, jan. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/adria/Documents/Modelos%20Personalizados%20do%20Office/OneDrive/Defesa%20\(2025\)/Artigos/paloma.pdf](file:///C:/Users/adria/Documents/Modelos%20Personalizados%20do%20Office/OneDrive/Defesa%20(2025)/Artigos/paloma.pdf). Acesso 25 nov. 2023.

CURI, Pedro. **Diante do quebra-cabeças: reflexões sobre a serialidade narrativa, uma cultura das séries e a serialização do consumo**. In: SOUZA, Maria Carmem; ALVES, Lynn (org.). Narrativas seriadas: ficções televisivas, games e transmídia. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 63–85.

ETHUR, Marília Scheeren. **A participação do cinema na dinamização de imaginários sobre o Transtorno do Espectro Autista**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Artes e Design- Famedcos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9247>. Acesso em: 25 nov.2023.

ESQUENAZI, J. P. **As séries televisivas**. São Paulo: Editora Grafia, 2010.

EXTRAORDINÁRIA, Uma advogada: primeira temporada completa. Direção Yoo in Shik. Coreia do Sul: ENA, Netflix, 2022. Plataforma streaming (1232 min).

EU SOU AUTS: primeira temporada completa. Direção Renato Barreto, Brasil: Youtube, 2019.

FELIX, Emília Morena Silva. **O sucesso da diversidade: a percepção dos fãs sobre Malhação: Viva a Diferença**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social-Jornalismo) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/26264/1/2019_EmiliaMorenaSilvaFelix_tcc.pdf. Acesso em: 5 jun. 2024.

FERREIRA, Raquel Marques Carriço. **Telenovelas brasileiras e portuguesas: padrões de audiência e consumo**. Aracaju: Edise, 2015.

FEITOSA, Sara Alves. **Teledramaturgia de minissérie: Modos de construção da imagem e memória nacional em JK**. Tese (Doutorado em Comunicação e informação) Faculdade de Biblioteconomia e comunicação, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FRANCO, Maria Laura. **Análise de conteúdo**. Academia.edu, [s.d.], 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/36153771/An%C3%A1lise_de_Conte%C3%BAdo. Acesso em: 21 jul. 2024.

GAIATO, Mayra. **SOS Autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista**. 3. ed. São Paulo: n Versos, 2018.

GOFFMAN, Erving. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert 4ª ed. LTC, 1988, 158 p.

GRINKER, Ray Richard. Autismo um mundo obscuro e conturbado. Tradução Catharina Pinheiro. São Paulo: Larrouse, 2010.

Guareschi, Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania: para uma leitura crítica da mídia** – Porto Alegre : Evangraf, 2018. 216 p. : il.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IKEDA, Ana Akemi.; CHANG, Sandra Rodriguez. **Análise de conteúdo: uma experiência de aplicação na pesquisa em comunicação social**. Comunicação & Inovação, v. 6, n. 11, p. 05-13, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ci.vol6n11.618> . Acesso em: 20 dez. 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Audiência de TV – PNT TOP 10**. 2024. Disponível em: <https://kantariopemedia.com/conteudo/tipo-dado/audiencia-tv-pnt-top-10/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

KAPP, K Steven. *et al.* **‘People should be allowed to do what they like’: Autistic adults’ views and experiences of stimming**. Autism , v. 23(7) p.1782–1792, 2019.

KERCHES, Deborah. **Autismo ao longo da vida**. São Paulo: Literare Books Internacional, 2022.

KOGUT, Patrícia. **Temporada final de *Atypical* tem muitos méritos**. O Globo, Rio de Janeiro, 18 julho 2021. Disponível em: <https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/critica/noticia/2021/07/temporada-final-de-atypical-tem-muitos-meritos.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis: an introduction to its methodology**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2004.

LACERDA, Lucelmo. **Luz, câmera, estereótipo! Ação: a representação do autismo nas séries de TV**. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, Universidade Estadual de Maringá, v. 17, n. 193, p. 13–22, jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/33887>. Acesso em: 13 ago. 2023.

LEONEL, Maria Eduarda Leite. **A indústria cultural sul-coreana e sua relação com o desenvolvimento econômico do país: a relevância do K-pop no contexto atual**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2023.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Maria Karuline. **Atypical: uma análise da série centralizada no personagem Sam Gardner**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 01., 2019, Teresina. Anais [...] Teresina: Centro Universitário Santo Agostinho, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/cbcs/cbcs-2019/trabalhos/atypicaluma-analise-da-serie-centralizada-no-personagem-sam-gardner?lang=pt-br>. Acesso em: 24 set. 2023.

LIMA, Maria Karuline; NEGREIROS JÚNIOR, Marcelo. **A inclusão do autista no mercado de trabalho através da abordagem apresentada pela série norte-americana *The Good***

Doctor. Práticas Exitosas e Inovadoras em Pesquisa, Teresina: UNIFSA, v. 16, n. 16, p. 27–37, jan. 2018. Disponível em: <https://lestu.org/books/index.php/lestu/catalog/view/11/156/226>. Acesso 20 ago. 2023.

LOPES, Vassallo Maria Immacolata; MUNGIOLI, Palma. Brasil: tempo de séries brasileiras. In: LOPES, Vassallo Maria Immacolata; GOMEZ, Orozco G. (coord.). **Relações de gêneros na ficção televisiva**: Porto Alegre: Anuário Obitel, 2015, cap. 2, p. 117-159.

LOPES, Yara Kalorinne. **Jornalismo, informação e desinformação nas telenovelas: as campanhas de merchandising social em Amor à Vida**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4378/1/YLopes.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2024.

LOTZ, Amanda. **Portals: a treatise on internet-distributed television**. Michigan: Michigan Publishing, 2017.

MACEDO, João Ferreira Malafaia; COELHO, Giselle Freire Borges. **Identidade, representatividade e estereótipo: a representação do Transtorno do Espectro Autista no seriado Atypical**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 43, 2020 Virtual. Anais [...], virtual, 2020. v. 43, n. 43, p. 1–15.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

MACHADO, Camila Fagundes *et al.* Intervenção motora no desenvolvimento motor da criança com TEA. In: ARAGÃO, Gislei Frota (org.). **Transtorno do espectro autista: concepção atual e multidisciplinar na saúde** [livro eletrônico]. Campina Grande: Editora Ampila, 2022. p. 352–366.

MARRONE, Giuliana. **Mulher consegue vencer autismo com máquina do abraço nos EUA**. Globo Repórter, 05 novembro 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/11/mulher-consegue-vencer-autismo-com-maquina-do-abraco-nos-eua.html>. Acesso em: 3 set. 2023.

MAS, Natalie Andrade. **Transtorno do Espectro Autista: história da construção de um diagnóstico**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MEYER, Marlyse. Folhetim: uma história, São Paulo, Companhia das Letras, 1996

MEMÓRIA GLOBO. **Patrícia Kogut**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/patricia-kogut/noticia/patricia-kogut.ghtml>. Acesso 02 de julho 2024.

MITTELL, Jason. **Complex TV: The Poetics Of Contemporary Television Storytelling**. New York: New York University Press, 2015.

METACRITIC. Disponível em: <https://www.metacritic.com/tv/>. Acesso 02 de julho 2024.

MILANEZ, Priscila. **Mídia e representações sociais: uma perspectiva de apreensão da realidade social**. Revista Três Pontos, Minas Gerais, v. 5, n 2, p. 91-98, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3241> Acesso em 08 jun. 2023.

MIYASHIRO, Kelly. “Uma Advogada Extraordinária”: o dorama jurídico que dominou a Netflix. Tela Plana – Veja, 05 setembro 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/uma-advogada-extraordinaria-o-dorama-juridico-que-dominou-a-netflix>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MOREIRA, W. **Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção**. Janus, Lorena, ano 1, n. 1, 2º sem. 2004.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7–32, 1999.

MOTTA, Fernanda Antoniana Barbosa; SILVA, Heraldo Aparecido. **Franqueza, filosofia e educação: estética da existência e parresia a partir do seriado *The Good Doctor***. Comunicações, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 217–231, set. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/4591>. Acesso em: 8 ago. 2023.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; IKEDA, Flavia Suzue de Mesquita; PENNER, Tomaz Affonso. **Análise de estratégias de streaming de séries televisivas brasileiras na plataforma Globoplay**. In: Congresso Televisões, 2, 2019, Niterói. Anais [...]: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2019. v.2, p.1- 17. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002982070.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

NADDEO, Giovanna. **Atypical: a série que aborda o autismo de maneira real**. Guia de Rodas. [Online], 30 jul. 2021. Disponível em: <https://guiaderodas.com/atypical-a-serie-que-aborda-o-autismo-de-maneira-real/>. Acesso em 22 jun. 2024.

NBC STUDIO UNIVERSAL BRASIL. TV, U. **Eu em Séries**, 2022. Disponível em: <<https://gente.globo.com/estudo-eu-nas-series/>>. Acesso 02 jun. 2024.

NESTERIUK, Sergio. **Dramaturgia de série de animação**. São Paulo: Animatv, 2011.

NIELSEN. Arquivos de audiências. Disponível em: <https://www.nielsen.com/pt/insights/topic/audiences/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

NIXON, S. **Exhibiting Masculinity**. In: HALL, S.; EVANS, J.; NIXON, S. (org.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications / Open University, 1997.

NOGUEIRA, Lisandro; CALDAS, Victor Hugo. **Análise da transformação narrativa das séries televisivas.** In: FERREIRA, Ezequiel Martins (org.). *As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais.* Ponta Grossa – PR: Atena, 2022. p. 1–8.

NOTTA. Disponível em: <https://www.notta.ai/pt>. Acesso em 25 de setembro 2024.

NOLL, Gisele. **Séries, séries cômicas e sitcoms: debatendo gêneros e formatos na televisão brasileira.** In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 24, 2013, Rio Grande do Sul. Anais [...] Rio Grande do Sul, Universidade Estadual de Londrina, 2013. v 24, p.1-11.

OLIVER, Michael. *The politics of disablement.* London: Macmillan Education, 1990.

OLIVEIRA, Bruno; FELDMAN, Clara; COUTO, Maria Cristina. **Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação.** Biblioteca Virtual em Saúde – BVS, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 707–726, jul.–set. 2017.

Oliveira, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico** (4a ed.). São Paulo: Scipione. 2002.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de televisão.** São Paulo: Moderna, 1998.

PAIVA JÚNIOR, Francisco. **Um autista em cada 36 crianças de 8 anos.** Revista Autismo, Ano IX, n. 21, p. 22–30, jun./jul./ago. 2023.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. **Pessoas com Transtorno do Espectro Autista nos discursos fílmicos. Atos de Pesquisa em Educação,** v. 18, p. e11188, p. 1-20, 27 nov. 2023. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/11188>. Acesso em: 03 out. 2023.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; BARTH, Mauricio; SILVA, André Conti; NUNES, Raona. **Televisão e serialidade: formatos, distribuição e consumo.** Cadernos de Comunicação, v. 20, n. 2, p. 1-19, jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/22925/pdf>. Acesso em: 2 jul. 2024.

QUILLICI NETO, Armindo; MORAIS, Maria Isabel Silva. **A história e identidade autista através das câmeras: o olhar do cinema atravessando o espectro (1988 a 2018).** Revista Campo da História, v. 8, n. 1, p. 40–58, out. 2023. Disponível em: <https://ojs.campodahistoria.com.br/ojs/index.php/rcdh/article/view/80>. Acesso em: 8 ago. 2023.

REZENDE, Huberto Campos; GOMIDE, João Victor Boechat. **Maratonas de vídeo e a nova forma dominante de se consumir e produzir séries de televisão.** Revista Lusófona de Estudos Culturais, v. 4, n. 1, p.73-87, 30 jun. 2017. Disponível em: <https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/1814>. Acesso em: 03 out.2023.

ROSA, Alexsandra; ROSA, Lúcia Regina Lucas. **Protagonistas autistas na cultura ficcional.** Repositório Institucional – Universidade La Salle, v. 1, n. 1, p. 1–17, ago. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1996/1/arosa.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ROBIN, Gabriely Riback; ALMAHALHA, Lucieny. **A representação do transtorno do espectro do autismo pelos meios audiovisuais e plataformas de streaming**. In: Flávio Aparecido de Almeida [org.]. *Autismo avanços e desafios*, [S.I.]: Científico digital, 2022. cap.2, p. 28-43.

ROSSATO, Barbara Braga. **Neurowashing: a construção do autismo midiático através da análise de séries de ficção**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/57185>. Acesso em: 19 mai. 2023.

SACRAMENTO, I. BORGES, W.C. **Representações midiáticas da saúde** [Online]. Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2020.

SILBERMAN, Steve. *Neurotribes: the legacy of autism and the future of neurodiversity*. New York: Penguin Random House LLC, 2015.

SILVA, Maria Solange Rocha; SILVA, Giulane Francisca. **Ensinar pelas séries: Atypical e a problemática do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**. *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*, v. 1, n. 3, p. 95, 2 mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2435>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SÁ, Maria das Graças; SIQUARA, Zelin da Orlandi; CHICON, José Francisco. Representação Simbólico e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 37, n 4, p. 355-361, ago. 2015.

SANTOS, Anne Kelly; RAMOS, Ariadne. **Transtorno do Espectro Autista (TEA): família e políticas públicas**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado) – Faculdade dos Guararapes, Jaboatão dos Guararapes, 2019.

SANTOS, Cristinara Meirelles; MATTOS, Cristine Fichelescherer. **Representação do autismo no cinema: análise do filme *Please Stand By***. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras) -Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023 Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/581b0dc6-9bdb-40ca-a532-60e9871e65cb>. Acesso em: 19 mai. 2024.

SANTOS, Ediana di Franco Matos da Silva. **Autismo: proposta educacional inclusiva e direitos da pessoa com TEA**. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

SANTOS, Tânia de Miranda *et al.* **Autismo e seus (des)enlaces em narrativas da série *Atypical*: reflexões psicanalíticas**. In: Costa, Elson Ferreira; Sampaio, Edilson Coelho [ORG.]. *Desenvolvimento da criança e do adolescente: evidências científicas e considerações teóricas-práticas*. [S.I.]: Editora Científica, 2020. E-book. p. 284–307. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-87196-37-4.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2023.

SCHMIDT, Carlo. **Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme**. *Revista Brasil – Universidade Federal de Santa Maria*, v. 18, n. 2, p. 179–194, abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/V6fNTYgyv6hvhFqVY7pGg8S/>. Acesso em : 04 jul. 2023.

SCHIMIDT, Carlo; PAULA, Cristiane Silvestre. **Transtorno do espectro Autista: Pesquisas na saúde e na educação**. Papirus Editora, *Ebook*. 2024.

_____. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Papirus Editora, *Ebook*. 2014.

SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAUJO, Ceres Alves. **Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2011.

SCOLARI, Carlos. **Narrativas transmídia: quando todos os meios contam**. São Paulo: SENAC, 2013.

SHIN, Hyun; KIM, Hyunjang; KIM, Haeun. **Mudando a mentalidade sobre as deficiências de desenvolvimento na Coreia do Sul**. Stanford Social Innovation, Brasil, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://ssir.com.br/mudando-a-mentalidade-sobre-as-deficiencias-de-desenvolvimento-na-coreia-do-sul/>. Acesso em: 08 fev. 2025.

SHIBUTA, Violet. **Descobrindo o autismo na fase adulta**. In: STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena (org.). **Autismo: uma maneira diferente de ser**. São Paulo: Literare Books Internacional, 2023. p. 642–648.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade**. Galáxia: Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura, Paraíba, n. 27, p.241- 252, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/15810>. Acesso em: 08 nov. 2023.

SILVA, Maria Solange Rocha; SILVA, Giuslane Francisca. **Ensinar pelas séries: Atypical e a problemática do Transtorno do Espectro Autista**. *Revista Caminhos da Educação: Diálogos, Culturas e Diversidades*, Teresina, v. 1, n. 3, p. 95–110, set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2435>. Acesso em: 04 jul. 2023.

SILVA, Karla; ROZEK, Marlene. **Transtorno do Espectro Autista/Mitos e Verdades**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2020.

SILBERMAN, Steve. *Neurotribes: the legacy of autism and the future of neurodiversity*. New York: Penguin Random House LLC, 2015.

STERN, Stephanie C.; BARNES, Jennifer. **Brief report: Does watching *The Good Doctor* affect knowledge of and attitudes toward autism?** *Journal of Autism and Developmental Disorders*, online, v. 49, n. 6, p. 2581–2588, 2 fev. 2019.

SYDENSTRICKER, Iara. **Taxonomia das séries audiovisuais: uma contribuição de roteirista**. In: BORGES, Gabriela; PUCCI JR., Renato Luiz; SOBRINHO, Gilberto Alexandre (org.). *Televisão: formas audiovisuais de ficção e documentário*. São Paulo: Instituto de Artes/Unicamp, 2012.

TERRA. **Como o autismo é retratado nas novelas?** Terra Notícias, 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/amp/story/nos/como-o-autismo-e-representado-nas-novelas,bc7a1c2623f540c9c93d9246c9968ac4xjeaooopc.html>. Acesso em: 29 jun. 2024.

TIBYRIÇA, Renata; D'ANTINO, Maria Eloisa (org.). **Direitos das pessoas autistas: comentários interdisciplinares à Lei 12.764/2012**. São Paulo: Editora Mimmon, 2018.

Valverde, Amanda Aguiar *et al.* **Relação entre integração visomotora e destreza manual em crianças com transtorno do desenvolvimento da coordenação**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, [S.I.], v.28, n.3, p. 890-899, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1999> . Acesso em: 03 fev. 2025.

VITÓRIO, Gabrielli Santelli. **Teledramaturgia trans midiática: as variações morfológicas na narrativa das telenovelas brasileiras**. Dissertação (Mestrado em comunicação) Programa de pós- graduação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.

WAKKA, Wagner. **Brasil está entre os países que mais maratonou La Casa de Papel**. Canal Tech, Brasil, 15 jun. 2018. Tecnologia. Disponível em: <https://canaltech.com.br/series/brasil-esta-entre-os-paises-que-mais-maratonou-la-casa-de-papel-116068/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

WIKIPEDIA. **Metacritic**. <https://en.wikipedia.org/wiki/Metacritic>. Acesso 02 de julho 2024.

WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva et al. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.